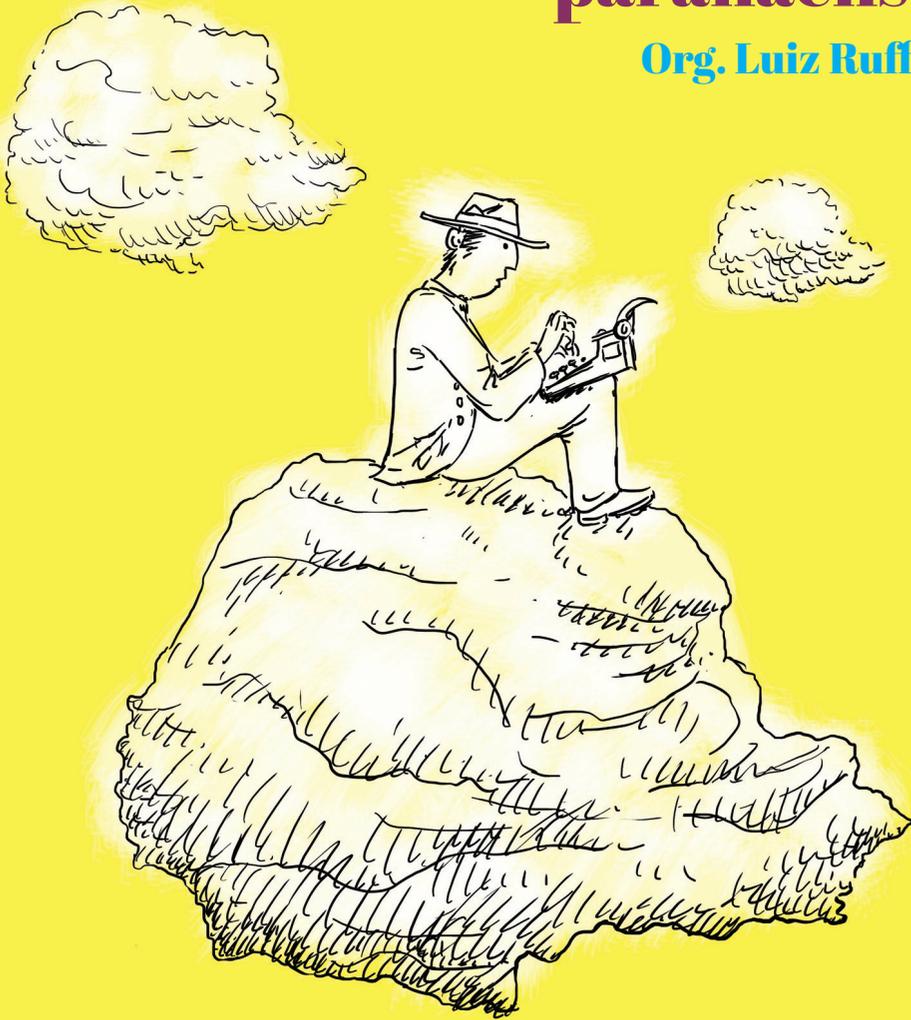


48

contos paranaenses

Org. Luiz Ruffato



A literatura certamente é uma das manifestações artísticas mais fortes do Paraná. E o conto — na prosa —, o gênero mais forte. Não só por conta da presença marcante de Dalton Trevisan, um dos maiores contistas da história da literatura paranaense, brasileira e mundial.

A ausência de grandes editoras e a proliferação de revistas e jornais literários no Estado também podem ajudar a explicar o porquê de tantos prosadores se dedicarem às breves narrativas. Afinal, o espaço possível em periódicos é restrito, perfeito, portanto, para a prática e veiculação do conto.

Esta coletânea organizada por Luiz Ruffato, leitor atento ao que acontece no Brasil e, por consequência, no Paraná, mostra a força do conto paranaense ao publicar 48 autores nascidos ou radicados na terra das araucárias. Um grupo de prosadores cuja característica em comum mais evidente é a pluralidade de vozes. Dos autores do fim do século XIX e início do século XX aos escritores do presente, uma gama imensa de temas e estilos se apresenta.

Há de tudo um pouco. Desde a prosa mais afeita a experimen-

tações, com ênfase na linguagem — uma das marcas da literatura no Paraná —, até histórias cuja maior preocupação é arrebatá-lo a partir de um enredo instigante, de estruturas tradicionais, com começo, meio e fim, rumo ao tão desejado nocaute.

Quem acompanha os cadernos de cultura vai se deparar, nesta antologia, com nomes bastante conhecidos da cena literária paranaense e brasileira, mas também com autores que, ao estilo de vida do Vampiro de Curitiba, seguem publicando sem colocar a cabeça para fora da janela.

Como toda coletânea, esta também traz consigo um caráter didático ao apresentar aos leitores um compêndio cronológico de nossa trajetória literária. Mas os contos aqui reunidos vão além ao trazer a invenção do imaginário paranaense por meio do gênero que melhor nos define: o conto.

Aluísio Ferreira de Abreu
Andrade Muricy
Antonio Cescatto
Assionara Souza
Caetano W. Galindo
Carlos Machado
Cezar Tridapalli
Cristovão Tezza
Dalton Trevisan
David Gonçalves
Ernani Buchmann
Fábio Campana
Guido Viaro
Jayme Balão Junior
Jair Ferreira Dos Santos
José Cruz Medeiros
José Marins
Julio Damásio
Júlio Perneta
Luci Collin
Lucio Pereira
Luiz Andrioli
Luis Henrique Pellanda
Luiz Felipe Leprevost
Manoel Carlos Karam
Marcio Renato dos Santos
Marco Cresmasco
Mário Araújo
Miguel Sanches Neto
Nestor Victor
Newton Sampaio
Nilson Monteiro
Oscar Nakasato
Otávio Duarte
Otto Leopoldo Winck
Paulo Sandrini
Paulo Venturelli
Regina Benitez
Reinoldo Atem
Renato Bittencourt Gomes
Roberto Gomes
Roberto Muggiati
Rocha Pombo
Sérgio Rubens Sossélla
Susan Blum
Thiago Tizzot
Wilson Bueno
Wilson Rio Apa

48 contos paranaenses

Beto Richa
Governador do Estado do Paraná

Paulino Viapiana
Secretário de Estado da Cultura

Valéria Marques Teixeira
Diretora Geral da Secretaria de Estado da Cultura

Rogério Pereira
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Ivens Moretti Pacheco
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Núcleo de Edições
Omar Godoy

Preparação de originais
Mellissa R. Pitta

Edição
Luiz Rebinski Junior

Revisão
Vanessa Rodrigues

Capa
Rafael Campos Rocha

Projeto Gráfico e Diagramação
Clarissa M. Menini

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Antologia de contos paranaenses. — Curitiba, PR :
Secretaria de Estado da Cultura: Biblioteca Pública do Paraná, 2014.
404 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-66382-10-5

1. Contos brasileiros – Paraná. I. Biblioteca Pública do Paraná.

CDD (22ª ed.)
B869.308

SUMÁRIO

<i>A LITERATURA NO PARANÁ: ALGUMAS LINHAS</i>	11
LUIZ RUFFATO	
<i>À sombra do Bandarro</i>	21
ALUÍSIO FERREIRA DE ABREU	
<i>O caso de Joaquina Moreira</i>	27
ANDRADE MURICY	
<i>O corpo selado</i>	35
ANTONIO CESCATTO	
<i>Notas de um dublador de estilo</i>	53
ASSIONARA SOUZA	
<i>Liure-arbitrio</i>	61
CAETANO W. GALINDO	
<i>O homem com um longo bigode</i>	67
CARLOS MACHADO	
<i>Mimosa pudica</i>	75
CEZAR TRIDAPALLI	

<i>Aula de reforço</i>	83
CRISTOVÃO TEZZA	
<i>Rita Ritinha Ritona</i>	93
DALTON TREVISAN	
<i>Algo rói dentro do peito</i>	101
DAVID GONÇALVES	
<i>Ascensões e quedas do Império Romano</i>	115
ERNANI BUCHMANN	
<i>Insônia</i>	121
FÁBIO CAMPANA	
<i>Pipoca</i>	125
GUIDO VIARO	
<i>Meu bacharel</i>	133
JAYME BALÃO JUNIOR	
<i>O que fazer com o que Kafka fez com a gente</i>	139
JAIR FERREIRA DOS SANTOS	

<i>O cavalo Miranda</i>	149
JOSÉ CRUZ MEDEIROS	
<i>O canto do sabiá</i>	159
JOSÉ MARINS	
<i>Dentro da morte</i>	165
JULIO DAMÁSIO	
<i>O exorcismo</i>	169
JÚLIO PERNETA	
<i>NOME: OMEN</i>	183
LUCI COLLIN	
<i>O Tebas</i>	189
LUCIO PEREIRA	
<i>O laçador de cães</i>	203
LUIZ ANDRIOLI	
<i>O buquê</i>	211
LUÍS HENRIQUE PELLANDA	

<i>sem som, sem anestesia</i>	217
LUIZ FELIPE LEPREVOST	
<i>Grande Hotel Rosebud</i>	227
MANOEL CARLOS KARAM	
<i>Zé Ruela</i>	241
MARCIO RENATO DOS SANTOS	
<i>O livro de geografia</i>	247
MARCO CRESMASCO	
<i>Restos</i>	259
MÁRIO ARAÚJO	
<i>O tamanho do mundo</i>	269
MIGUEL SANCHES NETO	
<i>O sapo</i>	281
NESTOR VICTOR	
<i>Quinze minutos</i>	287
NEWTON SAMPAIO	

<i>Espanhol</i>	289
NILSON MONTEIRO	
<i>Menino na árvore</i>	293
OSCAR NAKASATO	
<i>Chuva</i>	299
OTÁVIO DUARTE	
<i>O último nefelibata</i>	307
OTTO LEOPOLDO WINCK	
<i>Nano</i>	313
PAULO SANDRINI	
<i>O visitante</i>	321
PAULO VENTURELLI	
<i>Os minúsculos rapazes do Palace Bar</i>	337
REGINA BENITEZ	
<i>A casa das mulheres amotinadas</i>	341
REINOLDO ATEM	

<i>A pedra fundamental</i>	345
RENATO BITTENCOURT GOMES	
<i>O destino do Almirante Nolasco</i>	349
ROBERTO GOMES	
<i>A Teoria do Iceberg</i>	355
ROBERTO MUGGIATI	
<i>Sarica</i>	361
ROCHA POMBO	
<i>Sangrada Família</i>	367
SÉRGIO RUBENS SOSSÉLLA	
<i>Susan Sontag</i>	371
SUSAN BLUM	
<i>Assim é a vida</i>	373
THIAGO TIZZOT	
<i>A passagem</i>	381
WILSON BUENO	
<i>O tesouro da Nica, a sonhenta</i>	391
WILSON RIO APA	

A LITERATURA NO PARANÁ: ALGUMAS LINHAS

LUIZ RUFFATO

Um as palavras devem ser ditas para explicar e justificar a publicação deste livro.

Talvez um leitor mais exigente pergunte que sentido faz pensar em nacionalidade em pleno século XXI — mais ainda: pensar em “regionalidade”, ou seja, a circunscrição de uma cultura a um determinado espaço geográfico. Porque essa antologia objetiva justamente reunir autores que, por um acaso, nasceram nos limites do Paraná ou que vivam ou viveram no Estado, e tentar traçar um panorama histórico desta produção ficcional. Então, antes que nos alonguemos, respondemos: não acreditamos que haja uma especificidade na literatura produzida regionalmente, nem temática, nem formal, que possa caracterizá-la como autônoma, mas ao mesmo tempo entendemos que a visão de mundo de um autor se faz a partir de elementos vários, cujo principal é a língua na qual ele escreve, mas que certamente passa por sua experiência pessoal — e aqui, evidentemente, entra a paisagem, real ou imaginária, que nele habita. Não o determina como escritor certamente, mas o contamina.

Tentemos, pois, um pouco de história.

A província do Paraná, desmembrada da de São Paulo em 1853, teve, em seus primórdios, uma acanhada vida cultural. Embora Marilda Binder Samways defenda o nome de Fernando Amaro de Miranda

(1831-1857) como pioneiro da literatura paranaense¹, Wilson Martins, citando Salvador Correia Coelho (1820-?), com seus *Passeios à minha terra*, de 1860, e Julia da Costa (1844-1911), com *Flores dispersas*, de 1867, descarta-os em prol de Domingos Nascimento (1863-1905), que lançou em 1883 *Revoadas*, que “já se inscreve no processo de um momento histórico a partir daí ininterrupto”².

Isto porque, segundo Martins, somente no lustro final do século XIX encontramos em Curitiba uma comunidade literária “suficientemente madura” que justificava até mesmo a criação de uma revista, *O Cenáculo*, “marco ritual da vida intelectual de cada momento”³. Fundada por Dario Veloso, Silveira Neto, Júlio Pernetta e Antonio Braga, teve editados quatro volumes, entre 1895 e 1897, e é considerada por Andrade Muricy, fruto do “mais importante movimento literário paranaense”⁴, tendo sido a primeira produção local a projetar-se nacionalmente.

É nesta quadra que aparece ainda a primeira manifestação da prosa de ficção do Paraná, o romance *A honra do Barão*, publicado por Rocha Pombo (1857-1933) em 1881. O autor, que se tornaria um dos mais famosos historiadores de sua época, radicou-se no Rio de Janeiro, onde cerraria fileiras entre os simbolistas, lançando o singularríssimo romance *No hospício*, em 1905⁵. Nestes primórdios, a poesia se estabelece quase hegemonicamente e são raros os ficcionistas como Lucio Pereira (1860-1933), autor de *Contos paranaenses*, de 1896, Nes-

1 Ele teria colaborado em 1854 no jornal *19 de Dezembro*, com poemas que comporiam o livro *Pulsões de Minh'Alma*, mas somente em 1901 teve publicado seus *Versos*. SAMWAYS, Marilda Binder. *Introdução à Literatura Paranaense*. Curitiba: Livros HDV, 1988, p. 16.

2 “A história literária é um sistema que só adquire existência quando estabelece a sua própria tradição, a consciência de uma continuidade orgânica”. In: MARTINS, Wilson. *Literatura paranaense: mitos e realidades*. Florianópolis: Museu-Arquivo da Poesia Manuscrita, 1999, p. 3.

3 Idem, p. 5.

4 MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 3ª edição, revista e ampliada. Vol. 1. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 404.

5 “O seu estranho romance *No Hospício* muito sofreu por ter aparecido numa época de predomínio materialista e naturalista (...). Neste livro, contudo, observam-se notas precursoras do romance metafísico”. MURICY, op. cit., p. 129.

tor Victor (1868-1932), que se consagraria como crítico e ensaísta, autor de *Signos*, de 1897, ou Júlio Pernetta (1869-1921), que, com *Amor bucólico*, de 1898, introduz a literatura regionalista no Estado.

Após este primeiro surto produtivo, ocorre um longo hiato. Curiosamente, embora entre os fundadores, em 1927, da revista modernista *Festa*, do Rio de Janeiro, estivessem três paranaenses, Andrade Muricy, Tasso da Silveira e Brasília Itiberê, as ideias novas passaram ao largo do Paraná. Otávio de Sá Barreto fala de uma festa literária ocorrida no dia 15 de outubro de 1926, no Clube Curitibano, liderada por Jurandir Manfredini⁶, como uma espécie de marco da introdução do modernismo no Estado, mas Martins rechaça como “deprimente e constrangedor” os “tocantes esforços para provar que, apesar de tudo, houve um movimento modernista no Paraná, ou, pelo menos, alguns escritores modernistas”⁷.

Fato é que nos primeiros quarenta anos do século XX, uma única personalidade se destacou: Newton Sampaio (1913-1938)⁸. “Nos meus tempos de estudante em Curitiba”, relembra Martins, “Newton Sampaio era uma espécie de herói cultural para os escritores em botão das novas gerações”. E continua: “Ele era visto como a primeira voz ‘modernista’ ou, pelo menos, moderna, no ambiente literariamente anacrônico do Paraná. O que nele admirávamos, antes de mais nada, era a irreverência com relação aos nomes consagrados, o estilo nervoso e ágil, a inteligência aguda e a integração nas correntes vivas do pensamento”⁹.

Este espírito irreverente, de alguma maneira, emularia a criação, em 1940, de um jornal, *O Tinguí*, “órgão dos ginasistas” de Curitiba,

6 Citado por SAMWAYS. op. cit., p. 38.

7 Op. cit., p. 10.

8 Sua obra completa foi reeditada, em dois volumes, pela Imprensa Oficial do Paraná: *Contos reunidos*, em 2001, e *Remorso / Ficção dispersa* em 2002.

9 MARTINS, Wilson. “Um espírito crítico”. In: SAMPAIO, Newton. *Contos reunidos*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. Orelha.

embrião da revista *Joaquim*, que, essa sim, transformaria o panorama da cidade e lançaria o nome de um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos, Dalton Trevisan (1925). Impresso pelo Centro Literário Humberto de Campos, tinha como inspirador Rodrigo Junior, e como diretores, além do jovem Trevisan — que, então com 15 anos, surge escrevendo contos e crônicas sob os pseudônimos de Dom Nada e Faminto —, Antonio Teolindo e Antonio Walger. O jornal, que chegou a alcançar alguma projeção fora do Estado, durou até dezembro de 1943¹⁰.

Três anos depois, agora com 21 anos, Dalton Trevisan se sentiu suficientemente seguro para lançar a revista *Joaquim*, que causaria furor na sociedade curitibana, e chamaria a atenção dos intelectuais brasileiros para a produção artística do Paraná em geral, e para sua originalíssima literatura, em particular. Publicada entre abril de 1946 e dezembro de 1948, tendo como diretores Trevisan, Antonio Walger (antigo companheiro de *O Tinguí*) e Erasmo Pilotto, *Joaquim* era bancada com recursos advindos dos vários anúncios espalhados pelas páginas da revista, mas principalmente com o auxílio financeiro da família Trevisan¹¹.

Com sua capacidade de articulação, e tendo claro seu papel didático de tornar o Paraná contemporâneo do mundo, Trevisan conseguiu reunir, ao longo da existência da revista, os mais importantes nomes da literatura brasileira. Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, José Lins do Rego, Aníbal Machado comparecem com poemas, trechos de romances, depoimentos. Antonio Candido, Otto Maria Carpeaux, Mario Pedrosa, Sérgio Milliet colaboram com textos críticos. E são publicadas traduções de autores como Eugene O'Neill, Garcia

10 V. SAMWAYS, p. 44-48.

11 “Anúncios foram angariados para a subvenção de *Joaquim*, sendo o anunciante mais forte — que mereceu desde o início uma página especial da revista — a Fábrica de Louça, Refratário e Vidro Trevisan, de propriedade do pai de Dalton e que garantiu toda a publicação de *Joaquim*”. In: SAMWAYS. op. cit, p. 60.

Lorca, T.S. Elliot, Rainer Maria Rilke, Jean-Paul Sartre, Franz Kafka, André Gide, Arthur Koestler, Virginia Woolf...

Um capítulo à parte é o apuro gráfico da revista. Suas capas sempre contavam com gravuras inéditas assinadas por nomes como Poty, Yllen Kerr, Renina Katz, Di Cavalcanti, Fayga Ostrower, Portinari e Heitor dos Prazeres. Com diagramação limpa e moderna, as ilustrações ocupavam um espaço generoso — o número 19, de julho de 1948, por exemplo, todo dedicado aos artistas plásticos, exhibe trabalhos de Poty, Kerr, Renina Katz, Guido Viaro, Leonor Botteri, Bakun, Gianfranco Bonfanti, Nilo Previdi, Esmeraldo Blasi Jr., apresentados uns pelos outros.

Trevisan encontra-se em cada centímetro de *Joaquim*, criada “em homenagem a todos os Joaquims do Brasil”. Além de publicar contos, que enfeixaria, alguns deles, em seu segundo livro¹², *7 anos de pastor*, de 1948¹³, escreve notas, faz entrevistas, provoca — ora a província, como no artigo “Emiliano, poeta medíocre” (número 2, de junho de 1946), ora o *status quo* literário nacional, como em “O terceiro indianismo”, em que critica duramente Monteiro Lobato (número 12, de agosto de 1947). Mas também sabe valorizar antecessores — como Newton Sampaio, “o maior contista do Paraná”, segundo suas próprias palavras¹⁴, de quem publicou um conto, “Irmandade”, no número 2, de junho de 1946, e uma crônica inédita no número 12 — e seus contemporâneos, como os jovens ensaístas paranaenses Wilson Martins e Temístocles

12 O primeiro é *Sonata ao luar*, de 1945. Tanto esse, quanto o seguinte, *7 anos de pastor*, foram posteriormente renegados pelo autor.

13 O lançamento de *7 anos de pastor* foi antecipado por Temístocles Linhares em *Joaquim* número 18, de maio de 1948. No número 19, lançado em julho, aparece um anúncio do livro. Em outubro, no número 20, José Geraldo Vieira analisa-o, e, em dezembro, no número 21, Sergio Milliet comenta-o. Já no número 14, de outubro de 1947, Wilson Martins, em artigo de página inteira intitulado “Primeiras considerações sobre o contista Dalton Trevisan” afirmava: “Não tenho dúvidas de que, se o sr. Dalton Trevisan já agora é um dos grandes contistas da literatura brasileira moderna, ainda se aperfeiçoará com o amadurecimento de sua personalidade”.

14 TREVISAN, Dalton. *Notícia de Newton Sampaio*. *Joaquim*, n. 11. Curitiba, junho de 1947, p. 3.

Linhares, que logo se tornariam conhecidos nacionalmente. Além, claro, dos artistas plásticos que iam surgindo em Curitiba, como Poty Lazzarotto, Guido Viaro, Leonor Botteri e Miguel Bakun.

Trevisan tinha plena consciência da estrada larga que abria com a publicação de *Joaquim*. No número 9, de março de 1947, escreve: “Primeiro cumpria derrubar os muros e esboroou-se ao eco de nossa grita a muralha da China. Segundo, por em dia a arte, no Paraná, com seu tempo. (...) Soará a hora, então, de lançar o navio ao mar aventuroso”. E continua: “Nossa geração, com trabalho humilde, se propõe a participar de seu tempo, empenhada em salvar o homem com a sua arte, como puder. (...) Não será vã ou inconsequente, que almeje como um sol espargir os seus raios fúlgidos pela terra. Nem é para tanto, o trabalho de uma só geração. O importante foi a decisão de romper com o passado, nas suas tradições estéreis. (...) O mundo é um só: os nossos problemas estéticos ou vitais, são já os mesmos dos moços de Paris ou dos moços de Moscou. (...) Nossa geração, que reclama o seu direito de influir no destino do mundo, jamais fará arte paranista, no mau sentido da palavra. Ela fará simplesmente arte”. E termina com uma predição: “A literatura paranaense inicia agora”.

Na verdade, embora conhecido desde então, Trevisan continuaria a publicar seus livros por conta própria em Curitiba, em pequenas edições que emulavam a forma dos folhetos de cordel, até 1959, quando, saindo *Novelas nada exemplares* pela José Olympio, suas histórias passaram a ter circulação nacional, iniciando sua consagração não só junto à crítica, mas e, principalmente, junto aos leitores do Brasil e do exterior.

Fenômeno isolado é Wilson Rio Apa (1925), autor de peças teatrais, romances e contos, que publica seu primeiro livro em 1957, *Um menino contemplava o rio*. Em seguida, muda-se para Antonina, litoral do Paraná, onde se torna líder de uma cooperativa de pescadores e agricultores, e de uma comunidade artística, da qual fez parte o escritor Cristovão Tezza. No final dos anos 1960, Apa passa a se dedicar exclusivamente ao teatro, liderando o grupo de amadores Capela de

Formação Popular, cujas peças eram apresentadas em locais públicos, bares e restaurantes em Curitiba e em São Paulo. Em 1986, muda-se para a praia da Pinheira, em Santa Catarina, onde passa a viver.

Em fins de 1967, a Fundação Educacional do Estado do Paraná lança aquela que se tornaria a mais emblemática vitrine dos autores nacionais ao longo da década de 1970, o famoso concurso de contos do Paraná. Ganhá-lo, ou mesmo ser distinguido entre os cinco primeiros colocados, era ser alçado à fama quase instantaneamente. Neste período, começa a surgir uma nova geração de ficcionistas, que tem nomes como Regina Benitez (1934-2006), de *A moça do corpo indiferente*, de 1965; Nelson Padrella (1938), também artista plástico, de *O fascismo é um estado de espírito*, de 1969; Sérgio Rubens Sossélla (1942-2003), autor de mais de 400 títulos, de gêneros variados e híbridos e Walmor Marcelino (1930-2009), ficcionista, dramaturgo e poeta.

A década de 1970 abre-se em novas perspectivas. O combate à ditadura insufla alento à literatura e a circulação das ideias se faz por meio de edições não convencionais — é o primado da chamada geração mimeógrafo e da literatura dita marginal. Em Curitiba é fundada a Editora Cooperativa de Escritores, pelos poetas Reinoldo Atem e Hamilton Faria, entre outros, cujos livros ganham espaço para além do Estado. É quando surgirão alguns dos mais importantes nomes da literatura de ficção paranaense: Paulo Leminski (1944-1989), também poeta e ensaísta, lança o romance *Catatau*, em 1975; Roberto Gomes (1944) estreia como ficcionista, em 1979; Domingos Pellegrini (1949) inicia, em 1977, uma longa e exitosa carreira com *Homem vermelho*; Fábio Campana (1947) lança-se em 1978 com os contos de *Restos mortais* e David Gonçalves em 1979 com as histórias curtas de *Geração viva*.

O surgimento, em 1987, do jornal *Nicolau*, sob coordenação de Wilson Bueno, que se tornou, em pouco tempo, o mais importante veículo de discussão da cultura entre o final da década de 1980 e início da década seguinte, veio coroar o aparecimento de uma das mais brilhantes gerações de autores paranaenses. Corroborando uma

curiosa característica — a de que, ao contrário dos de outros Estados, os escritores locais não se mudam para São Paulo e Rio de Janeiro para obter notoriedade — Curitiba reunia, neste momento, alguns dos nomes mais expressivos da literatura brasileira.

Estreiam naquela década¹⁵: Valêncio Xavier (1933-2008) com *O mez da gripe*, em 1981; Manoel Carlos Karam (1947-2007) com *Fontes murmurantes*, em 1985; Wilson Bueno (1949-2010) com *Boleto's Bar*, em 1986; Cristovão Tezza (1952) com *Trapo*, em 1988; e Jamil Snege (1939-2003) com *O jardim, a tempestade*, em 1989. Jair Ferreira dos Santos (1946), que publica *Kafka na cama* em 1980 é o único a viver fora do Estado, no caso, no Rio de Janeiro. O fim do jornal *Nicolau*, em 1994, coincide com o início de um período de estagnação cultural, não no Paraná, mas no Brasil. É um momento de instabilidade política e econômica e parece que a literatura se inflete, buscando reelaborar seus caminhos.

A fundação, em abril de 2000, do jornal *Rascunho*, pelo escritor Rogério Pereira¹⁶, coincide com o começo de um novo período de efervescência da vida cultural paranaense. Editoras grandes e pequenas surgem ou se consolidam — Positivo, Travessa dos Editores, Arte & Letra, Kafka e pequenos selos independentes —, revistas como a *Coyote*, publicada em Londrina, ou jornais como *Cândido*, da Biblioteca Pública do Paraná, conseguem manter uma periodicidade regular, órgãos públicos e privados patrocinam eventos que atualizam constantemente o repertório dos escritores, não só na capital como também no interior do Estado. Curitiba, enfim, é hoje sem dúvida alguma, ao lado de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, um dos mais importantes polos de produção da literatura brasileira.

15 Não levo em consideração, aqui, a data do primeiro livro, alguns deles publicados em anos anteriores, mas sim a data do título que o autor considera como sendo sua estreia efetiva.

16 Rogério Pereira (Galvão, SC, 1973), autor do romance *Na escuridão, amanhã*, lançado em 2013, não aparece nesta coletânea a pedido.



Eu sou um leitor que me fiz por antologias. Creio que as coletâneas, quando norteadas por princípios estéticos, temáticos e/ou históricos claros, cumprem bastante bem o papel de aproximar do leitor comum as várias tendências de dada literatura. Portanto, para além de oferecermos, neste livro, um conjunto de contos que têm em comum o fato de os autores terem nascido no Paraná ou para o Paraná terem migrado, colocamos à disposição, na verdade, uma gama de escritores, quarenta e oito no total, que, cada um à sua maneira, ajudam a construir o imaginário brasileiro dos últimos cento e poucos anos. Cabe ao leitor escolher, entre tantos, aqueles que melhor dialogam com suas próprias experiências.



Ainda uma explicação sobre os critérios utilizados para a escolha dos nomes que constam desta antologia. Procurei trazer para as páginas que se seguem o mais amplo espectro da produção contística paranaense, desde o primeiro texto em prosa em ficção, presente no livro de Lucio Pereira, *Contos paranaenses*, de 1896, até um conto inédito em livro do jovem Thiago Tizzot. Para os autores contemporâneos, incluí apenas os que já houvessem publicado pelo menos um título, de qualquer gênero, e que tivessem nascido até 1980.

Alguém notará a ausência de alguns autores e, creia, não é lapso ou implicância. Simplesmente, nos deparamos com alguns obstáculos intransponíveis, ora a impossibilidade de encontrar os herdeiros de determinado escritor, ora a irredutibilidade na negociação dos direitos com os herdeiros ou com o próprio autor¹⁷.

Boa leitura!

17 Não se enquadra em nenhum dos casos o de José Castello (Rio de Janeiro, RJ, 1951), radicado em Curitiba desde 1994. A ausência dele se deu por razões estritamente profissionais.

À sombra do Bandarro

ALUÍSIO FERREIRA DE ABREU

“Aquilo” só podia ser febre de leite. A menina nascera como abóbora benza-a Deus! — na fortidão da lua, e tudo corra normalmente, às mil maravilhas, com grande valentia da Candoca, que nem parecia de primeira embarcada.

Nhá Porciana conhecia, de fato, “daquelas coisas”. Dera o seu lidar por terminado, com o pinchamento d’água suja da gamela de raiz de figueira, e estava pronto.

Ela mesma recebera a Candoca, há várias floradas das guaricicas, quando as árvores pareciam ajuntar na arca verde das copas todo o ouro do sol, e a Fortaleza da Barra, “sarvava com tiros de pórvã sêca”, no alumramento de mais um aniversário da República de Deodoro.

Também, de quase toda aquela gente, beirando os “trinta”, crescida e permanente ali, desde o costão do Bandarro, raro o que não chegara pelas suas mãos encaroçadas pelo artritismo, mas experimentadas.

Não havia, pois, motivos para aquela aflição, para o rumor baldado que o Gumercindo Vicente viera fazer atendo-lhe à porta hora-alta, — até assustar a galo, velho e esporado, no poleiro de manguê bravo, que deitou a cantar, agourentando, “como se estivessem roubando moça no Superagui...”

Uma febrinha que mal chegava a amornar vexou-o com a obsessão da dianha da puerperal. Era verdade que Aninha da Galheta se

finara, não fazia tempo, levada numa recaída; mas a entendida fora outra, que não ela, “costumada no desempenho”.

E mostrou o acerto, com o empachamento dos peitos da Candoca, abrasados e vermelhantes, com o queimor da “esipra”.

— Uma coisinha à toa, facir de aresorvê...

Nhá Porciana pediu um punhado de sal, torrado no calor da “mãe do fogo”, e um pente feito de chifre. O sal quente, ela o derramou sobre o embolamento dos seios, “penteando-os”, em seguida, de alto a baixo, das raízes até a extremidade dos bicos.

Simpatia infalível, ensinada pela mãe Rita, herdeira universal da velha Xandoca, que a animara nos afazeres dos partos.

Tudo acompanhado de palavras rezadas baixinho, quase sem movimentação de lábios, para não serem apreendidas.

Coincidência ou não, “por isso ou por aquilo”, momentos depois o leite descia sem estorvo à sucção faminta da recém-nascida, a temperatura voltava a 36° e o enrijamento desaparecia, com o reconhecimento de Gumercindo Vicente e da Candoca, enfim, recuperados na sua confiança no futuro.

Nhá Porciana debochou, bondosa:

— Óia, Gumercindo, se Mané da Ribeira fosse ansim, e se aborrisse por um tiquinho nada, ele já tava que só pêxo cambira! Esse unzinho de ontem, foi o doze com que Deus o favoreceu...



O “unzinho” que nascera na véspera passou a chamar-se Antonio, conhecido pela abreviatura de Toninho, acrescida do apelido paterno, no diminutivo.

Gumercindo Vicente, por sua vez, deu à filha o nome esquisito de “Eduvirges”, em memória, não sabida da Candoca, de um rabicho polaco, em Ponta Grossa, quando galgara o planalto, reclamado pelo serviço militar.

É que nas praias, por entre tanta simpleza das coisas e dos corações, a flor da malícia também encontra ambiente, vicejando por vezes...



O Morro do Bandarro azumbrado nas imediações da Barra do Superagui serve de referência à navegação, na direitura da Boia do Cigano.

Nas suas fraldas borbulha uma vertentezinha sem nome, choro-na, que vai escorrendo para a praia, como um fiapo úmido de luar, rastejando no crepúsculo do mató.

Bem aí, nesse longe, estava fincada a casa de Gumercindo Vicente, parelhando com a de Maneco da Ribeira, as duas mirando abstratamente a largueza do oceano.

Toninho e Duvíge foram medrando nesse apartado da terra, desconhecendo o que fosse o mundo além daquelas lonjuras do mar, analfabetos por ausência de mestre, verminados e amarelentos à míngua de medicina, entretanto alegres do seu viver naquele largueirão de ermo.

Entretinham-se vendo passar os vapores, sem diferenciá-los e por vezes os seus olhos embeveciam-se no luzimento dos aviões varando pelo céu, roncando como um besourão de prata.

Nem sequer perquiriam do rumo daqueles barcos caturrando entre as ondas, ou das máquinas brunidas que furavam o azulão, mergulhando nas nuvens.

Que lhes poderia interessar o destino dos outros, a eles que viviam separados de toda a gente, na agrestia daquela ilha surrada pelos vendavais?



Duvíge cresceu com a afoiteza da bananeira brotada na lombada do Bandarro, para a primeira cacheada. Toninho, ao contrário, não passava de um caboclinho minguado — peri de beirada d'água — atrasado pelo amarelão.

Disparidade impiedosa, cúmplice natural da aproximação dela com o Mingote da Ribeira, irmão mais taludo de Toninho, já tirando para homem, com escassos pelos assombreado o beíço, sobre a dentaça carcomida.

No íntimo de Toninho, porém, essa desigualdade manifestava-se de modo adversante.

A sua benquerença por Duvíge avolumava-se com impetuosidade de onda e o ciúme escacava o seu peito, mordente como a espinhada de pira-mamangava, que um dia lhe picara os dedos, na cambulhada dos camarões da tarrafa, doendo como esporada de arraia-chita.

A boca amargava-lhe com o travor da artemija-da-praia, quando ela passava ao lado de Mingote, ele empertigado no seu domingueiro de listão, subindo pelo caminho ramposo do Bandarro até o seu alto, extasiados no seu querer, as imagens refletindo-se na poça da pedra, bem na assomada, como um quadro em moldura de pedra, falando de coisas que lhe azinhavravam a alma, turvando-a como água revolvida de lama.

Seus olhos afuzilavam como brasas, e a razão encadeava-se-lhe.

Azoadado sentia o badalejar dos dentes, como em acesso de maleita, e punha-se a correr eito a fora, os maus pensamentos afeleando-lhe o coração, que nem a bafagem do vento abrandava.

Só noitinha voltava ao ranchão, estropiado do andejamento, para a dormida agitada, de pesadelos, que era o seguimento vivo da sua grande agonia.



Mingote da Ribeira e Duvíge, tripulando a segura canoa dos seus sonhos, navegaram com as velas pandas de esperanças pelos mares

serenos do seu bem-querer, indo poitar os destinos sob o olhar imobilizado da Santa dos Prazeres, na igrejola da Ilha do Mel.

Foi o desflorir outonal das ilusões de Toninho.

Ali mesmo, ao pé do altarzinho caboclo, ruminou matar o irmão, afogando-o. Azucrim não cessava de trabalhar-lhe a mente esquizofrênica, atormentando-o de morte.

— Duvíge não podia ser de mais ninguém...



Mais tarde, Maneco da Ribeira pôs em reparos o ensoamento do filho, chamando-o para o assombramento da gameleira troncada, onde uma andorinha calmamente trissava, refazendo-se do volutear exaustivo.

Bem-avindo, admoestou-o num ralho de paciente afeição, que ele recolheu com os olhos parados na areia, boiantes de tristura.

Nem tentou abrir a boca precocemente amargurada, para um protesto ou uma desculpa.

Deixou-se ficar, vencido, o olhar perdido no vazio das coisas, ensimesmado dentro da sua amargosa decepção.

Na casa, sob o teto rústico de juçara, corria o ajantarado das esponsais.

Uma viola, ponteada, ia chorando algures...

Já a lizerna do Farol das Conchas rastejava no mar escameado de prata, quando alguém topou, pelas bandas do Banco de Inácio Dias, com a canoa de canela preta alagada, indo com a vazante...

O fandango estalava na moradia, no festejo das bodas, sem que alguém notasse a ausência de Toninho, arredio que andava, tresmalhado de todos. E no rancho do porto de Maneco da Ribeira, quase no anco da praia, só os rolos de cacheta branquejavam no grande espaço vazio, tomado de uma pesada sombra...

Alúcio Ferreira de Abreu (Paranaguá, 1894 — ?) foi editor e proprietário da revista *Marinha*, uma das principais publicações literárias paranaense do início do século XX. Publicou o livro de contos *Velas pândas* (1950).

O caso de Joaquina Moreira

ANDRADE MURICY

Vítor não pensava, sequer, entregue à volúpia daquela velocidade. O vento atufava-lhe violentamente a blusa e os calções curtos, numa carícia brutal. No vagão raso, à frente do comboio, bem seguro a um varal de ferro e todo exposto, mal percebia as vozes dos companheiros a música da ventania; o entrechocar das ferragens; o resfolegar da locomotiva na cauda do trem. A bárbara sinfonia que o arremesso do comboio ia despertando no seio dos morretes violados pelos cortes profundos, no ecoar das quebradas. A fita obsidente dos trilhos prendia-lhe irresistivelmente a atenção.

Apenas uma ou outra vez fitava a paisagem em torno, que o crepúsculo mal clareava. Numa crescente indecisão de cores, sucediam-se os laranjais aromáticos, os compactos canaviais, bananais, exuberantes e tristes, orlados, à margem da estrada, do branco lírio, do lírio silvestre. Logo e logo a aparente imobilidade dos trilhos prendia-lhe de novo a vista. De quando em vez o terreno abria-se, e num arruído maior, o comboio transpunha viadutos, o olhar atento de Vítor vislumbrava através o espaço entre os trilhos o brilho fosco da água.

A treva adensara-se quando defrontaram a serra do Marumbi, encoberta por nuvens, enquanto o resto da paisagem continuava numa doçura de penumbra sob o céu claro. Apenas morretes maiores, o incêndio do poente coroava ainda os cabeços de tons violentos.

Depois de uma curva, subitamente, avistou-se a Plataforma. O trem parou junto a um tosco tablado, atulhado de cestos de bananas. Na obscuridade crescente luziam frouxamente as lanternas dos capatazes no saibro grosso da estrada. Desse lado o terreno cedia, baixando com seu matagal, em largo declive, até a confusa escuridade da baixada onde, pra nordeste, Morretes avultava, fulva, das luzes recém-acesas.

Pararam, todos, silenciosos, um instante, enquanto o fiscal bradava, porque o trabalho do embarque se iniciasse e se fizesse precisamente.

Os quatro que o seguiram atravessaram a linha e tomaram por uma trilha estreita que se internava pelo mato. Clara dera a mão ao noivo, com terna simplicidade. Vítor caminhava junto ao fiscal, com o Antônio, seu amigo, que, voz baixa, inquiria do funcionário pormenores do caso da Joaquina Moreira. Enquanto caminhavam pelo coração do mato, as passadas soando fofas no solo coberto de folhagem. Foi o fiscal rindo gostosamente em meio do que ia narrando baixo ao Antônio. Este, com malícia de perverso, insistia por mais, divertido. E o fiscal forçava a imaginação, acrescentando à história novas anedotas hilariantes; Vítor ouvia a contragosto. O seu espírito estava edificado pela solenidade simples da floresta. O brilho incerto e fino das estrelas mal começava a despontar visível através das franças ralas.

Sentia a proximidade esmagadora da serra, carregada de elementos de tempestade. O ar morno amolentava-o. Sentia-se bem, como nunca. Abriu-se, porém, súbito, uma espécie de extensa clareira. Vítor ouviu um marulho característico.

Clara exclamou: — Parece que o Marumbi está cheio...

Quem respondeu foi o fiscal: — Sim, senhora: tem chovido na serra.

Vítor sentia fundamente a impressão que lhe haviam deixado velhas lendas de enchente. O rio Marumbi pareceu-lhe sinistro, malevolente. O engenho era além, na outra margem. Avistava-se a sua mole açaçapada onde algumas luzes avermelhadas apareciam. Encaaminharam-se para o tosco passadiço. Como o rio era normalmente

raro nesse ponto, o leito forrado de lajes escuras quase à flor d'água, bastavam os grandes troncos que repousavam em algumas lajes mais salientes, aos quais estava mal-ajustado um ligeiro corrimão de madeira. Vítor acompanhou-os mais receoso; somente a altivez juvenil o impediu de ficar. O rio rolava com estrépito desusado; negro, com leves reflexos metálicos; sombrio; espumando e quase mugindo nos caldeirões. À margem fronteira, alteava-se sensivelmente até um largo terreiro frente à engenhoca. Um cão ladrou. Abriu-se uma porta e o João Melo gritou:

— Quietos, Donho.

— São umas visitas, seu Jango — explicou o fiscal.

— Se abeirem, gente. A casa é sua.

Entraram todos. A casinha, de taipa, estava esburacada em muitos pontos. A cobertura de tabuinhas mal aparecia através da nuvem de fumo que se mantinha permanentemente junto ao teto negro de fuligem. O madeiramento reluzia, duma cor avermelhada e suja. Havia na sala uma pequena mesa encardida sobre a qual se via um oratório envernizado, cheio de santos multicores e monstruosamente grotescos, encimado de pequena cruz enfeitada com um fragmento de palma benta e o indefectível raminho de arruda afortunante. Alguns bancos toscos; dois cromos de folhinha nas paredes e um registro de Bom Jesus de Iguape. Sobre uns tijolos, um painelão. O caboclo velho convidou para que se sentassem. Depois acocorou-se, puxou duma palha de milho de debaixo da mesa, cortou-a e alisou-a com o punhal, pachorrentamente, e fez o cigarro, perguntando se pitavam.

Clara, constrangida, quis ver logo o engenho, o Jango levantou-se, indiferente, e gritou pra fora:

— Joaquina!

Entrou uma cabocla alta desempenada, que cumprimentou cortesmente. Todos a olharam curiosos, como para uma personagem semilendária. Era a Joaquina Moreira, que tanto dera que falar com sua extraordinária história. Parecia muito sabida de coisas do mundo, pois fingiu não perceber que a analisavam.

— Iam ver o engenho? — perguntou — Não queriam provar, antes, de umas pipocas fresquinhas e dum pouco de garapa?

O fiscal recusou por todos. Seria para depois. Saíram, silenciosos, e entraram no grande galpão onde, numa luz fraca e avermelhada, brilhavam os metais dos alambiques. Não havia senão dois trabalhadores, que vigiavam as máquinas. Jango, o caseiro, levou os visitantes através dos cochos que desprendiam ativo cheiro de álcool e vinho em fermentação. Joaquina quis que experimentassem do melhor vinho do cocho, muito substancial, tomando-se numa canequinha toda manhã como fortificante. Vítor aceitou, ia, porém, tomando de uma tigela, afastou com ela a espuma alta e mergulhou-a no líquido escuro. Estava delicioso o vinho: ácido, picante, aromal e seivoso. Todos beberam. Vítor examinava o engenho interessado. Joaquina, que visivelmente simpatizara com o pequeno, veio fazer-lhe companhia, mostrando-lhe tudo minunciosamente. Ele se sentiu desde logo tão à vontade junto da formosa moça que lhe falou com verdadeiro calor de quanto lhe agradava o que via, novidade tudo para ele. Ela tinha uma voz cetinosa, acariciadora, porém com nuanças de vaga tristeza por vezes. Como estivessem afastados dos mais, perguntou o Vítor, hesitando, sobre Curitiba.

— Já lá estive? — perguntou Vítor.

— Já. Passei seis meses — disse, com amargura.

Ele, repentinamente, recordou-se da história que, em caminho, ouvira, incompletamente, ao fiscal. Fitou-a com aguçada curiosidade. Aquela Joaquina era, pois, a falada “J. Moreira”, a cabocla de terrível destino amoroso... Achou-a bem abatida, agora que a examinava com intuição. Parecia adoentada, até, e assumiu a seus olhos grandes proporções sentimentais, de verdadeira trágica altura, na sua simplicidade de Helena rústica. Disse-lhe coisas banais sobre Curitiba, deixando de fitá-la, perturbado, quase comovido. Vendo-a tão singela, tão dolorosa em sua beleza, pareceram-lhe sacrílegos os comentários jocosos do fiscal. Sem dúvida não era culpada. Educada naquele meio primitivo, pacato e sensual, vivendo sempre na suave ociosidade mal

quebrada por breves trabalhos no canavial, no engenho, o espírito, de natural vivo e curioso, tivera de contentar-se com prazeres sociais parcos e mesquinhos, adoráveis, entretanto, que o lugar lhe podia proporcionar: festas religiosas em Morretes e no Anhaia; fandangos em dias de aniversário em sua casa e na de amigos, com descantes de danças; ligeiros namoros com jovens da vizinhança; adolescera e se fizera moça assim, simples, graciosa. O pai, o Jango, casou-a com um jovem vizinho, Norberto, bom rapaz, algo indolente, que trabalhava no engenho. Ela o estimava. Com o convívio o afeto cresceu: ele era uma alma excelente. Chegou a amá-lo, também. A doçura e dedicação do Norberto comoviam-se. Sentia-se feliz, e doía-lhe tanta ventura. Por vezes parecia-lhe que era demasiado venturosa, que não merecia tanto. Quando veio o primeiro filho, acrescentou maior gratidão ainda ao afeto que votava ao marido.

Tinha já o seu menino três anos quando, em pleno verão rigoroso, o velho Jorge Santos, rábula-compadre do Jango, veio de Paranaguá com dois moços para ir caçar na Serra de Prata. Jango, com licença do patrão, apresentou-se a acompanhá-los, com o Norberto. Os da cidade, além do Jorge, eram: um médico, louro, alto e ruidoso, e um moço pálido, também alto, empregado no Tesouro em Curitiba. Foi um alegre serão o da véspera da partida. Longa palestra, relato interminável de recordações. O moço funcionário fez séria impressão no ânimo de Joaquina. Era tão amável com uma pobre cabocla... Reparou que ele se impressionara também, por seu lado; tomava atitudes sonhadoras, olhando-a embevecido; alisava indolentemente a pequena cabeleira ondeada e negra, os olhinhos cintilando na glória da sua função de sedução. Sabia muitas trovas, que recitou, acompanhado na viola pelo Norberto. Tinha muita graça, um irresistível prestígio em seus gestos bem ensaiados. Ela, arrebatada, mas digna, evitava fitá-lo. Quando eles foram dormir, em esteiras, no galpão, ela se sentiu grandemente aliviada. Fazia-lhe mal a presença do jovem curitibano. Abraçou o marido com verdadeira alegria. No dia seguinte, partiram

todos, para uma ausência de três dias.

Quando voltaram, com alguns pavões, tucanos, nhambus, nas bolsas de malha, Joaquina fitou Lauro com estranha expressão. Abraçou o marido e o pai, cumprimentou os outros com esforço. Os três caçadores partiam no dia seguinte: dois para Paranaguá; Lauro declarou que se demoraria em Morretes até o fim da semana, que era quando terminava a licença. À noite falaram em Curitiba. O Jorge Santos gabava-se de nunca lá ter querido ir. O médico denegriu a sociedade de lá e os terríveis invernos. Lauro falou apaixonadamente na beleza da cidade do planalto, no seu ar puro e saudável, na animação de vida urbana, nos teatros, nos concertos e nos grandes bailes — foi propositalmente longe, na apologética excessiva. Em certo momento fitou Joaquina: viu-a imóvel, olhando-o numa adoração entusiástica, num arroubo de emoção mal contida. O quadro descrito, da capital, fascinava-a. Sentia confirmados os seus indecisos sonhos de felicidade: existia a cidade idealizada. Não dormiu nessa noite.

Em seu pensamento febril confundia Curitiba, teatros, bailes e Lauro, o homem encantador. Na manhã seguinte, Lauro, na primeira oportunidade, convida-a sem rebuços a fugir, tanto os olhos da moça manifestavam interesse por ele. Ela revoltou-se. Ele, porém, prático, marcou um encontro na estrada de Morretes, à tarde. Ela não respondeu. Porém, à tardinha, foi.

De uma feita, Joaquina, tivera febre maligna, tifo. Esteve à morte. Norberto, por sua vez, quase adoeceu, passando as noites em dolorosa vigília, devotando-se todo, aterrado ante a perspectiva de perdê-la. Consultou todos os curandeiros da circunvizinhança, todos os que sabiam preparar mandinga e coisa-feita. Um dia, até, foi procurar o Chico Bento, no S. João, o afamado feiticeiro e adivinho. O negro, solenemente, praticou todo um cerimonial. Depois declarou, com voz cava, que duas pessoas morreriam infalivelmente em casa do Norberto, mas que ele, Chico, podia, se lhe pagassem bem, afastar a má-sorte. O Norberto gastou, com o intrujão, todas as suas magras economias. Deu-se

por amplamente compensado, porém, quando viu a sua Joaquina de pé, enfraquecida, mole, mas em vias de voltar à antiga robustez. E ela, quando soube disso, chorou de gratidão e de comoção.

Entretanto, naquela madrugada, fugiu, levando uma pequena trouxa.

Teve vida tristíssima em Curitiba. Nos primeiro tempos Lauro, por vaidade e prazer fácil, tratou-a bem, instalou-a, levou-a, mesmo, a certos passeios fora da cidade. Ela, deslumbrada, gozava intensamente a vida nova, apesar da pungente saudade do marido e do filho, um fundo arrependimento crescendo-lhe n'alma. Mais tarde, Lauro noivou e abandonou-a. Ela seguiu o destino inevitável: caiu nauseada. Escreveu ao pai uma carta aflita: um poema de mal expresso desespero. O velho respondeu duramente que não queria mais saber dela. Tempos depois, encontrou-se com um conhecido, antigo frequentador dos fandangos familiares. De começo ele fingiu que não a conhecia. Depois, com piedade, falou-lhe. E ela soube então da horrível tragédia inda recente. O Norberto, quando da fuga, quase endoidecera com o inesperado terrível de sua desgraça. Sabia a mulher tão boa e amante que não compreendeu nunca sua resolução de abandoná-lo. Procurou encontrá-la. Foi a Curitiba, a Paranaguá. Soube mais tarde da vida que a sua Joaquina levava em Curitiba. Aconselhado por Jango, que “quebrara” de vez com a desgraça, desistiu de agir.

Certa vez lembrou-se do feiticeiro, do Chico Bento, de S. João. Foi procurá-lo. O negro, inteirado do caso, fez uns responsos infalíveis, e disse que Joaquina voltaria ou que, ao invés, morreria por lá, se Norberto o desejasse. Este revoltou-se, e exigiu que o negro não fizesse “coisa” contra a Joaquina. O negro, calmo, superior, irônico, fê-lo recordar-se de que curara a cabocla, havia tempos, mas que decerto a sorte má não acabara na ocasião da cura, visto que ela fugira mais tarde. Norberto voltou desesperado, mas o Jango, informado da consulta, deu razão ao negro: decerto havia sorte má e mau-olhado, e coisa-feita, em toda essa história. Pois a Joaquina não fora sempre tão

ajuizada, tão séria!... Com certeza o feiticeiro não tinha tido força bastante para acabar com a sorte má, quando a Joaquina tivera o tifo. Apenas teria evitado a morte. Mas a desgraça, essa viera, assim mesmo.

— Mas, o Bento disse, daquela feita, que tinha de morrer dois videntes aqui — exclamou, Norberto, recordando-se.

— Pois a Joaquina, na vida, é o mesmo que estar morta — disse melancolicamente Jango. E acrescentou: — E eu pra morto pouco falta.

— Antes morresse eu — disse o Norberto, desalentado.

Do então em diante, o caboclo começou a definhar. Depois, a pouco e pouco, uma mania dominou-o: o Bento tinha decerto razão: tinha de morrer duas pessoas na casa. Ele mandando fazer mandinga pra Joaquina se curar, quebrara o fado e daí resultara a desgraça. Amava a mulher ausente cada vez mais. Na sua loucura mansa julgou que seria necessário morrerem duas pessoas para a má-sorte da Joaquina se acabar.

Numa noite de enchente em que o Marumbi, d'águas revoltas e fragorosas, escachoava e mugia, o Norberto, com ar desvairado, tomou o filho de quatro anos no colo, beijou-o, abriu a porta e disse para o sogro:

— É pra tirar a má sorte da minha morena.

E saiu correndo. O Jango alarmado correu-lhe atrás, e viu, a queda do genro, com o filho ao colo, no roldão das águas furiosas.

Ela voltara, ali estava...

Vítor retornou a Morretes, no frescor da noite tropical. Tinha 13 anos... A Joaquina Moreira, uns dezesseis, quando fugira...

Andrade Muricy (Curitiba, 1895 — 1984) foi fundador da revista *Festa*, junto com Tasso da Silveira e Cecília Meireles. O escritor publicou os livros *Sonata pagã* (1913), *Literatura nacionalista* (1916), *O suave convívio* (1922), *A festa inquieta* (1926) e *A nova literatura brasileira* (1936), entre outros.

O corpo selado

ANTONIO CESCATTO

Os estranhos acontecimentos que se sucederam à minha chegada na pensão Santa Clara apenas ajudaram a confirmar alguns pressentimentos que eu já havia desenvolvido sobre o caráter e as inclinações de meu colega de quarto, Franz Joseph Mueller. Ele não era, definitivamente, quem eu pensava que fosse. Suas tendências mais inequivocamente duvidosas se revelaram para mim aos poucos, mas com uma contundência exacerbante, como a um cientista se revelam as verdades sobre um fungo apenas pela observação constante e diária através das lentes de um microscópio.

Conheci Franz Mueller na escola onde completava meu ensino médio e achei que nosso encontro, como tantos outros encontros desse tempo, fosse terminar ali — até o dia em que a necessidade de continuar os estudos na capital nos colocou no mesmo caminho e, graças a um convite feito por ele, no mesmo quarto.

A princípio eu não tinha visto nenhum problema em dividir as despesas e o dia a dia com meu colega de turma, mesmo sabendo do que se falava na cidade sobre a história da família Mueller. Não eram curtas nem poucas as versões, mas dizia-se, de uma forma geral, que o avô de Franz, um certo Helmut, havia desembarcado no país bem antes da guerra e que, aqui, teria ajudado a organizar uma célula do partido nazista muito ativa durante o período de ascensão de Hitler, em virtude do que teria sido perseguido e estigmatizado na cidade,

a ponto de, ao final da guerra, não só perder tudo que possuía, mas também suicidar-se.

Ora, o pobre Franz não parecia uma pessoa disposta a continuar a linhagem de seu avô, em nenhum sentido. Sua fragilidade só encontrava paralelo na dedicação com que mergulhava nos estudos e nada parecia demovê-lo do que parecia ser seu objetivo principal na cidade: conquistar um lugar na universidade e construir paulatinamente uma vida ordenada. Sua vida metódica, dividida entre aulas e estudos infinitos, só era interrompida por um acontecimento — se é que se pode chamar de interrupção ou de acontecimento uma atividade como esta. Era quando retirava de uma pequena mala, escondida criteriosamente entre as roupas, aqueles que eu já chamara de seus únicos verdadeiros amigos: uma lupa e um pequeno volume preto sobre o qual se debruçava por horas e horas a fio com uma atenção que não encontrava paralelo nem em seus estudos.

Mesmo eu, que acompanhava da distância da minha escrivaninha suas atividades, demorei para conseguir discernir o conteúdo daquilo que merecia tanto zelo de meu amigo, já que ele parecia querer evitar, com todo tipo de manobra e subterfúgios, que eu me aproximasse ou divisasse o que ele estava fazendo. Mas a curiosidade possui muitos olhos e não demorou para que eu descobrisse o objeto dos estudos de meu amigo. Tratava-se de uma coleção de selos.

Não atribuiria a essa descoberta — e à atividade que se seguia a ela, como consequência — uma excentricidade entre tantas outras excentricidades com que as pessoas ocupam seu tempo. Uma coleção de selos, afinal, era algo absolutamente desconectado do tempo em que vivíamos e eu não conseguia imaginar o que levaria alguém a dedicar-se com tanto afinco ao estudo de algo tão anacrônico.

Meu desinteresse, no entanto, transformou-se em curiosidade quase mórbida quando, certo dia, estando sentado em minha redoma de estudos, ouvi, depois de perceber mais uma vez que Franz havia retirado suas duas paixões do armário, aquilo que interpretei como

um gemido proveniente de uma suspensão repentina da respiração, seguida de um ranger de cadeiras. Quando me virei para trás, encontrei meu companheiro de quarto lívido, paralisado sobre o livro negro com a lupa suspensa em sua mão. Percebi que havia um livro novo ao lado daquele negro, uma espécie de enciclopédia, e era evidente que a comparação entre algo que tinha encontrado nesse novo livro e o seu livro costumeiro havia provocado algum tipo de surpresa muito grande. Pelo menos foi o que me ocorreu naquele instante, ao ver Franz voltar-se para mim com os olhos injetados, visivelmente fora de si. Antes mesmo que eu tivesse oportunidade de perguntar-lhe se algo havia acontecido, tratou de fechar o livro, guardar a lupa em sua caixa e devolver os dois conteúdos para o esconderijo onde os mantinha, bem como de guardar o livro novo em sua bolsa, não sem antes certificar-se de que eu não estava olhando, como se isso fosse possível. Com o canto do olho, eu pude perceber que o jovem Franz lutava com tenacidade para recuperar o fôlego perdido e só depois de um tempo foi que ele teve forças para perguntar sobre o jantar — e depois de constatar que aquela era a hora do mesmo, convidar-me para descer.

Nosso jantar transcorreu no ritmo de sempre, com meu colega ainda mais taciturno e calado do que era normalmente, distante de todas as conversas e histórias disparatadas com que os outros moradores da pensão costumavam preencher esses momentos de forçada convivência. Eu, da minha parte, não conseguia tirar os olhos de meu amigo de quarto, na vã esperança de que, a qualquer momento, ele fosse me fazer alguma confissão reveladora sobre aquilo que o tinha deixado tão perplexo.

Mas qual o quê! Franz não era um homem — se é que podíamos, naquele tempo, ser chamados de homens — dado a confissões e esclarecimentos. Permaneceu assim, taciturno, até o dia seguinte, um sábado, quando, contrariando o que seria normal em uma manhã como esta — isto é, dormirmos até tarde, como que para compensar

os hercúleos esforços madrugadores da semana —, Franz saiu muito cedo e retornou no final da manhã com uma visita no mínimo estranha. Tratava-se, nosso visitante, de um homem, um homem muito velho, ali pelos seus 80 e poucos anos, semiencurvado, um nariz proeminente e um rosto irônico, encasacado e lacônico em seus gestos e atitudes. Não saberia dizer se estava nele ou no modo excessivamente respeitoso como Franz o tratava que o sujeito me pareceu carregar um mistério profundo, como se fosse ele o portador de alguma verdade inaudita, revelada apenas a poucos iniciados que se introduziam em seu círculo.

Depois de uma apresentação rápida, os dois permaneceram no quarto em estado de latência que deixava transparecer uma visível excitação e somente quando — como que interpretando os sinais evidentes que me davam — deixei-os a sós, com a desculpa de sair para o café da manhã, foi que pude perceber neles algo como um alívio.

Não posso negar que permaneci do lado de fora da porta, atento ao que ouviria lá de dentro, e quando decifrei o barulho do armário se abrindo e de algo sendo retirado, logo constatei que minhas suspeitas não eram infundadas: o objeto de tamanha excitação era, sem dúvida, o livro negro de selos.

Ao folhear nervoso das páginas — sim, não posso negar também que minha atenção se encontrava em estado de alerta extremo, capaz de distinguir suscetibilidades que em estado normal não perceberia — seguiu-se um momento de silêncio aterrador, em que nada se ouviu dentro do quarto que não fosse o voo circular e sem sentido das moscas, como se o aposento, de repente, fosse destituído de qualquer presença humana. Longos minutos depois, iniciou-se uma conversa, quase um murmúrio, na qual eu não conseguia distinguir palavra, muito menos o idioma em que se falava. De repente, rompendo o clima que se instaurara, o inusitado aconteceu: como que movido por uma súbita convulsão, Franz começou a proferir palavras em um alemão frenético, onde o sentido que me era oculto não disfarçava o grau

de extrema excitação com que as palavras eram ditas. O estranho respondeu ao que era dito também na mesma língua e com o mesmo grau de excitação. Era como se a uma descoberta se seguisse uma negociação.

Não saberia dizer se era minha curiosidade que me tornava excitado ou se o tom da conversa gradativamente tornou-se ríspido, até o ponto em que atingiu ares de visível discussão. Foi nesse instante que ouvi os passos rápidos em direção à porta e tive que executar uma manobra muito rápida para permanecer anônimo atrás dela quando o visitante saiu, visivelmente alterado, deixando o jovem Franz sozinho no quarto. Permaneci onde estava a ponto de ouvir, lá dentro, a voz do meu colega proferindo sentenças que pareciam impropérios ainda na língua germânica, entre as quais uma que me chamou a atenção: “Jewish”. Sim, foi isso que ouvi.

Demorei para recuperar o fôlego e só quando o fiz é que resolvi entrar no quarto, tentando ao máximo parecer inocente em relação a tudo que tinha testemunhado do meu palco privilegiado. Franz não me olhou no rosto nem proferiu mais qualquer palavra, em português ou alemão. Tratou apenas de fechar o livro, guardar a lupa que estava sobre a escrivaninha e, cuidando para que eu não o observasse, retornar o livro no lugar sagrado onde o mantinha.

Os dias seguiram-se sem nenhum acontecimento que pudesse ser chamado de extraordinário, até a manhã onde, estando eu e meu colega de quarto sentados na sala, a folhear o jornal da manhã, deparei-me com uma foto que chamou minha atenção não por estar na página policial, mas por evidenciar um nariz que me era familiar e um rosto que só poderia ser chamado de inconfundível. Meu coração gelou quando percebi os olhos de Franz sobre os meus a olhar para a página e para a matéria onde se anunciava a morte estranha de um negociante de nome Isaac, encontrado morto em seu quarto no centro da cidade, sem nenhum sinal que evidenciasse arrombamento, assalto ou violência física. Falava-se que o homem em questão havia sido encontrado depois de muitos dias naquele estado, debruçado sobre

a mesa, depois de um possível ataque cardíaco, e não se sabia muito sobre ele a não ser pelo fato de que era um conhecido colecionador de objetos dos mais diversos, entre os quais — selos.

No momento em que me volvei para Franz — quase que instintivamente, como se procurasse correspondência ou resposta para a dúvida que, ele deveria saber, me assolava — senti seus olhos gelados demorarem-se sobre mim e um sorriso irônico desenharem-se em seu rosto, mas a sensação logo foi dissolvida por um estertor de espontaneidade — raro em uma pessoa como ele — que se manifestou por um convite para um passeio, seguido por um “ora, vamos lá, esqueça esse jornal e essas notícias deprimentes e vamos aproveitar o dia.”

Aproveitar o dia era algo que, definitivamente, não fazia parte do vocabulário, muito menos dos interesses corriqueiros do meu colega de quarto. Em um estado onde se misturavam a perplexidade e o sobressalto, deixei-me levar pelo convite e, quando percebi, estávamos os dois andando pela praça que ficava ao lado da pensão.

— Você já imaginou o que foi a guerra, Geraldo?

A pergunta me pegou de surpresa. Sim, eu imaginava o que havia sido a guerra. Ou melhor, claro que não imaginava o que havia sido a guerra. Afinal, o que havia sido a guerra? Deixei o silêncio que se instaurou entre nós estabelecer a pergunta.

— Cruel, algo muito cruel. Guerra é um tempo onde a lei é a palavra, não as armas. Onde um homem pode ser acusado de qualquer coisa, de qualquer preferência, de qualquer simpatia, e simplesmente ser aniquilado por essa acusação, essa preferência ou essa simpatia. E o motivo para essa acusação pode partir dos interesses mais recônditos, uma vingança pessoal, um ódio particular, ou uma disputa, sim, uma disputa por algum objeto de valor, um objeto que hoje, em nossa época, pode parecer anacrônico, mas que, em um tempo de dissolução, adquiria um valor incomensurável.

Eu não entendia muito bem a súbita verbosidade de meu colega e o tom quase confessional que seu discurso adquiria naquele mo-

mento. Por que ele me falava tudo aquilo? Eu não tinha perguntado nada nem parecia interessado em saber qualquer coisa sobre aquele assunto. Mas estranhamente parecia entender a direção para onde ele se encaminhava, o que ele pretendia, o lugar onde ele queria chegar.

— Guerra é um tempo muito cruel, meu amigo. E ela não se acaba quando a geração que a viveu na carne termina. Suas marcas e sequelas estendem-se por muitas e muitas gerações depois, assombrando as noites, entranhando-se no cotidiano de quem nasceu muito tempo depois dela. Você não consegue imaginar o que é viver sob a sombra disso, debatendo-se entre imagens e suposições que não são suas, mas que o assombram como se você estivesse ali, vivendo no centro dessa guerra e de suas contradições. Você vê uma injustiça acontecer sob os seus olhos, para a qual não tem resposta. Não, você não descansa até encontrar o motivo, porque sempre existe um motivo para que as coisas aconteçam, para que a reputação de um homem seja aniquilada a partir de uma acusação infundada, uma acusação que parte de uma disputa, uma disputa que nasce de algo que hoje pode nos parecer banal.

Até hoje não sei por que, levado pelo modo como Franz me envolvia naquele discurso tão incomum, deixei-me levar pela curiosidade e pelo que ele parecia querer que eu dissesse a ponto de ousar perguntar:

— Um selo, por exemplo?

A reação do meu amigo foi a mais inesperada possível. Sem alterar os passos, sem mexer os olhos, mantendo as mãos cruzadas nas costas, como vinha fazendo desde que iniciamos a conversa, ele demorou-se em um silêncio constrangedor para, finalmente, olhando rapidamente para mim, responder:

— Sim, um selo.

Nada mais foi dito ou comentado depois disso, estabelecendo-se entre nós um silêncio sepulcral, interrompido apenas por alguns acordes de uma música que Franz assobiava baixinho, na qual eu

identificava um certo tom de marcha militar e, se não fosse ir longe demais, diria até de uma marcha alemã. No momento em que pisei no quarto, minha primeira atitude foi refugiar-me o mais rápido que pude no banheiro onde, recuperando a energia que parecia ter sido dragada de mim e voltando a respirar no compasso normal, constatei que suava copiosamente, apesar do dia não ser particularmente quente. Foi preciso um longo e demorado banho para que eu conseguisse recuperar o que restara dos meus combalidos sentidos e para que tivesse coragem de retornar ao interior do quarto.

Não foi surpresa quando encontrei Franz Mueller esticado confortavelmente em sua cama e — o que me fez voltar a suar novamente — terminando de ler o jornal que trouxera da sala. Francamente, não saberia dizer se seus olhos percorriam a página policial mais uma vez, já que não tive coragem de olhar detidamente na sua direção e meus sentidos pareciam incapazes de distinguir com precisão qualquer coisa naquele momento. Depois de alguns minutos lendo a mesma página, meu colega de quarto colocou o jornal de lado e, sem dizer uma palavra, virou para a parede e caiu no mais profundo dos sonos.

Seria desnecessário dizer que minha noite foi atormentada por pesadelos atroz, onde se misturavam cenas de tortura com paradas militares, numa barafunda de imagens e sensações que me fez despertar aos pulos várias vezes durante o período. Finalmente, mais movido pela exaustão do que pela tranquilidade, consegui dormir profundamente pela manhã e, quando acordei, constatei o óbvio: estava sozinho no quarto. Franz, como era de costume, havia saído muito cedo naquela segunda-feira.

Não tive dúvidas sobre o que fazer. Uma ida até o refeitório (onde recusei o café que me foi oferecido) serviu para confirmar o que eu já imaginava: Franz havia saído bem cedo naquela manhã e voltaria apenas para o almoço. Retornei ao quarto e dirigi-me ao meu objetivo, não sem antes certificar-me de que a porta estava muito bem trancada. O armário, estranhamente, não estava chaveado. E não foi

preciso pesquisar muito (de tanto observar com o canto do olho, já havia localizado precisamente onde estaria o que eu procurava) para descobrir, debaixo das roupas, na última gaveta, o objeto pretendido.

Minhas mãos tremeram quando tirei a caixa do armário e coloquei-a sobre a mesa de estudos. Não foi nenhuma surpresa perceber que cada coisa ocupava um lugar muito bem determinado dentro dela, a lupa de um lado, o caderno preto do outro; aquilo traduzia para mim a personalidade e o caráter do meu colega de quarto. Tirei a lupa e coloquei-a de lado, junto com a caixa, abrindo espaço para que o caderno pudesse ser aberto.

Lá estavam eles, organizados sistematicamente, em espaços calculados em milímetros, um ao lado do outro; com a ajuda da lupa, como fazia meu colega, fui esmiuçando retratos do Kaiser, cenas de trabalho nacional-socialista, me sentindo um verdadeiro filatelista ao identificar entre todos aqueles selos uma lógica que os organizava, localizando-os como representantes de um período que iria do final dos anos 1920 e toda a década de 1930. Nada me chamou a atenção até que cheguei na última página: no canto superior direito, exatamente em uma posição que parecia a mais nobre entre tantas, havia dois espaços vazios. Considerando que as 20 páginas anteriores estavam completas em cada linha, aquilo não poderia passar despercebido. Mais surpreso ainda eu fiquei quando, ao virar a última página, me deparei com a carta.

Inserida em uma espécie de lingueta, ela fora escrita em um papel delicado que parecia desmanchar-se a um simples toque. Removi-a com cuidado e a abri com delicadeza. Mesmo percebendo que todo texto estava escrito em alemão, meus olhos se concentraram na abertura, onde se lia, escrito com precisão caligráfica, o início do texto: “Herr Franz.”

Pensei rápido no que fazer. Eram onze horas. Dentro de meia hora ou quarenta minutos, Franz voltaria. Fechei o livro, guardei-o na caixa, deixei-o sob o lençol e, com a carta na mão, saí para a rua.

A papelaria ficava a uma quadra de distância da pensão. O xerox, felizmente, estava vazio, por isso não foi difícil fazer a cópia. O problema se apresentou quando cheguei na fila do caixa: ali o velho drama se desenrolava, com duas mulheres esmiuçando bolsas em busca de carteiras e demorando-se infinitamente na manipulação do cartão e na lembrança da senha. Nada me restava além de algumas bufadas esporádicas, resmungos e tosses significativas. Quando finalmente as duas mulheres terminaram suas operações e quando recebi a última moeda do troco, saí desesperado da loja em direção ao quarto.

Felizmente não havia sinal de Franz. Tirei a caixa do esconderijo, recoloquei a carta no lugar, fechei o livro e, ainda ofegante, devolvi a caixa ao lugar de onde a havia tirado. Meu trabalho agora era outro. Saí pela porta dos fundos da pensão, ainda em tempo de ver o jovem Franz desembarcando do ônibus que o trazia da faculdade no outro lado da rua. Sentindo-me aliviado, caminhei com mais calma em direção à casa da única pessoa que, naquele momento, me veio à cabeça para traduzir o conteúdo do que tinha nas mãos.

Depois da ligação, a velha professora me recebeu no apartamento antigo, onde fui deixado na sala de espera enquanto ela se recolhia para seu pequeno escritório para — me explicou — poder fazer o trabalho com mais sossego. Passou-se mais de meia hora antes que ela retornasse com a cópia da carta em uma mão e a tradução em outra, assinalando o preço do trabalho, período em que eu folheei nervosamente as revistas velhas que encontrava pela sala, imaginando sempre meu colega de quarto entrando em nossos aposentos, estranhando a minha ausência e abrindo seu armário em direção à sua diversão favorita.

— É um trabalho de universidade? — foi a única coisa que perguntou.

Respondi-lhe secamente que sim, alegando uma pesquisa sobre a imigração alemã no Brasil, paguei o valor devido e despedi-me rapidamente, abandonando a casa como quem foge da cena de um crime. Na primeira praça que encontrei, procurei um refúgio do sol sob uma

árvore e comecei a ler o conteúdo. Não havia dúvida que a carta era de uma mulher apaixonada, e o Franz em questão só poderia ser o avô de meu colega de quarto, de quem este certamente havia herdado o nome. Entre relatos da saúde dos filhos e de outros acontecimentos banais, ela perguntava-lhe, a uma certa altura, quando voltaria da sua viagem para a Alemanha e que ainda não havia entendido o motivo de tal viagem. Dizia que muita gente lhe perguntava sobre ele na pequena cidade e que todos a olhavam desconfiados quando respondia que o marido fora apenas visitar uns parentes. Era um período muito tenso aquele, completava, e todos diziam que uma guerra se tornava cada vez mais iminente.

Minha frustração com o conteúdo e a parca explicação que procurava já se consolidava nas últimas linhas quando cheguei a um P.S., cuidadosamente copiado pela velha professora depois da assinatura da missivista. Ela contava sobre uma estranha visita, acontecida logo depois da sua viagem. “Aquele seu velho amigo”, ela contava, “o Isaac, esteve aqui e, não o encontrando, pediu para olhar o velho livro negro com a coleção de selos, que você guarda com tanto zelo. Fiquei sem saber o que fazer”, ela continuava, “mas como vocês eram tão amigos, não pude recusar-lhe o pedido. Ele me pediu a lupa e passou vários minutos examinando os selos, até que eu comecei a ficar incomodada e lhe pedi que deixasse para ver os selos quando você retornasse. Será que fiz certo deixando-o ver? Será que ele se incomodou com a minha recusa? Oh, querido, espero não ter feito nada que lhe prejudique.”

A cena se passou como se acontecesse diante dos meus olhos, da mesma forma que o nome “Isaac” reverberou no meu ouvido (não seria este o nome que havia lido naquela notícia de jornal — “... um certo Isaac, encontrado morto...”) quando, ao pensar no amigo do velho Franz examinando os selos com a lupa, tive um sobressalto. A lupa. Por um momento, me lembrei da caixa sendo fechada e devolvida ao armário de meu amigo — sem a lupa. Na pressa em devolver o

objeto ao seu lugar de origem, eu havia esquecido a lupa sobre a mesa! Aquilo me veio como uma certeza definitiva. Desesperado, guardei a cópia no bolso e abandonei a praça em desabalada corrida na direção da Pensão Santa Clara.

A porta do quarto estava fechada quando cheguei. Ao abri-la, lentamente, percebi que não havia luz lá dentro. Com o pequeno facho que entrou, pude divisar meu colega de quarto deitado em sua cama. Esgueirei-me com cuidado até a mesa, passando a mão sobre ela para ver se o objeto que procurava ainda estava ali. Não encontrei nada. Diante disso, minha certeza de não haver guardado a lupa tornou-se mais difusa. Quem sabe tivesse me enganado? Esgotado, deitei-me na cama e caí em um sono profundo.

Acordei com o quarto em uma semipenumbra, iluminado apenas pela luz tênue de uma janela entreaberta e, antes mesmo que eu pudesse divisar o que acontecia, escutei a voz, estranha e familiar ao mesmo tempo, vinda de algum ponto que naquele momento me pareceu muito distante, como se reverberasse na minha cabeça em tons e nuances diferentes a cada palavra.

— Pensei que não fosse mais acordar.

O estranhamento que aquela voz me transmitia devia-se ao tom metálico, seco e autoritário que adquiria em alguns momentos; a familiaridade, ao fato de ser, sem a menor sombra de dúvida, a voz do meu colega de quarto. Porque aquela voz, de uma pessoa que eu sempre considerara tão frágil, havia se tornado tão diferente, era algo que eu não conseguia compreender. No embaralhamento de sentidos em que me encontrava, demorei a reconhecer o que acontecia ao meu redor, até que finalmente consegui divisar o vulto do jovem Franz sobre a mesa de estudos, o livro aberto sobre ela e a lupa em suas mãos. Ele me falou sem virar o rosto, continuando na sua observação das páginas.

— Você já ouviu falar no *Inverted Jenny*? Raro, muito raro. Não há filatelista no mundo que não queira obter um deles. Claro que o valor é muito importante. Uma pequena peça como essa poderia, já naque-

les anos distantes, deixar qualquer pessoa milionária. Mas para um filatelista, meu amigo, o dinheiro é apenas um elemento da equação. Um filatelista morreria — ou mataria — por ele. Na ocasião propícia, seria capaz de arruinar a reputação de uma pessoa apenas para ficar mais próximo do objeto da sua adoração; imagine, então, possuí-lo. Identificar infinitamente as ranhuras, admirar a impressão invertida da peça que fez dela o que ela é, um objeto de culto e adoração. Estranho esse mundo, não é? Tanto por tão pouco, um pequeno pedaço de papel picotado com uma impressão invertida, descoberto, por acaso, por um filho de um comerciante inglês por volta de 1840, passado de mão em mão, até um aristocrata alemão que se mudou para a França, caindo, também por outro acaso, nas mãos da minha família. Nas minhas mãos.

Meu coração tremeu quando pensei em levantar para dar um fim a toda aquela pantomima e percebi que, estranhamente, meus braços e pernas não me obedeciam. Um terror indizível tomou conta de mim ao sentir que meus movimentos me abandonavam.

— Não vou dizer que minha viagem, naquele tempo, tenha sido uma viagem a passeio. Não, de forma alguma. Eu tinha interesses lá. Como não tê-los? Eu era um químico, em um tempo e em um país onde os químicos valiam seu peso em ouro. Ainda mais um químico com uma certa ascendência. Eles tinham de tolerar-nos. Nós éramos capazes de oferecer o que eles não tinham. Fiz meus contatos, realizei um trabalho, simpatizei até com alguns deles. Eu retornei à Alemanha com uma missão e consegui cumpri-la. Era o que eu pensava ser um compromisso com o meu país. Então, voltei. Com o dinheiro que trouxe, pude dar impulso ao meu negócio. Nos anos de guerra, a fábrica prosperou. Mas prosperou, também, o que eu não esperava, meu caro amigo. O boato já havia se espalhado. Sabe como são os boatos. Ele foi meticuloso na escolha das pessoas e dos lugares para disseminá-los. Artimanhas de um filatelista, afinal, alguém acostumado a olhar as coisas através de uma lupa, de aumentá-las, de esten-

dê-las. Quando o conflito teve fim — bem, você deve imaginar: minha reputação estava arruinada. Todos me acusavam do que você já imagina. Chegaram a falar em reuniões, organização, suásticas. Um dia ele me procurou. Chegou a falar claramente na troca. O *Inverted Jenny* por um trabalho de depuração. Ele próprio atestaria minha inocência. Éramos irmãos de raça, afinal, ele dizia, mesmo eu sendo alemão. Mas eu já havia sido contaminado pelo vírus, sim, o vírus das ranhuras, das impressões invertidas, das raridades. Disse a ele que permaneceria com a coleção e com o selo. Mais que isso: acusei-o da verdade e expulsei-o da minha casa. Foi um ato insano, eu sei, pois isso, claro, só piorou minha situação. Minha fábrica faliu, minha mulher não resistiu ao sofrimento, mas eu não me desfiz da coleção, do livro, do... bem, você sabe. No ultimo instante, entreguei-o ao meu filho. Mas para ele, aquilo representava a encarnação de um tempo que ele queria esquecer. Mesmo assim, não se desfez dele. Guardou-o. Foi preciso duas gerações para que seu neto, é, esse mesmo, o seu colega de quarto, o descobrisse e fosse contaminado pela paixão da filatelia. Ele tornou-se um apaixonado, como eu. Daí até a verdade foi um passo, meu caro. Os Mueller sempre foram obstinados. Ele não descansou enquanto não descobriu os meandros da história e enquanto não descobriu o homem que a desencadeara. Daí a mostrar-lhe o selo foi um passo. Parecia inacreditável que aquele selo ainda existisse. Mas não era, agora, o valor que importava. A peça poderia ser vendida e tornar o jovem rico. Mas ele não se importaria com a riqueza, era outra coisa que lhe importava.

A cada palavra, a cada frase, a voz do meu colega de quarto se tornava mais irreconhecível; era outro que falava, a voz de um homem, um homem maduro e amargurado.

— Você deve me perguntar: e agora, onde está o selo? E o que importa? Esqueçamos dele. Esqueçamos tudo. Ficou naquele quarto, grudado naquele corpo, ninguém deve ter percebido ao encontrá-lo. Um selo para alguém que segue uma viagem. Um corpo selado. E

uma manchete de jornal: “Homem encontrado morto no centro da cidade. Suspeita-se de suicídio.” Igual ao que vai acontecer aqui. Sabe, ontem eu disse a todo mundo que iria embora dessa pensão à noite. Perguntaram-me por que e eu, constrangido, tive que falar sobre você, contando que você tinha revelado sua paixão por mim, justo para mim, que nem imaginava suas tendências, digamos, diferentes. Boa história, não? Hoje a pensão está quase vazia, segunda é feriado, só voltarão daqui a três dias e vão ter a mesma suspeita. Afinal, o quarto vai estar todo fechado e o gás ligado. É muito bom morar em uma pensão que oferece esse tipo de conforto, não é? Fogão no quarto, com gás. Então, virá a notícia: “Jovem encontrado morto em pensão da cidade”, dirão as manchetes. “Aparente suicídio”, completarão. Bem, a minha manchete seria mais completa. Eu diria assim: “Jovem curioso suicida-se no centro da cidade.” A curiosidade é muito perigosa, meu amigo. Curiosos, às vezes, são tão ingênuos. Curiosidade e imprudência, que mistura terrível! É, meu amigo, a guerra não terminou. Só um tolo — ou um ingênuo — para acreditar nisso. A guerra não acabou nem para você, Geraldo, nem para mim, o avô, o neto, o que quer que você queira pensar.

Ainda consegui ver meu colega de quarto guardar a lupa dentro da caixa com o livro, a qual colocou cuidadosamente na mala que fechava. Levantou-se e, depois de arrumar a gravata do traje que vestia e de passar um pano rápido nas botas pretas, finalizou:

— Bem, mas chega de conversa. Já é tarde, eu devo ir. Tenha uma boa viagem, meu caro e bom amigo. Digamos que a sua sorte foi selada por uma impressão invertida, não é? Mas assim é a vida, não é? Cheia de ranhuras, de impressões erradas. Porque algumas se transformam em coisas tão preciosas é um mistério que jamais decifraremos.

Meus sentidos embaralharam-se definitivamente. Já não reconhecia mais o que se passava ao meu redor. Tive a sensação vaga apenas de ver a porta abrindo e meu amigo indo embora, deixando-me entregue à minha própria vertigem.

Não saberia dizer como consegui sair daquele estado em que me encontrava. O fato é que, rolando da cama e me arrastando penosamente pelo chão, consegui chegar até a porta. Com as últimas forças que possuía, consegui levantar minha mão até o trinco. A porta estava trancada. O cheiro do gás tornava-se cada vez mais inebriante. Desesperado, chutei a porta como pude e, quando já achava ter perdido minha última batalha, ouvi os passos e a voz do outro lado da porta:

— Geraldo, é você?

Chutei novamente a porta até que ouvi a pessoa do outro lado forçando-a com o ombro até rompê-la. Acordei algumas horas depois no quarto de outro colega de pensão, molhado de água.

— Amigo, você teve sorte. Eu só voltei aqui porque precisava realmente pegar alguns livros que pretendia levar para casa, no feriado. Foi quando ouvi os barulhos na porta. Não fosse isso, você teria conseguido. Que ideia. Suicidar-se. Com gás, ainda. Você precisa de um tratamento, amigo. Veja, não quero julgá-lo. Cada um é responsável pelas escolhas que faz. Não há problema em fazê-las. Mas, meu caro, nenhuma paixão justifica um ato extremado como este.

Não consegui responder nada. Preferi o sono que tomava conta de mim de forma avassaladora. Àquela altura, era a única coisa que me restava. Quando acordei, meu amigo já não estava. Ao meu lado restara apenas a dona da pensão, que me encarava com olhar preocupado. Fui me recompondo lentamente e, depois de um longo tempo sentado, disse a ela que estava preparando minhas malas e iria embora da pensão naquele momento. Ela estranhou minha decisão e logo retrucou: “Primeiro, o Franz; agora, você. Coisas estranhas aconteceram nessa pensão.”

Ignorei-a, arrumei minhas coisas e fui tomar um banho. Era o que talvez pudesse me devolver de vez à vida. Quando tirei minha roupa, percebi o selo grudado em minha coxa esquerda. Não posso dizer se era um selo raro, um Penny Black, talvez, um Inverted Jenny falsificado, quem sabe, pois tratei de tirá-lo imediatamente do meu corpo,

deixando molhar e dissolver-se até escorrer pelo ralo. Terminei meu banho o mais rápido possível. Não queria ficar nem mais um minuto naquele quarto; minha passagem pela pensão Santa Clara terminava ali.

Antonio Cescatto (Curitiba, 1957) publicou três livros: *O mundo não é redondo* (2009), *Preponderância do pequeno* (2010) e *Cloaca* (2013). Vive em Curitiba com seus dois filhos, Pedro e Nina.

Notas de um dublador de estilo

ASSIONARA SOUZA

Era manhã de segunda-feira, um começo de setembro, quando me dirigi à biblioteca da Cidade para cumprir a penitência que costumava fazer há quase três meses: ler jornais do dia à procura de emprego. Depois de conferir as manchetes das chamadas de primeira página, com suas fotografias bem escolhidas para todos os gostos, fui direto às páginas de classificados e comecei a elencar o *rol* de anúncios que cabiam à minha experiência de professor e revisor de textos.

Meus olhos de leitor arguto fugiam com enfado dos quadros de chamamento para funções do terceiro setor; restava em mim um arrendimento orgulhoso por não ter completado este ou aquele curso técnico, o que poderia em muito me facilitar a vida nesses tempos difíceis. Torneiro mecânico, auxiliar de produção, assistente de almo-xarifado — nenhuma ocorrência dessas funções constava em minha carteira de trabalho. À parte o meu estilo metódico e obsessivo por manter as coisas todas em ordem, aliado a um casto fascínio pela burocracia que orchestra a vida de papéis e demais objetos do mundo, sabia-me fora do páreo para concorrer sequer a uma vaga para porteiro de um desses edifícios comerciais que se amontoam pela Cidade.

Já desanimado e relutante em enfrentar a chuvinha insistente que tilintava seus níqueis úmidos nos vidros dos janelões do antigo prédio da biblioteca, deparei-me com um anúncio insólito:

“Procura-se profissional com excelência em leitura e bom domínio discursivo para exercer o ofício de dublador de estilo. Interessados tratar...”

Eu que nesses últimos meses havia me especializado em identificar os vários tipos de chamadas da página de classificados, diante da estranheza daquele anúncio, por um momento cheguei a desconfiar da realidade. O informe não trazia nome de empresa ou pessoa física de quem estava requerendo o serviço, nem mesmo um número de telefone com o qual se pudesse estabelecer um primeiro contato. Apesar disso, o endereço parecia correto. Ficava próximo à biblioteca. Sem necessidade de pegar um coletivo, bastava ir subindo as ruas que iam dar no Largo e adentrar estreitas ruelas adjacentes ao antigo bairro boêmio da Cidade — onde agora vagavam, a qualquer hora do dia ou da noite, seres anômalos cuja existência parecia ter sido por algum golpe maligno tomado em plena distração dos sentidos.

Ergui minha vista aos demais companheiros empenhados como eu em encontrar uma ocupação que se ajustasse às suas habilidades profissionais. Estavam todos ali, dispostos e reais. Além dos leitores de páginas de anúncios, havia os que iam à biblioteca para devolver os livros que sorviam ao longo dos dias ou para compartilhar do silêncio religioso que aquele templo oferecia sem exigir nada em troca. Muitos deles, eu conhecia de vista e elevador, com esses trocava tácitos cumprimentos. Éramos todos bravos anônimos. Mesmo os que estávamos temporariamente dispersos no ócio, em nossa frequente presença, simulava-se o confortável gesto de dirigirmo-nos a alguma repartição de trabalho, tamanha nossa assiduidade e pontualidade com que logo cedo de manhã aguardávamos à porta do grande prédio minutos antes de este ser aberto ao público.

Interrompi o lirismo reflexivo e voltei-me novamente à página de classificados. Lá estava o anúncio *“Procura-se profissional com excelência em leitura e bom domínio discursivo para exercer o ofício de*

dublador de estilo. Interessados tratar...”

Pensei inicialmente se, à arte de traduzir textos, haviam aproximado técnicas relativas à dublagem; nesse caso, minha experiência com idiomas garantiriam uma vantagem em preencher as expectativas do anunciante. Mas logo descartei a suspeita. Tudo parecia estranho demais.

Num gesto decidido, anotei letra por letra o endereço que ali constava, abandonei os jornais à mesa e, tomado de dúvida a respeito do que se queria dizer com “*exercer o ofício de dublador de estilo*”, desci quase entusiasmado os degraus de mármore que abraçavam o fosso do elevador.

Foi nesse estado de espírito entre distraído e sério que recolhi meus pertences na portaria e adicionei minha silhueta à multidão. A despeito do que informara o serviço meteorológico, a chuva havia cessado de todo; começava a abrir-se um dia pleno de sol na Cidade. E quanto mais eu avançava, mais o suor me beliscava a pele forçando a livrar-me das muitas camadas de roupas exigidas pelo tempo fechado e frio da manhã. Enquanto das árvores pendiam uns galhos fartos e curiosos, como se cochichassem uma nota constrangedora pronta a me fazer desistir daquela empreitada, sem me deixar tomar pela superstição, avancei com passos decididos ao endereço do solicitante.

Lá chegando, fui conduzido por um velho criado pelos muitos cômodos do casarão até um quarto no final de um corredor; ao olhar de quem observasse da sala, à medida que adentrávamos, nossas figuras eram engolidas pela escuridão. Até que chegamos a um amplo quarto com ares de câmara mortuária.

Cerrado por grossas cortinas, o recinto era despido de qualquer decoração excessiva. Nada além de uma antiga cômoda, um cabideiro alto onde o cadáver de um traje pendia solene desde sempre e, ladeando a solidez da cama, dois criados-mudos, cada qual com suas luminárias acesas flagrando uma boa pilha de livros que denunciavam ter sido há pouco folheados. Entre eles, pude divisar um *Ciro dos Anjos*, o inevi-

tável Machado, e os demais, partícipes dos clássicos russos e franceses do XIX. Ao que depois vim saber pelo escritor, obras que embasariam a estrutura para a *dublagem* de seu próximo romance.

Aos poucos meus olhos se acostumavam à penumbra, e fui preenchendo os contornos da intrigante fisionomia. Seu estado era de uma lucidez quase esquizofrênica; e apesar do quadro visivelmente depressivo, o moribundo não deixava de agregar uma expressão de sarcasmo aliado a certa compaixão genuína por quem lhe dirigisse o olhar. Fui tomado de espanto ao constatar que eu estava diante de um mito no auge de sua ruína física.

Depois de uma breve entrevista, oficializou-se sem demora ou contratempos a minha contratação. De um modo geral, parecia tudo muito simples; transpunha-se um consórcio da minha vida pessoal em troca de que eu assumisse, em figura e personalidade, as funções que até ali eram exercidas pelo escritor.

No começo, confesso, relutei em conformar-me a uma tarefa que borrava até para mim mesmo as fronteiras entre ficção e realidade. Eu parecia ser um personagem saído das páginas de um livro que estava sendo vivido e escrito com a minha ajuda e consentimento. Mas ainda que toda essa confusão me dominasse, a excelente remuneração, contraposta às poucas alternativas que me restavam lá fora, impediu-me de recusar quaisquer das exigências que o cargo me obrigava.

Com o tempo foi inevitável apreender o sentido pleno do termo “*dublador de estilo*”. Por felina obsessão de executar bem o meu dever, sem titubear fui abrindo mão de minha própria identidade e me tornando o outro escritor do escritor. Afagava em mim o desejo de adquirir com destreza infalível o estilo do velho — este mesmo que era para a Cidade como que uma ideia suspensa no imaginário dos leitores e simpatizantes de sua personalidade excêntrica, alguém que não se deixava entrevistar ou ser flagrado em um lance veloz pelo maldito paparazzo cultural.

— Cada estrutura — balbuciava ele ao meu ouvido — contém em si mesma seu próprio código. E para se criar uma nova estrutura, basta revitalizar com novidade corrente as velhas formas. Você só terá que assimilar meu estilo e executar uma dublagem próxima à modelagem fabricada por mim. O modo está em mim. Cabe a você dominá-lo.

A voz era frágil e me segredava minuciosamente sua experiência de narrador, a qual eu anotava detalhe por detalhe, sublinhando com força aquilo que me parecia mais difícil de compreender. Era como se o meu cérebro se repartisse em múltiplos diretórios discursivos. E por mais que o temor me assaltasse, atraía-me observar o quanto eu ia sendo engolido pela estrutura, como se à minha pele mortal fossem aderindo-se outras camadas, estas mais afeitas a perceber o ruidoso silêncio do tempo engendrando e subvertendo, com insistência, o que reconhecemos por realidade.

A qualquer hora do dia ou da noite, quando alguma coisa externa ou imaginária ameaçava que o fluxo da narrativa sofresse qualquer leve conturbação, ali estava eu para servir ao escritor. Muitas vezes ficávamos tensos se as mãos hesitavam sobre as teclas. Sabíamos ambos que um mínimo detalhe sustentaria ou destruiria todo o edifício ficcional. Cada palavra, aliada ao ritmo, formava frases que enveredavam por trajetórias que temíamos não acompanhar. Para mim, ainda pesava a responsabilidade de não contrariar a linha que o escritor vinha desenvolvendo nesses anos todos. E, se às vezes eu vacilava em procurar a palavra certa, ele de pronto me orientava: “Todas as palavras são palavras certas. A questão não é a palavra a ser escolhida.”

Nas conversas mais calorosas, me fez confissões muito pessoais sobre experiências as quais ainda gostaria de transferir para o impulso de narrar. Experiências do corpo. Somente o corpo, dizia-me ele, é capaz de registrar o que depois se traduzirá em palavras. O que não fosse sentido ou pressentido no corpo e com o corpo, não tinha serventia alguma aos escritos. E não somente o seu corpo era alvo de

elaborada especulação — também o corpo do outro; estivesse distanciado ou ao alcance. O que ele chamava de “dublagem dos sentidos”. Exercícios mais sutis poderiam simular o fazer narrativo. Como um assassino que, ao assistir ao sacrifício de um bicho, começasse a salivar e tremer de prazer. Caberia ao artista investigar em que ponto do corpo nascia essa degeneração. Era assim a narrativa que ele pretendia atingir: capaz de fazer a mente do leitor delirar mesmo diante da mais fria e desprezível imagem. “Tudo está interligado”, continuava o escritor. Não era preciso grandes cálculos ou esquemas caprichados sobre o enredo. O enredo era, naqueles tempos, uma parte adoentada da estrutura. Não voltaria a estar em voga tão cedo. Ultimamente, segundo o velho autor, o que prevalecia era um sintoma ficcional. Os impulsos repletos de similaridades. Dispersões de tempo e espaço. Galileu aprisionado estudando a dinâmica dos corpos celestes.

Os lábios pálidos pronunciavam esses segredos aparentemente inúteis com tanta convicção que com frequência eu me flagrava emocionado. Meu desejo era passear em todo o contorno da narrativa, experimentar concretamente as palavras que ele proferia com puro espírito de verdade. Não raro eu embebia meu lenço e usava-o para limpar os cantos dos olhos e da boca do velho escritor. Em comunicação afetiva, ele sorvia a ponta do tecido como um recém-nascido, interrompendo sofregamente a revelação de seu código ficcional.

Aquilo tudo era mais que fascinante. Minha apreciação pelo narrador fugia a qualquer tentativa de discernimento. Fui capaz de esquecer-me de mim mesmo e me dedicar completamente a ele em todos os aspectos. Por vezes eu chegava a desconfiar de que tudo lá fora também era uma grande representação. E acreditava que aos autorizados a fecundar o mundo com suas palavras e obras cabia também a tarefa de devolver à solidão coletiva a liberdade perdida.

Não me dou ao direito de interferir em fronteiras tão misteriosas, contentei-me todo esse tempo em estar próximo dessa doação do artista que se elimina quase por completo do que muitos chamam vida

real; e entreguei-me com afinco à mais fiel representação da experiência dos sentidos. No fundo eu sabia que a minha atração pelo seu projeto era parte do sintoma principal da estrutura. O movimento que de um corpo a outro gerava o impulso capaz de comover.

Tampouco me arrependo de ter permanecido até hoje aqui. Para mim foi um privilégio tornar-me o dublador de tão sofisticado estilo. Nem sei como me adaptei por tanto tempo a esta rotina. Breves intervalos para asseio e refeições, tempo mínimo colado à única janela do quarto contíguo ao do escritor, este parco aposento com vistas para uma parede alta e indiferente de um antigo edifício. Decoração mais que modesta e suficiente para a função que eu exerço; uma boa cadeira para leitura com descanso para os pés, estante pequena, escrivaninha. Um pequeno lavabo, onde eu me alivio das necessidades básicas ou algum desejo insistente em que me afogo com premeditada e mecânica urgência.

Nos últimos anos, desenvolvi por ele um incomum sentimento de admiração. Tal como se me coubesse ser o dublê dos desejos mais recônditos que porventura ele viesse sentir. Prontifico-me em atendê-los. Nenhuma culpa é despertada, uma vez que — como ele mesmo me fez compreender — não é no meu corpo que nascem essas estranhas vontades. Cabe a mim somente com o meu corpo expressá-las. Empresto, à medida do possível, a vitalidade que ainda me resta ao cumprimento minucioso das necessidades que ele seja capaz de traduzir em palavras. Este é o nosso trato. De minha parte nunca me senti mais sereno e ao mesmo tempo indiferente a qualquer senso de moralidade. No entanto, é lastimável acompanhar o definhamento gradativo do escritor. Em breve o substituirei por definitivo. Sua voz é pronunciada em um hálito quente e denso, quase inaudível. Encosto meu ouvido a sua boca e sinto, com incomum prazer, as palavras se infiltrarem em todo o meu interior; ao mesmo tempo em que sorvo o odor indecifrável expelido de sua garganta. Por vezes, ele delira. Aponta com o olhar débil a pilha de livros sobre o criado mudo ao lado direito da cama.

Reconduzo-me à função que me cabe. Vou apresentando tal fossem cartas de baralho, um por um, até que ele decida qual dentre uma meia dúzia deve ser aberto para que a leitura prossiga de onde a interrompemos. É bom viver a vida de outro. Minhas mãos seguram as abas da edição antiga e torno-me aos olhos do escritor uma espécie de *homem-livro*. Somente o meu corpo fica visível. Foi assim que ele me instruiu que fizesse nas vezes em que não deseja ver meus lábios se moverem ao avançar da leitura. Não digo que seja confortável essa postura de erguer o volume à altura dos olhos, escondendo o meu rosto que se enfurna entre as páginas. Mesmo assim, esforço-me por suportar tudo com paciência.

Embora reste para ele pouquíssimo tempo, ainda repugna-me a ideia de decepcioná-lo. Qualquer descompostura que seja, um vinco na roupa, um ar distraído. Tudo eu faço para evitar sair da frequência ideal exigida pela dublagem do estilo.

Quando lhe confessei que as narrativas dubladas me contaminavam com a sanha de larvas que não enxergam no órgão devorado qualquer vestígio de uma anterior humanidade, ele decretou que finalmente eu estava pronto para assumir a autoria. Antes de fechar serenamente os olhos, informou que era hora de contratar um novo dublador de estilo.

Nesse momento em que escrevo essas notas, o velho criado cruza as ruas da Cidade para acrescentar às páginas de classificados o mesmo anúncio que há quase uma década me trouxe até aqui. O escritor não deve morrer ainda. É preciso urgente contratar alguém que esteja habilitado a dominar com precisão o seu estilo do qual estou impregnada.

Assionara Souza (Caicó, 1969) reside atualmente em Curitiba. Publicou o livro *Cecília não é um cachimbo* (2005) e integra a antologia *Dedo de moça* (2009).

Livre-arbítrio

CAETANO W. GALINDO

Quando esta estória começa a dela está para acabar.

Tinha que ser uma ponte. O que deixa a coisa toda já com uma cara meio convencional, convencionada, falsa.

Tinha que ser uma ponte, tinha que ser de noite. Tudo bem.

Mas aí também tinha que ser uma ponte dessas mais velhas, com uma grade que ela conseguisse pular facinho, porque ela nunca foi boa de pular muro. E porque, convenhamos, ia ser totalmente ridículo cair da grade e morrer lá embaixo no rio por acidente.

Tinha que ser um rio.

Agora que diferença haveria de fazer. Se você decide se matar, que diferença haveria de fazer o como, o quando, o onde, e muitíssimo especialmente que diferença haveria de fazer se fosse ou não fosse totalmente ridículo, muito especialmente se ninguém soubesse que tinha sido totalmente ridículo.

E fazia diferença alguém saber?

Se ela queria se matar, se queria acabar com a própria vida, fazia diferença? Por que o rio? Por que a ponte? Por que esse momento todo ali parada do outro lado da grade que afinal foi fácil de pular e era muro, não era grade, deu pra sentar em cima e jogar as pernas e descer com bastante calma até ficar ali agora parada, de pé, pensando esse monte de merda e olhando o rio, sem ter corrido o risco de despençar por acidente e morrer descomposta, de susto.

É a última decisão que ela vai tomar.

E a mais importante.

E já tomou.

Talvez seja isso, então. Menos do que essa ideia de saber se os outros vão saber ou se vai parecer ridículo, ou sei lá o quê. E pra quem.

Talvez seja o fato de que essa decisão tem que ser pesada, medida, sentida em cada passo, em cada grau, cada degrau, em cada passo, em cada salto, em cada passo. Que pelo menos neste momento da vida dela, neste momento que vai acabar com a vida dela, ela tenha tido controle, tenha podido decidir de verdade, tenha escolhido.

Inclusive escolhido este lugar.

Que tinha ponte, em cima de um rio, que tinha grade de murinho que era fácil de pular, que tinha até, e isso também ela nem lembrava quando lembrou dessa ponte, daquele dia com as meninas,

que tinha até tipo esse beiralzinho do outro lado da grade, onde ela agora podia ficar parada, sozinha.

E era longe.

Meio que no meio do mato.

Era uma estrada.

Aí inclusive tinha pouquíssima chance de aparecer alguém tipo Ei, que que cê tá fazendo aí. E aí cena.

Tipo um guarda.

Ou um carro passando. Quando ela chegou, ficou coisa de meia hora dentro do carro, relendo os bilhetes que tinha escrito e que ficaram direitinho em cima do banco. E nenhum outro carro tinha passado.

Agora, ela já estava ali fazia coisa de mais uns vinte minutos.

E carro nenhum.

Era um dos maiores medos dela. De aparecer alguém e acabar com esse momento que, pelamor, era pelo menos um momento que ela queria que fosse dela, tranquilo. Pensado.

Mas não vai aparecer ninguém.

Quando esta estória acabar. Só.

Quase uma hora ali. Entre carro e beiralzinho. Quase uma hora pra chegar de casa ali naquele pedaço de estrada. Devia ser umas três

da manhã agora.

Fazia pelo menos duas horas, duas horas e meia, que ela tinha decidido, pesado, escrito bilhetes, escolhido, marcado lugares. E a vontade não se alterava.

Estranhamente calma. Ela estava estranhamente calma. Nunca pensou que pudesse ser assim.

Medo do pulo ela não tinha.

Tinha era medo de alguém chegar. Assim como antes de pensar direito tinha medo de cair por acidente e morrer ridícula. Ainda tem. Mas não tem mais acidente. Agora que o murinho está atrás dela.

É decisão.

É decidir.

Ridículo, afinal, era se importar com o ridículo.

Que nem quando ela ficou tentando limpar a sola do tênis no tipo de meio-fio do outro lado do muro, antes de subir, de sentar. Porque quem foi o samonga que me veio passear com um cachorro aqui nesse meio do nada.

Deve ter sido um cachorro do mato, ridícula. Ou outro bicho.

Deve estar cheio de bicho olhando em volta. Sem entender.

Sem capacidade de entender ou de decidir. Que nem eu. Que eu tenho.

E a luz do carro ficou acesa. As luzes. A de dentro e a do farol. Para ela poder ver em volta. Para poder como que ter consciência. E ela ficou raspando e reolhando a sola do tênis pra tirar os restos. E aí desistiu.

Ela ia se matar, caralho.

E, quer saber, ia se matar caindo num rio. Ia lavar tudo. Ia ficar tudo limpo. Nem com isso ela tinha que se preocupar, se tinha que se preocupar com alguma coisa. E desistiu.

Mas aí o cheiro.

Parece que de mexer naquilo só piorou. De raspar um pouco e não tudo.

Não é que ela queria tipo ‘gozar’ o momento. Esse último momento.

Como se houvesse algum prazer nisso. Nesse momento.

Mas atrapalha, o cheiro.

Se bem que se ela não pula de uma vez...

Se decidiu tem pelo menos três horas que vai pular e não pula de uma vez, é por quê? Se não por algum tipo de prazer nesse adeus?

Raspa de novo a sola do tênis, agora deste lado do murinho.

Só que o tal meio que beiral aqui desse lado é meio redondo, de repente até pra evitar que alguém queira ficar aqui pra pular (ela tem que se segurar no murinho o tempo todo, uma suicida que se segura para não cair). Ela esfrega a sola uma só vez, deixando uma marca comprida no cimento claro, que, claro, só piora o cheiro. E ainda deixa aquela trilha atravessada, como uma seta de merda que aponta pro rio.

Ela dá um passinho pro lado.

Com cuidado.

Suicida com cuidado.

E o mais estranho é que esse assunto todo do suicídio... Da decisão, das escolhas e decisões, de fazer essas coisas uma a uma, bilhetes, escolher roupa... Escolher roupa. Ela escolheu uma roupa. Que essa coisa toda, e esse tempo todo, essas mais de três horas cuidando disso tudo meio que apagaram o resto todo. O que levou ela a pensar naquilo tudo pra começar.

Restou a certeza da dor.

A certeza da desilusão. Da irresolução.

É só por isso que ela não mudou de ideia nesse tempo todo. Que ela ainda está aqui. Mas ela ainda está aqui.

Se preocupar com acabar com tudo aquilo de uma vez fez, pela primeira vez, tudo aquilo sumir do primeiro plano. Ela esteve ocupada demais nas últimas horas, fazendo finalmente alguma coisa por si própria. Finalmente alguma coisa definitiva, certa, clara, que só ela mesma podia fazer, só por ela mesma. Que não dependia dela. Que não dependia de ela me querer ou não me querer. Que não dependia de a mãe dela achar esquisito duas meninas juntas. Que não dependia

de ela se preocupar com isso e me mandar pastar. Me foder.

Não foi uma distração. Uma ocupação qualquer que apagou aquele zumbido de fundo das últimas semanas. Uma outra atividade não teria.

Foi só por eu ter decidido vir aqui, pular de uma vez, que aquilo se apagou.

Porque decidir pular é a solução. Resolveu de verdade os problemas. Os meus problemas.

Porque acaba. Porque não tem mais. Porque não dói mais.

E quando acabar, e não tiver, e não doer, não é mais problema. De ninguém.

Mas agora, já só por eu ter decidido, escolhido, feito uma coisa por mim, clara, definida, eu já posso sentir antes essa tranquilidade.

Já é quase como se eu não precisasse pular.

Mas isso só porque eu vou pular.

Nessa noite linda. Sem lua. Montão de estrela. Com esses bichos todos me olhando por causa da luz do uninho. Das luzes.

Com aquele rio e aquela pedrarada lá embaixo.

Bem lá embaixo.

É respirar fundo. E chega. Cansei.



Foi.

Acharam o corpo dela ontem. Parece que foi tem uns dois dias. Tinha. Tinha um monte de bilhete no carro.

Mas parece que não deu pra ler.

Parece que ela tinha deixado a janela aberta e uns bichos entraram. Sei lá, tipo serelepe. Roeram meio que tudo. Tinha comida no carro, e a bateria tava arriada, então os caras acham que ela tinha deixado a luz acesa. Aí entrou um monte de bicho.

O estofamento. Tudo. Tava tudo ferrado.

E os bilhetes.
Meio roídos, meio rasgados.
Diz que deu pra ler só uns pedaços.
É.
Foi o que me disseram também.
É.
Que o mais engraçado era isso. Que tinha uma puta marca de lama no beiral da ponte mais ou menos de onde ela deve ter pulado.
Porque tinha chovido uns dias e depois não chove mais tem uns três lá.
Que parece que no fundo, no fundo mesmo, ela acabou foi escorregando.
Foi.

Caetano W. Galindo (1973) nasceu em Curitiba, onde mora. Desde 1998, é professor de História da Língua Portuguesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Traduziu obras de Thomas Pynchon, David Foster Wallace e *Ulysses*, de James Joyce — trabalho reconhecido com o Prêmio Jabuti e com um prêmio da Academia Brasileira de Letras. *Ensaio sobre o entendimento humano* é a sua estreia na literatura.

O homem com um longo bigode

CARLOS MACHADO

O meu maior prazer na vida ainda é observar as pessoas nas ruas. Herdei esse costume de uma tia que, logo após ter sofrido um sério acidente de carro — quatro anos depois de eu nascer — ficou impossibilitada de andar e, portanto, não tinha muito o que fazer a não ser ficar sentada em sua cadeira de rodas lendo um livro ou observando as pessoas que passavam em frente à sua varanda. O costume dela me pegou. Comecei então a ficar o dia todo entornando olhares para as pessoas que caminhavam no centro da cidade, tentando descobrir quem eram, o que faziam, por que estariam passando por ali etc... Minha mãe não se conformava com essa “esquisitice” — é isso que ela pensava que era — e por diversas vezes me impediu de ficar sentado no banco da praça Osório olhando as pessoas. Nesses dias, tinha que sair escondido e não ficar sentado em lugar algum para não correr o risco de ser pego por ela. Para despistá-la, eu seguia as pessoas, como um detetive, sem deixá-las saber que estava atrás e sem minha mãe descobrir. Eu era como o homem das multidões do Poe, ou um *flâneur* de Baudelaire. Mas conforme fui ficando mais adulto, minha mãe parou de me importunar com essa história e passei, então, a estabelecer observatórios fixos nas praças e ruas mais movimentadas de Curitiba, e um horário. Eu não consigo explicar por que gosto de fazer isso, e para ser bem sincero, por muitas vezes achei que estava cansado dessa vida — poucas vezes, é certo — mas logo via que

era impossível controlar esse impulso, então deixava acontecer. São quase trinta anos saindo às ruas religiosamente, *quase* que todos os dias, às cinco horas da tarde. Se para os ingleses esse horário é reservado ao chá, para mim é o momento de imaginar uma vida para os cidadãos de minha cidade. Esse é o meu único vício — tudo bem que na minha adolescência fumava um baseado todos os dias, mas isso já passou e as ruas ainda me carregam, me abraçam, me aprisionam. Isso sim é um vício. Ah, eu ia me esquecendo de um detalhe muito importante que pode ser ainda mais difícil de entender nessa história toda: só me satisfaço observando pessoas em Curitiba! Não importa se são curitibanas ou não — até mesmo porque sou eu quem invento suas vidas — mas tem que ser aqui. Esse detalhe, naturalmente, só era um problema quando eu viajava. A solução era filmar pessoas nas ruas e levar os vídeos comigo — isso explica o “quase”, enfatizado acima. Quando chegava a hora habitual, eu lhes assistia. Viajei muito na minha adolescência. Hoje não viajo mais. Eu me casei. Minha mulher só descobriu esse lado da minha vida na semana do casamento. Depois de um ano de noivado. A única restrição que me fazia era que o casório teria que acontecer em junho, porque havia prometido a Santo Antônio que quando encontrasse um marido, iria se casar no dia treze de junho, dia desse santo. A princípio não tinha nenhum problema para mim, não fosse o horário que prometera a tal Santo: cinco horas da tarde! Nesse momento da minha vida, quando estava com vinte e quatro anos, o costume de olhar as pessoas nas ruas de Curitiba já havia extrapolado o vício inocente: era agora uma obsessão vital para a minha existência. Eu precisava ver pessoas e imaginar suas vidas, e tinha sempre que ser às cinco horas da tarde! Tive que, realmente, revelar à minha mulher esse meu problema ou, melhor dizendo, esse meu jeito diferente de ser. Quando contei, ela achou um pouco estranho e até sugeriu que eu fosse a um médico para resolver esse... detalhe. Mas no fim de tudo, consegui convencê-la que isso era bem normal, que observava as pessoas nas ruas desde criança e

tudo ficou bem. Não sem antes me perguntar por que não havia lhe contado no início do noivado. *É que pra mim é tudo tão normal, que não vi necessidade de lhe contar, querida. Não se preocupe. Tá?* Mas no fundo, eu sabia que não era normal e que isso estava virando uma doença. Tinha que, portanto, procurar um bom médico psiquiatra para resolver meu *probleminha*. Mas não fui.

Acho que fiquei meio frustrado com a facilidade com que minha futura esposa aceitou tudo. Esperava uma reação mais enérgica da parte dela. Resolvemos nos casar em uma belíssima igreja no centro de Curitiba — não lembro o nome, mas sei que era muito bonita — com o altar virado para a rua. Dessa forma, eu poderia jurar fidelidade e amor eterno à minha mulher tendo, ao mesmo tempo, as pessoas nas ruas para olhar.

Em todos esses anos, muitos personagens passaram pela minha visão, e muitas histórias foram criadas para eles. Muitos tipos: homens, que aparentemente estavam bêbados, podiam ser vistos pela minha fantasia como grandes empresários que resolveram se deliciar com os prazeres da cachaça depois de um difícil dia de trabalho ou então homens extremamente sóbrios poderiam ser pintados como ex-bêbados que criaram vergonha na cara e resolveram tomar um banho, fazer a barba e procurar um emprego, ou ainda, mulheres que a princípio me pareciam tímidas, podiam, na verdade, levar vidas promíscuas longe de seus maridos. Enfim, tudo era possível, e essa era a minha necessidade: inventar vidas e situações, apenas com a aparência das pessoas nas ruas de Curitiba.

Mas então, e minha mulher? Depois de dois anos de casado, algo começou a me perturbar: mesmo dizendo que aceitava essa minha vida numa boa, percebia que ela não gostava muito das cinco horas da tarde, quando eu saía para viver e fazer vidas. Ela sempre se despedia de mim e ia para a cozinha cabisbaixa, preparar meu jantar, e nunca comia comigo, pois ia para a cama antes que eu chegasse, mesmo que fosse cedo. Mas com o tempo, comecei a notar uma mudança

progressiva nessa sua atitude: quando chegava a hora de eu sair para as ruas, não ficava mais chateada, muito pelo contrário, abria a porta para mim toda sorridente, me dava beijinhos mil, dizia que me amava, que me esperaria para o jantar... *Tchau, querido. Boa sorte.* Bem, uma pulga começava a morar atrás de minha orelha, mas assim que chegava às ruas, logo acabava esquecendo.

Depois de mais alguns meses de casado, acabei me acostumando com essa nova atitude de minha mulher. Essa era a minha vida. O meu vício, que apesar de ter se tornado algo impossível de se controlar, ainda não havia afetado meu lado psicológico drasticamente (?). Havia se transformado em um hábito, e como todo hábito, bom ou ruim, era mecânico. Sendo assim, eu ia para as ruas ver pessoas assim como escovava os meus dentes ou tomava meus banhos: naturalmente. Era extremamente normal.

Até que um dia, às cinco e quinze da tarde, vi um homem com um longo bigode — como aquele que Paulo Leminski usava, sabe qual? — que me chamou a atenção não sei por quê. Talvez pelo fato de seu rosto ser bastante familiar. Desde os meus dez anos de idade eu não perseguia as pessoas na rua, só ficava sentado na praça Osório sem ir atrás de ninguém. Mas nesse dia — quando já contava com vinte e sete anos — não me controlei. Na verdade, acho que nem quis me controlar, levantei e comecei a andar atrás de seus passos, tomando cuidado de não deixar minha “vítima” descobrir que estava por perto — como aquele velho detetive do começo. Seu rosto, apesar de não ter percebido o que, até então, tinha realmente qualquer coisa de familiar. Pensei: seu nome era Cristovão, tinha uns 32 anos e estava com pressa porque acabara de assaltar um livro na livraria do Chain. O livro era o italiano *Noturno Indiano* do Tabucchi. Estava dentro de sua bolsa junto com muitas barras de chocolate Lacta que furtou das Lojas Americanas momentos antes de pegar o livro. Estava usando um belo terno cinza Giorgio Armani para não despertar desconfiança, mas que na realidade, também havia sido roubado. *Parece que co-*

nheço esse cidadão. Mas de onde? Continuei seguindo o Cristóvão. Ele passou em algumas lojas de roupas femininas na Rua Quinze — talvez fosse roubar calcinhas para sua mulher — em várias lojas de CDs e, finalmente, entrou no Shopping Curitiba indo direto ao banheiro. *Mas que estranho, ele está entrando no banheiro feminino! Acho que é melhor chamar o segurança.* Pois é, amigo, eu armei uma confusão homérica naquele lugar: fiz os seguranças entrarem no banheiro feminino atrás do homem. O problema é que acho que misturei a fantasia com a realidade: esse homem, ao invés de se chamar Cristóvão e ser um ladrão, *podia* ser um ótimo cidadão e ter qualquer nome do mundo. Portanto, o fato de ter entrado no banheiro feminino poderia ter sido nada mais do que um simples engano. A vida que inventei para este cidadão parecia ter se tornado realidade para mim. Bem, sabe o que aconteceu? Ninguém encontrou esse tal homem com um longo bigode vestindo um Giorgio Armani. Ele havia desaparecido. *Será que era a minha fantasia? Onde se meteu?* Até hoje de manhã, quase três anos depois, não consegui entender o que aconteceu naquele dia. Aquele homem já cruzou pelo meu caminho muitas vezes depois daquele dia, mas logo que aparecia, sumia na mesma hora. E tem mais uma coisa que me deixou perturbado no dia em que o homem entrou no banheiro feminino: encontrei minha mulher saindo do banheiro momentos antes dos seguranças entrarem no banheiro. Quando me viu, levou um baita de um susto e ficou toda sem jeito tentando esconder uma bolsa nas suas costas. Ela me explicou que havia saído para comprar umas lingerie para usar na noite de aniversário do nosso casamento que estava se aproximando, e que também aproveitou uma promoção nas livrarias Curitiba e comprou um livro do Antonio Tabucchi para mim. Isso foi muito estranho: eram os mesmos objetos que *imaginei* para o homem! E é estranho também a presença de minha mulher por lá: ela nunca saía de casa nesse horário, ainda mais para comprar peças íntimas e livros. Ela sempre ficava me esperando em casa. Tinha medo de sair à noite! *Mas não*

são todos os dias que as mulheres compram lingerie. Só em ocasiões especiais. E pelo que percebi, essa era uma ocasião especial. Não se preocupe quanto ao fato de sua mulher ter aparecido no shopping naquele momento, você tem que se preocupar é com o homem que só você viu. Isso foi o que o médico me disse no dia seguinte em seu consultório. Fui ao psiquiatra. Ele me receitou um remédio. Achava que eu estava tendo problemas de tanto inventar histórias para as pessoas na rua. Na época não dei muita importância. Isso aconteceu há três anos. Não tomo mais o remédio. E sabe quem eu vi ontem (às cinco horas da tarde) e segui por alguns minutos? O homem com um longo bigode, lógico! Minha mulher, como da outra vez, apareceu logo que ele se foi, e novamente utilizou-se da mesma desculpa. Só que dessa vez, tentou ir atrás do homem. Não o encontrou. *Não consigo entender por que quando o vejo, some na mesma hora sem ninguém ver para onde foi. Por que somente esse homem? Será que é porque seu rosto é tão familiar? Quem será?* Por um momento, ontem à noite, depois de ter visto aquele homem, pensei em parar de ir às ruas observar as pessoas. Ele me deixa nervoso e muito intrigado. Mas não basta apenas querer parar de ir às ruas, não consigo evitar. *Se ao menos pudesse falar com ele, mas todas as vezes que tento me aproximar ele desaparece!* Porém, hoje de manhã, acordei com uma vontade incrível de sair às ruas. Passei o dia contando os minutos para as cinco horas da tarde. Quando faltavam poucos minutos, saí de casa, e como é de costume nesses últimos anos, minha mulher parecia feliz. Abriu a porta. *Boa sorte, querido. Sim, vou precisar de toda a sorte do mundo para encontrar e falar com o homem do bigode. Tem certeza que não precisa de minha ajuda, amor? Sim, não preciso, obrigado.* Olhei para as nuvens escuras e carregadas e vi que tinha que me apressar para chegar à praça Osório antes que começasse a chover. *Esse tempo meio chove-não-chove de Curitiba pode me atrapalhar na busca pelo homem, mas não há de ser nada, se eu não o encontrar hoje, um dia ele há de aparecer novamente.* Que otimismo meloso! Estava chovendo.

Andei debaixo dos toldos das lojas esbarrando nas pessoas. Passei por muitos personagens de minhas histórias. Alguns me conheciam há anos, outros vieram morar nas minhas invenções sem nunca sequer terem me visto. Continuei caminhado entre as pessoas. Dois meninos totalmente ensopados pela água da chuva passaram correndo por mim, espalhando pingos de água pelo caminho e ouvindo muitos palavrões dos pedestres que tentavam, sem sucesso, manterem-se secos. Continuei andando. Olhei para o relógio. Me senti aflito. *São cinco horas*. Portanto, mesmo andando comecei a me alimentar de histórias e fantasias. Uma mulher que estava na minha frente andava bem devagar. Logo pensei: não quer chegar tão cedo em casa porque sabe que seu marido vai sair do trabalho, passar em um botequim, ficar bêbado e esmurrá-la, reclamando da comida fria sobre a mesa. Isso já virou um hábito diário em sua vida. Dona Joana não aguenta mais essas atitudes de seu marido, mas ainda o ama. O homem ao meu lado cheio de pressa precisa correr para buscar seus filhos na escola e ainda passar em uma panificadora para comprar pão e leite. Esse homem tem uma vida feliz junto à sua esposa e filhos.

A chuva passou e continuei andando. Vi uma confusão na esquina. Consegui me aproximar. Presenciei uma cena horrível: aqueles meninos que passaram por mim correndo quando estava chovendo, estavam estendidos no chão, um sobre o outro, envoltos a muito sangue. Muitos curiosos ao redor falavam pelos cotovelos, tentando explicar o que havia acontecido: *foram atropelados*. O carro era um fusca. *Meu carro!* De início não pude identificar quem estava dentro dele. Mas (pensei) só pode ser minha mulher. Sim, era ela. E não estava sozinha. De repente, percebi que além dela, alguém mais estava saindo do carro, mas ainda não havia visto seu rosto. Tinha muita gente na minha frente. Sem demorar, e invadido pela aflição, adentrei a multidão e o vi: estava usando minhas roupas. Reconheci: era o homem com um longo bigode. Olhei bem nos seus olhos e me apavorei. *Meu Deus, esse homem... esse homem sou eu!* Com o olhar apressado

procurei por minha mulher: estava quase desfalecida chorando ao lado dos corpos dos meninos aparentemente sem vida. *Querido* — sua voz estava pálida — *matamos duas crianças!*

Voltei-me ao homem: não estava mais lá.

Carlos Machado (Curitiba, 1977) morou os 15 primeiros anos de sua vida em Londrina (PR). É músico, compositor, escritor e professor de literatura brasileira. Autor dos livros de contos *A voz do outro* (2004) e *Nós da província: Diálogos com o carbono* (2005) e das novelas *Balada de uma retina sul-americana* (2009) e *Poeira fria* (2012).

Mimosa pudica

CEZAR TRIDAPALLI

Foi por causa da enxaqueca que aprendi a flertar com a escuridão. O escuro não permite que sejamos distraídos pelos olhos. Ou traídos pelos olhos, num trocadilho fácil. O que surge do escuro são imagens que não brotam de outro lugar que não seja de uma cabeça momentaneamente sem janelas. Ela, a enxaqueca, também exige silêncio. Dos cinco sentidos, ela é inimiga de quatro: visão, audição, olfato, paladar. Não como nada durante uma crise. Cheiros me engulham o estômago. Os sons altos são bombas de ar que inflam o crânio. Luzes me cegam e agulham as pálpebras.

Os pequenos monstros que me visitam — chamo-os de monstros, embora não os veja direito — não surgiram, portanto, por acaso. Eles chegaram tateando (o tato não é inimigo da enxaqueca) o ambiente obscuro, bateram a canela nos móveis, gritaram de dor, riram da situação inusitada, ai, bati meu dedo, o que é isso aqui no meio da sala? E se instalaram. O que resta a alguém privado dos sentidos são esses seres de memória e imaginação. Uma aponta para trás, a outra pode apontar para a frente, uma frente feita de inexistências e um atrás feito de pedaços emendados por costureiros infieis.

Apaixonei-me por Ana aos vinte e cinco anos. Ela contava dezessete. Lembro-me das mãos adoráveis. Como eu gostava de pegar naquelas mãos. Seria bom para ela pegar nas minhas? Agora, no escuro, agarro minha própria mão (o tato), mas me perco entre a mão

que sente e a que é sentida. Sujeito e objeto a um só tempo. Minhas esperanças eram burras. Eu queria que minhas mãos ásperas alisassem o comportamento áspero de Ana. Asperezas com asperezas fazem nascer o improvável, eu pensava: lixa na parede arisca origina lisuras insuspeitadas (a lixa se desgasta, a parede se alisa). Esse era meu raciocínio e também minha esperança. Porque Ana, apesar das mãos lisas, era uma parede áspera. Um desdém de quem aceitava o flerte por comodidade, por ter preguiça de ter que ir embora. Pescadora que fisga o peixe, mas não o recolhe nem o devora. Falta fome. Deixa-o se debatendo com o anzol escarafunchando as gengivas.

Ela soube até o fim como me manter apaixonado: tratando-me com indiferença, lançando uma ou outra migalha que eu sempre quis entender como carinho.

Fomos morar juntos uma semana depois de meu aniversário de quarenta anos. Fiquei quinze anos apaixonado por Ana até ela resolver morar comigo. Depois, continuei apaixonado. Ela não. Nunca foi, nem antes nem depois. Não houve magnetismo. Fui seu ímã, ela apenas parede fria. E áspera. Eu tentava me agarrar, mas caía o tempo todo.

A paixão nasce de um tranco. Um flash. Quando a vi pela primeira vez, a chave dos seus olhos ligou o meu motor. Mas meu olhar não ativou nela ignição alguma. Até hoje julgo ouvir o barulho de um carro afogado fazendo aquele nhe-nhe-nhém que, agora sei, não iria a lugar nenhum. Essa foi a minha tentativa de fazer seu motor ligar por mim: um inútil nhe-nhe-nhém. Como apertar o botão de um elevador parado, sem energia. Ele jamais vai até você, não importa se você aperta o botão uma ou mil vezes.

Comprei anel, ela achou muito antiquada a atitude. É *démodé*, disse. Então propus, moderninho vacinado, casar só no civil. Ela deu uma risada e perguntou em que século eu vivia. Segurei pra valer a lágrima que queria descer dos olhos quando entramos pela primeira vez no apartamento que dividiríamos. Comprimi os lábios, fingi um

cisco, a lágrima se recolheu, contrariada. Ana acreditou no cisco e quase se ofereceu para soprar meus olhos. Senti mesmo que ela quase se ofereceu. Eu lia o quase como uma manifestação de carinho dela e isso me bastava para ser feliz.

Insinuei uma viagem e ela tirou sarro — uma lua de mel? Mas aceitou ir ver o mar.

Quinze anos apaixonado. E ela se apaixonou em quinze segundos pelo homem sentado no banco da praça, que via o mar.

Não ser apaixonado é condição básica para ser apaixonante. Isso é o que dizem esses seres que habitam meu escuro. Que eu chamo de monstros, repito, sem saber bem por quê. Parecem ter se acostumado à escuridão e já não esbarram nas coisas com tanta frequência. Conversam de modo confortável, acendem cigarros, tomam café, dão suas risadas.

O homem via o mar. Além do mar, a linha que o divide de um céu. Apesar do olhar perdido, resolvi abordá-lo, dizendo boa tarde, estou perdido, você sabe onde fica a igreja? Ele disse que fazia sentido eu querer rezar porque eu tinha muito a agradecer. Mas disse isso olhando para Ana, e sorrindo para ela. O motor deu a partida, o elevador carregou-se de energia e atendeu o chamado, o sorriso de Ana para o homem que via o mar era diferente da risada que ela dava de mim. A boca não fazia nada muito diferente do costume, distendendo-se, mas os olhos sorriram junto. E nada mais revelador do que olhos sorridentes. A lágrima que contive quando mudamos para o apartamento me perguntou posso sair agora? Eu inspirei fundo, como se sugasse o ar com os olhos, a lágrima novamente tragada pra dentro de mim. Na frente do homem que via o mar, Ana propôs que eu fosse à igreja sozinho. Ela queria outras imensidões. Eles falavam comigo, mas se olhavam entre eles. Vai, José, vai procurar a tua igreja. Vai, José, você precisa mesmo rezar para agradecer. Pus a mão no ombro de Ana, mas minha mão pousou em falso. O ombro dela descia junto com o resto do corpo, que se sentava no banco.

Os costureiros infiéis da memória e a imaginação que projeta inexistências (ou: os seres que habitam meu escuro e conversam na sala de estar e ser da minha cabeça) me sugerem reconstruir o outrora agora. Ana, dê licença, deixa eu olhar o homem sentado no banco, me deixa observá-lo longamente, ver detalhes, os cabelos grossos e lisos, como o nariz se encaixa no rosto, qual o desenho da boca, se as orelhas são simétricas, a barba sem redemoinhos, de que modo o pescoço sustenta a cabeça, como o ar vibra nas cordas vocais, se trejeitos com as sobrancelhas, um maxilar protuberante, o que tem ele que faz você soltar esse sorriso de rosto inteiro, despenteado e chacoalhante. Homem do banco, fale comigo, quinze anos contra quinze segundos. Olhe pra mim e diga se meus cabelos não são mais bem cuidados que os seus, se meu nariz não harmoniza melhor com a minha boca. Está vendo esse pomo de Adão? É ou não é mais viril? Minha voz é mais aveludada que a sua.

(Quando adolescente, esforcei-me por parecer fracassado para fazer um amigo sobressair. Fiquei feliz por alimentar nele a mesquinha. Ele ficava bem por me ver menor e poder me pisar. É ou não uma atitude nobre?)

Puxei Ana pelo braço e a levei para o hotel, em frente à praça do banco e do mar. Depois pedi desculpas. À noite, disse que precisava passear sozinha. Da varanda, o escuro ampliou-me as imagens. Vainvens de vultos, casais indistintos, qualquer um poderia ser Ana e o homem do banco da praça do mar. Todos eram Ana e o homem do banco da praça do mar. Os beijos molhados à luz amarelada e frágil da praça eram de Ana. À sombra das luzes, na rua paralela, Ana também se deixava agarrar. No outro canto da praça, Ana era quem agarrava com força nunca vista. Enquanto eu observava a oitava Ana da noite, ela entrou pela porta do quarto, tirou a roupa e me esperou. O escuro a esconder o olhar e a tornar imagináveis todos os olhares. A dúvida de mil torturas, de tanto doer, amorteceu.

Homem do banco, como tornar-me outro? Eu precisava tornar-

me outro para merecer uma Ana inteira, sem metades nem metades de metades, migalhas. Eu precisava me apagar, começar de novo meu jeito de ser visto pelo olhar viciado de Ana, que só enxergava em mim o rosto de sorriso suplicante, a mão áspera querendo alisá-la sem jeito.

No dia seguinte, fiz semblante sério e decidi falar com firmeza. Esperei-a para o café e as palavras já estavam prontas para sair, duronas, Ana, cansei desse lugar, vou embora. Ensaiei inspirado em ator de novela, em galã. Antes de dizer o Ana, porém, a lágrima de sempre, aquela tantas vezes recolhida, impediu qualquer voz, tornou-a sua refém, estrangulou a garganta e só deixou sair o silêncio. Cansei desse lugar, vou embora, foi Ana quem disse.

Voltamos para a cidade. Mas ela trouxe uma lembrança perene da praia. Na noite das muitas Anas, ela engravidou. Duas vezes retornamos para ver o mar, ela pedira, e dava seus passeios pela praça à noite enquanto eu, da varanda, via meus monstros povoados o escuro.

Algumas vezes vomitou nas minhas mãos em concha. Outras vezes grudava a concha aos ouvidos para evocar o barulho das ondas. Enjoava como se estivesse em alto-mar. Mas estava em terra firme, e talvez isso a nauseasse. Minhas perguntas sempre covardes. Você está bem, quer alguma coisa, um travesseiro a mais nas costas? As perguntas corajosas sob a tocaia da lágrima contida e ameaçadora. As perguntas corajosas tinham medo.

Enquanto a barriga crescia, vi Ana desaparecendo. Em plena luz do dia e sem enxaquecas, ia fechando as janelinhas e se recolhendo dentro de si. Com a frágil ponte entre nós ainda mais enfraquecida, rompeu-se a corda. Viramos pedaços de ponte sem ligação. Ou lagos, sem rios. Fluxos interrompidos. Poças que não se comunicam e vão secando. Demos até de falar sozinhos. Eu era atacado por crises de enxaqueca e me entocava no quarto escuro. Ana não se mexia muito, dava um pequeno espaço na cama e permanecia lá, a barriga crescendo, ela diminuindo. Lado a lado, ouvia seus sussurros consigo mesma enquanto eu ruminava minhas próprias incompreensões.

Mas não estávamos loucos. Não se tratava do caso de alguém arrombar a porta do quarto com duas camisas de força, injeções ou choques. Qualquer eventual visita que aparecesse, levantávamo-nos, oferecíamos um café, um cigarro, ríamos um pouco sobre as coisas que nos prendiam à vida.

A enxaqueca não é inimiga do tato, repito. Sinto o menino aqui comigo, deitado de lado, ressonando já há mais de uma hora. Sua cabeça está aninhada na minha axila esquerda, meu braço e tórax servindo de guarida. Minha mão direita percorre seu corpinho de dois anos. Tateio seus pés descalços, aperto-os com gosto e carinho. Toda a palma da mão atenta, sensível ao contato, buscando a máxima área de toque. Vou subindo até tocar sua bundinha redonda já livre das fraldas, toda a barriga e peito crescendo e não mais cabendo no diâmetro da minha mão que, quente, passeia agora pelo seu rosto, bochechas. Tudo é muito delicado.

Tenho um metro e noventa e seis. A altura disfarça minha silhueta rechonchuda. Se eu encolhesse mantendo a proporção das medidas atuais, seria um bebê perfeito, bonito e engraçado.

No escuro, os monstros me ditam a imagem: que tamanho deveria ter um ser que envolvesse meu corpo de adulto em seus braços da mesma forma como abraço os noventa centímetros de meu menino? Estampa-se então na câmara escura um ser imenso a me acocar em sua axila esquerda, circum-navegando-me. Quanto ele mede? Três metros, três metros e meio? Quatro? Meus pés sentem a palma de uma mão enorme envolvendo-os e apertando-os com força e carinho. Essa mão gigantesca e vigorosa sobe pelo meu corpo, me arrepia, passa por entre as coxas, bate de leve e acaricia minha bunda. Carinho, só carícia, sem malícia, só delícia, a mão continua seu passeio enternecido, dedos descomunais em torno de meu queixo e pescoço, bochechas rutilantes tocadas por essas mãos em concha, oceano de pele, unhas e ossos abrindo picadas entre meus cabelos.

A mão gigante não é predadora, mas seu toque me encolhe. Mais trocadilhos fáceis: me escolhe, colhe, recolhe, me acolhe. Meu corpo é a planta dormideira, a mimosa pudica.

Encolhimento não é fuga, é aconchego de feto em útero.

Quanto a Ana: transfundi-se no menino. Vida que se foi aos pouco passando de um corpo a outro. É da norma termos um filho e ensinarmos a ele algumas coisas sobre o mundo antes de morreremos. Veja, meu filho, eis alguns caminhos possíveis, agora me vou, adeus. Mas Ana preferiu não esperar, preferiu passar-lhe o bastão da corrida sem instruções. Vai, meu filho, segue você porque eu cansei. Morreu quando ele nasceu. Não sei com que requintes de exatidão, mas assim foi. É bonito pensar que foi o último sopro de Ana que insuflou os pulmões do menino. O último gemido deu a ele a voz.

Ana sempre foi meu labirinto. Sem João nem Maria, na floresta em que me perdi as migalhas jogadas pelo caminho serviram para me desorientar mais. Pena não terem surgido passarinhos para sumir com as migalhas atiradas ao chão. Eu poderia ter me achado. Poderia ter erguido o olhar e visto adiante. A cabeça baixa, porém, sempre foi meu vício.

É que o caos tem seus métodos. Ele desarruma e propõe na desordem. Mas não sei ler desordens. Se estou aqui junto ao menino e ao ser imenso — que me encobre com as mãos em concha — cerzindo um passado aos pedaços mergulhado na infidelidade da memória, à frente tenho um futuro inexistente, página em branco prometendo um devir escuro. A imaginação não consegue projetar. Um dos monstros talvez tenha cochilado, não me sugere nada, não me dá pistas sobre que caminhos preciso desenhar no compasso do tempo.

O menino acorda, eu desperto. Também o ser imenso que me impunha as mãos com a força de dez touros. Acariciamo-nos, eu ao menino, o gigante a mim. Encolhemo-nos, o menino e eu. Daqui a pouco, os sentidos todos voltarão a funcionar e eles vão me distrair. Alegro-me. Preciso ser distraído, beber as cores do mundo e ouvir o

rosto do menino descabelado e sonolento. O gigante sumirá e talvez não volte mais à minha lembrança, ou talvez retorne apenas como um resíduo distante da memória. Rirei dessa imagem criada durante o tempo em que os sentidos ficaram desmaiados. Onde já se viu? O que o torpor é capaz de produzir, conversarão os sentidos entre si, de volta ao controle. A culpa é da enxaqueca, dirão eles enquanto, abismados, expulsam os seres que haviam tomado posse da sala escura. Saiam pra lá, malucos. Hora de abrir as janelas, deixar a casa arejada, limpar os cinzeiros, espanar poeiras, colocar a consciência no sol, pendurar as lágrimas no varal.

O fim da enxaqueca vai me dar fome. Também eles devem estar famintos — quanto não deve comer esse sujeito de quatro metros? Mas ele, daqui a pouco, vai sumir. Sim, ele vai sumir, não me dará despesas de nenhuma ordem, nem desordens. Restaremos somente nós dois, meu menino. Tua mãe, os monstros, o gigante, eles serão apenas seres longínquos abafados pela força colorida e violenta da vida que entrará pelas nossas portas e janelas escancaradas.

Sorriremos de verdade, com pipoca e macacos no zoológico. Você pegará na minha mão, ela me parecerá gigante. Mas não vou me encolher. As inexistências que nos perdoem.

Cezar Tridapalli (Curitiba, 1974) estudou Letras e fez mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR). É tradutor da língua italiana e autor do romance *Pequena biografia de desejos* (2011). Em 2014, lançou seu segundo livro, *O beijo de Schiller*.

Aula de reforço

CRISTOVÃO TEZZA

Estava distraída e quase deixou queimar o pão, olhando pela janela da cozinha, quando o telefone tocou — uma, duas, três vezes. Correu, pegou o fone e voltou a tempo de salvar o pão.

— É a professora Beatriz?

Demorou a responder — o “professora” soou repentinamente estranho, como se não fosse ela.

— Sim?

— É o meu filho. Ele vai fazer vestibular. Não é que ele escreva mal, ele é muito inteligente. Mas precisa de um reforço. De um reforço em tudo — é muito dispersivo. Falaram muito bem de você! Disseram que você faz milagres. Você faz milagres? — e a mulher riu.

Beatriz arriscou um diagnóstico prévio: mãe dominadora, com um certo humor invasivo, o que duplica o perigo. Mas ela estava mesmo precisando de aulas extras.

— A gente tenta fazer milagres. Às vezes não dá certo — acrescentou, arrependendo-se em seguida. Mas a mulher não ouviu:

— Você está disponível? Poderia começar hoje mesmo?

Beatriz preferia quando perguntavam antes o preço da aula. Falar de dinheiro é sempre desagradável — as pessoas baixam a voz, olham para os lados, disfarçam, cheias de dedos. Parece que somos todos traficantes nesta vida, pessoas sujas que escondem o dinheiro na bolsa e só o mostram olhando para os lados, suspeitosas — e era como

se Beatriz visse a imagem que pensava. Mas algo lhe dizia, pelo tom de voz, que essa mulher pagaria bem, sem chiar. Essas pessoas que querem tudo para ontem e bancam a exigência.

— Só um minutinho, senhora.

Colocou o telefone na pia, tirou o pão da frigideira, com capricho, e colocou sobre um pires. Parecia bom, tostadinho sem queimar. Retomou o fone:

— Pode ser à tarde? À tarde estou livre. Às duas, está bem?

Estava.

— Mas talvez fosse bom nós duas conversarmos antes sobre o meu filho. Eu poderia lhe dar uma orientação. Ele é um menino... como dizer?

Não diga.

— Tudo bem, só que... o seu nome? Ah, dona Sara, a gente conversa, sim, é claro. Mas agora tenho de sair correndo. A senhora me passaria o endereço?

Desceu do ônibus próximo da rua transversal que cruzava a avenida Batel — região de gente rica, principalmente naquela sequência de três prédios para onde ela estava indo, procurando o número, 227, é ali, o prédio do meio. Pensou que talvez devesse ter vindo com uma roupa menos informal, aquele uniforme jeans, tênis azul, blusa branca, laço no pescoço, a pasta com os textos na mão, mas subindo a rampa da portaria se distraiu, bobagem, estou muito bem, mentiu, lembrando da farmácia em que teria de passar na volta. Estava deprimida. Diante do porteiro, ficou muda, uma impaciência não localizada na cabeça. Parece que a minha vida é me identificar com porteiros — sou uma vendedora de pizzas, e a ideia de que disse isso em vez do “Beatriz” suspirante que de fato confessou acabou por distraí-la novamente. O porteiro falava baixo no interfone; talvez ela fosse recusada e voltaria para a rua sem jamais conhecer o garoto dispersivo (hiperativo? déficit de atenção?) que precisava de um reforço, mas o porteiro agitou-se, levantando-se como quem súbito descobre que

está diante de alguém realmente importante, o médico na urgência, o encanador que vai resolver o dilúvio no banheiro, o técnico da televisão cinco minutos antes do penúltimo capítulo da novela.

— Por aqui, senhora!

Solícito — a espinha já se curvando, os passos rápidos até o elevador, no qual se atirou em três passadas para abrir a porta antes que, vindo da garagem, ele se fosse para o alto, é no sétimo andar, uma medida respeitosa diante da *senhora*, Beatriz sorriu, *senhora*, e desejou ardente um espelho para avaliar os 28 anos incompletos, mas deu de cara com um cãozinho repolhudo que latiu três vezes, um latido fino, agudo, irritante, aliás como a dona, esta sim uma senhora, que gentil pediu desculpa:

— Desculpe, mocinha. Essa menina aqui é muito espevitada! Muito es-pe-vi-ta-di-nha! — esfregava o focinho no focinho do bicho: — Sua bagunceirinha! Fica latindo para as visitas! Que feio!

Será essa a mulher? — assustou-se Beatriz, mas não; no quinto andar a senhora pediu licença e saiu do elevador; o cãozinho latiu de novo, quase pulando do colo da mulher para morder Beatriz. A porta se fechou e ela ouviu mais repreensões da mãe para a filhinha, que sumiram em *fade out* até que o sétimo céu, o sétimo andar, corrigiu-se ela, estou maluca, se abrisse e uma mulher grande lhe estendesse os braços que também pareciam enormes:

— Professora Beatriz!?! — Parecia uma velha tia, vendo a sobrinha cinco anos depois; só faltava dizer *como você cresceu*, mas chegou perto: — Você é uma gracinha de menina! — e os braços se esticavam, as mãos nos ombros de Beatriz, avaliando a peça. — Eu não sabia que você era tão nova! — Puxava-a pela mão: — Venha por aqui, vamos conversar.

Atravessou o breve *hall* cheio de peças douradas, plantas e quadros, percebendo que no prédio havia um só apartamento por andar, e em seguida passou pela porta imensa que dava a uma sala igualmente imensa com uma profusão de tapetes, mesas, poltronas, cores,

luminárias, cortinas, tudo muito limpo e sólido, nenhum livro nas paredes, mas o olhar não conseguia se deter, a mulher era rápida — num momento, viu um vulto que apareceu na moldura de uma porta, e sumiu em seguida, como quem se esconde. E agora estava sentada diante da mulher, numa mesa de uma outra sala, menor.

— Que bom que você veio — e sorriam os olhinhos miúdos da mulher, os cabelos vermelhos em torno de um rosto redondo como uma bolacha recheada, bochechas salientes logo acima de dois queixos discretos acima de um pescoço curto. Havia entretanto uma perquirição residual no olhar, alguém que ainda precisa se convencer de que está fazendo um bom negócio.

Tímida, Beatriz restou desconfortável naquele breve momento, em busca do que dizer; a ideia de que provavelmente seria bem paga (na mesa nua, havia apenas um silencioso talão de cheques com uma caneta atravessada, a um palmo da mão direita, gordinha, de dona Sara) contrabalançava-se com a ideia de que aquilo seria muito chato.

— O Eduardo (a gente chama ele de Dudu), o Dudu é muito dispersivo. Rapaz inteligente. — Ela baixou a voz: — É filho do meu primeiro casamento. Você é solteira? Ele...

Seria o vulto da porta? Aliás, com todas as portas escancaradas, o Duduzinho estaria ouvindo a interminável metralhadora. A clássica mãe superprotetora com sentimento de culpa. Isso cansa. Num lapso, Beatriz lembrou o aborto que fez, sete meses depois de casada, e levantou-se, súbita, olhando para o relógio, ainda tentando ser gentil:

— Dona Sara, eu tenho outra aula às quatro. Talvez a gente deva começar.

— Isso mesmo! — concordou dona Sara imediatamente, levantando-se também, decidida, como se fosse dela a ideia de começar logo. — Faça uma avaliação e conversamos!

De volta à sala maior, ela se viu enfim diante de Dudu, ao centro de uma mesa humilhante de tão pesada e bonita, um de cada lado, como numa conferência da ONU. Um garoto bonito, delicado, inse-

guro e tímido, as mãos enormes sobre a mesa, pontas visíveis de uma alma ainda incompleta; custou a olhar para ela; quando olhou, ela imaginou ver lá no fundo dos olhos azuis um pedido de socorro, mas isso era só uma transferência do sentimento dela, quando enfim dona Sara desapareceu dali, ainda que deixando todas as portas abertas; não parecia uma casa; parecia um conjunto de salões e corredores. Uma aula particular é uma consulta médica, ela fantasiou — é preciso privacidade. Praticamente cochichavam:

— Eduardo, vamos fazer alguns exercícios, só para eu conferir como você está. Tudo bem?

Percebeu nela mesma o tom quase severo da professora, o breve peso da autoridade que compensa a insegurança diante de uma situação nova; talvez o menino se sentisse traído, imaginou. De qualquer modo, sentiu-se bem: estava no seu papel, e era sempre um prazer descobrir o que as pessoas sentem quando escrevem, o que elas escrevem, o mistério daquelas palavras sofridas em sequência. Cada caso era mesmo sempre um caso, negando o chavão com um chavão. Vamos ao trabalho, disse ela, apresentando-lhe uma folha impressa que tirou da pasta: junte as duas sentenças em uma única frase, fazendo as modificações necessárias. Primeiro: *O homem fugiu. O casaco do homem era verde.* Segundo: *Estava chovendo. Ele saiu sem guarda-chuva.* (Use “embora”)

Dudu era canhoto. Enquanto ele escrevia um tanto penosamente — a letra quase ilegível, Beatriz avaliou, de ponta-cabeça, enquanto as linhas saíam da caneta esferográfica que ele tentava esmagar com os dedos —, ela chegou a ver mais uma vez a cabeça de dona Sara lá adiante, como uma aparição, desaparecendo em seguida. Talvez ela queira que a gente fale mais alto, para poder nos ouvir. Conferiu o resultado, que o garoto estendeu lentamente, talvez temendo a resposta: *O homem que o casaco era verde fugiu. Embora chovendo, ele saiu sem guarda-chuva.* Ela sorriu, estimulante. Ele não conhece o *cujo* e não sabe usar subjuntivo. Em duas frases, o retrato inteiro para um estudo

de caso. A segunda frase não estava tecnicamente errada, ainda que ambígua. Ficou tranquila: teria serviço para alguns meses. Estavam em abril, o vestibular é em dezembro. Estendeu para ele uma outra folha, com um texto informativo de três parágrafos sobre o desmatamento na Amazônia.

— Leia em voz alta esse texto. Eu vou fazer algumas perguntas, a gente conversa um pouco, e então você escreve um resumo usando 50 palavras. Tudo bem?

— Você não quer um cafezinho? — a voz da mulher reapareceu lá de longe, alta, como quem chama alguém no outro lado da rua.

— Não, obrigada, dona Sara. É melhor a gente se concentrar na aula.

Uma ligeira repreensão no tom de voz. O rapaz olhava para o texto, sem ler, visivelmente pensando em outra coisa — e então estendeu a mão e pediu licença para conferir de novo as frases que havia escrito.

— Eu poderia usar o “cujo” aqui? Tipo, *o rapaz cujo o casaco era verde fugiu?*

Ela sorriu, animada:

— Sim, é claro; seria o justo. Mas não “cujo o”; apenas “cujo casaco”. As expressões *cujo, cuja, cujos, cujas* já incluem o artigo.

— Mas ninguém fala assim. Todo mundo diz *a pessoa que o casaco*. Ela sentiu que ele queria marcar território.

— Certo! Mas escreve-se assim. É a chamada língua padrão, norma culta.

— Eu imaginei que a pessoa nessa frase estava falando e não escrevendo.

Ela conferiu nos olhos dele: havia um toque de humor. Apenas uma breve pegadinha, não uma provocação. Sorriu:

— Sim, você está certo. O registro da frase não estava adequado. Que ótimo que você percebeu! Vamos à leitura?

Ele lia razoavelmente bem, com uma voz quase feminina. Atrapalhou-se apenas com uma sequência de orações subordinadas, que ele

teve de refazer para que acabassem em pergunta; e não sabia o que significa *diáfano* e *rotundamente*. Ela explicou — e sugeriu que ele comprasse um dicionário.

— O dicionário é fundamental para quem escreve.

— Eu tenho a versão eletrônica no computador.

O resumo não ficou bom — ele queimou as 50 palavras apenas com o assunto do primeiro parágrafo —, mas o texto estava até razoável: só um erro de concordância (*acontece queimadas todos os meses*) e outro de ortografia (*encontrarão* por *encontraram*). Enfim: estava diante de um caso típico. Já tinha praticamente um curso completo destinado a ele, só venderia a mão de obra — e quando dona Sara se aproximou, uma hora depois, conclamando-a para tomar um café, começou a pensar no preço que cobraria. Súbito, o rapaz desapareceu e ela se viu diante de outra mesa, em outra sala, tendo de decidir entre o chá e o café. Havia uns cinco tipos de bolachas — uma empregada uniformizada surgiu de lugar nenhum, depositou outra bandeja e se retirou em silêncio para o fundo de um corredor de onde vinha o som distante de uma televisão. Beatriz começou a se sentir desconfortável, a mão quente da mulher sobre o seu braço *E que tal o meu filho? Não é inteligente?* Sim, sim, ele é ótimo, ele é muito melhor que a senhora, ela quase disse, *E sabe o que eu ia propor a você, eu achei que ele gostou tanto de você que* — e Beatriz se serviu de café, apenas café, e escolheu um modelo de bolacha que parecia apetitosa, e era — *que eu estava pensando se; mas se sirva, por favor*. Oitenta reais — não, é muito. Se o meu padrão é quarenta, posso pedir cinquenta, talvez sessenta a hora, ela calculou, quem sabe duas, três aulas por semana, isso representaria um desafogo bom enquanto ela — enquanto ela o quê? O café estava bom, forte, e ela pôs um pouco mais de açúcar, esperando o momento para encaixar seu preço, mas dona Sara falava sem parar *sim, sim, eu digo mesmo sair com ele, respirar um pouco outro ar, acho que a minha presença* — ela baixou a voz para confessar — é um tanto, assim quero dizer, eu intimidado, sabe? Ele está nessa fase

terrível. Mas do que essa mulher está falando? — e pegou outra bolacha, sentindo a clássica pontada no pescoço que sempre reaparecia em seus momentos de tensão. Bem, a aula pode ser em outro lugar, é claro, ela acabou dizendo, sem oferecer a própria casa, embora fosse o ideal, não precisaria pegar ônibus — *Ir ao cinema, eu digo, temas de redações, tudo isso seria muito bom para ele, escrever sobre a vida*, os dedos quentes de dona Sara como que pediam socorro e desculpa ao mesmo tempo, apertando-lhe suavemente o braço, enquanto a cabeça se aproximava, *isso seria muito bom e vocês ficariam à vontade, compreende? Até na mesa de um barzinho, se fosse o caso* — e colocou a mão na boca, um escândalo envergonhado: — *Eu acho até que ele é virgem!* — e deu uma risadinha nervosa. Na verdade ela não quer saber como o filho escreve, surpreendeu-se Beatriz, a bolacha na boca, como uma ficha que entala — *Ele passa o dia no computador e isso não é bom, é — bem, ele precisa ver gente, nem tem namorada, nada, e isso afeta o estudo, é claro. Mais café?* Enfim mastigou a bolacha, lentamente, pensando: oitenta reais e desaparecer por aquela porta para nunca mais voltar. Controlou o desejo de se erguer súbita e sair dali. Viu a mulher estender o pratinho — *experimente esse, de amora, é uma delícia de recheio* — e depois puxar para si o talão de cheques que não saiu da mesa em nenhum momento, como uma boia de segurança:

— Pensei em cem reais a hora cheia, Beatriz. Está bom para você?

Uma letra rápida e criptográfica preenchia o cheque, quase que antes mesmo de ouvir aquele “sim, mas” tímido que ela balbuciou tentando articular uma estratégia qualquer que colocasse as coisas nitidamente nos seus lugares para todo o sempre, o que afinal essa bruxa está querendo de mim? — *Aqui está o telefone dele, você pode marcar com o Dudu mesmo*. E virou-se para o vulto da empregada que reapareceu no corredor, *Fulana, eles vão entregar o baú daqui a pouco*, e a mulher disse, a voz séria e rouca, *Sim, dona Sara*, e Beatriz viu-se quase abandonada na sala, dona Sara desculpou-se, *comprei*

um baú lindo, tinha o que fazer, *obrigado, menina, você é ótima*, um fantasma que troca súbito de *script*. Levou outro susto ao ver diante do elevador a figura alta de Eduardo, abrindo gentil a porta para ela, e ela temeu que ele descesse junto para acertarem os detalhes, mas não — ele só queria dizer, sussurrando, *Desculpe, minha mãe é louca. Ligue diretamente para mim* — e antes de a porta fechar ela viu o vulto da mãe reaparecendo lá adiante, discreta, contemplando a despedida, como quem confere se tudo correu de acordo.

Dois andares abaixo, o cãozinho latiu de novo de algum lugar distante no espaço. Ela lembrou que teria de passar na farmácia, e abriu a bolsa para conferir se o cheque estava mesmo certo.

Cristovão Tezza (Lages, SC, 1952) vive desde 1961 em Curitiba, onde se dedica à literatura. Publicou quatorze livros de ficção e uma autobiografia literária. Tem obras traduzidas em quinze países.

Rita Ritinha Ritona

DALTON TREVISAN

Aos 13 anos, Ritinha floriu numa orgia de beleza. Toda graças e prendas. Foi um susto na família. Um espanto entre as amigas. Uma surpresa a cada desconhecido.

À sua passagem, os cãezinhos a passeio presos na coleira davam duplos saltos-mortais de alegria. Nas janelas, os vasinhos de violeta batiam palmas para lhe chamar atenção. As pedras mudavam de lugar na calçada, cada uma disputando o afago do seu pezinho. Os semáforos se acendiam em onda verde, não atrasá-la caminho da escola. Um bando de garças voou lá do Passeio Público para vê-la.

Desde menina dançou balé, estudou inglês, atirou-se do trampolim mais alto na piscina. Tinha seu próprio quarto, com tevê e computador. Cartazes de Paul McCartney e *O beijo*, de Klimt. Uma foto do selvagem Brando.

Aos 15 anos, de um dia para outro, segundo susto, novo espanto, maior surpresa. No seu corpo aconteceu um milagre da natureza: ó delírio de curvas, doçuras e delícias!

Ao vê-la da primeira vez, você logo suspirava: *Ai, Rita, meu amor!* De Joelho e mãozinha posta. Igual se deslumbrou diante do mar nunca visto — as grandes ondas rebozantes desse mar de olhos verdes, despenteando ao vento as longas melenas loiras de espuma. E, tocado de tal assombro, gerará para sempre: *Ai, Ritinha, Rita, Ritona!*

Para ela, cada dia era uma festa. O telefone da casa nunca mais parava de tocar. Um namorado novo toda semana, às vezes dois ao mesmo tempo. Nunca chegava sozinha e sim num arrastão de amigas, tagarelando e rindo — alarido festivo de baitacas em revoada.

Ao seu lado, todas ficavam feias e pálidas. Perturbada com o próprio esplendor, buscou em vão esconder a beleza e exagerava no disfarce. Setenta e sete tipos diversos de brincos. Correntinha no tornozelo. Mil cores de batom para combinar com a roupa. Unhas também coloridas, miniatura em cada uma. Um armário de minissaias.

Nas temporadas de praia, Rita namorou quanto banhista possível. O vizinho tinha gêmeos. Num verão foi um dos irmãos; no seguinte, o outro. Resistir, quem podia? Estrela rósea do mar, em quatro modelos de biquíni. Chapéus, cangas, sandálias. Mil presilhas e elásticos no cabelo. Arsenal devastador para uma jovem matadora de corações.

Foi a todas as festinhas consentidas pelo catolicismo dos pais — e sem permissão a outras tantas. Sob a mansa beleza, não se iluda: uma leoa rondava lá dentro. Às proibições sempre injustas, segundo ela, reagia com violência, aos gritos. Ai de quem a enfrentasse:

— Não pode, mocinha. Papai não deixa. Deus não quer.

Os grandes olhos verdes trovejavam raios. Na sequência de argumentos, Ritona era fulminante:

— Que é que tem de mais?

Agressiva:

— A vida é uma só.

Vencendo definitiva a discussão:

— Eu não pedi para nascer.

Na celebração dos 16 anos, disputada pelo bando de amigas (do colégio, do inglês, do balé, da igreja, da vizinhança) e pelos ex, atuais e futuros namorados. Rita afirmou o seu direito a tudo: banda ao vivo, o vestido decotado, cabelo e maquiagem de mulher. Valsa com o pai, o avô, o irmão e o amigo mais íntimo. Mil damas de honra, cada uma com uma rosa na mão — ela a rainha única da festa.

Foi a sua última festa.

Pouco depois conheceu o José. Não sei onde nem como. Suponho que em algum evento de jovens ecumênico, porque ele é calvinista. As igrejas gostam de promover atividades esportivas e culturais para adolescentes e jovens. Em todo caso, não sei. Só que, ao vê-lo, Rita sentiu no peito doendo fininho sete alfinetes de fogo.

Ele foi a sua ruína. Quando começou, ninguém se apercebeu — apenas mais um de uma longa lista. Após dois, três meses, começaram a ficar impressionados. Tomara juízo afinal e assentava a cabecinha naquela sucessão frenética de casos?

Passado meio ano, a família decidiu reparar no rapaz e descobrir o que a filha via nele. Até então, o José aparecia uma e outra vez em algum aniversário. Mais não fazia que cumprimentar de longe. Quieto no seu canto, com ninguém falava. Opinião unânime: bonito não era. Nem interessante ou divertido. Porte atlético? Nunquinha: magrelo e esquelético. Ao aparecer de calção na praia, verificaram que as pernas, além de cabeludas, eram cambais. Quais podiam ser os seus atrativos secretos?

A essa ausência deles, Ritinha respondia com olhos submissos e alumbrados — bem suspeitaram fosse presa de algum feitiço. Era a mesma rebelde que despedia os pretendentes com enfado e arrogância? Até a vez dele fora tão louca, festeira, prepotente. E a família aceitou aliviada aquele namoro exclusivo. Por isso custaram a notar as pequenas mudanças no seu comportamento.

A maquiagem foi aos poucos sumindo, ao José não agradava. Batom vermelho-fogo nunca mais. As saias aumentaram, agora mais compridas que as da mãe, abaixo do joelho. Salto alto nem pensar, ficava um tantinho maior que ele. Das amigas foi se afastando, uma a uma. Para o José, esta era muito exibida. Aquela, má companhia. Uma terceira, invejosa.

Às festas só podia ir com ele. E como ele não era de festa... As bijuterias, correntinhas, brincos, deu à irmã caçula. E, para consternação

da família, surgiu na praia — oh, não — de maiô preto inteiriço. (Lá de longe eis que vinham as pequenas ondas, uma atropelando a outra, na ânsia de ser a primeira a beijar em flores de espuma os seus róseos pezinhos.)

Desgosto da mãe: começou a frequentar o culto calvinista. Desespero do pai: desistiu do inglês. Na reunião urgente da família, Ritona se defendeu com a antiga ferocidade. Os pobres pais reconheceram desiludidos que tudo era inútil: proibição de sair, mesada reduzida, ameaça, sermão e lágrimas. Uma só concessão ela fez: concluir a graduação do inglês.

Já que ela não saía, o José passou a frequentar diariamente a casa. Quando ao inglês, estudavam juntos — e o que podia agora os pais alegar? No caso de festa muito especial (um grupo do colégio, uma amiga, um clube), o distinto se recusava a ir. A guerreira adormecida se insurgia, pronto a desafiá-lo. No início conciliadora, pedia e suplicava. Afinal:

— Então vou sozinha.

— Pode ir — ele não discutia. — Só que está acabado. Entre nós tudo acabou.

Covardemente, a leoa lambia a mão com o chicote.

Às vezes iam ao cinema. Ele esperando na sala. Ela chegava lindíssima, a cabeleira de fogo e mel, o vestido vermelho novo — os seios de cornucópia à vista com todos os frutos da terra.

— Ah, não. Esta saia é muito curta.

— Com você assim eu não saio.

— E esse cabelo? Não tem escova?

Nunca um elogio. Ritinha voltava chorando ao quarto. Calada, trocava de roupa. E acabavam não saindo.

Passados um, dois anos, a família odiava o nosso maniqueísta da saia curta, o discípulo fariseu de Calvino, o capeta de bigodinho que roubava da garota o riso, a luz, o verde dos olhos. Então era tarde: ela fez 18 anos. Agora maior e senhora do seu destino.

José vem todo dia jantar na casa. Filho único de uma viúva de militar, da qual tem vergonha e mantém escondida. Rita enfeita o seu lugar à mesa: todos os quitutes ao alcance da mão. Aí, o patê de salmão que o tipo gosta. O presunto cru que o fulano gosta. O queijo fresco que o tal gosta.

A família mal o tolera. Às vezes retiram-se antes dele chegar. Ao distinto (evitam pronunciar o seu nome) é indiferente, serve-se com o apetite de sempre. Não conversa. Você só escuta a voz amorosa de Ritinha:

- Hoje na aula de Anatomia...
- Estou pensando se você...
- Que tal o tempero, amor?
- Aceita mais um pouquinho de...

Foi então que aconteceu. No seu monólogo se referiu quem sabe a algum novo passo de dança. Ele acabou de comer, cruzou os talheres e decidiu o fim do balé. A moça não podia acreditar:

- É o que faço desde pequena!
- Bem por isso. Já foi bastante.
- O que mais adoro!
- Mais que a mim?
- Não... não...

Agora é demais. O tirano de desmanda no seu poder absoluto. Uma tragédia para ela. Um escândalo para a família, que exulta: chegou a hora da verdade. Sem falar, Rita se recolhe ao quarto — todos à espera do rugido da leoa.

Depois, três dias ele não voltou. A guria chorando trancada no quarto. Ao anunciar enfim que desiste do balé, duramente criticada.

- Quem acha esse tipinho que é?

Ela, uma rainha de Sabá. Ele, um caniço de pernas tortas. Tudo a moça ouve, cabecinha baixa, sem sorrir.

À noite, quem estava lá, se deliciando com o patê e o presunto? Entre beijos gulosos de uma canarinha à sua volta trinando feliz. O amor, essa coisa, sabe como é.

O pai resolve, em desespero, enfrentar o carinha: aos 20 anos, sem emprego fixo, é dependente da mãe, da qual ganha uma pequena mesada.

— Olha aqui, mocinho. Veja esta casa. Veja a vida que tem a Rita. Acha que pode lhe oferecer as mesmas regalias?

— A gente não precisa de dinheiro. A gente se ama. É isso que importa pra gente.

— Só o amor não paga as contas.

— O senhor diz isso porque vive no luxo.

— Ah, é? Luxo que você bem desfruta.

— É só falar. A gente não pisa mais aqui, não.

Interrompidos por um grito de súplica e dor:

— Pai!

O velho baixa o tom da voz:

— Não foi o que eu... Mas pense no teu futuro, moço.

Na primeira oportunidade, em breve ausência da moça, torna ao ataque:

— Você não é marido para a minha filha.

— Quem tem de dizer é só ela. Mais ninguém.

A mãe receia que as discussões provoquem a antecipação do casamento. Sua esperança é de Rita se interessar, nos dois anos finais de faculdade, por algum colega ou médico do hospital. Pouco importa católico ou luterano — basta não seja o abominável fulaninho.

Para aflição geral não é que a garota fala em casar? E, duplo desgosto, na Igreja Calvinista. A família se une em vã tentativa de dissuadi-la. Nenhum de nós o aprecia. Os que não odeiam, mal o toleram.

José continua impávido no seu silêncio. Toda noite, senta-se à mesa e come até se fartar. Ainda esquelético e magro. Na falta do balé, quem engorda é a nossa Ritinha. Mais lindas nas curvas mais sinuosas. Um tantinho triste. E nela mesmo a tristeza lhe assenta bem.

Os viajantes de longes terras, ao falarem da nossa cidade anos depois, se lembrarão apenas — ó alegria para sempre! — da garota

sem nome, vislumbrada alguns instantes, caminhando por entre as nuvens, no seu vestidinho branco de verão.

Se você lhe pergunta:

— Rita, meu amor, vamos ao cinema?

Ou:

À casa da Paula?

Ou ainda:

— Às compras no *shopping*?

A cada vez, Rita, Ritinha, Ritona se agita. Pessegueiro em flor pipilante de pintassilgos. Oh, não, olha para o tipo... Que simplesmente franze a testa.

Ela deixa a tua pergunta sem resposta. Faz um gesto indiferente. E, diante da janela, se põe a falar do sol que brilha ou da chuva que cai.

Dalton Trevisan (Curitiba, 1925) foi o criador da revista *Joaquim*. Publicou, entre outros, as coletâneas de contos *Novelas nada exemplares* (1959), *Morte na praça* (1964), *Cemitério de elefantes* (1964), *O vampiro de Curitiba* (1965), *A guerra conjugal* (1969) e o romance *A polaquinha* (1985). Trevisan já recebeu diversos prêmios por sua obra, como o prêmio Jabuti e o Camões.

Algo rói dentro do peito

DAVID GONÇALVES

Chovia naquela tarde e fazia frio. Até os pássaros estavam escondidos. Os répteis enfiaram-se nos buracos e ocos de paus. As nuvens pesadas comprimiam o ar sobre as árvores, as pastagens e as plantações. Do jipe, desceram três pessoas no terreiro do sítio. Um, o mais velho, tinha barba e cavanhaque e usava chapéu preto. Os outros dois eram moços e usavam fardas da polícia local. Bateram palmas em frente da varanda. Da porta da cozinha, saiu uma mulher. Tinha olhar assustado e parecia que sentia muito frio, a despeito do casaco de malha. Achevou-se ao pé direito da pequena balaustrada que cercava a varanda. O mais velho, sentindo os respingos da chuva gelada, colocou-se à sua frente. Fez um enorme esforço para falar. Parecia que a língua estava presa.

Sabe, dona, sou oficial de justiça. Tenho que cumprir um mandado judicial. Viemos buscar o menino...

O rosto da mulher tremeu e perdeu a cor. Parecia defunta. A pele envelheceu como toque de maldição.

Traga o menino.

Ela não se mexeu. Estava com os pés atados.

Chumbo os prendia ao assoalho.

Não queremos usar a força e olhou para os dois jovens soldados. Sabe, dona, estamos cumprindo a lei.

Com muito custo, ela rolou as palavras na boca.

Sim, eu sei. Vou arrumar suas roupas... a voz saíra engasgada, como pedra rolando no despenhadeiro, rouca, quieta e funda.

Está chovendo muito, dona. Podemos entrar na varanda?

Oh, por favor...

E entrou na casa. Meia hora se passou. A chuva não dava tréguas. O frio enregelava.

Os jovens soldados conversavam animadamente, falavam de uma festa que acontecera em outra gleba.

Uma festa de casamento. No final, o noivo recém-casado, bêbado, ao invés de ir dormir com a esposa, ainda vestida de noiva, montara a cavalo e rumara para a casa de seus pais.

A noiva ficou uma cascavel! Queria separar-se...

Ora, mas também!

No outro dia, de tarde, o pai dele o trouxe de volta, já curado, depois de tomar um rol de chás...Estava envergonhado e assustado.

Ela o aceitou?

Havia outro jeito?

Surgiu na porta a mulher. Segurava o filho pequeno de apenas um ano e dois meses. Tinha os olhos vermelhos. O rosto cadavérico acentuava seus olhos descoloridos que miravam o vazio, o nada.

— Não tenha medo, Cirilo, eles não farão mal algum. Deus te proteja... — a cada palavra mordía os lábios ferozmente.

— Venha, bom menino, não tenha medo — o oficial de justiça quis abraçá-lo, mas o menino se encolheu, chorando, o medo estampado na face.

Foi arrastado até o colo do oficial, que o carregou até o jipe. Voltando-se duas ou três vezes, ia dizendo:

— Não me julgue mal, dona. Cumpro a lei. Não gosto de fazer este tipo de serviço... É minha obrigação...

Lá se foi o jipe jogando barro vermelho em espiral, caminho acima, logo coberto por uma espessa chuva branca. Encostada no pé direito da varanda, a pele amarela esfarinhando, olhos vazios, ficou

a jovem senhora, absolutamente sem vida. Tinha nas mãos duas lembranças da criança: o paninho de algodão que o menino cheirava antes de dormir e a chupeta seca.

| 2 |

Chamava-se Deolinda e procedera mal. Por autoridade de pais severos, casara-se com o filho do fazendeiro Leôncio. Mas não gostava dele. Desde pequena, cultivava sentimentos fundos e secretos por um colono trabalhador, mas pobre. Para os pais, o casamento dela era uma mina de ouro, o caminho da fortuna e da bonança. Para ela, o caminho do inferno. Godofredo, o marido imposto, conhecido arruaceiro, cultivava maus hábitos na cidadezinha.

Frequentava festas e meretrícios, por qualquer palha criava brigas feias, de socos e tiros. Quando chegava em casa, mostrava-se furioso. E tinha um costume: remexia a sobancelha para cima e para baixo, como de propósito, mas era inconsciente. Quantas vezes não fora obrigada a fazer sexo sentindo o bafo azedo da cachaça! Isto a deixava com nojo.

Enquanto isso, o colono que ela amara, desiludido, mudara-se da região e, conforme se versava, casara-se com uma qualquer, pois um homem tinha que ter mulher para apaziguar os ânimos. Quando se chega do trabalho, exausto, o homem deve encontrar a casa varrida, a mesa posta e a cama cheirosa. Afinal, é a recompensa por um dia suado. O casamento por si só não é boa coisa: traz deveres, cerceia a liberdade, exige boa dose de compreensão. Mas se existe amor, os conflitos são devorados um a um; mas se o amor fugiu pela janela ou, mesmo, nunca esteve presente, como no caso de Deolinda, os dias se arrastam tenebrosos. Havia outro empecilho. Godofredo não era fértil. Queria um herdeiro, mas não podia. Isso o deixava furioso. Jogava a culpa sobre ela. Era conhecido como garanhão, mas não fecundava.

— Sua cadela! — vociferava. — Você é árvore sem frutos! Que bela mulher arrumei!

Ela se amuava. Revidar era como acender o estopim. Colocava a mesa para o jantar, quase meia-noite. O bafo azedo da cachaça inundava a casa. Até os gatos fugiam da taipa do fogão, ressabiados e enojados. Deolinda aguentava as injúrias, os sentimentos roendo como soda. Era demais, não tinha amor, o respeito tornara-se algo impossível...

Que culpa tinha ela se ele não podia ter filhos? A princípio, ela se achava infértil, uma figueira inútil. Depois de vários exames, comprovara a situação inversa. Godofredo recebeu a notícia como uma bomba. A partir desse dia, tornou-se mais agressivo. Considerado o rei do terreiro por onde andava, de repente se vira um garnisé envelhecido, sem utilidade.

Afundou-se mais na bebida, desorientado, e envolvia-se com mais frequência em brigas infundadas. Deolinda, então, resolveu separar-se. Mas ele não aceitou. Para que viver sem amor e sem filhos? Sem amor, vive-se, mas sem filhos? Para uma mulher, isto é impossível.

Três anos de casamento pareciam uma eternidade. Os dias se arrastavam. Não havia luz alguma no fim do túnel. Sobravam agressões. A cada dia, o drama inchava. Até que ponto teria forças para arrastar aquela vida miserável? Não era uma figueira seca.

— Eu vou lhe dar um filho, sim! Ouviu bem?! Não morrerei sem um herdeiro! Prepare-se para o que vier!

De repente, começou a arrumar-se. Ainda era bela. A juventude não murchara. Tinha olhos grandes, negros, maçãs do rosto salientes e lábios carnudos. Enquanto o marido rodava os meretrícios com suas conhecidas peripécias, ela jogou o véu do casamento pela janela e se pôs a passear pela cidade. Em poucos dias, arrumou um incauto cavalheiro e o romance se teceu.

História descoberta, Godofredo — marido ofendido e violento — disparou dois tiros no amante, que estrebuchou como porco na cal-

çada. Lavou a honra em público. Nem cadeia pegou. Deu uma surra em Deolinda, também em público e a arrastou para dentro de casa, severo, com a seguinte ordem:

— De hoje adiante, você não pisará o chão fora desta casa. Eu a matarei! Não sou de repetir a mesma cantilena!

Deolinda, semanas depois, começou a sentir-se enjoada, alguns desmaios, dores de cabeça. Enfim, estava grávida. Quando ofendida, rebatia:

— Queria um filho! Pois terá um! Eu não sou uma figueira seca. Daqui para diante, não me trate desse modo!

Mas, na cidade, conversas circulavam. Muitos acreditavam que o filho de Godofredo, o garanhão, era do amante. Havia chacotas, piadas indiscretas, risinhos abafados. Para Godofredo, era humilhante. Vingara a sua honra matando o amante da esposa. Matá-la seria imperdoável aos olhos da comunidade. Então, teve uma ideia: esperaria o filho nascer, infernizaria a vida dela, até que ela abandonasse o lar e, em seguida, tomaria a guarda da criança, conforme a lei.

| 3 |

Nenhuma mulher a visitou. Havia um secreto temor de que uma visita a uma mulher adúltera e expulsa de casa fosse uma falta grave, talvez doença incurável. Deolinda permaneceu dentro de casa por dias: nas mãos o paninho da criança e a chupeta seca. Havia lágrimas em seus olhos inchados? Não. Olhava para o nada. No fogão, as cinzas mortas. Chovia forte e intermitente. O frio parecia mais gelado. As nuvens escuras tinham baixado do céu e pesavam sobre os morros e as árvores. De vez em quando um trovão ensurdecidor estourava. Assemelhava-se a um espantalho — a pele pálida esfarinhando e as mãos mostrando os ossos —, quando alguém, no meio daquela chuva, bateu à porta. Como não ouvisse resposta, empurrou a porta, que

nem estava fechada, e entrou na cozinha, gotejando água. Era uma estranha senhora, muito bem-vestida, meio espalhafatosa. Após tirar o chapéu colorido, notava-se nas faces uma boa camada de pó de arroz e carmesim nos lábios carnudos.

— Bem, ora o que vejo...

Andou de um lado a outro, rodando as longas saias, espalhando gotas de água da chuva, olhando Deolinda firmemente.

— Então, o mundo se acabou.

Pegou uma cadeira e sentou-se bem na frente dela. Voltou a olhar firmemente, como se olhasse uma estátua sem vida.

— Resolveu pôr fim na vida, hem!

Da bolsa retirou um maço de cigarros e ofereceu a Deolinda. Como não recebeu nenhuma resposta, tirou um cigarro e com um isqueiro dourado, com uma borboleta gravada, acendeu-o e, prazerosamente, deu uma longa tragada, soltando a fumaça no ar pesado da cozinha em forma de desenhos geométricos.

— Sou Andreza, moro noutra cidade.

Nada mais acrescentou sobre a origem. Podia ser uma região vizinha ou um ermo onde Judas tivesse perdido as botas, as meias e a cueca. Da redondeza, pelo jeito de falar e de se vestir, é que não era.

Esticou as mãos bem cuidadas. Mas Deolinda continuava olhando para o nada. Talvez nem tivesse percebido a presença daquela mulher.

— Bem, minha amiga! Se desejas cavar o poço, continue. Mas aviso: não vale a pena. Já passei por isso. No fundo, encontrará mais lama e, com certeza, o retorno será muito difícil.

Mirou-a de soslaio para ver se ela, pelo menos, manifestava algum sinal de vida. Deolinda não se mexeu. Então, ela voltou a dizer, com aspereza, enquanto andava de um lado a outro:

— Acabe de vez com essa agonia! O mundo não dá a mínima. As pessoas, dentro de suas casas, estão pouco se lixando. Acredite ou não: cada um de nós faz menos falta de que os vermes. A casa parecia sem vida. Deolinda era uma alma penada sentada na frente da mesa

segurando o paninho e a chupeta seca. Decidida, arregaçou as mangas do vestido, foi ao fogão. Com muito custo, acendeu os gravetos. Havia um feixe de lenha no canto, ela colocou algumas achas secas e, logo, as labaredas aqueceram o ambiente gelado.

— Você precisa de uma boa refeição!

Em pouco tempo, a panela de ferro fumegava e o aroma da sopa impregnava a casa.

— Há quantos dias não come?

Deolinda olhava as paredes. O menino ausente, com certeza, rodeava-a e a chamava. Seu coração via a imagem do pequeno saltitando à sua frente. Percebia-se que, vez ou outra, estendia as mãos só ossos em direção dele, como se quisesse agarrá-lo.

Em poucos dias que ficara fechada na casa, sua aparência tornara-se pobre demais. As mãos pele e ossos, quando não estavam estendidas para frente, estavam encostadas no ventre. Em nenhum momento dera atenção à presença daquela mulher estranha. Ouvia alguma coisa? Até podia ouvir, mas não entendia. A voz da mulher ecoava surdamente, rolava num abismo.

— Coma. Isto lhe fará bem! — disse a mulher, estendendo um prato de sopa fumegante. — Salve, pelo menos, o corpo. Deolinda não se mexeu. Lá fora, a chuva caía oblíqua e a tarde ia avançando. As nuvens pesadas oprimiam. Pássaros voavam rente à relva. O frio úmido enregelava.

— Há remédios para todas as dores, sua boba! — voltou à carga Andreza, sentando-se também à mesa e servindo-se da sopa. — A vida, minha jovem, só pode ser entendida da frente para trás. Mas devemos vivê-la para a frente. Os tempos estão ruins, pois bem, nós estamos no mundo para melhorá-lo. Agora, por favor, coma! Você ainda é carne e osso! Em resposta o silêncio.

— Conheci o seu marido. Um traste. Não vale nada. É o próprio diabo. Sei muitas coisas sobre ele. Tenho pena do menino, mas o que posso fazer. Neste caso, ele está do lado da honra. Mas você não pode

se acabar assim! Sem ofendê-la, considere-se com sorte por se livrar de um traste como ele!

Mais não disse. Esperou pacientemente que ela dissesse alguma coisa. Ouvia o barulho da chuva batendo no telhado e fustigando a janela. De repente, como se voltasse de um longo sono, Deolinda mexeu-se e estendeu a mão direita em direção da colher e, com movimentos lentos, começou a comer. Andreza não a interrompeu. Percebeu que ela estava faminta. Conforme a sopa era ingerida, aumentava o ritmo da colher. Raspou com gosto o fundo do prato. Olhava fixamente para a panela.

— Sirva-se. Também quero mais.

Deolinda não se mexeu. Então Andreza a serviu. Ela voltou a dar colheradas cheias, rápidas, enquanto com o dorso da mão esquerda limpava os lábios. Assemelhava-se a um andarilho que há muitos dias não comia ou bebia.

Depois de limpar o segundo prato, sentiu sono e dobrou a cabeça sobre a mesa e dormiu por meia hora. Ao acordar, deu com Andreza sentada à sua frente, como estava antes. Ambas ficaram por mais de meia hora conversando. Ao sair, Andreza deixou um bilhete numa folha amassada.

— Ficarei esperando por você.

Já havia escurecido e a chuva dera uma pequena trégua. Mas as nuvens continuavam pesadas e baixas.

| 4 |

Dias depois, a população da cidade a viu na estação, sem trouxa de roupa, com um vestido sujo e amarrotado, com uns chinelos gastos. Embarcou sozinha, sem olhar para trás. Quem a conhecia ficou perplexa e, ao mesmo tempo, com medo de se aproximar.

Muito se falou sobre Deolinda, mas tudo não passou de invenções. As boas mulheres da cidade ocuparam-se por dias com a sua

partida. Quase todas achavam que Deolinda endoidecera. Logo o assunto, entretanto, cansou as línguas e a cidade voltou a se ocupar com outras trivialidades.

De posse do bilhete que a desconhecida senhora deixara sobre a mesa, ela partiu para longe, para outro Estado, cegamente, disposta a tocar a vida e passar uma vassoura sobre o seu passado. Olhava para a frente. O passado, num átimo, se perdeu na memória. Do dia de sua partida na pequena estação, algo se apagou em sua mente. Nem mesmo do nome se lembrava.

Andreza era dona de um cabaré numa vila de garimpeiros no meio da grande floresta. Ali se encontravam todas as espécies possuídas pela febre do ouro. Em cada pessoa havia o brilho da cobiça.

Durante o dia, os homens se cansavam nas minas encravadas nas grotas, cavando e carregando terra misturada com cascalhos. De noite, bebiam e dançavam com as mulheres do cabaré.

Quando abria as portas do cabaré para mais uma boa noite, Andreza deu de frente com Deolinda. A princípio, não a reconheceu. Estava suja e magra, os ossos quase furavam a pele do rosto, os cabelos enrolados e emaranhados. Quase a expulsou.

— O que deseja? Não dou esmola! — foi dizendo, mostrando-se carrancuda.

Não obteve resposta.

— Também não dou abrigo. Dê o fora! Se quer pousada e comida, vá até o fim do casario. Lá, o pastor recebe as almas perdidas. Sem dúvida: o que estava ali na sua frente era uma alma perdida, um peso morto, que a espiava sem piscar. Foi, então, que reconheceu Deolinda, lembrando-se de sua visita àquela cidade, quando arrepanhava mulheres para o seu negócio.

— Ora, ora... Veja quem está aqui! — estendeu-lhe as mãos bem cuidadas, solícita e risonha. — O fantasma ressurgiu das cinzas... Puxou-a para si e a abraçou, empurrando-a porta adentro.

— Você precisa de um bom banho e de uma boa comida.

No salão fracamente iluminado, mulheres bem-vestidas exalando perfumes baratos esperavam por clientes. Um bolero sertanejo tocava na vitrola. Assim, Deolinda virou Tomázia. E passou a morar num dos quatinhos no fundo do cabaré. Quando o quatinho era ocupado com cliente, ela dormia numa rede no lado de fora, perto de uma horta que ela mesma cuidava. Naquele pedaço de terra preta sentia-se feliz. Era capaz de passar horas cavando e cuidando de tenras plantas. A cada mudinha que colocava na terra, ela mexia os lábios como se fosse uma oração. Todos os dias, visitava a horta e cuidava de cada planta como se fosse um filho recém-nascido.

Logo se percebeu que Andreza não fez bom negócio ao recolhê-la. Tomázia conversava pouco e, quando falava, as palavras soavam ocas. Desta forma, os possíveis clientes começaram a evitá-la.

Só um garimpeiro surdo-mudo gostava de ficar com ela. Ambos, entretanto, nada entendiam um do outro. Depois de horas em espantoso silêncio, o surdo-mudo ia-se embora planando, absorto e feliz.

Andreza não sentia compaixão por ninguém. Estava no ramo para ganhar dinheiro. Sentiu-se, porém, penalizada com a situação. Se fosse outra, mandaria embora rapidamente. Mas Tomázia se dedicava a todo serviço: faxina, cozinha, lavação de roupas e, sobretudo, quando ela não podia, colocava-a no caixa sob confiança. Tomázia não se apossava de nada, bem diferente das outras mulheres que, ao menor descuido, roubavam até a esmola da igreja.

— Olha a sujeira aqui! Quem vomitou neste canto? — berrava Andreza, furiosa. — Será que esses homens são animais selvagens? Tomázia, venha cá, limpe essa porcaria agora mesmo!

Lá ia Tomázia, com balde e vassoura, limpar a imundície. Não reclamava, cumpria a ordem cegamente. Por isso, em pouco tempo, tornou-se boa escrava. Na frente de todos, Andreza gabava-se da servidão dela:

— É uma pepita de ouro, essa Tomázia! Nem sei o que seria de minha vida se, naquele dia, não tivesse parado naquela cidadezinha e, naquele bar, ter ouvido algo tão assustador como a sua história!

Foi, de fato, num bar que ouvira a história trágica de Deolinda. Vários homens conversavam entre si sobre o que acontecera. Andreza, curiosa, ouvira com atenção, fizera várias perguntas e, no dia seguinte, dirigiu-se à casa dela debaixo daquela chuva torrencial.

— Muito mais do que uma pepita de ouro! — voltava a dizer, fumando compulsivamente e tossindo.

Uma boa escrava: nunca estava interessada em dinheiro, situação rara numa vila de garimpeiros. E não perturbava ninguém. Falava o necessário e, na maior parte das vezes, eram frases desconexas. Ela não queria nada, recusava até mesmo as gorjetas dos clientes. Quase não comia. Continuava magra e pálida. As mulheres iam e vinham, algumas morriam de doença brava, outras eram levadas por homens apaixonados. Tomázia permanecia por ali, limpando, cozinhando, lavando roupa. Por vezes, cantarolava, a voz espremida, como o gemido de aves noturnas.

| 5 |

Vinte anos se passaram. Para ela, entretanto, o tempo não andara. Estava arcada, cabelos ralos, brancos e encardidos. Na verdade, desde o acontecido, nunca mais se olhara no espelho. No menino, jamais tocou no assunto. O progresso do garimpo se findara. Restava do cabaré apenas duas ou três mulheres emperebadas com varizes. Os homens que permaneceram na vila estavam velhos e fracos e muitos deles passavam fome ou estavam condenados. Andreza ganhara muito dinheiro, mas estava velha também. Não tinha mais coragem para ir atrás de outro garimpo.

— Bananeira que já deu cacho... É daqui para o cemitério... — dizia, enfarada, olhando a decadência do casario.

Tomázia quase nem comia. Quedava-se alheia. Pouco dormia. O garimpeiro surdo-mudo morrera há anos numa briga. Um pastor de

uma nova igreja quis levá-la, mas Andreza se enfureceu. Ora, só faltava surrupiar-lhe quem cuidava de tudo! O pastor se esquivou e nunca mais apareceu.

Certo dia, quando o sol se punha amarelo sobre o casario decadente, subiu rua acima um jovem bem trajado. Parava de casa em casa e perguntava por uma mulher chamada Deolinda. Queria descobrir o paradeiro de sua mãe, que desde pequeno não via, nem sequer se lembrava de suas feições. Não teria sossego na vida enquanto não a encontrasse. Parava nas casas e conversava pacientemente, como se estivesse garimpando ouro no meio do cascalho. Bateu à porta do cabaré decaído.

— Tem um moço aí fora... — disse uma das mulheres que ainda faziam ponto. — Ele quer conversar com a madame.

Andreza, arrastando as pernas gordas, foi até à porta:

— O que quer?

O moço tirou o chapéu e, de olhos baixos, foi dizendo timidamente:

— Estou à procura de uma mulher, minha mãe, desaparecida... E tirou do bolso uma fotografia amarelada.

— A senhora pode me informar se já viu esta mulher?

Andreza olhou a fotografia, depois o moço, reconheceu Deolinda quando jovem, voltou a examinar a foto atentamente.

— Sabe, moço, muita gente passa por um garimpo. Mas não me lembro de ter visto esta criatura...

Os olhos do moço se umedeceram. Neste momento, passou por eles Tomázia — arcada, muito magra, cabelos brancos e encardidos, despenteada, como um fantasma. Empunhava uma vassoura e varria a calçada de pedras. Parecia mais velha do que nunca.

— Bem, senhora, não descansarei enquanto não a encontrar... É um vazio muito grande que me rói...

— Sinceramente, moço, não sei como ajudá-lo...

— De qualquer forma, agradeço. Até mais ver!

E lá se foi o moço estranho rua abaixo: desolado, triste, numa procura incansável, com um bicho roendo o peito. Naquela noite, Tomázia morreu. Sem barulho, quieta, alheia a tudo, como vivera grande parte de sua vida. O caixão de madeirame bruto pesava mais do que o seu corpo enrijecido. Era um fiapo parecido com um barbante.

David Gonçalves (Jandaia do Sul, 1952) é professor universitário e consultor de empresas. Seu primeiro romance, *As flores que o chapadão não deu* (1972), foi recolhido pelo regime militar e permaneceu dezesseis anos na gaveta. Publicou dezoito obras, entre elas: *Geração viva*, *Terra braba*, *Águas de outono*, *O rei da estrada*, *Até sangrar*, *Entrem e sejam bem-vindos*, *O sol dos trópicos*, *Acima do chão* e *A princesa e o anjo negro*, de onde este conto foi retirado.

Ascensões e quedas do Império Romano

ERNANI BUCHMANN

Hoje não sairei, não irei ao teatro, a nenhum bar. Não terei companhia de amigos, das moças que frequentam meu refúgio de quarentão separado. Meu primeiro sábado solitário desde que há dois anos deixei o casamento de doze. Aboli da minha vida o monocórdio encargo de marido, a mais pesada das exigências humanas. Talvez eu pudesse ligar para alguma das mulheres com quem ando saindo. Não, melhor também que não liguem. Nenhuma hoje me apetece. Menos ainda a aluna que passou a portar ares intelectuais como se fossem bijuterias, discutindo cinema com falsa autoridade. Fomos juntos ver *Ascensão e Queda do Império Romano*. Ela recitou cena por cena, vinte e quatro quadros antes de iniciarem, como se eu fosse um garotão incapaz de descobrir já ter ela visto o filme antes. Aqui em casa, sentou junto à estante de livros, passou a folheá-los, levantando sobranceiras como se alguma passagem a houvesse intrigado.

Fomos burocráticos no sexo, ela tentando ser natural numa situação que não era, eu tratando de resolver a situação sem traumas. Nem suas coxas de atleta inspiraram repetições. Dias depois, quando entrei na sala de aula, estava no centro de um grupo de colegas, rindo. Não deixava transparecer o envolvimento, mas eu parecia sentir nela gestos mais largos, confiantes, talvez agindo como se tivesse sido investida no cargo de primeira-dama do terceiro ano de publicidade. Que palhaço sou eu, perguntei ao meu remorso, para ter caído em

armadilha tão rastaquera? Usou-me como um objeto qualquer, um professor em seu diário de conquistadora de vinte anos. Não, com ela eu não gostaria de estar.

Também não seria com a socialite, ex-mulher de político, mãe de adolescente. Aos 36, procura o segundo marido. Eu não serei, Deus me livre tamanha pena. Conformo-me em ser o último dos amigos a ter tido com ela um caso — o que é tardio e suficiente. Em uma recepção, insinuou-se. Então houve a noite de frio intenso em que cheguei em casa um tanto alto, sobrevivente de um *happy hour* profissional. Ouvi sua voz na secretária, convidando. Liguei, disse que iria. Ela me recebeu dionisiaca, a derramar-me gotas de conhaque na boca. Um sexo silencioso, sem uivos, sobre o sofá. Fim de caso.

Poderia ser com a professora, amiga da minha irmã, a melhor amiga da minha irmã. É casada com um psicanalista argentino, que não sei se acho afável, pero cínico, ou se cínico, pero corno. Casamento aberto — como Sartre e Simone, entiende? Si, entiendo, como no.

Nossa primeira vez foi surpreendente. Encontrei-a num cinema de shopping, sozinha. Recatada, graciosa, a blusa fechada até o pescoço, perguntou pela minha irmã. Vai bem, e seu marido? Num congresso, na Espanha. Convidei-a para uma taça de champanhe, ali mesmo no Trovatta. Imaginei uma negativa, errei. Bebemos duas viúvas. Propus jazz lá em casa. A professora tímida assim não era na cama. Não teve remorsos. Gritou “que coisa mais safada” e me deixou extasiado, troncho de satisfação, dormitando enfim com as mãos em seus peitos sólidos.

Depois passamos à desfaçatez. Na maior delas, saímos juntos de um motel, um final de tarde. Cada qual em seu carro, fomos para a casa da minha irmã, então recebendo colegas da universidade. Subimos juntos o elevador, com direito a um último beijo antes de chegar. O marido entrou logo depois. Hoje, sábado, devem jantar juntos numa cantina qualquer, com minha irmã e o marido. Não, não sei se há safadezas entre os quatro.

Ocorreu-me, enfim, insistir no maior dos equívocos. A advogada charmosa, viajada, que me paga o pouco dinheiro que recebo pelo comentário cultural às sextas-feiras na televisão. Livrou-se do marido fracassado em troca de uma mesada ao oportunista. Há anos temos admiração mútua. Jantávamos juntos, ríamos a valer, sempre nos dias em que me pagava — pretexto para convidá-la. Certa vez contou-me de Roma, quando tropeçou numa escadaria, talvez a derradeira queda do Império Romano. Meses atrás pensei em abandonar meus hábitos de lobo, transformar a admiração em amor, enterrar os escrúpulos inflexíveis de quem passou por um casamento complicado. Cada qual em sua casa, haveria razão para que não experimentássemos? Havia. Algo não funcionou. A admiração, o quase amor, sucumbiu à decepção mútua. Não ligará mais. Eu sim, talvez fazendo piada, a citação recorrente sobre a Queda do Império. Melhor não, ela preferiu o silêncio, deixa estar.

Uma noite solitária de sábado pode ser sintoma de misantropia? Não me parece, as coisas voltarão ao normal. Hoje posso pedir frango-xadrez no chinês aqui perto. Assistir a um filme, deitar abstermio.

Não sofro. Sei que neste momento, em algum lugar, repousa serena a mulher de rosto desconhecido que um dia irá reerguer meu império nas noites curitibanas de sábado.

A Febre

Segunda-feira de noite. A dor na perna esquerda, já forte durante o dia, ficou intensa. Tomei dois analgésicos, uma pílula para dormir. O sono não vinha. A dor irradiava a partir do quadril, tomava as costas. A perna doía quando esticada, ainda mais se eu a dobrasse. De um lado para outro da cama, sem poder levantar. Gemendo. Madrugada, acordei minha mulher, fomos a uma farmácia. Eu apoiado nela, arrastando a perna inútil. Pedi uma injeção qualquer que aliviasse

o sofrimento. Voltei para a cama. Nada. À noite, Polaco Thadeu iria lançar seu novo livro, no Beto Batata. Eu tinha prometido ir. Talvez um anti-inflamatório de última geração resolvesse. Achei duas cápsulas escondidas, as últimas. Mandeí ver. O sono me alcançou pelo meio da manhã. Dormi duas horas, pouco menos. A dor voltou ao meio-dia. A perna parecia estar sofrendo um permanente choque de cotovelo, amor de sogra. Pedi outra injeção, não consegui convencer ninguém da necessidade: remédios demais. Minha mulher queria saber por que eu precisava levantar. “Txadeu xeti orxeat”, falei em euscadi. “Thadeu é um amigo querido”, repetia sem ninguém entender, para minha mulher, a empregada, o cachorro. Comecei a suar. A língua ficou grossa, tinha sido atacado pela sede do deserto. As palavras saíam com dificuldade. Pedi água, em etrusco arcaico. Por que as pessoas se faziam de desentendidas? Com a mão, fiz gesto de beber. “Beber neste estado nem pensar”, decretou a víbora, Cleópatra do Barigui. Demorou horas para entender que era água que eu queria. Deu tempo a César de invadir a Lídia e voltar triunfante a Roma. O suor encharcou o lençol. “O que é isso?”, ela perguntou quando chegou do trabalho. “Minha versão do Santo Sudário”, respondi em aramaico. Pensei que fosse ouvir alguma censura à blasfêmia. Silêncio, como se eu falasse grego. Algumas pessoas estavam sentadas à beira da cama. Um homem alto, de nariz vermelho, apresentou-se como o Secretário das Florestas. Queria saber se eu ainda dominava o Smith&Wesson, calibre 38, para defender um bosque de coníferas ao pé do Monte Erebus. Não só mantinha intactas minhas habilidades como era capaz de me expressar em grush, idioma de ligação entre o russo e o mongol. “Ninguém lá fala grush”, respondeu o secretário. “Só entendem a língua do K-47”. Discutimos. Meu Smith era mais mortal, garanti. Além disso, sem uma perna, eu só poderia usar a metralhadora se fosse amarrado a algum objeto sólido. Alguém começou a enrolar fita crepe no meu tronco. O suor atrapalhava, a fita escorria corpo abaixo. O homem de nariz vermelho já não estava

mais. Resolvi fugir pulando na perna direita. Na minha frente apareceu um estábulo, parecia imenso. Abri a porta, com cuidado. Lá dentro, batendo couro sobre uma bigorna, estava meu amigo Salmo. “Você aqui? Você mora em Israel”, falei em ídiche-ucraíno. “Morava, cansei de Israel”. Pediu para falar em hebraico, ídiche era coisa da diáspora. Foi um choque. Salmo, o único judeu curitibano a estudar num colégio católico, tinha ido estudar engenharia aeronáutica no MIT, depois migrara para Israel, há 30 anos. Agora era carpinteiro. “Foi para isso que você estudou?” Salmo, o calmo, como a gente o chamava no colégio, continuou batendo o couro. “Você não conhece a grandeza da profissão de carpinteiro”, decretou. Não era possível que ele tivesse aderido ao cristianismo. Por que não fez isso no colégio? “Salmo, vocês não reconhecem o Novo Testamento. Só compartilhamos o Velho. São José, o carpinteiro, não está lá”. Ele mandou eu ficar quieto. “Vou construir um mecanismo para você andar”. Pegou uma roda de bicicleta, aro pequeno, montou um eixo de madeira a partir do centro. Adaptou um sistema de coroa e pinhão de forma a subir uma manivela, a qual eu girava com a mão esquerda. O cotoco da perna esquerda foi amarrado sobre uma espécie de para-lama. Doía, doía muito, até ele acolchoar o cotoco e o para-lama com tiras de feltro, pequenos tapetes persas, talvez. Ali dentro da estrebaria, tentei andar. Caí diversas vezes, depois acostumei com aquilo. Foi quando vi um rasgo de luz entrando pela porta. Saí para o campo. Ao cruzar uma ponte me dei conta: estava às margens do Dniester. Um homem aproximou-se, curioso em conhecer a arataka que me impulsionava. Perguntei pela ciclovia do Bosque do Papa. Ele apontou para frente. “Duzentos metros”, disse em armênio. Encontrei a ciclovia. Agora bastava descer a Cândido de Abreu, tomar à direita na Praça 19. Estava perto de casa, enfim. Segui, pedalando feliz. Era manhã de quarta-feira, fazia sol em Curitiba.

Ernani Buchmann (Joinville, SC, 1948) mora em Curitiba desde a infância, com passagens por Recife e Rio de Janeiro. Advogado, foi repórter, cronista e comentarista de rádios, jornais e TV, além de redator de agências de publicidade. É autor dos livros de crônicas *Cidades e chuteiras* e *Onde me doem os ossos*, além da coletânea de contos *O Bogart curitibano*.

Insônia

FÁBIO CAMPANA

Houve um menino. Um quintal, uma cetra, um alvo e seu voo. Algazarra de pássaros e crianças. Primeira geografia. Território das descobertas. Movia-se como suserano dos atalhos, dos becos e dos campinhos.

Houve o pai e a proteção que recendia a medo. A mãe e os remédios. No domingo um sorriso e a mesa farta. Houve a avó de olhos ressecados curvada sobre um versículo do Novo Testamento. O avô, cravo branco na lapela, bailando uma valsa imaginária no silêncio da sala.

Houve um horizonte sem morte. O menino imantado de estrelas submerso entre lambaris de rabos dourados. Águas do desafio, medos crepusculares, auroras flamejantes, chuvas, tempestades, dias cheios de luz.

Houve o pomar de frutas doces furtadas antes do tempo. O rosto amassado na vidraça, o menino olha a tormenta armando-se em nuvens que esculpem fugazes figuras de deuses.

Houve a vida. E o menino espiava o mundo à espera dos sóis prometidos.

E eis que se deparou com um vale de luz e tormentos. E coisas extraordinárias aconteciam.

Viu a ferrugem das flores, a ratazana da fome e pedaços do mundo dividido. Caras de desespero e fuligem. A cicatriz do escravo e o açoite dos senhores. Crianças amamentadas em seios envenenados.

Então houve um jovem em sua rebelião de porcelana e aço. Houve um tropel de justos. Cavaleiros da utopia, ébrios de slogans, anjos da anunciação, deuses instantâneos, luzes das profecias.

Houve ousadia nos músculos. Houve o impulso da pedra, a frieza do insulto, o corte das facas, o tiro. Queria mudar o mundo destruindo as estátuas.

Houve um bosque sem palavras. Houve uma pomba negra, houve um animal faminto, houve a resistência da pedra, houve coragem e medo. Houve o fogo. O ferro e o aço rebelados contra os donos. Houve a noite lóbrega de matanças. Houve execuções e extermínio.

E eis que se viu em um bosque sem palavras. E coisas extraordinárias aconteciam.

Houve dúvidas em horas insones. Houve o claustro e os caminhos. Aulas laxativas de direito romano e formas inumeráveis de vida. Na gaveta, um roteiro de filme e um conto interminado. A leitura adiada dos clássicos, todas as vocações e nenhuma. Canções de protesto, passeatas, panfletos, entusiasmos alcoólicos, discussões inconclusas, poesia.

Houve um clamor de Dies Irae. Carne macerada no chão de cimento áspero. Membros desganhados. Lírios ensanguentados. Houve um campo de luta e um reino cego, um templo profanado, uma tumba de abandono. Discursos feitos de pedras derruídas.

Restou um moço na atmosfera do sonho. E eis que esse tempo foi curto como um relâmpago. E eis que o sonho foi despertado pelo soco. Algemas. Uma sala, os golpes, os choques. Paredes manchadas de sangue. Um corpo despido no cimento áspero. Uma voz insistente. Perguntas. E o mundo era feito de sons. Gemidos, tiros, gritos, lamentos, sirenes, murmúrios, ordens.

Houve o jovem e seu pânico. O limite das grades e do medo. A violência em galões dourados. Houve um menino no jovem e suas lembranças. Tinha amigos e eles nada podiam fazer. Houve uma ilha, gaiotas, mar, o mar noturno, invisível e trágico, outras ilhas, vagas, ressacas, o mar pleno de luz. A morte se insinuava em uniformes de guerra, fuzis, gargalhadas, pistolas, afogamentos, perguntas, choques, golpes nas espáduas e nos rins.

Eis que tinha pais e irmãos e eles nada podiam fazer. E coisas extraordinárias aconteciam.

Houve um homem que se desgarrou do jovem e lançou o menino no limbo e refugiou-se na indiferença dos cínicos. Houve o sonho branco do esquecimento. Houve uma foto em revista da província. O osso de uma flauta derramava música áspera sobre a sua solidão de pedra. O homem se rendeu. Ouvia murmúrios, suspiros sufocados, gritos e gemidos, o gemido angustiado de quem sonha. Não conseguia lavar de sua boca o sabor de ruína.

Então houve um jovem procurando o homem. Fatigado ao peso de seu fardo. Lembranças do amor e da guerra. (Rios de peixes dourados, o soco não devolvido, um manto de estrelas, o sorriso de Alba, os golpes nas espáduas, os choques na cabeça, o conto interminado, as canções de protesto, a morte de uniforme branco e galões dourados, o roteiro do filme, a menina Elsie, a ousadia dos músculos, a melancolia dos pátios, caras de desespero e fuligem.)

E eis que diante dele se estendeu uma paisagem de silêncio e solidão. E coisas extraordinárias aconteciam.

O moço encontrou o homem e mostrou-lhe o menino em sua noite de olhos cerrados, pedindo sóis que lhe prometeram. Tem o corpo dissipado, a memória sem alma, as ideias gastas, os olhos coagulados pela afronta, a deserção, o morto. Viu os abutres e dentro de suas entranhas os espasmos de deus. Viu a queima da profecia, as cinzas do império, os sinais do vento, a guerra inacabada. Interminável.

Houve um grito intermitente em sua alma. Era tarde. O moço levantou-se do leito de agonia. Lambeu as feridas. Cobriu as cicatrizes. Pregou em seu rosto o sorriso dos cínicos, vestiu a pele do algoz. Pediu ouro, poder e glória. E exilou-se na escuridão.

Fábio Campana (Foz do Iguaçu, 1947) é autor de *O guardador de fantasmas*, *Ai*, *O último dia de Cabeça de Vaca*, *Todo o sangue*, *A árvore de Isaías*, entre outros.

Pipoca

GUIDO VIARO

Depois das trovoadas noturnas as poças d'água ainda refletiam nuvens cinzentas. Molhei o chinelo tentando afastá-las. Então fui tomar o café da manhã, queria descobrir que horas eram pela quantidade de luz que invadia o chão da sala. O relógio de parede soou. Bem mais tarde do que eu imaginava. O dia parecia não ter saído da cama.

O suco de laranja e a omelete estão sobre a mesa, faltam as torradas. Escuto barulhos de louça vindos da cozinha. Minha mulher a essa hora? Deveria estar trabalhando. Tão nervosa esses dias, será que brigou e foi demitida? Só o que faltava, dois desempregados. Aos cinquenta e três anos isso pode representar uma condenação à fome. Ela misturou os ovos com pedaços de presunto e cheiro verde, que delícia, qual a razão desse capricho? Aí vem bomba.

Tenho de encerrar o luto empregatício, onze anos no mesmo lugar, e daí? Se continuasse lá, minha vida... Vou recomeçar, mesmo sendo quase uma velha máquina de escrever, essas novas gerações X, Y, Z, nascem sabendo tudo, superficiais como chuva sobre o concreto, é verdade, mas e o mundo o que é? Tenho um bom currículo, experiência, cabelos grisalhos, isso deve valer alguma coisa.

Que susto. Quem é essa velha? Será que a Alba ia ser tão irresponsável a ponto de contratar uma empregada na situação em que estamos? E ainda por cima uma que esteja beirando os oitenta.— Bom dia. Desculpe pelo susto. Trouxe suas torradas e um pouco de geleia de pera.— Obrigado. A senhora...

— Acabei de chegar. Quer mais alguma coisa, posso te fritar uns

sapinhos...

— O quê? Não, obrigado, estou satisfeito. Desculpe... a Alba... a senhora é conhecida dela, ela pediu para que viesse ajudar?

— Alba?

— Sim, minha esposa, ela contratou a senhora?

— Não fui contratada por ninguém.

— Como assim? Não conhece a Alba?

— Não.

— Então o que está fazendo aqui? Como entrou?

— As portas estavam abertas.

— Entrou sem pedir licença e foi para a cozinha preparar meu café da manhã?

— Isso mesmo.

— Mas essa história é um absurdo, não tem mais nada a dizer?

— Não se preocupe, antes do final do dia vou embora e não volto mais. Vou cozinhar seu almoço, do que gosta?

— Eu... vou comer fora, mas a senhora vai ter de sair.

— Ah... meu amigo, não faça isso comigo. Tenho tão pouco tempo que queria aproveitar ao máximo essa casa e a convivência com o senhor. Olhe para o meu rosto, ele não te parece familiar?

— Não.

— Estou falando de tua infância, mais de quarenta anos atrás.

— Parece... não sei... alguma coisa, o nariz, um pouco dos olhos, mas esses cabelos brancos espetados não conheço. Quem é você?

— Depois de tantos anos as coisas se modificam, acho que faz quarenta e cinco anos a última vez que saí por aquela porta, você chorou, agarrou no meu vestido e não queria mais largar.

— Você é a Clara?

— Meu menino, vem me dar um abraço gostoso.

— Teu cheiro, Clara, minha infância...

— Continua chorão... calma meu menino, vamos passar o dia inteiro juntos. Me conte como foi tua vida...

— Não sei... uma vida normal, engenheiro, troquei duas vezes de emprego, fui demitido faz um mês. Casamento sem filhos, as coisas vão acontecendo, meus pais morreram, sinto saudades, a gente tem de se conformar. As pequenas alegrias distraem a gente, mas nunca fui tão feliz quanto na infância. “Criança” é uma palavra que falo com gosto, mas também me dá uma tristezinha. E você, me conte da tua.

— Eu trabalhei até o fim, casa de família, limpeza, cozinha, não tinha medo do batente. Nunca casei, até que não era feia, mas era muito enjoada e turrona, acho que assustava os homens. Não vou mentir, além de você tive mais uns três amores, só que eles eu vi crescer e sempre foi de ti que senti mais saudades.

— E agora o que está fazendo?

— Estou matando as saudades, isso não é suficiente?

— E o resto, aposentou-se, a saúde...

— Gostaria de conhecer sua esposa, vou cozinhar um almoço delicioso para vocês.

— Ela trabalha, chega às sete, um jantar então...

— Que pena, tenho de ir embora antes.

— Amanhã, ou semana que vem...

— Querido, estamos perdendo tempo, o que você está com vontade de comer.

— Nada, não se preocupe com isso, eu que deveria cozinhar para você. É estranho, parece que tua presença liberou um riacho de recordações que estavam represadas. Eu tentei dar um salto mortal no sofá e atravessei o vidro da janela com a cabeça, fiquei mais assustado com os teus gritos do que com o sangue. Lembrei do cheiro do tapete lá de casa, e de como eu detestava que as visitas me apertassem e beijassem, corria pro teu colo e você me protegia. Depois descobri que embaixo da mesa de jantar era um excelente esconderijo, escutava as conversas dos adultos, encontrava os chicletes endurecidos e esperava que você levantasse a toalha dizendo que estava na hora de dormir.

— Muitas vezes você dormia embaixo da mesa e era eu que te

levava para cama.

— Um patinho de borracha amarelo, depois do banho, você me vestiu e eu fui assistir televisão, te perguntei o que acontecia com uma pessoa que caísse do alto de um prédio, a janela estava aberta e o vento soprou minha pele úmida, foi a melhor sensação que tive na vida.

— O que eu te respondi sobre quem cai do prédio?

— Morte. Essa foi a primeira vez que prestei atenção nessa palavra.

— E teus irmãos como estão?

— Casados, trabalhando, pouco nos falamos.

— Quando fui embora a menina ainda era nenê de colo...

— Eu me lembro que quando minha mãe colocava ela para dormir sozinha num quarto, eu pensava, mas que animalzinho sofrido, tão pequeno e já mergulhado nessa escuridão. Depois ela abria o berreiro e confirmava minha teoria. Acho que essa foi a primeira conclusão a que cheguei.

— É gostoso se lembrar da infância...

— Dias de felicidade, que agora estão escondidos atrás de uma neblina, mas continuam existindo. É que o mundo quase sempre se parece com um limão seco. Sabe a pasta de dente quando fica toda enroladinha e não sai mais nada de dentro?

— Menino...

— Bom... mas não quero reclamar, nem só ficar falando de mim, até agora você conseguiu me enrolar direitinho, não contou quase nada da tua vida. Posso te retribuir a visita ou você prefere voltar aqui num final de semana?

— Que horas são?

— Não precisa se preocupar, eu te levo em casa.

— Não dá.

— Por que não? Mora em outra cidade? Não tem problema. Já sei, se quiser pode dormir aqui, daí você conhece a Alba.

— Não vai ser possível. Vamos aproveitar o dia.

— Clara... que mistério é esse, arrumou namorado ciumento?

— Tua casa é toda arrumadinha, pelo jeito ela é bem caprichosa. Posso te pedir um favor, você tem alguma foto de quando era pequeno?

— Acho que sim, deve estar perdida em algum lugar. Essa aqui é a Alba no dia do nosso casamento.

— Que moça linda, esses olhos escuros, lembram os da tua mãe...

— É verdade... sabe que nunca tinha reparado nisso.

— Tua mãe sobreviveu dentro desses olhos.

— Talvez... nessa aqui eu devia ter uns oito anos. É pra você.

— Obrigada, foi o melhor presente que já ganhei. Teu relógio de parede não para de bater hora cheia, o dia está indo embora tão depressa.

— Não se preocupe Clara, vamos nos ver outras vezes, mesmo que o teu namorado ciumento não deixe.

— Se você soubesse...

— Que engraçado, depois que a gente puxa o fio da memória, ele vai desenrolando recordações cada vez mais compridas e elas têm cheiro, gosto e som. Sabe o que vivo nesse instante: pipoca.

— Você era louco por pipoca, me pedia de joelhos para que eu fizesse, e quando ia para a panela, só faltava explodir de alegria.

— Aquilo era um ritual, o chiado do óleo na panela, a pequena manivela que espalhava os grãos, a espera pelo primeiro estouro, os longos intervalos entre as explosões, depois a força da repetição, Berlim sendo bombardeada e um exército de irmãos brancos rompendo barreiras, até atingirem o último objetivo: levantar a tampa da panela. Essa conversa tá me dando fome, hoje você vai me deixar preparar algo para você.

— Outra hora foi embora...

— Mas que mulher mais preocupada com o tempo...

— Infelizmente...

— Tua visita me fez tão bem, mas me diga como você conseguiu me achar, saber que não tinha ninguém em casa, entrar... acho que a Alba tá por trás disso, daqui a pouco ela chega e as duas vão rir da minha cara.

— Só coincidências, menino. Preciso me preparar, ainda tenho uma longa viagem pela frente.

— Já te ofereci ajuda, só não quero ser chato, se quiser é só me pedir. Posso te fazer uma pergunta indiscreta, está precisando de algum dinheiro? A situação não está muito fácil, mas alguma coisa eu consigo te arrumar.

— Obrigada querido, você já me deu o que eu mais precisava. Mas agora... eu preciso ir.

— Para onde? Quando volta?

— Não voltarei.

— Preciso que você me conte sua história, confie em mim.

— Claro que confio, não é essa a questão. É que não quero te ver triste...

— Doença?

— ... nem que você ache que enlouqueci.

— Prometo que não vou te julgar, seja o que for que me conte eu continuarei ao teu lado, atenderei todos teus pedidos sem contestar.

— Preciso ficar atenta, pois devo partir antes do sol.

— Não se preocupe, quando ele estiver indo embora te levo até a porta e você sai.

— Pois bem, meu menino, você me passa uma segurança que há tempos não sentia. Eu trabalhei duro, e já não era mais nenhuma menina. Acabei adoecendo, os médicos disseram que era pneumonia, fiquei quinze dias internada. Depois morri.

— Eu te prometi, vou respeitar tudo que me disser.

— Já vou te advertindo, para quando chegar tua hora você não tenha de passar pelo que passei. Quando morremos o que acontece é uma grande confusão, memórias se misturam com desejos, parte de nossos hábitos de vivos ainda estão presentes, mas já não possuímos mais os corpos para executá-los, então a maioria dos mortos são egoístas que querem realizar seus desejos a qualquer custo. A confusão mental nesse novo mundo é muito grande, porque os vivos gostam de permanecer vivos, mas muitos mortos detestam sua condição, e tentam de qualquer forma voltar a caminhar sob o sol. Como nunca conseguem, se transformam em mortos enganadores, que vivem tentando

tirar a própria vida. Mas a bala não fere, nem a corda estrangula. O que sobra é a eternidade. Nós os mortos também dormimos, e temos sonhos tão estranhos como um planeta comandado por pés de alface. Num desses dias, porque as noites são reservadas à vigília, sonhei que se quisesse poderia retornar à vida durante um dia. Desejei muito te rever. Escutei tua mulher sair, e quando abri os olhos estava na cozinha. Não sei, talvez tudo não passe de um sonho que começou comigo e te contaminou, ou então fez o caminho contrário. Mas agora é hora de acordar.

— Clara... Clara... não sei o que dizer...

— Não diga nada, você prometeu...

— Eu sei... vou respeitar o juramento... mas tenho um último pedido a fazer antes que se vá. Pipoca.

Clara saiu da sala em silêncio. Ele reparou na fragilidade de seu corpo. A pele acinzentada parecia prestes a romper-se e desvendar o segredo oculto dos ossos. Teve dificuldades para abrir a porta e quando a fechou, deixou o homem de meia-idade sozinho, em um ambiente que nunca pareceu ter paredes tão brancas. Não havia tristeza ou qualquer outra sensação.

De repente um sorriso. O chiado da panela. O primeiro estouro teve a cor de um beijo. As explosões vieram com o peso da felicidade. Depois o silêncio. A expectativa de que a porta abrisse e ela voltasse carregada de lágrimas e justificativas.

Nada. O relógio bateu horas. A luz dos postes refletiu nos móveis envernizados. A escuridão poderia ser respirada. Saiu da sala. A cozinha estava acesa e vazia.

Sobre a mesa uma vasilha cheia de pipocas. Ao lado, sua foto, de quando tinha oito anos e era muito feliz.

Guido Viaro (Curitiba, 1968) é escritor e cineasta, autor de onze romances, dentre eles *O livro do medo*, *No zoológico de Berlim* e *Confissões da condessa Beatriz de Dia*.

Meu bacharel

JAYME BALÃO JUNIOR

Conversou durante uma hora com o bom coronel Silvino Ferreira, alma acolhedora, e ambos foram ao júri, que funcionava na pracinha declivosa, entre barrancos; julgavam um réu com a cara empastada de vinho nacional, o nariz rubro agigantado, deformado.

Perguntava o Presidente se o criminoso tinha advogado quando o dr. Piedade chegou, fazendo barulho, a meio da escada, tossicando, e como o réu era miserável, e não tinha defensor, Antônio aceitou a nomeação, tossindo muito durante a leitura monótona, lenta, arrastada do sumário. A acusação do Raul Santos, promotor, com as mãos encruzadas, a voz enérgica, o pensamento profundo, foi rápida e terrível, uma onde adjetivos fulminantes metralhou o libelo tremendo exigindo a pena máxima, num ritmo de punição crescente que impressionou o auditório.

A opinião diante da acusação terrível formou-se logo: a acusação violenta impunha fatalmente a pena máxima!

O eco da voz acusadora invadiu a paz dos silvedos. O réu cambaleou.

— Matou-o de um arranco, de um arranco, de um... gritava o acusador.

Então, dada a palavra ao dr. Antônio, por este foi feita a defesa, começando desde os primórdios da civilização, da formação do direito entre tribos e clãs, e depois entre hebreus, árabes, helenos, bár-

baros e romanos, citando freses latinas, esmagando a peça acusatória, atordoando a assistência, comovendo.

A tarde, rosa mística de ouro, maravilhava, talhada num cristal azul.

Os jurados pareciam estar num êxtase; nada entendiam!

O júri entreabriu os olhos, assombrado por aqueles clarões e dardos de fogo.

O orador analisou depois o direito costumeiro, pedindo ao júri que mandasse fechar a janela por causa do vento, entregue já à crise, esgotado.

Alguns populares marasmáticos, ignaros, mal despertavam do torpor; mas reconheciam no orador um ser superior. A oração continuou.

E o suave vilarejo teve de ouvir duas horas de cultura jurídica; o réu bocejava; o esforço mental da assistência decaía.

E pela primeira vez, babosa de emoção, a pacata, pacífica, tristurosa sala do júri soube, entre cascalhadas risadas sonoras, que “na dúvida pro-réu”. Aquele desluzido povo aprendeu em duas horas altas filosofias, miniaturismos oratórios, ciências ocultas, enquanto a suprema vaidade aldeã gozava o sol que batia no retrato barbado do prefeito, sorrindo na sua perversidade morta. Fora dramático, devorado de paixão o desfecho, e os jurados, encartuchando pipocas, atascados na emoção e no atoleiro achinfrinado da palavrosidade, pensavam que também tinham (por causa daquilo tudo) um tanto de culpa no crime do réu.

E o mundo lhes aparecia cheio de musicatas e cópulas e crimes. A vida lhes era cortada de dores. A defesa fora demorada, toda repleta de erudição, e o advogado cessou de falar quando viu lágrimas. O orador, numa torrente estropiante de adjetivos doloridos, falava no lar, recordava o ninho espedaçado pela ausência pensativa daquele caboclinho, sem ofensa de ninguém, filho da...

Não tinha consciência, o menor, e, demostênico, o linguista atacava a vítima educada na corrimaça; que ela, a vítima, invadira a casa

do réu e esmagara o cebolete verde...

O bacharel engrolou a oração, num alheamento triste, falando em legítima defesa, sob uma comoção trêmula, de longe a longe, picada de tosses nervosas e fastientas...

O Andrade cocheiro, insensível à ciência, dormia entre os jurados. A desambição do major Quericas degenerava em sono.

Nhô Quim dormia.

Perto, descia a azinhaga uma rapariga cantando.

Nhô Quim roncava.

O Palma Leite o sacudiu:

— Acorda, que acabou!

Uma voz selvagem gritou, fora:

— Barbaridade! Tanta fala para livrar o homem!

— Que fala linda! Que palavrório! Com o olhar inquisitivo, abalsado num espanto, gritava o Pimentinha. Reabriu-se a sessão. Rumores.

Resguardando-se de um feixe de luz o juiz leu e entregou os quesitos. Os jurados estavam sonolentos. Olhares vagos, reticentes. Gestos fastientos. Novos rumores. Tosses.

O juiz mordiscava os lábios carnudos. O sol morria pela tarde fora. O escrivão, entre roncões clamantes, com os cabelos desfrisados olhando disse:

— Faltam as perguntas da justificativa!

Fora, cantores e cantorinas cantavam.

A tarde, de feito, magnetizava.

E irritadamente o juiz formou outros quesitos.

A brisa levantava a poeirinha da janela.

O dia descambava, morria. A luz, vencida, fugia; caíam as sombras.

Vitoriosas as trevas avançavam. As mulas pastavam, num passo estropiado.

A luz chameava o horizonte em que se distinguia o verde lavado dos campos.

O sol não queria assistir àquela farsa e jubilava, morrendo no cerro.
A tarde estava suave como um beijo.

Um sonho estonteador.

Caía a noite. Os jurados retiraram-se levando o Código. Lenta,
entrava a noite.

Agora se sentia uma quentura dos últimos fogachos agonizantes
de luz.

No quarto, os jurados bocejavam.

Não abriram os autos.

O Pimentinha enrolou um cigarro e pôs-se de cócoras no chão!

— Que preguiça!

— Que bruta cacetada, upa!

— Que fome!

O Andrade, num vozeirão irônico, excessivo, gritou:

— A carreira de domingo vai ser barbaridade!

— Jogo no gateado do bom compadre Sebastião Prestes.

Os meninos nos talhões de couve, perto, atacavam os gafanhotos,
já para cima, já para baixo. Sobre o monte do sul, o outro do sol
cachoado transverberava, como o coração puro de S. Teresa, tocado
de milagre.

Um tédio desarticulante massacrava os jurados.

O Mário Borba contava os grandes resultados da roça; e noutro
grupo se discutia, com calor, o projeto, muito grave, das posturas mu-
nicipais e atacavam-se com rigor desesperado, num selvagismo raro,
certos impostos de uma iniquidade sem nome. O solitário Nhô Quim
com o espinhaço dobradiço, e mesureiro, em arco, dormia! E o Bento
Carlos olhava, com tristeza séria, numa mapa rachado de riscos roxos
as divisas verdes do Piraí, entre anéis amarelos. Fora um cão grande
passava a ulular para as horteloas. Um cavalo, perto, disparou, na
rua, e o grupelho de jurados atirou-se à janela.

Os autos caíram na escarradeira; o código tombou no vaso do
lixo.

Os jurados, soqueteados, na ânsia que tinha cada um de ver o de-sastre, entre gritos timpânicos, gargalhavam. Fora subjugado o animal.

Na porta da cadeia a mãe do réu chorava.

E, então, a voz clandestina do manduca, oficial, numa ânsia mete-dição pela fechadura chamou os homens.

— O juiz está bravo, andem com isso!

O velho Joaquim acordou-se:

— Onde está a coisa?!

Os autos estavam na escarradeira.

A esse tempo o réu enxugava as lágrimas e esperava...

Às vezes de longe a longe, sob o silêncio, ouvia-se um soluço; o réu esperava...

O processo estava cheio de viscosidades.

Limparam-no com indignação; aderiram-lhe nas folhas restos de fumo e catarro...

— Negamos?

O cão não cessava de ulular, na estrada; irritava aquele uivo pau-sado.

E, prático criminalista, o velho arrastou os outros.

— Na certa! Não se deve julgar para não ser julgado, o pecador.

— Negamos?

— Qual, nada, é um bandido, tem cara degenerada. Vamos con-denar!

— Ora, o que ele fez (matar) qualquer de nós faz!

E, a cabeça encostada à janela fria, a riscar o vidro, Antônio via um par de namorados a passear, na estrada; e nem dava fé que a vida é uma eterna repetição; e ele queria também amar como todos, e sentir o que deve sentir a árvore que floresce e frutifica...

Novos rumores. Reabre-se a sessão.

O réu fora absolvido. Os curiosos metiam-se a esperar, enfileira-dos na sala, num enleio. Ouviam-se, na lagariça, ladridos.

Era noite. Soavam horas na capelinha branca, quieta. Uma lua

morta, redonda, muito fria irisava os campos, derramando abadas de rosas, com galanteria e idealismo. O Chico Cavalão, armado, seguia para o homízio, na estrada. Novo julgamento: um homicídio por imprudência. Novas cenas de tédio, fadiga. O réu foi condenado.

A noite estava plena. O falatório recomeçou.

Jayme Balão Junior (Curitiba, 1891 — 1968) foi poeta, prosador, contista e teatrólogo. Publicou as seguintes obras: *Eterno sonho* (1920), *Orando ao crepúsculo* (1920), *Sagrada solitude* (1921), *Passionata* (1921), *Últimas páginas* (1922), *Seara morta* (1925), *Mensagem da infância* (1957) e *Retiro da montanha* (1960).

O que fazer com o que Kafka fez com a gente

JAIR FERREIRA DOS SANTOS

Tentarei ser breve, não podendo ser claro. Aos quinze anos vi por acaso uma foto do escritor Franz Kafka numa revista literária. Fiquei perplexo com o quanto éramos parecidos. Faltava-me o cabelo repartido ao meio, mas não aquela intensidade alucinada no olhar que o tornou famoso, embora a mim nada acrescentasse de particular. Tínhamos as mesmas orelhas de abano, a mesma testa estreita. Seus lábios eram finos como os meus e nossas bocas revelavam apenas tensões diferentes; a dele parecia prestes a murmurar uma palavra, uma senha no ouvido do indecifrável; a minha mal disfarçava o despeito dos que teriam, adiante, problemas com a ambição ou o orgulho ou a coragem. Nossos narizes eram pura modéstia e sim, o principal, os rostos tendiam para um igual padrão retangular com as linhas do queixo amaciadas por ângulos bem abertos. Por fim éramos ambos altos e ossudos, como vim a constatar, porém eu nadava melhor do que ele.

Vesti terno e gravata, reparti o cabelo ao meio também e tirei uma foto para documentar nossa semelhança. Ela se mostrou irrefutável como a luz do sol. Li na época, meados dos anos 1970, quase tudo de e sobre Kafka publicado em português ou castelhano. Achei aquele inferno sem nuances tão surpreendente, tão empolgante que o acreditava mais habitável que Brasília, onde morava. Havia ali uma exigência

de heroísmo face à realidade que estimulava as mentes vacilantes, em marcha para a melancolia, a arremedarem a estranheza, a encenarem a resistência diante de qualquer dor. À semelhança com o autor de *O castelo* veio juntar-se o fato de que meu pai, então juiz, possuía um abuso de biblioteca e me forçara a ler historietas desde criança. Daí nasceu a inevitável e arbitrária convicção de que eu deveria tornar-me escritor.

Eu, porém, sonhava com outro enredo — reencarnar o próprio Kafka. Fui muito além de comprar cadernos (que se perderiam) nos quais passei a anotar suas frases cheias de insólito e desespero, e a exercitar a arte do miniconto. Sucessivas leituras de *O processo* me permitiram resumi-lo a: a existência é uma denúncia anônima, um complô sem sentido e sem mandantes contra o indivíduo, enquanto os tribunais, com suas manhas, executam a mímica de uma ordem vazia. Por aí eu compreendia aquela solenidade silenciosa em meu pai, ainda que nisso estivesse igualmente a chave do seu ridículo. O resto foi uma febre com o cabelo repartido ao meio. O garoto retraído mas atento que eu era virou uma sombra. A solidão me fechou num mutismo que levou minha mãe a consultar um psiquiatra. Me dediquei à insônia, perdendo peso. Rifei amigos da Escola Americana, pois não paravam de me desfazer o penteado, e na mesma onda, porque me tratavam como uma criança doente, mandei tios e avós pastarem.

Passeava à tarde pela periferia da cidade para dar aos pensamentos um timbre entre o meditativo e o assustador, apropriado para inventar animais sem nome, rituais sem nexos ao imitar as histórias do mestre. Esperava os crepúsculos, nos quais a beleza corrompe a angústia, para poder respirar. Evidentemente havia o horror ao cotidiano, mas vê-lo sob o ângulo do absurdo, dos ratos descerebrados num labirinto me deliciava. Ser *como* Kafka equivalia de algum modo a estar com Kafka, a verdade. Privilégio cujo efeito imediato era o prazer de ser superior e desdenhar qualquer superioridade.

Hoje suponho que troquei, com vantagem, Cristo por Kafka, porque deixei de ir à missa também. Menos bem-sucedida foi minha

conversão de leitor em escritor. Amar os livros de um autor pode conduzir à falácia das almas gêmeas. Achamos que o gosto pelas mesmas visões e emoções somente se explica pela simpatia entre sensibilidades muito próximas, isto é, logo logo, entre talentos iguais. Com o tempo ler é *quase* escrever... no futuro, e passamos de um a outro mágica, fraudulentamente, como se mudássemos de nome sem perceber. Enfim, enfeitiçados pela obra, ignoramos os meios para realizá-la, e quando chega o futuro nos pomos a pescar com um arado. Minhas pretensões literárias acabaram quando me meti a escrever a parábola em que uma comunidade caingangue era convocada, não se sabia por quem, para a tarefa de separar o joio do joio. Esse impasse ilustrava nossa insensatez. Mas eu não dominava o tema, faltava imaginação ao texto, não me ocorria como finalizá-lo.

Para alegria de meu pai, que julgou estar sendo um modelo, quando eu imitava Kafka mais uma vez, abandonei a literatura para inscrever-me no vestibular de Direito. Os anos de faculdade, no entanto, e Letícia, a garota generosa e fútil com quem me casei, tiveram grande influência sobre mim, gerando uma interminável *dekafkanization of myself*, como ela a batizou. Recuperei a cor, o olfato, que desaparecia durante meses. O sexo e os afazeres domésticos aumentaram-me, curiosamente, a massa muscular. Se não aprendi a dançar, ao menos lia romances recentes, assistia ao futebol na televisão. Um terapeuta associou mantras aos antidepressivos para combater meu negativismo. O diabo não apostaria tanto, mas funcionou: nos gestos, na voz entrou uma nova energia e uma vivacidade natural se impôs a meu corpo; por um ardid qualquer, meu desprezo pelas coisas se reduziu a uma ironia canhestra. Viagens ao exterior patrocinadas por meu pai incluíram semestres em Coimbra e New Haven estudando Direito Público.

Enxovalhei essa preparação ao concorrer à promotoria no Paraná; aprovado, me designaram para Cruzeiro do Oeste. Buraco onde baleei um homem. Embora não o lesse mais, Kafka se insinuou no episódio. Entre os meus primeiros processos na comarca estava o que

terminou com a condenação de um baronete da soja que estuprara uma menina de treze anos. Trabalhei para tascar no cavaleiro oito verões atrás das grades, a pena máxima. Saiu por seis, resultado invejável, embora seus recursos aos tribunais superiores tenham sido derubados, na verdade, pelo dinheiro de inimigos políticos. Dias depois da condenação, veio ao meu gabinete no Fórum um polaco truncado metido num blusão de couro, botas, chapéu à texana — foi o que vi pela fresta na porta. Deixei-o meia hora amaciando a caviúna na sala de espera enquanto folheava, pensando no que teria pela frente, uma edição antiga de *O processo*, que uma colega havia me devolvido. Pedi à secretária para mandá-lo entrar; ele veio direto à minha escrivaninha, apoiou-se na borda com as duas mãos e me disse, no tom da valentia com fuga planejada:

— Quem acha que meu pai merece cadeia não merece viver. Acabar com um sujeito é mixaria, o bom mesmo é ele saber por que vai sangrar.

Minha falsa frieza não o impressionou em absoluto, mas sou um tanto estrábico e ele pareceu perturbar-se com isso, como se não pudesse definir um ponto em minha testa onde atirar. Ao afastar-se para sacar a arma, joguei *O processo* em seu rosto, ele se debateu com as folhas que se soltaram, seu chapéu caiu, e foi o tempo de eu pegar o 22 engatilhado sobre a perna para atingi-lo, de lado, em seu pescoço de javali. Ele também me acertou, embaixo da clavícula esquerda. Não foi quase matar o sujeito — o 22, como se diz, é revólver de atirar em amigo — mas tomar um tiro que fez a diferença; o incidente iria me curar da kafkose por inteiro. O impacto, a surpresa, a dor, o sangue, tudo é choque e trânsito pelo irreal, o inacreditável que seria morrer. Passado o alvoroço, o hospital, no entanto, você sente uma espécie de conforto, de volúpia pela autoridade que começa a se expandir em quem pôs um laço no medo. Você é invulnerável agora, manda e domina sem saber o quê. Nunca registrei algo equivalente em Kafka. Nos mudamos eu e Leticia e Marcelo, nosso primeiro filho, para Curitiba.

A cidade era organizada, bonita e mortiça, um canteiro de flores parafinadas, mas nós queríamos uma vida tranquila e a tivemos. Sempre achei a ambição cansativa. A eficiência me bastava, não exigia qualquer dedicação. Caminhadas pelos bosques de pinheiros me ensinavam a pensar e a respirar sem atropelo.

Quando nosso segundo filho nasceu, pude ver aquela nova autoridade em ação. Complicações no parto haviam danificado seu cérebro, os médicos, falando sem me encarar, previam para a criança uma sobrevivência bastante limitada física e mentalmente. Me vi obrigado a escolher entre desligar ou não os aparelhos que o mantinham vivo. Bastaram-me algumas horas num bosque para decidir. Usando o ritual dos processos, procurei formular perguntas fortemente contrárias à minha posição e selecionar as piores entre elas, tal como esta: “Eu trocaria a minha vida pela do bebê, se isto o salvasse da anormalidade?” Eu sabia que não. A maioria das pessoas também não trocava. Ora, essa hipótese não existe, mas sua ausência produz o enorme alívio de não se ter de enfrentá-la e nos libera para atitudes menos penosas do que renunciar à vida, ao gosto de cada um: eliminar o bebê ou ser infeliz com ele. Considerei ser infeliz com ele uma tripla covardia — com a criança, com sua mãe e comigo — e mandei desligar os aparelhos. Os médicos montariam uma versão cristã da história para Letícia. No táxi que tomei para o cemitério, com o pequeno caixão sobre os joelhos (outra violação da lei), vi meu rosto um instante no retrovisor: branco feito um osso, estava deformado pela repugnância. Vinha-me de tudo à cabeça, mas enquanto cortávamos um descampado lembrei-me casualmente do conto “Na colônia penal”.

Ali Kafka descreve certa máquina medonha projetada para aplicar a pena aos condenados, pena que consistia em escrever com agulhas em seus corpos a sentença que haviam recebido. Pensei no quanto minha escolha fora além disso, se não reunia sob minha pele o criminoso, o tribunal, o condenado, a sentença e a máquina para inscrevê-la em meu corpo. O castigo ultrapassava o crime em per-

versão. Ninguém o suportaria por muito tempo. Engano meu. A nova autoridade falou mais alto. A culpa, o desgosto pela mentira a Letícia estavam ali, mas não me torturaram o quanto eu imaginava.

Em curto prazo, eu como que percorrera um gargalo e saíra do outro lado limpo, renovado, veloz, favorecido quem sabe pela vitória do esquecimento sobre a absolvição. Desfecho para o qual Kafka teria sido estupidamente supérfluo.

Quando Letícia se recuperou e eu ingressei na carreira de procurador da República, lotado em Porto Alegre, fizemos uma viagem pela Europa. Esqueci por completo que existia uma cidade chamada Praga, que um dia quis visitá-la para fotografar o túmulo de Franz no cemitério judeu. Ao regressar, o sorteio de um consórcio me agraciou com um Toyota Corolla que só faltava falar. Deixei o carro para Letícia e na sequência vi despertar em mim uma paixão inusitada.

Dei para jogar cartas, dados, roleta, bingo, caça-níqueis em clubes clandestinos, e pelo menos uma vez por mês ia a Punta del Este. Sonhava com estar jogando em Las Vegas, em Monte Carlo, embalado pela curiosidade sobre aonde ia bater aquilo, sem arriscar somas extravagantes. Mas em Punta conheci um ex-banqueiro uruguaio, doze anos de prisão, feio como um duende, viciado em bacará. ganhando ou perdendo, repetia sempre: “A vida é estúpida e exata.” Era o jogo, não tanto a vida.

Acabei por entender então o que eu fazia naqueles microplanetas à parte, os cassinos, nem justos nem injustos, onde reinava o acaso: eles me descansavam da Lei, dos Códigos, dos Tribunais, da sua presunção e ineficácia, em meio aos quais uma fantasia de juventude, para agradar a meu pai, havia-se degradado em pura indiferença. Como ganhava mais do que perdia, o jogo me ajudou a juntar dinheiro suficiente para voltar a Brasília e comprar uma casa vizinha à de meu pai. Os procuradores estavam na moda, mas mantive o perfil baixo, para trabalhar no piloto automático. Tive a lucidez de parar com o jogo enquanto Letícia, vendo meu apego à paternidade no zero, desistia

de um terceiro filho. Bem, o destino se diverte omitindo, em grande parte, a cena e o papel verdadeiros em que figuramos na nossa trama. Meu pai se revelou um exagerado bebedor de uísque desde que minha mãe o deixou por um bancário mais jovem. Conversávamos na varanda um domingo de manhã, quando observei que suas olheiras, levemente arroxeadas pela ressaca, marcavam seu rosto descarnado para lhe dar uma ligeira — minutos depois uma escandalosa — semelhança com Franz Kafka, com o judeu maduro chupado pela tuberculose. Risos fora de lugar me ajudaram a contornar o sobressalto.

À tarde, no escritório de casa, remexi em álbuns, livros e pastas que no passado eu etiquetara, parakafkianamente, de “Espólio”, e a observação se confirmou com novos dados. O doutor Ramos se parecia com o Kafka do último retrato, de 1924, onde se notam severidade e pureza no desalento de quem, sob uma testa livre, ainda mantém aceso o olhar de visionário, embora sinta o fim se aproximar. Ali estavam meu escritor favorito e meu pai, tão iguais quanto um par de luvas, excluindo-me do meu próprio sonho. Pois a seguir, quando comparei minha fotografia aos quinze anos com a do escritor, de 1914, aos trinta e um, recortada na revista, percebi que não tínhamos aparência alguma que fosse evidente, salvo alguns traços isolados (orelhas de abano, sobrancelhas quase retas) — a diferença de idade colaborando bastante para isso.

Nossos narizes não refletiam modéstia; o dele ostentava antes uma delicada solidez, além de eixo, obstinação; o meu era mais curto, acanhado. Meus olhos eram escuros e assustados, não intensos como os dele, cuja íris tinha um tom pálido sem definição em PB. De resto, ao tirar a foto, eu esgarçara a musculatura ocular para diminuir o estrabismo. Isto basta. Um adolescente confuso se apropriou, para autoglamurização, da imagem de um santo masturbador. Foi só.

Durante a semana o logro mostrou seu tamanho, se ramificou, fez a vergonha crescer. Eu errara muito e não havia como ignorar o sarcasmo da sorte nem sua prova viva, o doutor Ramos. Restou-me, para

diminuir o fiasco, evitar o drama. No domingo seguinte, reuni todo o acervo referente a Franz Kafka e queimei-o. A Procuradoria, a rotina sem pretensões que eu tocava se encarregariam de diluir o assunto. O episódio, no entanto, me pôs em contato com aspectos insuspeitos da minha personalidade. Tipo: ter uma vida comum (bons amigos, filho saudável e inteligente; o amor — gasto — a serviço do casamento; o cinismo face ao lixo oferecido pela política; a certeza de que nove entre dez advogados e juízes são “mulas” em tramoias financeiras; a habilidade para lidar com os dilúvios de merda e ansiedade do mercado e da informação etc.) não significava de modo algum que eu fosse uma pessoa normal. Diria até que sou paranormal, num sentido peculiar, assim: dificilmente eu estive aqui.

Estive foi anos a fio numa jaula ao lado daqui, estreita, de vidro, feito um animal inquieto, precário, nu, seco, mordaz, assistindo a uma pantomima com a qual contracenava sem talento algum. Fora quer dizer ao lado. Uma proeza, porque sequer me dava conta dessa separação. Tempos atrás eu pensava nesse bicho improvável e no quanto ele me custava, quando meu filho Marcelo entrou no escritório e me entregou um caderno velho que encontrara ao xeretar os guardados de Letícia. Era um dos meus, sem capa, a espiral enegrecida pelo tempo, em que logo na primeira página eu havia transcrito esta entrada dos diários de Kafka: 2 de agosto de 1914: “A Alemanha declarou guerra à Rússia. Fui à piscina.”

Desde então tenho me sentido longe, distante, muito longe. Trabalho o mínimo, jejuo, caminho pela periferia, mastigo raízes. É no entanto uma nostalgia singular, para cima, cheia de ânimo. Hoje eu precisava terminar duas petições enroladas na procuradoria e decidir se fico ou não, sem dar na vista, com o escritório de meu pai, agora um desembargador aposentado; mas a verdade é: nunca estive tão bem quanto ao gravar de viva-voz este texto no celular, presente de Letícia pelos meus quarenta e cinco anos. Deixo o telefone neste banco de rodoviária, a garrafa com a mensagem, minha carta me-

ramente celebrativa a um caingangue desconhecido, antes de tomar um ônibus para qualquer parte ou ir embrenhar-me no cerrado, longe. Destruí todos os meus documentos, talões de cheques, cartões de crédito, não por frustração ou ressentimento, mas para não viciar os novos ares. Não querer o perdão dos que vou abandonar e esquecer é para mim uma conquista incomparável. “Longe” talvez signifique “bastante outro”, um mutante. Algo a ser testado. Vamos ver.

Jair Ferreira dos Santos (Cornélio Procópio, 1946) é ficcionista, poeta e ensaísta. Mora no Rio de Janeiro desde 1971. É autor do ensaio *O que é pós-moderno* (1985) e da coletânea de poemas *A faca serena* (1983). Seu último livro de contos, *Cybersenzala* (2006), foi finalista do prêmio Portugal Telecom. É formado em Comunicação e Editoração pela UFRJ.

O cavalo Miranda

JOSÉ CRUZ MEDEIROS

Cavalo, seu moço, é como lhe digo: é como o dono! Se o dono é brioso, se é disposto e valente, cavalo também; se o cabra é arteiro e velhaco, então cavalo vira esperto e ladino, faz miséria, faz coisa que parece mentira; mas, porém, se o tal é cachaceiro e sem-vergonha, se é remanchão, vadio e contador de lérias, cavalo desta vez se enche de preguiça, só quer andar molengando por aí à toa, fica uma inutilidade de causar dó... Cavalo, moço, é como o dono!

Por isso é que cavalo Miranda era perrengue como o tinhososo. Cavalo de bêbado... Cavalo de bêbado não vale mesmo um pito, não vale o pasto onde se reboleia, essa é que é a verdade! É pior do que mula de mascate. Mula de mascate ainda trabalha, capengando de porta em porta. Cavalo de cachaceiro, não; fica mole, fingindo, modorrento... Não é, moço, que eu renegue o mata-bicho; acho até que é uma coisa muito boa. Deus ponhou a cachaça no mundo pra aliviar o homem, pra ele esquecer que existe; tem valia, bem se vê. Mas o Miranda dava até nojo na gente. Só queria saber de andar ciganando, parando no avarandado, onde cheirasse a branquinha. Tão acostumado, que ali chegava, ali ficava. Vadico apeava para o trago, e ele baixava a cabeça, esperando, esperando... Sempre de olhos fechados, abombado, uma quebreira que mal sustinha ele nas pernas... O lobuno nem as moscas espantava: ficava de rédea solta, a cincha nas virilhas, as orelhas murchas, um jeito que era uma tristeza... Não era capaz de

aguentar o tirão, uma andadura de substância. Qual! Nem campeava, nem fazia força. Nem mesmo na hora de arrancar o miserável tomava tento. Enquanto o Vadico dobrava o cotovelo, um copo em cima do outro, ele preferia ficar escutando as conversas dos outros, como se fosse gente... Pura molecagem. Nestes cafundós de Judas nunca se viu coisa assim. Tinha um que dizia que o bicho era espeloteado da cabeça, outro que era nervoso, por causa do balanceado dos cascos. Mas não era; o que ele tinha era muita manha, muita mangação. Muito sonso e disfarçado — como o Vadico. Pois eu não lhe disse que o animal sempre toma a feição do dono? Com marido e mulher isso também se dá, mecê ponha reparo: vindo o tempo, o homem vai pegando o tranco da bruaca, a bruaca faz as micagem do marido, e no fim tudo é igual, até a cara de um se parece com a cara do outro; mais isto já é outra história... E se o Miranda não era beberrão, cachaceiro como Vadico, é só por que era cavalo, e cavalo não bebe cachaça, só bebe água... Mas, no fundo, era a mesma coisa...

Mecê me pergunta se o sangue influi. Não era não, meu patrão. Pra comparar: o meu zaino, que mecê tá vendo, não é puro-sangue, mas é cavalo macho. Pega do freio, morde os dentes, e não deixa que nenhum lhe passe na frente. É sempre o primeiro, não que eu deseje aparecer; mas é cavalo de vergonha. E se eu fosse lhe contar que o que ele faz, as artes dele, como ele sabe abrir as porteiras e apartar a eguada, então não tinha fim. Mas o Miranda ficou é mal-acostumado com o Vadico. O Vadico é que deixou ele assim. Ara, veja bem: o Miranda — não é do cavalo que estou falando, mas do seu Geminiano, que mora lá na sofralda da Boca Escura, na Serra da Esperança — esse Miranda andava mesmo caído, de olho em cima da mulher do Vadico. A Zabelinha, filha mais velha do meu compadre Belarmino Figueira. Um caso que não tinha mais volta, uma bicheira sem remédio que deu no Geminiano. Desde que o Geminiano garrou a não dar alce, a se fazer de rancho, sem sair da casa do Vadico, que a coisa mudou. Zabelinha era despachada, viu logo que não pagava a pena trabalhar

para o Vadico. O catinguento não tomava jeito. Só vivia estonteado, bebendo como gambá. Ela destratava ele, depois falou com o pai dele — mas qual, seu moço! O tal era levado mesmo da casqueira. Chegava em casa arrotando o troço e se enfurnava na toca, que ninguém mais via! Quando alevantava, dali a dois, três dias, já alevantava com a garrafa na mão. Zabelinha garrava a reinação, cada vez mais incomodada. Vai daí, e como Vadico tava feito louco mesmo, pelo cavalinho que a égua do Geminiano tinha parido, o Miranda, que era viúvo pai de cinco filhos, virou para ele e foi logo abrindo a carona, cheio de coragem:

— Seu Vadico, vamos fazer uma troca?

— Vamos...

— Olhe — disse o Geminiano —, mecê tá enrabichado pelo cavalo. Mas mecê sabe que eu também aprecio muito sua mulher... Nós bem podia ajustar um aparte...

Vadico ficou matutando. Depois, retrucou:

— E se ela negar o estribo?

— Não nega. Me disse que se mecê não arreliar, ela vai comigo...

Ora, seu moço, essa história de um esquentar a água para o outro tomar o mate é coisa da gente meter logo as patas. Se o caso fosse com este seu criado, palavra que havia de desandar o porrete em cima dele, até lanhar a cara do sem-vergonha. Pra uma proposta deslavada como essa, só uma sova de relho. Mas parece até que o Vadico tava enfarado da mulher e esperando aquilo mesmo, porque em vez de destratar o buava não custou muito e ajustou:

— Tá feito, seu Miranda. Pode levar a mulher: eu fico com o petiço...

Vadico, então, ficou com aquela miséria de cavalo, uma cria arrepiada, triste como o quê. Mecê sabe como é feito o lobuno: uma cor esquisita, um chumbo que não é chumbo, a coisa mais horrível do sertão. Ainda se fosse um zaino bem tratado como meu — vá lá! — podia valer a troca... Mas um entropigaitado daquele! É demais! Mulher é bicho à toa, mas a gente tá vendo que o homem passou o boçal no

Vadico... Quem sabe se ele não tava tonto da cachaça? Muito depressa a questão garrou mundo, alastrou-se como fogo em mato seco, toda a gente comentando o acontecido. Mal o Vadico chegava no botequim, era um que perguntava, de velhaco:

— Seu Vadico, como vai D. Zabelinha?

Aí ele retorquia:

— Quem monta em mula que lhe aguento o trote!

E já era outro que vinha chasqueando:

— E o cavalinho Miranda, como lhe trata?

Vadico, porém, não se aperreava, e muito lhe divertia a brincadeira. Olhava os outros, os olhos vermelhos, de tanta cachaça, e dizia:

— Miranda já tá bom de boca! Cavorqueia um pouco, mas é cavalo bom. Mais um trago, seu Inácio! Seu Inácio, um martelo da azulinha!

Aí, então, a cabeça zonza, principiava as lambanças, as histórias que não tinha fim, de tão compridas. Quanto mais bebia, mais falava. Mentia como boi ladrão. Todo o mundo achava graça nas baboseiras, nas poetagens dele. Mas não há de ver que o porqueira sabia mesmo lambuzar a coisa? Imitava um, ria de outro, tinha um tranquilo mui jeitoso pra contar as valentias das brigas que ele se metia, o caso da capivara que ele garrou pelas orelhas, histórias de assombração, coisa do arco da velha... Tudo mentira, seu moço. Só pra dar risada, só pra fazer que a cambada, em roda dele, mostrasse as canjicas. Mas tudo gostava do cachaceiro, todo mundo pagava pra ele. E tudo quanto era história, o prosa arrematava, jurando: “É verdade! Juro! Juro pela alma de minha mãe!” Ah!, já ia me esquecendo de dizer! Mecê até já deve estar arreparando! O caso é que o cavalinho tava creçudo e, por mal dos pecados, o Vadico chamava ele do nome de Miranda, que mecê sabe era o dono dele. Desde que passou pra mão do Vadico, ficou sendo Miranda. Miranda pra lá, Miranda pra cá... O porquê, de verdade, não sei. Vingança não era, pois foi ele mesmo que se desfez da mulher. Acho que ele chamava o matungo de Miranda só por chamar. Ou, então, porque o bicho veio do pasto do Geminiano... Sei lá!

Mas, como já lhe disse, o causo ficou conhecido por tudo quanto era do lugar, até por gente de fora — o Vadico montado no Miranda! Era um gosto quando ele dizia, sempre que chegava na bodega:

— Miranda é bom no trote!

E logo depois, levantando poeira na estrada, pra fazer visagem com o cavalinho:

— Veja só o Vadico, montado no Miranda!

A risada, seu moço, era geral. Tão grande, que chegava até nos ouvidos do Miranda — o seu Geminiano. Este ficava como cobra que perdeu o veneno, todo enfiado e entrombado. Sem saber o que fazer, sem nada pra ponhar cobro, pra acabar com o deboche do outro. Pois, onde ele passasse, lá ia o Vadico, e onde o Vadico fosse, lá ia o Miranda — encilhado, arreado como uma besta, levando, em riba, o caborteiro chumbeado, sempre falando, sempre jurando: “Juro! Juro pela alma de minha mãe!”

Aquilo era um descalabro. Se o Miranda ainda fosse homem de qualidade, se fosse homem de caracu, vinha, dava uns tabefes no malcriado, e acabava com tudo. Mas não era. Pelo menos, pra pelear de frente. Certa vez, mandou um positivo, pra comprar o Miranda de volta. Mas o Vadico mandou dizer que tava muito satisfeito com a andadura do animal, e que não tava pedindo esmola, que o pala tava forrado. Mas o Geminiano, que apesar de cainho não fazia questão de gastar a pólvora, pra liquidar a vergonheira, mandou o homem outra vez, pra alinhavar outra barganha: duas vacas leiteiras, mais a água rosilha, de estimação, pelo cavalinho. Mas o Vadico respondeu que não queria saber de amolação, que era melhor o homem ir pentear bugio... Depois, um dia, o Vadico levou um tiro, quando vinha pra casa. Ninguém até hoje sabe quem descarregou o chumbo. A carga passou zunindo como pé de vento, pelas costas do Vadico, mas só serviu para o moleque dizer então, nas conversas da venda:

— Praga de urubu não mata cavalo gordo!

Seu Geminiano devia ser muito tapado mesmo: porque não se

alembrou de uma barrica de cachaça, pra oferecer para o Vadico? Não se alembrou de uma barrica de cachaça, não, seu moço. O que lhe passou pelo miolo foi outra coisa. Vendo que nada arranjava, e que aquilo não podia continuar — o Vadico em riba dele, e ele corcoveando pela estrada afora, e todo o mundo caçoando dos dois —, teve uma ideia que lhe pareceu muito boa. Como não há matreiro que não acabe caindo, ele havia de pegar o malino de jeito mesmo! Foi de noite, quando a noitinha vinha cerando. Mecê sabe da tristura que enche a mataria, na boca da noite. As saracuras deixando de piar, os passarinhos que vão se acomodando, tudo ficando quieto, um silêncio de cova... O sol, devagar, vai escondendo, se escondendo numa vermelhidão danada, até que as nuvens, as nuvens da cor da queimada, vai ficando amarela, fica roxa, pardacenta — assim como a cachaça do Vadico — e depois tudo se desmancha e se mistura, e a gente não sabe pra onde é que a nuvem foi... A gente só sabe que a noite é grande, que engole tudo, engole casa, engole pinheiro, os caminhos, só não engole o coração da gente... O coração da gente fica amarrado, garra a fazer estripulia, e uma saudade amargosa começa a crescer no peito da gente — não sei por que... Então, depois, vem alevantando, redonda que nem tigela, a lua, que reponta ali para os lados do João Minhoca. Aclarei o mundo, as folhas das árvores principia a brilhar, as águas do rio vai ficando aluminada, espelhando as coisas, e tem bicho que sai da cova, bicho que só anda de noite... É a hora das alma-penada, dois boitatá, mula sem cabeça... Cruz! Pois foi numa hora dessa, seu moço, que o Geminiano ficou na espera, atocaiando o Vadico. Não havia de demorar. Quando ele ouviu os passos do xará, que vinha num tranquilo seco, com o bêbedo em cima dele, pônhou depressa um lençol na cabeça — um lençol com dois furos, pra poder olhar — e ficou trepado na beirada da ponte, feito assombração. Ara, seu, o bicho, que não vinha chumbeado e tinha um faro mui apurado, de cavalinho medroso e passarinho, viu de longe aquela coisa branca e principiou a negacear. Trocava as orelhas, bufava, queria mesmo

espinotear. Vadico apurou-se no lombo, como pôde. E como pôde, também, abriu os olhos e deu com o troço. Virgem! Que era aquilo branco, aquela visagem empoleirada lá na ponte, no lugar que ele tinha de passar? Pois era vaqueano daquelas paragens e nunca tinha encontrado assim uma coisa tão feia, tão esquisita... Matutou, então, pra vadear o rio. Mas não dava: a corrente era muito forte, as costas muito longe. Seu moço, não lhe conto nada! Vadico era um traste, um coisa-ruim, mole, preguiçoso — mas era decidido! Isso ficou provado! Sentiu uma friúra, um medo desgranido, mas deu com o relho na marca do petiço, que tava empacado, e enveredou pra frente! Fez o pelo-sinal, e quando se aproximou da ponte foi gritando: “Quem tá aí?”

A coisa não falou logo. Alevantou os braço, cheios daquela panela comprida, e só depois saiu a voz:

— É a tua mãe, Va-di-co!

O cria levou um estremeção. A mãe, ali? Pois se a finada tava enterrada, há quanto tempo! Mas a voz não molengou:

— Vadico, venha cá! Venha falar com a sua mãe!

Vadico, tonto como tava, não via bem. Atiçou o lobuno, que só queria corcovear, e foi se chegando.

— Vadico, meu filho, quero lhe pedir umas coisas!

— Missa para o seu descanso, mãe? — atalhou ele.

— Vadico, meu filho, dizia a assombração, mecê anda errado! Anda jurando à toa, no nome de sua mãe, enquanto vai se enchendo de cachaça! Mecê não toma jeito, meu filho? Não tem vergonha nessa cara deslavada?

Vadico baixou os olhos, meio enfiado. Estranhava só o modo daquela voz. Parecia diferente, mais grossa. Até que a mãe tinha uma voz fininha...

— Vadico, peça perdão! Perdão pelos pecados!

— A benção, mãe — disse ele.

— A outra coisa, Vadico, é esse pobre cavalinho. Mecê tem feito das suas, seu Vadico! Por que ponhou esse nome no cavalo? Então

mecê não sabe que Miranda não é nome de cavalo, é nome de gente? Filho, Deus castiga!

Ele fincou os olhos na visão. Tava mesmo atarantado. Não podia imaginar que a mãe sabia de tudo!

— Vadico, mecê tem de mudar o nome desse cavalo! Agora mesmo! Olhe, já arranjei outro nome, muito mais bonito: de hoje pra diante, ele se chama Carijó, ou então, se mecê não apreciar, ele pode chamar Prateado, Gamelinha ou Guavirova!

Vadico ficou triste. Não queria trocar o nome do cavalinho. Aquilo repugnava muito ele.

— Mãe, ele é Miranda!

— Não desobedeça, meu filho. Se mecê desobedece, eu não posso descansar!

— Ele é Miranda, mãe!

Nesse passo, os dois ficaram discutindo, sem acordo nenhum. Vadico, pra consertar, disse que podia trocar o nome pra Mirandinha, mas a mãe não queria. Vadico era mesmo um cabeça-dura! O fantasma tava desesperado, branco de raiva, mais branco do que o pano que cobria ele. A vontade dele era pegar o rebenque e desandar na lata do desaforado. Mas, do modo que tava, viu que só devia tirar vantagem com o estrupício do Vadico. Assim, com muita paciência (mecê sabe que é preciso muita paciência pra lidar com um bêbedo), ele dizia:

— Vadico, tenho que ir embora!

— Mãe, vou rezar pra sua alma! Mas deixe o Miranda assossegado!

A bruxa, aí, não se conteve. Vendo que nada conseguia com aquele mangão, mudou o grunhido, e foi dizer de vez:

— Vadico, mecê já fez muito coisa triste! Onde se viu trocar a mulher, por um cavalo? Vá agora mesmo na casa do seu Miranda — um homem tão bom! — e deixe lá essa porqueira de animal. E traga a Zabelinha, de volta...

O espantalho tava todo alvoroçado, lá dentro, esperando a resposta do Vadico. Vadico garrou a assuntar, se valia a pena. Monta-

do no piquira, assim meio de banda, meio derreado, pensou, pensou muito... Mas, porém, seja porque ele conheceu a voz, seja porque nessa hora já via bem da cachaça, replicou, num definitivo:

— Não, não serve. Fico com o Miranda mesmo. Cavalo é melhor...

Catocou o matungo, que tava louco pra arrancar de perto daquela coisa, e lá se tocou pra diante, na estrada escangalhada de lua. Na beira da ponte, o fantasma, muito avexado, muito aborrecido, se desembrulhava do lenço — uma carniça mesmo sem préstimo...

José Cruz Medeiros (Curitiba, 1909 — ?) foi contista. Escreveu os livros *Pinheiros* (1956), *Bicho-carpinteiro* (1959) e *Uns contos por aí* (1969).

O canto do sabiá

JOSÉ MARINS

Amanhece cinzento o dia. Ela não passa o café como faz todos os dias. Ele nota e não diz nada, prefere observar, ver se entende. Mesmo com ela calada puxa conversa:

— O sabiá começou a cantar, você ouviu?

— Não é o sabiá e sim a fêmea que canta — ela retruca.

Ele não se intimida com o tom da voz dela, continua:

— Dizem que quando o sabiá canta, o inverno está terminando.

— Que nada! A sabiá canta porque vai começar a primavera!

Ele não recebe a provocação e tenta brincar com a situação:

— Talvez sejam os dois que cantem, tornando uma festa o acasalamento!

— Ou precisam trabalhar na construção do ninho, isso sim.

Ele prometeu auxiliar na arrumação da casa e do quintal, mas adiava.

O debate continuaria se não fosse pela chegada de Luzia, a empregada temporária. Como vinha fazendo há dias, hoje ela chegou toda faceira. Espremida numa calça justa e na blusa decotada, a morenice abundante, outra vez arregala os olhos dele.

— Bom dia! Já viram? Vamos ter um dia de sol!

— Luzia, responda-me uma coisa: é o sabiá macho ou a fêmea que canta? — ele se atreve, buscando aliança com a morena.

— Claro que é o macho! Para marcar território — exhibe-se. — O senhor também ouviu nessa manhã?

— Ouvimos, Luzia — ela corta. — Depois de tomar café, quero que você lave todos os vidros das janelas!

— Nossa! A moça nem chegou ainda — ele defende a aliada. — Se precisar, eu ajudo com a escada. É pesada, sabe!

— Nossa! Que marido *fofo*, dona Zilá.

Ela o censura com olhar, enquanto sai da mesa. Ele não toma jeito e continua olhando as curvas da moça no ir e vir da copa para a cozinha.

— Posso tirar sua xícara, seu Nélio?

— Deixa que eu mesmo levo, Luzia.

— Depois o senhor traz a escada para mim?

— Sim, pode deixar. Por onde vamos começar? — expondo um sorriso maroto com a pergunta.

— Ah, a patroa é quem sabe!

Quando ele chega à garagem para apanhar a escada, ela já o está esperando. Seria uma reprimenda sobre os modos dele com a empregada se não fosse o tom conciliador dessa vez. A fala dele traz uma justificativa: “só estou me divertindo”, e é tudo.

De nada adianta a advertência de Zilá para o Nélio. Ele passa a manhã toda carregando a escada para a Luzia.

— É preferível eu segurar a escada a você cair e se machucar, não é mesmo?

— Passam a manhã de vidraça em vidraça. Ele carrega e segura a escada. Luzia, ainda mais exibida balança o traseiro no sobe e desce. Trabalho ou não, brincadeira ou não, outra janela fica pronta.

— Desça devagarinho, Luzia, assim. Só falta uma.

As janelas e o almoço da dona Zilá ficam prontos.

— Oh, querida, estou morto de fome! Esse trabalho abriu meu apetite!

— Depois não reclame de dor nas costas... viu, Nélio? — contra-ataca.

— Eu bem que falei para ele, dona Zilá. Posso com a escada sozinha.

— Zilá, você está me subestimando. Imagine se eu deixaria uma senhorita fazer um serviço pesado desses — zombando.

Os três se comportam bem durante o almoço. Nem ele, nem ela jogam com as palavras. Luzia, motivo de toda a animação dele, não tira o avental dessa vez, mostrando os seios sob a blusa, como fazia nos outros dias. Ele não faz as piadinhas que irritam Zilá.

Após o almoço, o casal sai para caminhar um pouco pelo quintal. A empregada lava as louças. Ela aproveita para atacar novamente:

— Nélio, você não acha que está muito assanhado desde que Luzia veio trabalhar?

— Gosto dela, é divertida, alegre, aquele jeito de falar.

— Sei! E o que ela vai pensar?

— Que também sou divertido, como ela. Sem duplo sentido, viu!

— Ah, meu velho, você não toma jeito mesmo! Vou ficar com ciúmes — diz passando o braço em torno da cintura dele.

— Zilá, só dou conta da escada, da morena, não. Mas, quem sabe! — ri debochando.

Tudo indica o fim do inverno. Concordam em contratar um jardineiro para arrumar o quintal, cortar a grama, podar as árvores, replantar o jardim. Setembro vem aí.

Ah! Curitiba buliçosa do final de inverno: limpar o quintal, preparar o jardim para quando setembro chegar. Os ipês-amarelos florescem. A cidade se renova com a nascente primavera. *E por que não fazem uma festa? Um enorme festival da primavera!?*

O rapaz chega com a tralha toda: cortador de grama, enxada, tesouras, rastelo, etc. Dona Zilá pensa em pedir ao Nélio para atender ao jardineiro, mas prefere ela mesma fazer isso. Feitas as apresentações, ela enfatiza ter sido ele recomendado por uma amiga, pergunta pelo nome.

— Daniel, senhora — responde com visível timidez. Ela acha graça do jeito dele e sorri repetindo o nome. Observa os braços fortes, o peito bem desenhado dentro da camiseta regata. Admira que já tenha a pele bronzeada nesta altura do ano.

— Não trouxe um chapéu?

— Tenho um boné.

Fecha o portão e surpreende-se olhando as costas do rapaz brilhando ao sol. Riria, se não fosse indiscrição, de si, do rapaz, daquele cheiro de suor, da primavera precoce, do sabiá cantando, da corruíra inquieta, do perfume exalado pelas flores do manacá. Suspira e apressa os passos para chamar o marido. Ao entrar na casa, vê o seu Nélio entretido em arredar móveis para a Luzia. “Quer saber de uma coisa? Eu mesma vou cuidar disso” — pensa de volta ao quintal. Mostra em detalhes tudo o que deseja ver feito e tem um jardineiro atencioso (“sim, senhora” aqui, ali). E ficaria mais se não fosse o sol por demais.

Na cozinha bebe num gole só o copo d’água. Decide levar outro para o rapaz. Ao sair, quase tropeça no marido, que olha da porta o jardineiro.

— Aonde vai com tanta pressa, querida?

— Não vê este sol? O rapaz precisa de um copo d’água!

— E ele não pode beber na torneira lá fora? — indaga a uma Zilá corada.

— Não custa nada ser gentil, né?

— Então deixa que eu levo.

É só o tempo de ele voltar e ela inventa que deve avisar *o moço* para não podar as azaleias.

— E desde quando jardineiro não sabe disso? — Zilá cora-se de novo.

O dia passa depressa. O jardineiro e a empregada vão embora quase na mesma hora, prometendo voltar no dia seguinte. A trabalhadeira de arrumar a casa, o quintal e o jardim só está começando.

— Que cansada boa lhe deu esse jardineiro, hein? *Daniel daqui, Daniel dali. Dona Zilá, a senhora pode me dizer onde está a mangueira? Dona Zilá, a senhora quer a grama rente ou alta? Olha, Daniel, você é quem sabe.* Vocês estavam umas gracinhas! — ele zomba.

— Mas que maldade a sua não me deixar convidar o rapaz para se sentar à mesa com a gente!

— Cheirando a suor e todo sujo, Zilá!

— Sinto-me vingada! O Daniel é muito mais bonito que a exibida da Luzia.

— Pois fique sabendo que trabalhei o dia todo. Estou quebrado com essa arrumação toda que você quer. E quanto à Luzia, bem... Somos só bons amigos.

Nos dois dias que se seguem, ela passa as ordens à Luzia e vai trabalhar de assistente de jardinagem do jovem Daniel. Então, quando terminam o trabalho, ela descobre que o rapaz pode pintar o muro e a fachada da casa. O Nélio não perde tempo, diz que a biblioteca precisa de limpeza geral, tirar a poeira, livro por livro e reorganizar tudo. Luzia e ele gastam um dia nisso. Zilá faz Daniel gastar o mesmo tempo.

Zilá descobre que o rapaz também trabalha de pedreiro e carpinteiro. É o que basta para providenciar consertos e reparos aqui e ali. Uma pintura externa na casa, por que não? Seu Nélio acha que a casa merece um apurado descarte, a começar pelo depósito e a garagem, junto com a Luzia, é claro. Item por item, envelope por envelope. Lá se vai a semana.

E como não têm pressa, setembro chega. Daniel e Luzia já fazem parte da casa. Até pousam no dia do temporal que vara noite adentro. Daniel no pijama emprestado do Nélio e Zilá no roupão cheirando a banho tomado. Lancham juntos, conversam, trocam ideias, ficam amigos. A timidez de Daniel ninguém mais encontra. Luzia até faz massagens nos ombros do Nélio. A casa, o quintal e o jardim ficam novos. Zilá e Nélio estão renovados pela convivência com os dois jovens. Mas como tudo passa, setembro já está nos meados. Daniel fica de vir uma vez por mês para ver se precisam dele para alguma coisa. Luzia uma vez na semana.

Na manhã do dia seguinte, levantam cedo, entusiasmados, sob os sortilégios da primavera.

— Você percebeu que o sabiá do quintal não cantou, querida?

— É, a sabiá já está chocando os ovinhos!
— E por onde anda o safadinho do sabiá?
— Ué, você não sabe? Cuidando de sua companheira e de seu ninho!

José Marins (Jandaia do Sul, 1954) é escritor e mora em Curitiba. É autor dos livros *Fazendo o dia* (poemas, 1985), *Poezen* (haicais, 1985), *Monalisa, a conchinha sabida* (infantil, 1989), *Pinha-Pinhão, Pinhão-Pinheiro* (haicais, 2004), *A brisa é você* (minicontos, 2010) e *A lâmpada e as estrelas* (haicais, 2012).

Dentro da morte

JULIO DAMÁSIO

A pior experiência de Boris foi a de se ver dentro de um caixão lacrado e enterrado. Ao abrir os olhos e se deparar com aquela escuridão macabra, e ao identificar a situação em que se encontrava, desesperou-se e tentou de todas as formas se libertar. Mesmo com o exíguo espaço que lhe restou para se mover, chutava e arranhava com todo ímpeto as paredes de madeira maciça de seu novo abrigo, como se sua vida dependesse das próprias garras.

Faltava-lhe o ar. O cheiro da madeira de cerejeira envernizada e envelhecida com betume impregnava-lhe o nariz e agredia-lhe os olhos. Sua angústia o tomou por inteiro por acreditar que talvez o tivessem enterrado por equívoco.

Dentro daquele silêncio sepulcral, ouvia o bater descompassado do seu coração, a respiração ofegante de um desesperado, e sentia o latejar das veias. Tentou concatenar os pensamentos, mas não encontrava a causa para estar enterrado, não se lembrava de nenhum acidente, não estava doente, não via justificativa para sua morte. Por um momento, refletiu sobre sua vida e, principalmente, sobre seus enganos. Muitos foram: o de trabalhar em demasia; o de deixar de se cercar por pessoas que amava para acumular bens que de nada lhe serviam naquele momento, por correr atropelando o tempo, a vida, sem preliminares. Teve em seu pulso o marcador das horas não como aliado, mas como um escravizador. Ao passar a mão direita sobre o

pulso esquerdo, percebeu seu relógio de ouro; este fora enterrado consigo. Sorriu de si mesmo. De que lhe valeu tanta riqueza, tanto luxo, se o espaço na morte era rústico e não permitia nem mesmo o corpo em movimento, não cabia a ganância e nem a vaidade. Outro engano, o pior deles, talvez o que deu origem a todos os demais: não acreditar que um dia sua morte chegaria e que houvesse vida dentro dela.

Com muito esforço, conseguiu levantar a cabeça e trazer o braço para próximo de sua visão. O relógio, com os ponteiros iluminados, apontava meia-noite.

Penalizou-se por lembrar-se das pessoas que não sentiriam sua falta. Concluía que não fizera por merecer uma lágrima verdadeira sequer pela sua passagem.

Tentou se conformar com o sepulcro, mas o desespero aumentou ao sentir que estava sendo devorado, decomposto lentamente pelos vermes. O corpo exalava mau cheiro. De nada lhe adiantara o perfume francês. A combinação da essência com o aroma do seu corpo não diminuiria o odor fétido. Lamentou por não ter compartilhado as festas com os amigos, quando ainda os tinha. Imaginou-se em uma manhã ensolarada, brincando com a filha em um parque, depois de ter namorado a esposa, deitados na grama, à sombra das árvores. Era somente fantasia, não havia como se lembrar de fatos não acontecidos. Nunca se casou e tampouco teve filhos, julgava seu tempo precioso demais para dividi-lo.

No funesto episódio, Boris teve ainda a consoladora ideia de que aquilo poderia se tratar de um pesadelo. O pior de todos os pesadelos, pois parecia nunca chegar ao fim. Novamente olhou para o relógio, passava das três horas.

Depois de tanto se debater, exauriu-se, gastou todas as suas forças. Sentia que pelos seus dedos esguichava sangue, resultado das inúteis tentativas de lascar as paredes do caixão. Ele gritou, buscando se recobrar com o som de seu horror, mas percebeu o som abafado. Vencido pelo desespero, apagou.

Ao abrir os olhos novamente, viu-se despertar em seu amplo quarto. Os olhos visualizaram toda a parede recém-pintada de azul-piscina. Respirou fundo e, pela primeira vez, percebeu que o ar da primavera que entrava pela janela entreaberta era aromatizado, e que o perfume inebriava a alma. A brisa acariciou seu corpo, excitando-o à vida. Os raios de sol invadiram o quarto pelas frestas das persianas, formando na parede um desenho único de luz e sombra. Ouviu o cantar dos sabiás, o chilrear dos pardais. Percebeu que o simples fato de respirar era espetacular.

Olhou para o relógio de vidro rachado, apontava nove horas; perdera a reunião de negócios. Pensou em levantar-se abruptamente, mas resistiu ao lembrar-se dos momentos de horrores. Mesmo aliviado, sentia dores no corpo como se realmente houvesse estado por algum tempo preso e enterrado dentro de um caixão. Levantou-se, foi com certa dificuldade até o banheiro para lavar o rosto e desfazer a imagem do pesadelo.

Então, abriu a torneira e percebeu que jorrava mais sangue dos seus dedos do que do jato de água. Olhou para as mãos e, ao ver suas unhas e parte de seus dedos carcomidos, levou-as com dificuldade ao rosto. Sentiu uma dor aguda no peito — lembrara do mal súbito. Gritou. Talvez para acordar de outro pesadelo, o som desesperado ecoou em seus ouvidos. Quando tirou as mãos da face, viu-se de novo em seu definitivo espaço, em sua pior experiência, dentro da morte.

Julio Damásio (Curitiba, 1966) é contista, colunista e poeta. Autor independente, ministra palestras de motivação à leitura e oficinas de textos criativos. Dedicou-se à literatura profissionalmente há mais de quinze anos. É estudante de sociologia na PUC-PR. É autor dos livros *Conto dos contos e outros contos* (2003), *Julio Damásio morreu + 113 continhos* (2005), *A compota de pimenta e outros contos puramente picantes* (2008) e *Oração de um quase descrente* (2009).

O exorcismo

JÚLIO PERNETA

O Vadozinho gastara a rósea mocidade a ensinar meninos, e essa recordação de um passado já longínquo enche-o de orgulho, dilatando-lhe a alma encarquilhada e velha.

Ele, que nascera no fundo de uma vila pobre, obscuramente esquecida numa esplêndida e exuberante colina, risonha sempre, sempre florida, como se a primavera ali cantasse eternamente — mas onde também santas aspirações nascem e morrem sem o batismo sagrado das realizações —, fora um dia surpreendido por seu pai, que reuniu toda a família que, também como ele, desconhecia a causa daquela reunião secreta.

A princípio olhavam-se, numa interrogação pasma e misteriosa, sem nada compreender, perspectivando lutuosa notícia, conjeturando intimamente os mais recentes fatos, até que seu pai, o velho Ibraim, contraindo o sobrolho num ríctus de severidade, desfranziu os lábios grasnando com voz rouca e cansada:

— Vadê, hoje fui chamado pelo compadre Totó, e dele tive a boa notícia que foste nomeado, pelo governo, mestre-escola daqui da vila. Agora é preciso ver o que fazes. Desempenha o teu cargo de modo satisfatório para tua família e para aquele que nos protege. Vê lá, Vadozinho, se entras na vida com o pé direito; vê lá!

A família se dispersara pelo interior da casa, pererecando num contentamento enluarado em sombras de tristezas; porque, apesar de ignorante, ela tinha a intuição, que é o patrimônio das almas simples: realizar um ideal é a maior de todas as infelicidades.

O Vadozinho, de imaginação mais poética, leitor, assíduo das Primaveras de Casimiro de Abreu, se deixou ficar ainda por longas horas num êxtase de sonho, numa espécie de saudade vaga, de recordações vaporosas que nos despertam os dias brumosos, vistos através das vidraças, dias tão sugestivos de tristezas, tão profundamente melancólicos, como se o bando fúnebre das almas torturadas vagasse errante, enchendo o mundo duma tristeza desoladora e aflita, enchendo o espaço com a liturgia sonâmbula dos gemidos.

A lembrança de que se ia realizar o seu supremo ideal deixava-o nervoso, cheio de uma ansiedade, de um alvoroço que se não pode explicar.

“Eu, mestre-escola? Não creio. Parece-me um sonho, riem-se da minha santa aspiração; são cruéis!” E, com o olhar perdido no espaço, sem ver nada do que via, recitava a meia voz:

“Há dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que a ninguém consola
Ou suspeita sequer!

Mágoas maiores do que a dor dum dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De lábios de mulher!”

O Vadozinho estava incomodado; percorria a sala em todas as direções, repetindo sempre, cheio de alegria duvidosa:

“Eu, mestre-escola, eu, mestre-escola!” como se quisesse corporizar essa ambição ardente de sua alma.

Dias depois, o Vadozinho, rodeado da família, lia o ofício que trazia a sua nomeação para o cargo de mestre-escola da vila.

Foguetes estrugiram no espaço, a vila engalhardeou-se como nos dias de festa do seu padroeiro.

O Vadô, metido numa fatiota nova que mandara fazer para assistir ao casamento do Zeca Duarte, recebia as felicitações de todo o povo que, reunido em frente à casa, quebrava o silêncio religioso dos dias de trabalho com a algazarra de expressivos viva nhô Vadô, viva o mestre da escola daqui!

E essas recordações ainda lhe enchiam a alma de uma grande saudade dolorosa. Ouvia ainda perfeitamente, distintamente, a voz daquele povo aclamando-o numa ovação de entusiasmo; porque ele ia ser o mestre dos seus filhos.

Boa gente, boa gente daquele tempo hoje quase desaparecida com seus pais na voragem fatal do cemitério!

E para lembrar esse passado encarquilhado e velho como a sua alma, o Vadozinho reunia todas as noites a família que o escutava cheia de respeito e admiração.

Depois se iam todos para a roda do fogo, onde a canjica fumegava deliciosamente numa panela de barro.

Sua mulher, a velha Josefa, ocupava-se em distribuir a raspadura pelos netos, com muita igualdade para evitar conflitos ou orquestração de soluços, o que quase sempre acontece nessas ocasiões; porque o pedaço que coube ao Jango foi maior, que ela quer mais bem àquele do que a este.

Acabada a merenda, começavam as histórias de lobisomem, boitatá, almas de outro mundo, terminando quase sempre o serão em pânico geral. Até o velho Vadô, de vez em quando, olhava para os lados desconfiadamente, arrastava o cepo mais próximo do fogo, tiritando como se o sopro gélido de alguma alma o incomodasse.

A velha Josefa, que geralmente começava as histórias, era a primeira a pedir que não contassem mais, porque depois as crianças não podiam dormir; que era melhor falar em coisas mais alegres e deixar os mortos em paz.

E, num assomo de coragem, erguia-se para ir buscar lenha no quintal; mas voltava da porta, gritando que uma mão fria lhe puxara

os cabelos e vira uma alma correr arrastando um lençol branco, muito grande, muito grande.

— Vamos, vamos deitar, Vadô; isto assim não serve, depois as crianças não podem dormir.

O velho Vadô que já cochilava, quando sentiu a mão da mulher tocar-lhe no ombro, deu um salto, e esfregando os olhos:

— Não viste, Josefa? Não viste como me apertaram a garganta, que nem podia respirar? Quis gritar, não pude; vamos, vamos, Josefa; acho melhor irmos pousar para a casa do compadre Faustinho; isto aqui está como o diabo.

— Cruzes, não diga isso, Vadô; creio em Deus padre, você ainda chamando esse feiticeiro! Cruzes, manifica!

E ambos, joelhos em terra, muito unidos, persignavam-se três vezes, em cruz, para afugentar os maus espíritos que os perseguiam.

O dia vinha cantando o hino triunfal de uma alvorada sadia, pela garganta dos pássaros. Em casa do Vadô tomavam o chimarrão à roda do fogo crepitante, alegres como quem desperta vindo de viagem feita em sonho ao país fantástico das fadas.

O velho Vadô, a fronte vergada sobre o peito, cismava na alma doutro mundo, naquela mão fria que lhe puxara o cabelo; e por sua imaginação desfilava todo um cortejo fúnebre de superstições. Lembra-se de um cavalo sem cabeça que às sextas-feiras à meia-noite corcoveava no pátio da igreja; da serenata das bruxas no cemitério, que seu falecido pai sempre contava que ouvira; e estremecia de vez em quando, como se estivesse ante a pávida realidade.

A superstição faz parte da crença religiosa do nosso caboclo; ele ouve, à roda do fogo, essas narrativas contadas pelos pais e as transmite aos filhos; e assim vão, de geração em geração, corretas e aumentadas como os almanaques de notícias.

Não ser supersticioso é não crer em Deus.

O caboclo vê nas menores cousas o prenúncio de uma fatalidade. Se lhe passa por sobre a casa o tesoureiro zirrando a causa em V, é

que no céu se talha uma mortalha para alguma pessoa da sua família.

O velho Vadô ainda tinha a fronte vergada ao peso das funestas recordações, quando no portão da mangueira uma voz rude e forte bradou:

— Ô de casa!

— Seja bem-vindo, entre quem é! Respondeu a velha Josefa com a alma iluminada por um raio de dulcificadora esperança. Era o Zeca Duarte, que o velho Vadô mandara chamar para lhe relatar os fatos antecedentes.

Depois de palestrarem muito sobre o caso, ficou resolvido — por lembrança do Zeca Duarte — que ele mesmo iria buscar Tio Chico, o feiticeiro, muito conhecido de todos pelo terror que inspirava, graças aos seus grandes triunfos no mistério do exorcismo.

Tio Chico, o feiticeiro, era o terror, o assombro do povo do Caqueguera.

Quando ele passava, um velho pala de algodão enfiado — o arco-íris das listras quase consumido — um chapéu de palha gasto pelas invernias ríspidas, as barbas brancas ancestralmente esparramadas sobre o largo peito, um murmúrio de pavor burburinhava em torno, de lábios que se crispavam, num ríctus extravagante de momos, como se fora o espectro da morte que por ali passasse.

E, no entanto, todos os queriam muito.

No Caqueguera nada se fazia sem a sua aprovação.

E o velho feiticeiro, como se nada pressentisse, passava por entre aquele povo dando os bons-dias a uns, abençoando outros que se lhe acercavam beijando as magras e nervosas mãos.

Por vezes abria um bocó, que costumava trazer a tiracolo, e dele tirava uma caixa de tabaco, aspirava uma forte pitada, acendia o cachimbo de barro, já quilotado por longo tempo de serviço, e lá se ia, mato afora, à cata de ervas medicinais.

Depois de uma busca minuciosa pelos matos e vargedos, colhendo aqui uma folha verde de uma planta, excelente contra veneno; ali

a raiz de uma árvore seca, para humores tiro e queda, voltava, atalhando caminho pelos carregadores. À tarde, ao regressar a casa, quase sempre trazia um grande feixe de ervas à cabeça, como um deus velho coroado de pâmpanos e parras.

As crianças lhe corriam ao encontro para descansá-lo da carga, recebendo como recompensa a bênção trêmula do velho feiticeiro.

O laboratório terapêutico dos sortilégios diabólicos do tio Chico era uma espécie de museu, cheio de curiosidades, prateleiras com alguns vidros bojudos, onde enormes jararacas, cascavéis, cobras-d'água, enrodilhadas dormiam numa infusão de espírito de vinho, o sono dos inertes; uma variedade enorme de insetos, alfinetados pelas paredes de tábua; frascos com líquidos de diversas cores; a um canto um oratório aberto sobre uma mesa, deixando ver ao fundo, iluminado pela luz triste de uma lamparina, algumas imagens descarnadas e anêmicas de velhos santos da devoção satânica do feiticeiro. Embaixo da mesa ardiam duas velas de cera, esbatendo uma claridade amarela no semblante resignado de Santo Antônio, que jazia deitado no soalho, sobre o flanco esquerdo. E ali permaneceria até que se reatasse o casamento do Felisberto, que a Maria bugra e o João africano havia desmanchado.

“E havia de se reatar”, porque o tio Chico o queria. Para isso ele mandara o Felisberto arranjar um objeto qualquer que fosse do uso da moça. Então haviam de ver de que lado a corda rebentaria, pois seu responso não lhe enganava; duas vezes já o tinha consultado e as cousas iam boas.

Sol em agonia, pestanejando indeciso, de pálpebras cansadas.

A soledade! Soledade em toda a natureza. Hora de quietude, de recolhimento íntimo, de romaria das lágrimas do passado. Ao longe o velho sino da igreja da vila soluça plangentemente Ave-Maria, num bam... bam... bam... rítmico de cântico sagrado. As cabeças se descobrem e os lábios ciciam ante o esquife do ocaso, onde o sol desaparece, amortalhado.

Tio Chico, depois da oração, ergueu-se em direção à porta que

dava para a encruzilhada, espraizou a vista pela vastidão exuberante das grandes coxilhas que se estendiam à sua frente, sentou-se ao portal, quietou-se em profunda meditação. Como que naquele momento todo o seu passado inútil, toda uma vida de aventuras diabólicas, lhe aparecia toldada de arrependimento, espinhosa de remorsos — dos muitos malefícios que já distribuía pelo mundo.

Súbito, como se estivesse vendo diante de si o espectro macabro dessa lembrança, ergueu-se esfregando os olhos sofregamente e encaminhou-se para a encruzilhada cantarolando uma velha trova, muito em voga no seu tempo:

“Ela partiu e me deixou,
Ela foi comigo ingrata;
Levou tudo quanto tinha,
Por isso choro sua falta.
Ela partiu e me deixou,
Ela foi comigo ingrata.”

Estrelas pestanejavam no céu azul.

Ao chegar à beira da estrada, tio Chico estacou ante um cavaleiro.

— Boas-noites, tio Chico.

— Quem é?

— Sou eu, tio Chico, o Felisberto.

— Oh Felisberto, quase que não te conhecia, com um poncho tão grande; vamos chegar.

— Mecê parece que ia pra vila?

— Não, vim até aqui dar um passeio, espairecer um pouco. Então, Felisberto, arranjou a cousa?

— Arranjei, nhor sim: paguei pra Sabina, que foi escrava da casa, mecê conhece, e ela me arranjou um pouco de cabelo. Não sei se servirá.

— Há de servir!... Está muito bom... agora vamos lá pra botica.

Assim chamava tio Chico ao laboratório de suas mandracas. Er-

gheu Santo Antônio, colocou o cabelo embaixo da imagem.

— Agora, Felisberto, você leve esta caixinha com pó, e veja se a Sabina faz a menina tomar um pouco... Isto não faz mal... Sem ela saber... No café, no mate. Bem: tem mais esta agulha que você mesmo fará passar no vestido dela; não vá se espetar que é venenosa.

— Mas, como eu posso fazer isso, tio Chico?

— Muito bem: sábado há reza na casa do Faustinho, e ela vai, então aí é ocasião. Quando se quer e se precisa, tudo se realiza, diz o velho adágio. Ora, pois, faça isso que lhe digo e deixe o resto cá para o velho, porque muito logo havemos de comer os doces: meu responso nunca mentiu; hoje vou tornar a falar com ele.

E se foram para junto do fogo.

Palestraram sobre o corte da erva que o Pedro Mascate estava fazendo no erval do falecido Ludogério, e que era fora de tempo, que estava estragando; pois a erva agora começava a brotar.

— Isso é malvadeza; o inspetor já recebeu queixa e com certeza...

— O de casa, tio Chico! Gritou uma voz do portão da mangueira.

— Seja bem-vindo; mecê entre.

— Sou eu, tio Chico. E assomou à entrada o vulto desempenado do Zeca Duarte, compadre do velho Vadô.

— Oh nhô Zeca, mecê por aqui a esta hora... Que novas lhe trazem?... vá sentando por aí... Mas o que lhe traz por estas alturas?...

— Saudades de tio Chico...

Tio Chico sacudiu o corpo todo numa gargalhada franca e ruidosa, como só ele sabia dar, e ofereceu um chimarrão.

— Mas, nhô Zeca, eu estou ansioso por saber a que vem a sua visita... A alguma coisa mecê vem... Será alguma parrelhinha que vai atar e precisa do velho pra arrumar a raia; ou algum amorzinho novo que não quer se ajeitar?

— Nada disso, tio Chico. É cousa mais séria e de que só mecê nos poderá livrar.

Tio Chico a princípio o fitou com um olhar cavo e inquieto, onde se

lia a astúcia perscrutadora de quem vai ouvir uma revelação criminosa.

— Só eu poderei livrar — repetiu ele pausadamente, como quem autopsia uma frase em sílabas.

— Eu lhe conto, tio Chico.

E desafiou o rosário das atribulações por que estava passando o velho Vadô.

— E só mecê poderá livrar o compadre daqueles maus espíritos que andam por lá fazendo rumor.

Como depois de um pesadelo, a respiração de tio Chico foi larga, as narinas se dilataram para acompanhar os lábios nas gargalhadas que então sucederam a esse momento trágico de indecisão.

— Mas, nhô Zeca, há muito tempo que tem isso por lá?

— Nhô sim. Há um ror de tempo.

— Está direito — pensou um instante e, depois, como que tem certeza do bom êxito da empresa: — Não há de ser nada; eu vou conversar com o meu responso e amanhã imo ver isso de perto.

Ainda palestraram por algum tempo em roda do fogo, fumando, chuchurreando o chimarrão. Já passavam das onze horas quando tio Chico enterrou na cinza o guarda-fogo, que é o modo diplomático do caipira convidar o hóspede para se ir acomodar na cama, feita de cipós entrelaçados.

Os galos, empoleirados, anunciavam a aproximação triunfal do dia com os seus festivos —tatá... tatá... có... có... có... ó... alegres e prolongados, e o dia avançava destruindo a indecisão das últimas sombras de uma noite que desaparece.

Ó madrugadas esplêndidas, brancas e voluptuosas, pareceis feitas de risos de crianças e beijos de boca soberbamente amada!

Tio Chico chuchurreava os últimos goles do chimarrão, batendo com a mão espalmada na cuja grogolejante, num desconsolo de vazia.

— Vamos indo, nhô Zeca... Felisberto, você fica?

— Nhô não, vou até a vila.

— Então, vamo indo que eu ainda quero voltar cedo.

E puseram-se a caminho. Os animais mastigavam o freio, alegres, espichando o pescoço, dilatando as narinas, arregaçando uns beiços grossos para haurirem o ar fresco e sadio da madrugada. Quando entraram na Restinga Grande, que fica antes da vila, tio Chico apeou-se para apanhar umas esguias e espinhosas folhas de juá do mato, que há muito procurava para preparar uma mezinha.

— Isto é muito bom, é um remédio santo para dores de cabeça e câibras de sangue — disse tio Chico, mostrando aos seus companheiros as folhas esguias de juá do mato.

E continuaram a marcha. Não demorariam muito para chegar à vila; era só o tempo de pitar um cigarro.

— Home, vocês não tomam tabaco? — disse tio Chico ex-abrupto aos companheiros, como pensando surpreender neles um grande desejo insatisfeito; e apresentando a caixinha de rapé: — Olhe que este é bom; veio de Curitiba.

— Nhô não, isso faz a gente espirrar muito. Um cigarrinho é melhor — disse o Zeca Duarte com aprovação do Felisberto, que sacudiu a cabeça automaticamente.

E continuaram a prosa. Tio Chico apresentava as vantagens do tabaco sobre o cigarro e os prejuízos deste para as moléstias do peito; até que a vila apareceu branca na sua esplêndida colina, de repente, por entre as últimas ramagens falhas da Restinga, como uma paisagem fantástica, vista através do cosmorama de um sonho.

— Agora, Felisberto, nós se apartemo aqui, e se você puder vá sexta-feira lá em casa.

— Nhô sim.

— Então, até sexta-feira, se Deus quiser.

— Deus lhe acompanhe.

Tio Chico seguiu com o Zeca Duarte para a casa do velho Vadô, que os esperava numa ansiedade de dúvida, no portão da mangueira.

— Bons-dias, seu Vadô, você como vai e toda sua família? — disse o tio Chico apeando-se do lobuno, único animal que lhe restava de

uma tropilha que comprara no Sul.

— Nós vamos indo como Deus é servido e a Virgem Santíssima. Vá entrando, tio Chico; deixe o animal que o compadre Zeca manda por na sogá e manear.

Uma vez sentados na cozinha, o velho Vadô começou de explicar a tio Chico os fenômenos espíritas que o punham em alvoroço.

— Ultimamente se tem reproduzido mais vezes. Quase todas as noites há barulho, principalmente no quarto grande onde morreu uma tia velha que foi de meu falecido pai. Quebram a louça, derrubam bancos, e, quando se vai ver, no forro da casa, dão uma gargalhada medonha, como se fosse uma suindara que estivesse ali. Não se pode viver mais nesta casa; está mal-assombrada. Eu tenho ficado mais velho que realmente sou. A Josefa, coitada! Vive sempre chorando, agarrada aos netos; tem medo que sejam bruxas e que levem alguns deles. Então o compadre Zeca lembrou que tio Chico... podia nos livrar disto; tem viajado muito, há de saber alguma coisa que possa acabar com esta penitência.

Tio Chico, de pernas trançadas, o queixo apoiado a uma das mãos, escutava com a gravidade que a revelação fantasmagórica exigia.

Às vezes, como se compreendesse a causa daquilo tudo, como se tivesse certeza do bom êxito da empresa, deixava escorrer por entre a espessura florestal das barbas brancas um brando sorriso de triunfo; depois, destrançando as pernas, aprumando o busto, distendendo os braços secos, num espreguiçamento de lombeira, ergueu-se.

— Não há de ser nada, não há de ser nada; eu vou fazer um serviço, para depois ver se as almas do outro mundo ainda fazem barulho. Fé em Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, que tudo se faz. Você mande pedir a seu vigário um pouco de água benta, e uma vela que haja servido na missa de Nossa Senhora, um pouco de incenso, e um raminho de alecrim e arruda.

O velho Vadô, com a esperança de que a paz voltasse de novo aos seus lares, foi em pessoa falar com seu vigário para obter tudo que tio

Chico precisava; e, com pouca demora, voltou com as disposições do velho feiticeiro todas cumpridas.

Iam dar começo ao exorcismo. Tio Chico, com a solenidade de um padre recomendando um defunto, aspergia água benta por todos os cantos da casa, monossilabando palavras, ora calmo, ora enérgico, como um cumpra-se de repartição pública.

O velho Vadô, cabisbaixo, acompanhava-o com um caco de telha onde ardiam incenso e arruda, defumando os lugares benzidos pelo feiticeiro.

A família do velho Vadô, que assistia à cerimônia de satanismo, estava trêmula, pálida de pavor.

Depois de percorrerem toda a casa, tio Chico, escarrando a um canto, pronunciou a sentença definitiva:

— Almas, voltai para o céu; espíritos maus, ide para as profundezas.

E mandou cavar um buraco junto à porta do quintal para enterrar o resto de água benta e incenso.

Depois, benzeu o velho Vadô e a família, bebeu meio quartinho de vinho branco, por causa de uma espécie de *delirium tremens* que ataca o exorcista depois de tais operações; porque todo o malefício que estiver no corpo da pessoa benzida passa para o do benzedor.

Ainda palestraram por muito tempo. Quando o dia começava de fechar a grande pálpebra, cansada de luz, tio Chico seguiu para casa pela solitária estrada da Restinga Grande, vergado sobre o lombo do libuno, modulando, à meia voz, um canto enternecido, cheio de saudade:

“Ai minha vida d’outrora,
Ai, meus queridos amores,
Tudo, tudo, foi-se embora,
Só me ficaram as dores.
Ai, minha vida d’outrora,
Ai, meus queridos amores.”

Às vezes interrompia o canto e quedava-se numa luta interna de recordações, que não procuraremos indagar, porque há dores íntimas que não se revelam.

A casa do velho Vadô, depois do benzimento, voltou ao primitivo estado de tranquilidade e de paz; nem um ruído trêfego dos camundongos quebrava a religiosidade daquele silêncio.

Voltaram os serões à roda do fogo, onde o velho Vadô contava à família os episódios da sua mocidade. Só não voltaram mais as histórias de almas do outro mundo.

E creio que o Felisberto, graças às mandracas do tio Chico, está casado, gozando a lua de mel de abelhas entre um sorriso de amor e um beijo de gratidão.

Júlio Perneta (Curitiba, 1869–1921) foi jornalista e escritor. Publicou as obras *Razão por que...* (1896), *O clero e a monarquia* (1897), *Bronzes* (1897), *À pátria* (1898), *Os chacais* (1898), *Amor bucólico* (1898) e *Pelas tradições* (1900), entre outros.

NOME: OMEN

LUCI COLLIN

Inventei um homem que se chamava Almíscar e depois alguém me disse que isso não era nome de gente. Acho que eu tinha lido numa revista, paciência. Então eu mudei pra Cambraia e alguém me disse que isso também não era nome de gente e então eu vim com essa: é o sobrenome. Escapei. Escapei das críticas. Mas agora eu estava pensando, pensando em retrospectiva que na verdade eu nem devia me lixar com esses comentários e nem mudar uma vírgula do que eu tinha inventado antes. Que tem a ver com o homem?

Inventei um homem que se chamava Rim porque eu peguei um dicionário em inglês que dizia que rim quer dizer borda. Achei bonita a palavra rim. Depois, pra não ficar só nas coisas que a gente considera bonito, eu achei importante que ele tivesse uma idade qualquer achei que seria maravilhoso se ele tivesse 39 anos porque é bastante mas não muito, quer dizer é o suficiente pra algumas coisas. Depois que eu percebi que eu também queria ter 39 anos mas não tinha. E algumas daquelas pessoas que apareceram criticando lá no parágrafo de cima vieram com um papo de que “na invenção há sempre uma parcela de reprodução do próprio desejo da própria pessoa que está inventando a própria invenção” e o resto não lembro mas eu fiz questão de citar com aspas porque é frase alheia e não fica bem se apossar de frase dos outros. Eu não entendi o falatório todo porque de cara eu empaquei na palavra parcela que me pareceu disparatada. Intrigante.

Passei o dia pronunciando aquilo parcela parcela parcela. E depois pintei a palavra na parede do quarto primeiro pequenininho parcela e depois médio e depois grande. É uma palavra e tanto.

Inventei um homem que se chamava Parcela. É não tenho muita criatividade. Esqueça.

O homem, eu inventei, deveria ter barba porque se algum dia estivesse com um problema grave um problema gravíssimo — como alguém com hectestoplagite na família ou a sogra que vem morar na casa da gente ou a filha adolescente que lascou uma unha ou ainda uma lesma enorme e visguenta que apareceu na sala-de-visita — poderia se trancar no banheiro, pra ganhar tempo sabe como? E dizer Dá licença, gente, que eu tenho que tirar esta barba primeiro. Dá licença, volto em instantes. “Dá licença” porque ele é um sujeito educado, a gente percebe até pelo modelo da barba que ele deixou. E depois fez cortes estupendos naquele rosto macio que não estava mais acostumado ao ato de barbear ao ato delicado e puro de se escanhoar e as mãos tremiam devido ao problema gravíssimo. Aí aparece com a cara cheia de esparadrapos e as pessoas em volta dirão Oh! E outras dirão Oh! Meu Deus! E outros dirão, mais lentamente, Oh Meu Deus do Céu!! E mediante aos talhos comoventes no rosto se evidenciará que o problema outrora gravíssimo não era tão nobre assim que amanhã é outro dia que vão-se os anéis mas ficam os dedos que água mole em pedra dura tanto bate até que fura e que a corda sempre rompe do lado mais fraco.

O homem que eu inventei sabia falar latim. Levou anos e anos estudando num quartinho sombrio levando uma vida sombria pra não perder tempo senão não aprendia direito a pronunciar todas aquelas palavras solenes. Segundo relato do mesmo ele aprendeu direitinho. Mas nunca ninguém viu ele de fato falando e nem ele mesmo pôde checar se sabia realmente declinar conforme as regras ou pronunciar *tivervorum* ou *pitombae* adequadamente que não fosse com aquele sotaque de lá pras bandas de Ijoporuca (cidade natal do dito cujo e

onde permanecera apesar do clima ruim) e ele foi até uma cidade vizinha pra falar com um padre que rezava missa em latim esperançoso de encontrar alguém pra praticar a língua com ele e já chegou perguntando pro padre comis estavat e o indivíduo (o padre) ficou olhando com cara de asinorum e nem falava latim coisa alguma: tinha decorado tudo. Ele era uma farsa (o padre). Era um padreco, não passava de um padrusqueta desses por aí, a paróquia toda ficou sabendo e as senhoras horrorizadas quiseram até tirar o cara (o padre) do posto alegando falsidade ideológica mas não deu quorum. E será que ele (o homem) não era uma farsa também? Foi o que ele pensou depois daqueles anos todos passados em vão não podia nem mesmo saber se era uma perfeitíssima farsa. Quantos bailes não idos quantas valsas não dançadas quanta noite insone decorando figus figuae trimera trimerae pritricus pritricae quantas cervejas que jamais tomara quanta besteira tinha deixado de dizer. Agora ia pro resto da vida (um restinho que sobrara) ter que sonhar tudo na língua desconhecida. Condenara-se à condição de *homorum hominorusquiat*. O que talvez pudesse ter sido bem pior se tivesse se dedicado ao sânscrito. Quem sabe.

Quem sabe inventei um homem que era uma verdadeira piada. Primeiro que a barba era postiça. E a palavra postiça dá margem a muitas outras associações cerebrais por exemplo: filho postiço, da famosa expressão Tal pai tal filho postiço. Ou dente postiço. Da usual expressão Olho por olho, dente postiço por dente postiço. E se eu errar a digitação: postigo. Naquele livrinho da Condessa de Ségur a menina morava num sótão gelado na França e tinha um postigo. Foi a única situação real da minha vida em que me confrontei com a palavra postigo. E agora me lembrei da palavra prestígio, essa sim tem uma vida digna de ser contada. Todo mundo fala: fulano tem um prestígio e-nooor-me tenho prestígio entre os membros da Cúpula o Alpheu tem prestígio com os carinhas que têm prestígio lá na Corregedoria. E eu fiquei pensando se vou adquirir um certo prestígio

inventando um homem que é uma farsa. Farsa pura: primeiro que a barba era espessa demais pra ser verdadeira. E o nariz muito bem desenhado e nunca escorria. E os dentes sorriam sem o menor esforço. Na medida certa. E depois inventei uma coisa engraçadíssima mas não vou contar. Não vou conseguir contar porque eu sempre rio na metade da coisa e não tem nada mais chato do que alguém contando uma coisa engraçada e rindo misturado com a coisa que a gente está esperando ser contada e a gente fica olhando o idiota e pensa Como é idiota. E no meio da coisa a gente também pensa Estou fazendo papel de idiota. Esse homem que eu inventei que era uma farsa esse sim alcançou um prestígio enorme inventando frases filosófico-filológicas que podiam ser usadas em várias línguas. Consagrou-se com a máxima É a vida. That's life. C'est la vie. Hasta la vista.

Mas vá lá: Rim Almíscar y Cambraia, um tipo de *homorum*, nunca foi a um baile em sua vida, nunca jogou conversa fora, nunca bebeu um hi-fi quanto mais dois mas mesmo assim casou-se (sabe-se pela presença de uma sogra num dos parágrafos anteriores) e um dia retalhou sua própria cara tentando fazer uma barba falsa que descobriu que nunca tinha sido sua, paciência. Foi um susto quando olhou pro próprio rosto no espelho lisinho macio (o rosto) liberto da pelagem intensa uma maravilha se não fossem os pontos em vermelho. Vermelho escorrendo. É, até que é um sujeito boa-pinta! É, ali pra vidinha pacata de Ipojoruca, até que conseguiu um certo prestígio naqueles 39 anos de vida, uma família até que saudável apesar da filha com unhas fracas, casa com postigo e tudo, aquela empresinha modesta mas que estava indo bem, especializada em eliminação definitiva de eventuais lesmas nojentas em salas-de-visitas finas. Vinha prestando um serviço à comunidade. E no domingo ia na missa só pra ver o padre falando naquela língua bonita. Sabia de cor alguns trechinhos (ele mesmo e não o padre). E depois, era considerado um intelectual, desde que no batizado da Thaíseleyne, filha do prefeito, ele pedira a palavra e dissera: a vida é uma sucessão de alegrias, fringências e

desprantamentos. O que é a vida do homem senão um sermício de obnivolências? Um longo esmático de implacídices frângicas que nos vliquêiam nos momentos de infúncias? O prefeito quase chorou. E a dona Adelaide Eumira, professora do Grupo Escolar Dr. Adherbaldo Matta, disse pra todo mundo Foi o melhor aluno que tive em toda a minha lida no magistério!

Um homem inventou-se. E todos pensarão que é brincadeira. E todos dirão que, faça-me o favor, falta alguma coisa essencial neste arremedo de escrito. Aliás, convenhamos, falta muita coisa de essencial! Sejamos francos. Perdemos um tempo importante das nossas vidas lendo besteiras inconsequentes. Coisa insalubre. Coisa insensata. Coisa nefasta e nefanda. Exclamações. Ao que responderei: Ô, gente! Sai pra lá! Quer saber uma coisa? Eu vou pagar o preço pela piadinha. Mas me diverti desde o título, tá certo que perdi um pouco o fio da meada quando bateu o telefone e era o Geraldo e eu tava naquele afã criativo. Podia ter sido mais engraçado mas não era pra ser engraçado. Eu inventei um homem. Só isso. Inventei um homem e depois um sobrenome uma cidade um padre uma idade importante lesmas em dois momentos do texto um prefeito e uma professora e ainda consegui encaixar a palavra postigo que eu tinha sempre vontade de colocar no papel eu irritei meio mundo com aquela coisa toda de parcela parcela. (Coisa nefária e infanda). Eu irritei aqueles que usam corretamente as normas para o emprego correto das “aspas”. Eu irritei profundamente os críticos. Principalmente os que dominam a nossa língua. E o resto.

O homem que eu inventei não é homem de negócios nem homem de sete instrumentos. Não é sequer um homem de letras. Porque falta uma. O homem que eu inventei não é nem de longe um homem daqueles com agá.

Que assim seja: Omen.

Luci Collin (Curitiba, 1964) tem quatorze livros publicados, entre os quais *Vozes num divertimento* (contos, 2008), *Com que se pode jogar* (romance, 2011) e *Trato de silêncios* (poesia, 2012). Participou de antologias nacionais como *Geração 90 — os transgressores* (2002) e *25 Mulheres que estão fazendo a literatura brasileira* (2004), e internacionais (EUA, Alemanha, Uruguai, Argentina, Peru e México). Leciona Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O Tebas

LUCIO PEREIRA

Era um bonito galo, branco, airoso, peito empolado, crista inclinada para um lado, em faceira negligência, olhar vivíssimo e perscrutador.

Sultão no terreiro do Senhor. Manoel Colosso, e herói naquele centro de reprodução, o Tebas tinha a glória de ser um dos maiores e mais fecundos troncos de geração; sua descendência andava à povoar centenas de galinheiros, e a abastecer hotéis e hospitais.

O dono, Senhor Manoel Colosso, era um judeu hercúleo que levantava 10 arrobas com uma mão só, taverneiro, e mercante de ovos e galinhas, célebre na cidade pelas quatro carraspanas que tomava invariavelmente em cada ano: no domingo de entrudo, no sábado de Aleluia, no mês de Julho e lá pelo meio de Outubro.

Fora destas quatro épocas, era de uma temperança exemplar; não era, pois, um borracho.

Não fossem os quatro balanços que dava em seu estabelecimento anualmente, e só enfiaria a toca uma vez no fim do ano.

Mas, o processo da escrituração de sua casa era de uma simplicidade quase primitiva: um único caderno, forrado com uma capa de metim pardo, desempenhava todas as funções de Diário, Auxiliar, Razão e Caixa.

Quatro vezes no ano, o Senhor Manoel somava aquilo tudo, balançava o Ativo e o Passivo, olhava para os lucros de sua taverna, e estalava a língua:

— Muito bem... muito bem...

E chamava então a Fortunata, uma mulata quarentona, gorda e

simpática, que, junto ao Colosso, desempenhava todos os cargos, desde cozinheira até dona de casa...

A Fortunata acudia lá de dentro, sacudida, risonha, faceira, ao chamado do patrão.

E o Manoel Colosso dizia-lhe n'um misto de seriedade e sorriso, como quem quer ocultar modestamente a felicidade que está sentindo:

— Oh, rapariga; escolhe aí das prateleiras o *mastigo* e a *engorgitação*, e arranja para hoje a petisqueira.

O negócio deu para a ceia...

E, para começar, desde logo, as manifestações de regozijo, o Colosso tomava um copo de meio quartilho, abria a torneira do quinto de vinho virgem, e *engorgitava* uma dose.

A mulata voltava logo para a cozinha, carregada de latas de ervilhas e azeitonas, cebolas e bacalhau, ovos e toucinho, levando também uma dose de vinho para ir consumindo ao calor do fogão.

Nessas ocasiões, o patrão era de uma admirável generosidade.

| II |

Diziam que o Senhor Manoel era um homem sem consciência, talvez devido aos preços excessivos pelos quais reputava seus gêneros, e pela falta de caridade para quem lhe batia à porta.

Mas, ele ria-se, e depois, olhando com modos de seriedade para os outros, perguntava:

— Mas, franqueza, franqueza: Ora, vocês não me dirão que diabo de história é a tal consciência de que vocês falam? ... Serei um bruto, mas também não sei mentir; sou homem de bem. Posso garantir-lhe que não conheço essa história de consciência.

E, para que demônio a quereria eu, afinal?

Pago o que devo; não sou ladrão, nem jogador; vivo do meu negócio; então para que preciso eu disso que vocês dizem que eu não tenho?!

Alguns achavam verdadeira a lógica do Colosso; outros sentiam profunda aversão pelo taverneiro.

| III |

O Tebas, como vimos, era um dos principais elementos da fortuna do Colosso.

Quando este ia ao terreiro e tomava-o nas mãos, o inteligente, lisonjeado com aquela distinção, e com aquelas carícias do patrão, fazia uns — oh! Oh! — de alegria, e deixava-se ficar nas mãos do Colosso, contente e submisso.

Só este e a Fortunata pegavam o Tebas; aliás, já não era mais o escravo dócil e amigo, mas o guarda zeloso do terreiro, empinando-se todo, e agredindo à esporadas o estranho que tentava tocar em si, ou na galinhada do seu harém.

A Fortunata era ainda mais amiga do Tebas; reservava-lhe sempre um prato das sobras do jantar, quinhão que não dava a todas as galinhas, porque aquilo não chegava para tanta criação.

O chefe do terreiro, privilegiado, tão dócil, tão valente, tão amigo, bem merecia aquela predileção.

A mulata do Manoel punha no chão o prato da comida e entregava ao Tebas o apetitoso jantar, enquanto espantava com o avental o resto da criação, ávida de entrar no *grude*; mas o inteligente animal dava apenas algumas bicadas na feijoada; e o grande, justo, abnegado, começava a chamar as galinhas, como fazem estas aos pintainhos quando descobrem uma migalha pelo chão.

Então, a Fortunata tocada pela abnegação do Tebas, deixava que toda a criação acudisse ao chamado do pastor, e compartilhasse a refeição do herói.

E, enquanto a galinhada devorava o arroz e o feijão, o sublime Tebas beliscava também, simulando que comia, talvez para não desgostar

sua nobre benfeitora, até que não restasse no prato um grão de arroz.

| IV |

Ao fim de 40 anos, o Senhor Manoel deu o 40º e último balanço no negócio.

Não precisava mais trabalhar!

Oitenta contos em moeda, dez nas prateleiras, e mais a casa que o abrigava do relento; para que mais moirejar?

Aquilo tudo a render, dava-lhe facilmente aí por uns 500\$000 por mês, e a pança para o ar!

A ceia desse dia faustoso devia ser excepcional: alguns amigos foram convidados e a Fortunata foi avisada para preparar mesa para dez pessoas.

O grande Tebas estava então velho, fatigado, e quase imprestável.

Comparando a sorte do galo, outrora tão forte e tão belo, com decrepitude que o avassalava, ao tempo em que para ela e Senhor Manoel raiava uma aurora de paz e abundância, que poderiam gozar por mais 20 ou 30 anos, a nobre Fortunata não pode conter duas lágrimas que lhe rolaram pelas faces gordurosas!

Foi nesse momento, quando enxugava os olhos com o avental, que sentiu os passos do Senhor Manoel, que entrava na cozinha.

— Oh, Fortunata — disse ele no tom mais sincero deste mundo —, acho bom matar o Tebas para a ceia; aquilo já de nada presta, e se há de morrer por aí de peste qualquer dia, é melhor aproveitá-lo em um assado de forno!

A mulata ergueu os olhos, assombrada, para a cara do Colosso, como quem ouve revelação tão espantosa que não pôde compreender.

— O que, Senhor Manoel? Matar o Tebas?!

— Pois então? Para que demônio vamos nós guardá-lo?

— O Senhor está doido, senhor Manoel?!

— Doido? Oh, Fortunata, parece-me que estás com pena de matar o galo? Ou é nojo de comê-lo?

A mulata abriu mais os olhos e empalideceu.

Não podia crer naquilo que ouvia! Vivera dez anos com Senhor Manoel, mas nunca o supusera homem capaz de tão negra e cruel ingratidão!

Se o Colosso tivesse começado a beber desde cedo, iria jurar que estava embriagado, e dizia-lhe, por isso, coisas tão monstruosas. Mas o homem estava em seu perfeito juízo.

E encarou-o, resoluta:

— Pois mate o Senhor o Tebas, se tem coragem para isso, Senhor Manoel; eu, seria capaz de matar-me antes, se fosse obrigada à maltratar, sequer, esse pobre animal!

O Colosso sorriu ante aquela esquisitice da Fortunata.

Era a tal história de consciência de que sempre ouvia falar!

E retirou-se para o quintal.

Por um justo pressentimento a mulata seguiu-o a certa distância, resolvida a disputar, até o sacrifício, a vida do pobre animal, se o Senhor Manoel tentasse matá-lo.

Mal o Colosso chegou ao terreiro, o Tebas, habituado aos seus afagos, aproximou-se de seu dono, alegre, submisso e confiante.

Mas, antes que a Fortunata tivesse tempo de intervir, o malvado tomou o galo nas mãos, torceu-lhe rapidamente o pescoço, e jogou-o no terreiro onde caiu estrebuchado.

— Ora aí está, rapariga — disse cinicamente o Manoel —, já te poupei o trabalho; deixa-te de tolices e prepara o Tebas para um assado de forno, apesar de que já deve ter a carne muito dura...

E foi para o interior da casa, onde tinha deixado dois amigos de palestra.

A Fortunata quase louca, assim com uma Mãe em frente do filho que agoniza, levantou o desgraçado galo, na esperança de ainda res-tituí-lo à vida.

No terreiro, as galinhas com os pescoços espichados, imóveis, assombradas, de olhos paralisados, pareciam fazer esforço impossível para compreender tão horrível espetáculo.

E trêmula, soluçante, e quase desvairada, a mulata voltou a correr para a cozinha, levando consigo o Tebas moribundo!

| V |

Às nove horas da noite os convivas do abastado capitalista Senhor Manoel Colosso, ex-taverneiro, rodeavam a apetitosa mesa da ceia.

Entre outros pratos cheirosos e gordurosos, via-se um galo assado, recheado, de papo para o ar, pernas decepadas e ligadas com fios de retrós, e condecorado com duas cebolas cruas no peito.

A cozinheira do Manoel tinha se esmerado na ceia dessa noite.

Uma longa bateria de garrafas de Virgem e do Porto guarneciam as trincheiras levantadas entre os petiscos e os convidados.

Entraram pela bacalhoadada e terminaram no leitão.

Galo assado!

Quem é que lá ia comer uma perna de galo, tendo o estômago abarrotado de porco e bacalhau?

O infeliz assado foi repudiado tacitamente.

O Colosso, que tinha observado o desprezo de seus amigos pelo assado que, ele julgava, seria o soberbo prato da noite, ficou triste e pensativo.

— Ora pílulas! Então podia ter poupado o galo.

Aqueles restos do banquete seriam jogados fora no dia seguinte, ou distribuídos pelos mendigos que lhe batessem à porta, se é que algum não o conhecia como homem sem caridade...

A Fortunata tinha razão, muita razão!

No meio dessas reflexões, o Colosso sentiu uma opressão sobre o epigástrico, e uma lentidão nas pancadas do coração...

Veio-lhe à boca um sabor amargo.

Pela primeira vez lembrou-se do remorso. Não seria isto que sentia?

— Ora essa! — refletia —, se ele tivesse matado um homem, vá lá... era um assassino, porque só era criminoso quem matava seu semelhante. Mas, um galo?... Tinha que ver!...

E sacudia a cabeça, como tentando repelir aquela obsessão que começava a dominá-lo.

— Sou um idiota,— refletia o Senhor Manoel — o remorso seria uma coisa ridícula!

Mas, como se alguém lhe falasse dentro da imaginação, distinguia uma voz que lhe dizia intimamente:

— Bárbaro! Ingrato! Cruel!

O Colosso tomou uma dupla dose de vinho: procurava então embebedar-se até perder a consciência.

Mas, por um fenômeno psicológico, de uma grandeza eloquente, o espírito criminoso atribulado necessita de uma porção enorme de álcool para chegar à embriaguez.

No meio de um regozijo sincero, um homem embriaga-se com algumas taças de champanhe; mas, no desassossego da alma culpada, a bebida irrita, sendo impotente para atordoar o espírito ao ponto de lhe obscurecer a realidade do crime!

O homem pode embriagar-se para cometer um crime e consegue-o; mas, se após o delito, tenta alcoolizar-se, com o fim de acalmar o brado da consciência, dificilmente ou nunca o conseguirá, porque a tensão do espírito é superior à ação perturbadora do álcool.

Ao mesmo fenômeno estão sujeitos os espíritos profundamente preocupados em assuntos graves de qualquer natureza.

Nunca o Senhor Manoel Colosso sentiu, mau grado seu, tão lúcida sua razão!

| VI |

À meia-noite, a sala do festim estava deserta; sobre a mesa jaziam os destroços da ceia e incólume o galo assado.

A nobre Fortunata, nessa noite deixara-se ficar na cozinha, onde roncava sob o efeito de meia garrafa de vinho e da tranquilidade de sua alma.

O Senhor Manoel Colosso velava agitadíssimo, passeando pelo quarto, e bebendo, a pequenos intervalos, um copo de conhaque que pousava em cima de uma cômoda.

Oh! Nunca se sentira tão indisposto!

A morte de Tebas, seu amigo, seu escravo, seu auxiliar tão desinteressado na conquista da fortuna que possuía, fixava-se em sua imaginação com uma pertinência que o aterrorizava!

Um suor copioso e gelado cobria-lhe o deprimido semblante.

Batiam cinco horas da manhã no relógio da Igreja. Esmagava-lhe estranha opressão da alma e do corpo.

Lembrou-se de acordar a Fortunata, e chamou-a por três vezes.

A sua voz, respondeu outra do lado do quarto da mulata:

— Oh! Oh!

Era a voz de um galo espantado!

Percorreu-lhe o corpo uma corrente elétrica, que lhe gelou os membros e quase lhe paralisou o coração.

Parecia que era o galo assado que lhe havia respondido de cima da mesa.

Apoderou-se do Colosso invencível terror!

De repente ouviu passos na sala de jantar; mas não eram passos de gente, eram passos miúdos de um galo!

Como o dia já havia nascido, a luz coando-se pelas vidraças, inundava a sala de jantar com a claridade esbranquiçada da manhã.

Fez um grande esforço e chegou até a porta da alcova para ver o que é que andava lá por fora.

Mal aí chegou, soltou um grito estranho, meio agudo, meio abafado, assemelhando-se a alguma coisa sobrenatural, e que só o auge do terror pode arrancar do peito humano.

Acabava de ver o Tebas, o próprio Tebas, vivo, em carne e osso, com o pescoço envolto em tiras de pano, apanhando com o bico os fragmentos da ceia esparsos pelo chão!

O espírito do Senhor Manoel Colosso tocou então o limite da tensão psicológica.

Abriu horripilantemente os olhos; os músculos de suas faces contraíram-se de forma horripilante, e levou as mãos à garganta como se tentasse dar um grito supremo...

Nesse instante caíram-lhe verticalmente os braços como duas massas flexíveis e inertes; os joelhos curvaram-se, e seu corpo enorme tombou sobre o soalho fazendo estremecer a casa toda!

O Tebas, assustado com aquele choque, interrompeu o almoço, esticou dolorosamente o pescoço, e olhou concentrado para o corpo do Senhor Manoel.

Depois, como ficasse tudo silencioso, continuou tranquilo a refeição.

| VII |

A custo de mil cuidados, soprando o ar pela goela do desgraçado galo, endireitando-lhe o pescoço, cuja coluna não tinha sido rompida, banhando-o constantemente com água de sal e vinagre, e fazendo-o ingerir arnica misturada com água, a nobre Fortunata tinha logrado salvar a vida do Tebas!

Um quarto de hora depois do atentado brutal do patrão, conseguiu a caridosa mulata fazer o galo despertar daquele estado de asfixia que já parecia a morte.

Por \$3000 comprou o substituto do Tebas, que figurava na mesa do festim.

O enfermo, com o pescoço envolto em tiras de pano, embebidas em uma infusão de água, sal e vinagre, ficara agasalhado dentro de uma cesta, toda forrada de baeta e algodão, no quarto de sua salvadora.

Ao romper do dia, sentindo-se com forças e com fome, saiu da enfermaria e entrou pela varanda, onde foi apanhar as migalhas da ceia.

Quando a Fortunata acordou do profundo sono que desfrutara na cozinha, em cima de um caixão, foi seu primeiro cuidado certificar-se se o Tebas tinha escapado, ou morrido durante a noite.

Sua alegria foi indescritível quando, do corredor da cozinha, já avistou o galo na sala de jantar.

— Ah! O Tebas já comia! Estava salvo, estava salvo!

Mas uma ideia acudiu-lhe de repente:

— Se o Senhor Manoel despertasse e visse o Tebas ali!

Oh! Desta vez, matá-lo-ia!

E correu para apanhá-lo.

Com o galo defendido heroicamente em seus braços, a mulata lançou um olhar desconfiado para a porta da alcova do patrão.

O corpo do Colosso atravessado à porta, de ventre para o ar, com o rosto congestionado, arrancou-lhe um grito desesperado!

E fugiu para o quintal pedindo socorra à vizinhança.

| VIII |

Dentro de pouco tempo, e com auxílio dos vizinhos, o corpo do taverneiro foi transportado para o leito.

Tinha as roupas ensopadas em sangue, que o médico verificou ser devido à ruptura de uma pequena veia do braço esquerdo, onde estava também rasgada a manga da camisa.

Na queda, o Colosso batera com o braço na tampa de uma caixa de cerveja que estava junto à porta; e um dos pregos eriçados dessa tampa o havia sangrado providencialmente.

Foi esta sangria tão sumária que evitou o desfecho fatal da apoplexia.

Após os primeiros curativos ministrados pelo doutor, o Colosso abriu os olhos e suspirou.

Mas, durante algum tempo, ficou como idiota; só pouco a pouco foi recuperando a lucidez da razão.

— Muito cuidado com ele, não o contrariassem, dessem-lhe alimentação muito fraca — disse o médico —, e o homem estava fora de perigo.

E saiu.

Quando o Colosso viu-se só, ao lado da Fortunata, compreendeu a realidade de tudo que se tinha passado desde a ceia, em vez do terror a que tinha cedido, sentiu-se profundamente sensibilizado:

— Pobre Tebas, suspirou ele, fui um miserável!

E começou a chorar.

— Que é isso, Senhor Manoel — acudiu receosa a Fortunata —, então, o Senhor a chorar! Olhe que isso lhe faz mal... Esteja sossegado, Senhor Manoel, esteja sossegado!

Mas as palavras da mulata, longe de reduzir aquela dor do Colosso, aumentaram-lhe a intensidade do desabafo.

Então, aquele Hércules chorou alto, em uma torrente de soluços, como se houvesse dentro de si um vulcão convulsionado.

— Pobre Tebas! Desgraçado!! Que ingratidão! Que ingratidão!...

A Fortunata, pelo contágio da dor, estava prestes a romper em pranto também.

— Ora... ora! Então que é isso, Senhor Manoel? Por quem é? Olha, se é meu amigo, não faça isso! O Tebas já está bom; aquilo não foi nada!

A estas palavras, o Colosso limpou os olhos com um punhado do lençol da cama, e encarou sua companheira:

— Não morreu?!

— Não, senhor; está vivo e são!

— Ah! — exclamou o Manoel —, tu querer enganar-me, Fortunata, tu queres enganar-me! E aquele galo que está ali na mesa?

— É um outro que eu comprei!

— Pois, traze-me o Tebas aqui!... Se está vivo, quero vê-lo!

E dali a poucos segundos a Fortunata voltava da cozinha, trazendo o velho herói do galinheiro que vinha cantando os oh!... oh!... nas mãos de sua salvadora.

| IX |

Foi um momento de um silêncio eloquente e solene, esse em que o assassino se viu em face da vítima!

O Senhor Manoel, apesar de racional, sentiu-se moralmente rebaixado em presença do Tebas, que parecia exprobrar-lhe, no olhar inteligente, a negrura de sua ação!

Animou-o logo, porém, a alegria de ver salvo aquele que julgava morto tão cruelmente; e trêmulo, com os olhos rasos de lágrimas, em soluços abafados, o Colosso tomou o Tebas nas mãos e começou a acariciá-lo freneticamente, como se fosse um filho seu, que, julgado para sempre perdido, a Providência lhe restituísse inesperadamente.

Quando a Fortunata contou-lhe o modo pelo qual havia o Tebas escapado, procurando cautelosamente atenuar a nobreza de sua ação, e o sofrimento do animal, o Colosso ficou meio abstrato!

Media, pela reflexão, a distância enorme que havia entre a selvageria de sua alma e a admirável caridade da mulata.

Compreendeu que era um ente atrasado e vil, comprado à sublime personalidade daquela mulher.

| X |

Quinze dias depois o Senhor Manoel estava radicalmente bom.

Sua afeição pela Fortunata aumentou desde aquele memorável dia.

— Que a morte podia surpreendê-lo de repente — refletiu ele então —, e antes que tudo aquilo que possuía caísse nas mãos de outros, ia constituir a Fortunata herdeira exclusiva de sua fortuna, como prova da imensa gratidão que lhe devia.

E no dia seguinte assinou no Tabelião seu testamento.

Quando, certo dia, um dos amigos adutores do Colosso, e seu antigo confrade em heresias, zombava da consciência em casa deste, julgando ser-lhe ainda agradável, sentiu os pulsos do Senhor Manoel caírem-lhe em cima, e jogarem-no fora de casa, em um empurrão de tempestuosa indignação!

— Que o Senhor Souza era um animal! — gritou-lhe o Colosso transformado. — Que a consciência era uma verdade e que só os brutos poderiam negá-la, como ele havia negado enquanto foi bruto!

Pusesse-se o Senhor Souza no andar da rua e não lhe botasse mais os pés naquela casa, se tinha de vir profanar coisas tão sagradas!

O Souza, que ignorava a conversão do Manoel, ficou a olhar para este, do meio da rua, com uma cara que bem indicava a surpresa e o desapontamento que lhe iam pela alma.

E lá se foi, desmoralizado e reles, no propósito de, chegando a casa, examinar o braço que lhe doía, e onde o Colosso tinha derrubado os pulsos vigorosos!

Lucio Pereira (Paranaguá, 1860 — 1933) foi escritor e jornalista. Escreveu dois livros: *Contos paranaenses* (1896) e *Fábrica* (?).

O laçador de cães

LUIZ ANDRIOLI

Túlio não sorria. Como um camaleão, fazia da rudeza da cidade um ambiente perfeito para a sua invisibilidade. Cinza quando perto do concreto, preto quando de noite, pálido nos dias claros... Essa capacidade de existir sem ser notado lhe trouxe o emprego de laçador de cães. Túlio aprendeu que os cachorros de uma cidade se reproduzem nos becos, nas casas abandonadas, nas praças vazias, nos bairros pobres, nas manilhas, em meio a pedradas de garotos sádicos. Sua função era dar um basta naquilo, mesmo sabendo que seu laço alcançava apenas algumas dezenas por mês. Por outro lado, cada dupla engatada em prazer público poderia derrubar a estatística do ano. Não se frustrava. Apenas tinha a certeza de que sempre haveria trabalho numa cidade grande como Curitiba. Uma vez participou de uma reunião no gabinete. Um veterinário falou sobre um projeto da Prefeitura de esterilizar os cães de rua. Sem ser solicitado, Túlio deu a dica:

— Se gente que pensa não toma comprimido, não encapa o bicho, não cospe pra fora na hora do bem-bom, o que é que vocês querem exigir desses pulgientos coitados de rua?

O projeto não saiu do papel por problemas de orçamento. Mas Túlio, que não soube disso, trouxe para si as glórias de permitir o livre crescimento da população de cachorros. Quando via uma duplinha gozando, acelerava como se não tivesse visto. Era uma espécie de ética, além do compromisso profissional, a mesma motivação que faz o

bom pescador devolver o peixe pequeno para o rio. “Se preservar, sempre vai ter”, pensava. Quanto aos outros, em situações normais, a maioria era presa fácil para o laço rápido e firme do algoz.

Carrocinha em bairro pobre é um acontecimento. Para um povo que não constrói muros nas casas e toma a rua como uma extensão do quintal, o laçador de cachorros é um invasor. Para os moradores, a fuga de um cachorro é o fracasso do laçador, a desmoralização completa do profissional ante a corrida louca de um sarnento pelas vielas úmidas. Em uma instância maior, é a vitória sobre o controle e a vigilância do estado. Túlio sabia bem disso e poucas vezes dava esse prazer para o cachorro e sua torcida. Dentro de sua técnica, nunca investia em grupos de cães, já que o laço só poderia pegar um e despertar a fúria dos demais. Cães pequenos também eram descartados. Mesmo mais fracos, o pescoço menor fazia com que eles escapassem do laço. A moral estaria em risco. E Túlio não estava disposto a sacrificá-la.

Só quem já viu um cachorro ser laçado sabe da violência do golpe. Túlio manejava com sabedoria seu instrumento de trabalho, uma barra de madeira de uns dois metros de comprimento com um laço de corda na ponta. Com ele, o laçador consegue prender o cachorro, deixando o animal longe do corpo, o que pode evitar algumas mordidas e arranhões. O tiro do laço deve ser certo, uma segunda tentativa dá tempo suficiente para o animal fugir ou atacar o algoz. Nesse caso, a briga fica feia, em geral, para o lado do laçador, que tem de se defender como pode da raiva do cão. Algumas vezes a defesa é com a outra parte do instrumento, o que pode matar o animal com um só golpe seco. E aí é a comunidade que se volta contra o laçador. E com violência, sempre. Para os golpes de uma população ensandecida, com as paixões afloradas pela morte de um cachorro querido, não existia defesa. Linchamento na certa. Conhecia casos que acabaram em tragédia. Portanto, para Túlio, só havia uma possibilidade: laçar o animal de primeira.

Alguns cães no momento do laço tentam ainda dar um salto para escapar, o que faz com que o grande momento do nó se fechando aconteça em pleno ar. É rápido, mas a cena se repete várias vezes em câmera lenta na mente de quem assiste. O corpo alcança um nível de contorção incrível a ponto das ancas do animal chegar a tocar a cabeça. O pescoço corre o risco de quebrar. E sai um ganido curto, agudo, de dor, de indignação, de raiva presa, de derrota, de clemência. A força toda do animal contida e imobilizada no laço impiedoso. A inferioridade do bicho diante da ferramenta dominadora de Túlio, o camaleão que agora deixa visível seu sorriso. Laçar cachorros era sua vida. Entendia do assunto como ninguém.

Mas a última presa da sexta-feira não oferecera tanta resistência. Cachorros grandes como aquele pastor-alemão de pelos longos (sinal de velhice, pensou) eram presas boas e fáceis. O laço foi certo. No pescoço. Sem perceber que estava rendido o cachorro tentou escapar, com uma lentidão incompatível com qualquer possibilidade de fuga. Mesmo assim, Túlio prendeu o nó firme e rapidamente. De uma janela que se abriu, uma moradora espiou a cena. “Perdeu, velha, perdeu”, pensou o laçador enquanto aguardava os últimos espasmos do cão em busca de sua já perdida liberdade. Ele sabia que os movimentos de resistência eram breves. Em poucos minutos o resto do corpo tomaria a consciência de que, estando preso pelo pescoço, nada mais poderia ser feito. O pastor se entregou com dignidade. Queria deixar essa imagem para a velha da janela. Túlio notou algo diferente, mas chamou apenas de trabalho fácil, enquanto fechava o cão na gaiola da carrocinha junto de outros nove.

Dentro da carrocinha, os cães ganem como se a altura de seus lamentos pudesse lhes devolver a liberdade. Como se o pranto chegasse aos seus donos. E como se eles estivessem de fato preocupados em reavê-los. O pastor não latia como os outros. Ao contrário dos demais, ficou de costas para a porta. Pelo retrovisor, Túlio percebeu o velho pastor alheio àqueles latidos ensandecidos. Num silêncio solitário, o

cão fez com que seu olhar cruzasse com o de seu algoz através do espelho. Manteve-se assim até a cachorrada ser despejada no canil abarrotado de outros infelizes que jamais voltariam para as ruas. O velho pastor foi o último a sair do carro. Conduziu-se para dentro do aramado. Andava como se realmente quisesse aquele destino. Enquanto os demais corriam para a panela de polenta com arroz que acabara de ser servida como refeição, o velho cão postou-se deitado junto ao portão. Uma sentinela de seus semelhantes.

Túlio tinha que registrar a entrada dos animais do dia. Dificilmente passava de dez o número de apreendidos, tal como naquele dia. Os mais bonitinhos (em um critério absolutamente subjetivo) recebiam um código que os habilitavam a ficar em um canil exposto à visitação após o período legal para que seus donos os recuperassem. A exposição pública podia facilitar uma nova adoção. Poucos ganhavam esse status. Em geral, aqueles cães eram fruto de diversos cruzamentos das mais inimagináveis raças, o que, somado à crueza de suas vidas marginais, geravam aparências nem sempre agradáveis. Para os feios, sobrava a rubrica de cobaia nos laboratórios das faculdades de medicina veterinária. À luz da lei, quem decidia era um médico veterinário. Mas, na prática, o profissional da Prefeitura passava apenas no começo do mês para assinar uma pilha de formulários em branco, os mesmos que Túlio completaria, atuando como senhor da vida ou da morte dos cães apreendidos. Aquela leva era especialmente feia, pouco apropriada para novas adoções. E, além do mais, dois novos cursos de veterinária haviam firmado convênio com a Prefeitura. Não que alguém houvesse pedido que Túlio aumentasse o número de cães para os laboratórios, mas ele sabia que isso fazia parte do trabalho. É a lei da vida, pensava. Deixou o velho pastor por último. Os demais, todos foram considerados rubrica 045, ou seja, se em um mês não fossem recuperados, ajudariam no avanço da ciência.

Aquele pastor de alguma forma incomodava Túlio. Não sabia como classificá-lo. Dificilmente seria reclamado por um dono. Pela

idade avançada, seria ainda mais difícil que fosse adotado por uma nova família. Feio também não era. Tinha uma dignidade acima dos demais, postura, respiração tranquila, não latia à toa... E aquela maneira de se postar na entrada do canil? Túlio nunca havia visto um comportamento semelhante. Observado por aquele olhar calmo e ao mesmo tempo inquiridor, Túlio guardou a prancheta sem nada anotar sobre o animal. Bateu o cartão e viu que já estava sozinho no canil municipal. Sem colegas que pudessem cobrar explicações, entrou no canil com uma velha coleira. Ao ver o seu algoz, que nem sequer tomou o cuidado de fechar a grade atrás de si, o pastor encaminhou seu pescoço para dentro da cinta de couro. Nos gestos de ambos, não aconteceu afeto. Ambos saíram pelas ruas como se tivessem um destino em comum. E tinham. Túlio queria saber o que via de si no olhar daquele cão.

Durante aquele mês em que o velho pastor ficou na casa de Túlio nada se alterou na rotina do laçador. Seus dias eram preenchidos pela caça aos cães sem dono. E os finais de tarde, pela escolha de quem iria para o bisturi dos estudantes ou para a clemência pública da adoção. Durante a noite, após o jantar, Túlio ficava no quintal de casa olhando o velho pastor, que nos primeiros dias respondia com breves latidos. A casinha era uma pilha de madeiras improvisada. O pastor permanecia preso a um ferro chumbado. E talvez nem precisasse. Conformado, não chegava a tencionar a corda, seu círculo de caminhada era pequeno. A ração era deixada uma vez por dia, de noite. Sobra da comida que ele trazia lá do canil, ninguém notava.

Túlio, ao ver que fazia trinta dias da apreensão do cachorro, lembrou que, não fosse sua iniciativa, já seria hora do pastor se despedir da vida. Pela primeira vez desde que chegara, o velho pastor recusou o prato de ração. No dia seguinte, a mesma coisa. E assim foi por uma semana, até que nem mesmo os pelos longos conseguiam esconder a magreza evidente do animal. Na certeza de que já havia feito muito pela vida do cão, o laçador não cogitou a possibilidade de tratá-lo.

Quinze dias de abstinência, pela primeira vez Túlio se abaixou para ver de perto o que se passava com o cachorro. O velho pastor então se deitou no colo do seu algoz. Sem que pudesse controlar, Túlio, como quem afrouxa a camisa de um moribundo, soltou-lhe a coleira. Sua mão arriscou um gesto de carinho no pescoço do cachorro.

Túlio cresceu em um orfanato. Foi onde aprendeu a existir sem ser visto. O medo de dormir naqueles enormes quartos com dezenas de crianças o fez insone. As freiras que cuidavam do local nunca notaram. Apenas o vigia da noite sabia que ele perambulava pelas peças grandes do orfanato como um pequeno fantasma. Fazia muitos anos o guardião havia adotado uma criança, e Túlio desejava que a mesma piedade lhe fosse concedida. Mesmo quando o sono tomava conta do corpo, continuava a perambular pela casa, em geral seguindo os passos vigilantes do guardião. Fazia isso até adormecer em algum canto, para então ser levado no colo pelo velho homem até sua cama, isso já beirando o raiar do dia. Aqueles poucos minutos de sono e vigília nos braços do velho guardião faziam com que Túlio suportasse mais um dia, e mais outro, e mais outro... E assim foram-se anos. O velho morreu e aos poucos Túlio foi deixando de lado a insônia enquanto entrava na adolescência. Nunca confessou para ninguém que esperava aqueles rápidos momentos de carinho do velho guardião. Só conseguiu suportar os anos de abandono por causa daquela compaixão do vigia. Túlio soube aproveitar e fazer disso um sopro de vida.

E agora aquele velho cachorro ali, em seus braços, com um olhar que Túlio compreendia. Era o destino pedindo que ele retribuísse um pouco do que havia ganho do velho guardião. Tal qual no orfanato onde havia crescido, o laçador estava dando apenas o mínimo necessário para a manutenção da vida do velho pastor. E agora nem mesmo isso estava garantido.

Correu até o canil municipal para buscar alguns remédios. Conhecia um pouco daqueles sintomas e sabia que com umas três tentativas poderia acertar o tratamento certo. Com os passos mais rápidos

que podia dar, pensava no olhar do velho pastor. Era um olhar de quem pede licença para viver, o mesmo que ele tantas vezes lançou para o guardião do orfanato. Enquanto esperaria, o velho pastor lentamente perceberia que não estaria mais preso. Ele então deixaria para trás aquele mundo de invisibilidade. Sairia andando pelas ruas que não conhecia. Forte, tranquilo, cheio de desejo. Invisível.

Túlio voltou com uma sacola de remédios. E encontrou a coleira jogada no chão. E a casinha improvisada sozinha. Nem se deu ao trabalho de procurar o velho pastor. Sabia o que tinha acontecido. Um cão de rua quando decide seguir seu caminho, segue sem olhar para trás. Chorou enquanto varria os restos de ração.

O velho pastor ainda teria alguns meses de vida. E iria aproveitar. Andaria por ruas movimentadas, viraria latões de lixo, comeria restos de pizzas, brigaria com outros mais novos, tentaria cruzar duas vezes, latiria para a lua e morreria sozinho na beira de uma manilha. Morreria cachorro de rua, vivo até o último momento.

Pela manhã, Túlio apanhou seu laço e saiu para mais um dia de trabalho.

Luiz Andrioli (Curitiba, 1977) é escritor e jornalista. *O laçador de cães* é o conto que dá nome ao seu livro de estreia na ficção (2012). Também é autor de *O circo e a cidade*, biografia de uma das mais importantes famílias circenses do Brasil, os Queirolo. Para crianças, escreveu *A menina do circo*. Em 2013, publicou *O silêncio do vampiro*, ensaio sobre a relação do contista Dalton Trevisan com a imprensa. É pós-graduado em Cinema e Mestre em Letras.

O buquê

LUÍS HENRIQUE PELLANDA

O único ouro que coube ao teu pai tocar na vida, teu cabelo loiro. E não era serviço meu cuidar dele? Manobrar teu pente de chifre, cuidando pra não quebrar um fio que fosse? O trabalho que me dava, sua bandida. Nunca me agradeceu. E o brilho dele, tão raro e bonito de se ver, mesmo dias após a última lavagem? Não era a obra de uma amiga devotada? Ah, você, a única boneca que eu tive, meu único luxo. Por isso me desgostava tanto aquela mania do Ludano. E como haveria eu de aprovar aquilo, Ondina? Me diga, tente me explicar: que tratamento seria menos digno? Nem onze anos você tinha; e ele, quase dez mais velho. O dia inteiro naquele açougue abafado, sem camisa, suando no avental. Um exibido, eu pensava, um imundo. E pensava errado, confesso: a troco de que culpar o moço? Eu estava cega, Ondina. Quem ia atrás dele era você, sempre você. Se fingindo de escandalizada quando ele passava no teu cabelo a mão suja de sangue de porco. Correndo pro meio da rua, a cabeleira empapada de bordô, um sorriso na tua cara. Quem é que não via? Só eu. Lá dentro, assobiando, o Ludano me chamava e dizia Quitéria, guarda bem essa tua amiga, guarda pra mim, mais dois, três anos e é minha. Pois sim, deixasse comigo.

Eu saía te procurar, irritada. Um quilômetro de corrida até o tanque das tilápias. Era pra lá que você ia, sempre, lavar o teu cabelo. Eu te achava acororada na margem marrom da água, nua ou quase isso, dependendo do calor ou da hora do dia. Mal me via chegando e já perguntava Quitéria, o que aquele suíno do Ludano te disse, o que foi que ele disse? E eu respondia nada, Ondina, disse apenas que você é

muito novinha, que tem cheiro de xixi e que ele não te quer mais por lá, atrapalhando o trabalho dos homens.

Adiantava? Mais um, dois dias e você, criança linda, na ponta descalça dos pés, invadia de novo o matadouro dos italianos. Bem na hora do fabrico dos chouriços. Decerto atrás de mais sangue. Atentada.

E eu querendo que você morresse.



Acabo de chegar do teu enterro, Ondina. Não foi uma cerimônia bonita. E nem podia ser. Sabe que você me saiu uma defunta feia? E teu pai, antes tão sério, enfarruscado, era só um velho louco em cima do caixão. Nem vou falar dos teus parentes. Uns oitenta, todos de olho azul. Aqueles mesmos, que a gente odiava tanto. Antes, quem diria que te veriam morta? Que viveriam pra me dizer Quitéria, a Ondina descansou, enfim descansou, pelo menos descansou, era uma santa, a mais bonita de todas. E eu, quieta. Sempre quieta. Só queria, Ondina, uma vez na vida poder afrontar todo mundo, abertamente. Só queria poder gritar descansou de quê? De passar vinte anos acovardada, amortecida, deitada numa cama?



Cera virgem de abelha, uma colher. Piche e vinagre, duas. Um prato de lentilhas e um cálice de vinho tinto. Banha de porco à vontade. Três cabeças de pardal. Dois ovos de gralha, fritos. O grude de uma lesma madrugadora. Alho, losna e malva branca; urtiga, sálvia e pimenta; gengibre, girinos e beterrabas.

Anotações que encontrei ontem, rabiscadas num velho caderno de confidências, mais tarde rebaixado a borrão. Achei isso ontem, Ondina, logo depois de saber que você tinha morrido. A página marcada com uma mecha comprida do teu cabelo loiro, liso.

Nem sei mais o que essas coisas significavam, juro. Se é que tinham algum significado. Deviam ser coisas de menina, só isso.



Também encontrei no meu diário, anotada, uma lembrança de quando dormimos juntas, pela primeira vez, na mesma cama onde você ia passar vinte anos deitada, sem se levantar. Escrevi assim: a Ondina suja é mais cheirosa que eu de banho tomado, o perfume dela é a própria atmosfera do paraíso.



Acredita que o Ludano apareceu no teu enterro? Chorou e tudo, na frente de todo mundo, ao ver o teu cabelo embranquecido. Passou a mão nele, sim. Mas uma mão limpa, Ondina. A mão de um homem bom, hoje reconheço. E a Galateia, ali, nem parecia enciumada. Também, com os quatro filhos do lado, tão bonitos. Sabe que até me senti orgulhosa de ver aquilo? Os quatro príncipes. A família que nunca comecei. Obra minha, a felicidade deles e a infelicidade deles. Sequer desconfiam que me devem. Porque só você e eu sabemos das coisas. E sempre foi assim, Ondina. No dia do teu noivado, por exemplo. Quem é que te mandou aquele buquê? Só nós sabemos. Você e eu.



Eram flores pequenas, roxas. Só davam no tanque das tilápias. Estrelas delicadinhas, de cinco pontas tortas. Veio de lá o buquê, claro. Como é que ninguém suspeitou disso? Lembra delas, Ondina? Cinco pétalas, uma corola bem peluda, vermelha. Feito uma aranha sonhada na minha primeira infância. Bonita de se ver, mas medonha. Apenas uma flor, em todo caso. E não era nem perigosa, de jeito

nenhum. Quantas vezes nós não a cheiramos, não respiramos o seu pólen, não rolamos por cima de uma centena delas, na beira do tanque, no verão? E onde o veneno? Nunca, nunca aconteceu nada de ruim conosco. Lembra dos pelos que cobriam cada flor, fininhos? Um trilhão de cerdas. Com as unhas, você penteava todas elas, bem de leve. Difícil não machucar uma planta tão sensível. Por isso, você a acariciava com cuidado, de cima pra baixo, de baixo pra cima. Ia e voltava, fazendo cara de sabida. Nem parecia ter onze anos. O caule comprido, você descia os teus dedos por ele; descia por aquelas suas folhas miúdas, cor de argila clara. E, de repente, tudo se ouriçava: as pétalas, a folhagem, eu. Tudo se abria e se fechava e se abria de novo.

Só não me pergunte o nome daquelas flores. Eu nunca soube, Ondina. E nem sei se existem mais. Só sei que pus quatro dúzias delas no teu buquê. Embalei em papel de seda branco, amarrei com uma fita prateada. Mas não ficou bom. Achei aquilo tudo muito simples, sem graça. Por isso, no meio do arranjo, eu meti outra flor, só uma, muito maior e mais chamativa que as outras. Também não sei o nome. Lembra? Linda: a inflorescência vermelha, imensa, espelhada de tão brilhante, as nervuras grossas. Do centro daquilo, se erguia uma espiga longa, calosa. Irritava as mucosas de quem chegasse muito perto, sim. Queimava um pouco. Mas nunca o suficiente pra pôr alguém de cama.



E desde quando isso existe, Ondina? Um buquê enfeitiçado? Só nos livros, nos contos de fadas. Pra mim, o veneno que te derrubou tem outro nome, outra fórmula. Não vou nem falar de culpa ou de remorso. Não sou tão rasa. Mas vou falar da tua covardia, Ondina. E da tua vontade de me deitar naquela cama, com você, de novo, mais uma vez.

Depois, até me deu pena do teu noivo, sabe? Sem você no futuro dele, o Ludano parecia outro. Passou um tempo enlouquecido. Juran-

do encontrar a bruxa que te havia mandado aquelas flores. Heroico, não? Só que dois anos mais tarde, como você não se erguia mais da cama, ele foi procurar coisa melhor que feiticeiras. E encontrou, claro. Também, com aqueles olhos azuis.



E o teu caixão, hoje? Que tal? Nenhuma flor lá dentro, reparou? Só um arranjo de tule. Elegante, não? Sugestão minha. Tua mãe adorou a ideia, achou poética. Chorou e me disse Quitéria, você perdeu uma amiga de verdade, você perdeu uma companheira, você perdeu, você perdeu. Perdi, perdi, eu disse. E chorei também, eu com ela, uma repetindo as palavras da outra.



Agora vou me livrar de você pra sempre, Ondina. Jogar fora essa tua mecha loira, se é que você me permite. Dá azar guardar os cabelos de uma morta, sabia? Pensei em ir até o tanque das tilápias, afogar nele a tua relíquia, a tua lembrança, a nossa história. Faz tanto tempo que não vou lá. Mas quer saber? Me deu preguiça. Vou pra cama. Teus cabelos vão se dissolver na fossa aqui de casa.

Luis Henrique Pellanda (Curitiba, 1973) é escritor e jornalista. Autor dos livros *O macaco ornamental* (contos, 2009), *Nós passaremos em branco* (crônicas, 2011) e *Asa de Sereia* (2013). Também organizou os dois volumes da antologia *As melhores entrevistas do Rascunho* (2010 e 2012).

sem som, sem anestesia

LUIZ FELIPE LEPREVOST

cinco graus. tendo os músculos fracos, saio correndo como posso pelas ruas. não há viva ou morta alma na cidade. os postes de luz a tremeluzir. é escura a neblina e fede. chego numa praça. três da madrugada. e o meu desassossego, uma menina com um vestido de lantejoulas prateadas, nada por baixo, nem casaco que proteja o corpo. os olhos vão borrados. ela acabou de sair do Dentadas Pub. vem na minha direção: tenho uma boca dentro de mim. sinto uma dor lancinante no estômago. aproxima-se mais. meu Deus, conheço a menina, me espanto. chamo seu nome. eu sou seu pai. ela não me reconhece. continua com seus tenho uma boca dentro de mim. ela sangra. onde estão os bombeiros? as árvores da praça, as copas ardem vermelhamareladas. o dia começa a raiar. não há transeuntes. não há automóveis. eu sou seu pai, grito. como que saída de um transe, ela se apazigua, entristecida. tiro a japonsa. num movimento preciso, embrulho a menina. ela me olha sem entender. experimenta meu rosto com as mãos. diz meu nome e é você mesmo? sim, sou eu. e ela, docemente: não é meu pai, minha mãe, não é nada meu e está aqui... você é meu outro coração, sem som, sem anestesia. acordo. ouço barulhos. é dona Leleca. lava a cozinha com produtos de limpeza. odeio os produtos. o cheiro me deixa tonto, intoxica. sou alérgico. abro os olhos. o resto do corpo não quer responder. depois de 40 minutos, viro para esquerda. fico de bruços. ok, agora quero que você levante. levanto.

calço os chinelos acolchoados. vou para o banheiro coçando os olhos, remelas endurecidas. não acendo a luz. opa, não devo ter calçado os chinelos. meus pés sentem o frio das lajotas. abro a torneira. bebo água, as mãos em concha. lavo o rosto jogando duas ou três vezes água na cara. acendo a luz. o fedor. talvez o tivesse sentido um tempinho atrás, mas não me dado conta do vômito no chão, ao lado da privada. só pode ser meu. o tapete também vomitado. que chatice para dona Leleca ter que lavá-lo. o cheiro nauseia. aguente firme, não deixe que as golfadas venham. estou sem fome, preciso comer. faço um bochecho com água gelada e cuspo. respiro fundo. olho para cara do espelho: olhos vermelhos, olheiras, rosto pálido, um idoso sozinho. são 7 da manhã. alcanço na pia o potinho do Aisengart e tento acertar o mijo nele. molho um pouco a mão, mas consigo colher quantidade suficiente. sento na privada e procedo com a necessária coleta, agora um pouco mais complicada. me saio razoavelmente bem. depois, me limpo e lavo bem as mãos. potes bem fechados, vou guardá-los na geladeira. Leleca me dá bom dia. resmungo de volta qualquer coisa. venho para o quarto tirar o pijama. petit comité em cobertura da Rua Coronel Dulcídio, com os jazzistas Endrigo e Glauco ganhando o melhor cachê da cidade. eis minha noite de ontem. acordei arrependido de ter bebido aos borbotões o rosé seco comprado na Colônia Rebouças só para fazer mimo rústico e charmoso a Lari, ex-aluna, que havia me convidado com seus faço questão da sua presença. o vinho miserável que ninguém além da minha ingênua pessoa bebeu, o responsável por me fazer entrar num táxi, desembarcar e escorrer pelas sarjetas do centro por volta das quatro da madrugada atrás de pó. não consegui. num esforço desgraçado, voltei para casa. e dormi. para hoje o doutor pediu hemograma e exame de fezes parasitológico. meu roteiro lírico e sentimental. devo ter dormido três horas, no máximo. como ficará o irresponsável diante do sorriso das atendentes do Frischmann Aisengart, numa manhã que fede a ressaca? estou pronto. dona Leleca, chamo. nada. dona Leleca. vou até a cozinha. Leleca,

no chão, estrebucha. de novo não, merda. o pescoço inchado. ela espuma pela boca e se debate. seguro a cabeça. tenho nojo, enfio os dedos na sua boca. já sei como lidar com a epilepsia de Leleca. a criatura vive esquecendo de tomar o remédio. seguro a língua e espero. aos poucos, para de convulsionar. está desmaiada. tapinhas em seu rosto: Leleca. tapinhas: acorda, mulher. tapinhas. depois de uns sete minutos inconsciente, volta a si. ainda não fala coisa com coisa. só posso tomar café na volta, depois de tirar sangue. enquanto pego carteira, chaves, cachecol, Leleca já arrumou minha cama, abriu as cortinas do quarto, levou a roupa suja e o mefítico tapetinho do banheiro para lavanderia e começou a preparar o café... o que seria da vida sem ela, que também vai entrada em anos, cansada? a TV já está ligada numa dessas matérias sobre reciclagem de lixo. mudo de canal, uma loira. mudo, outra loira. mudo mais uma vez, minha vista vai toda embaralhada, mesmo assim me detenho na notícia: professor de sucesso, pai de família, viu filha de cinco anos ser atropelada na saída da escola, na tarde de ontem. quando ontem? era a minha filha? desligo o aparelho. fui um mau pai, bom professor. aulas para os cursos de economia e administração. o guardador de carros, por causa do alvo-roço que os guardas de trânsito, graças ao atropelamento da menina, deixou de ganhar quarenta, cinquenta reais. pensamento torto, digo a mim ou a Leleca, não importa, ela não escuta mesmo. depois penso que deve fazer algum sentido o sem-sentido de tudo influenciar a micro, conseqüentemente, a macroeconomia. mania de tentar análises pelo viés do dinheiro. na incompetência com o dinheiro, só nisso você não é defasado, Rojas. preciso sair de casa, estou atrasado. antes de eu sair, vem dona Leleca, como eu fosse criança de tenra idade: ponha a japona, lá fora está congelando cimento. coloco a japona, o gorro. dentro de uma sacola de plástico, Leleca me entrega os potinhos que guardam os excrementos. geladinhos de esperarem na geladeira. saio. na rua, cuspo para cima, enfio um balaço na cara do céu. descasco um mentex, dentes implantados, vou mastigando. nos pré-

dios da Sete de Setembro pastilhados de porcelana, os porteiros em seus pulôveres. domésticas voltam com o saquinho de pães e o presunto para a primeira refeição do dia. fios de luz pingam eletricidade no bagaço de meninas viradas da noite que, depois de terem sentado na privada dos banheiros mais andergaudes (é esta a palavra?) para escrever hieróglifos atrás das portas, passam pela praça Oswaldo Cruz dentro dos Expressões, que se dirigem ao Água Verde e Portão. na direção oposta, levadas de trabalhadores, hordas de estudantes seguem para o centro. na praça, a prefeitura instalou barras, suportes especiais para idosos fazerem exercícios físicos, parquinho de diversões para anciões. você devia usufruir do bem-estar da terceira idade. não, não me pega. a farmácia, essa sim, a verdadeira responsável por manter minha saúde em dia. presencio atropelamento estridente como um solo de guitarra, porém sem feridos, apenas os paralelepípedos a beijarem os sunglasses (hum) do ciclista, num deslize do valet park do hotel de estrelas. sem contar os olhos da cara pelo seguro do Honda Civic de vidro fumê. e a indignação humanista do barrigudo que pilota e buzina a Kombi adesivada com a estrela do PT. sujeitos eternos, fitness & wellness (os companheiros do partido me ouvissem agora), passam por mim galopando a manhã que até o fim, sem dúvida, terá nuvens cheias feito saquinhos de moeda e depois despontará congelando o ouro do sol, sem dar folga para a epiderme. sempre assim no mês de agosto. ah, meu caro Rojas, devia ter aceitado pelo menos uma das inúmeras vezes que ofereceram a você carguinhos comissionados em alguma espelunca. devia ter sido menos turrão e ajudado os que queriam legislar a favor dos próprios cavalos lisos e sóbrios. talvez hoje tivesse dinheiro para o acúmulo de medicamentos a que o corpo obriga. chego no Aisengart, pego uma senha. minha idade me dá direito a atendimento preferencial. como eu, mais de vinte pessoas. os exames vão dar resultados péssimos, não podia ter bebido ontem. o que deu em você? as atendentes são simpáticas. olho para a mais rechonchuda e me assombra a ideia de que os médicos

descobrem tudo sobre as pessoas examinando detalhadamente mijó e fezes. espero quase quarenta minutos, então é a minha senha. caio no guichê da rechonchudinha. nem com cara de nojo ela recebe os potinhos com excrementos dentro. assino o que ela me dá para assinar, pego as guias para a retirada dos exames e volto para a fila, agora no aguardo para a coleta do sangue. não sei quanto tempo depois, meio abobalhado, finalmente saio do Aisengart. terei visto o atropelamento de um ciclista quando voltava para casa? nunca entendi por que as pessoas param para ver gente morta no meio da rua. mas ele morreu? a curiosidade é sempre maior, mais urgente diante da pose enigmática da Indesejada. no meio do tumulto, escuto uma moça: na hora do rush morrer é uma merda. depois outra, da janela do ônibus, manda o policial de trânsito tomar no cu, no cu, no cu. entro na loja de conveniência de um posto, compro uma latinha. estou ao lado de casa. estômago ainda vazio, bebo. poucas quadras, estou em casa. entro no prédio, cerveja na mão. o porteiro não gosta de mim, eu não gosto do porteiro. ele me dá bom dia, nada devolvo a ele. o elevador demora. agora entro no elevador. detesto pegar o elevador com essas crianças barulhentas. a mãe delas só tem olhos, e de reprovação, para a mão que, de manhã, segura a latinha. faço o elevador me levar ao décimo quarto andar. desembarco e, antes de entrar, escondo a latinha atrás da floreira, no hall. vou pelo apartamento. estranho, o almoço não está cheirando. não tem bife hoje? tiro o gorro. arranco a japona, manga direita, esquerda. aqui dentro está quentinho. preciso tomar banho. o banheiro, impecável. ligo a água, me coloco lá dentro, me lavo, saio, me enxugo, espirro. não sei se por causa dos produtos, espirro de novo. toalha enrolada na cintura, cheirando a sabonete, venho para o quarto. Leleca deixou a roupa passada, engomada sobre a cama. começo a me vestir e vestir... e a me vestir. meu Deus, como você é demorado para se vestir. num passe de mágica, o almoço está pronto. almoço a comida (bife e salada) e o noticiário, novas tragédias. sou um consumidor de tragédias. Leleca trabalha para mim tem

mais de dez anos. ela não permite álcool. ela me ajudou a preparar e limpar os restos no dia seguinte de centenas de festinhas. as tertúlias do professor Rojas, quando a idade e a saúde permitiam. Leleca me ajudou a me livrar do álcool e da cocaína. minha esposa morreu numa viagem à Foz do Iguaçu, num ônibus lotado de inocentes que a televisão chamou de muambeiros. o motorista dormiu, o ônibus deu de frente com aquele caminhão. está engavetada no cemitério vertical, cremada. me tornei viúvo muito novo, aos 34 anos. nunca me casei novamente, tampouco deixei de ser um caçador. acabo por me excitar pensando em cenas de namorados que se beijam nas escadas rolantes do shopping. estou em casa, observo a natureza pela televisão. hoje vou ficar quietinho, me recuperar do porre de ontem... nunca mais... mais um dia, mais um dia. não resisto. quando dou por mim, já saí. os músculos das minhas pernas não têm pressa porque não têm força. mas cada porta de edifício é um não-lugar que desemboca logo ali no shopping. o shopping boceja e me engole como eu fosse um mosquito. dou uma risadinha. estou gordo, sacudo a barriga para dar risada. o senhor não tem vergonha? de quê? de estar caindo aos pedaços. mas o que posso fazer se não estou morto? vejo a namorada no degrau de cima da escada rolante enlaçar o pescoço do namorado um pouco abaixo: você deu um passo e eu já não estava à sua altura. sento no café, bem no meio da praça de alimentação. sou conversador. chega um rapaz: boa tarde, como vai o senhor? e já estou monologando: o exame que fiz dia desses na clínica custa 3,500, assim as seguradoras de saúde vão falir, a máquina de ressonância me dá calafrios... falo e ao mesmo tempo lembro coisas de quando criança: as tetas das senhoras lá da Colônia em que nasci, as pernas roxas, inchadas geográficas de campo de batalha e, simultaneamente, a máquina de ressonância parece um tubo de pasta de dente, um caixão tecnológico cheio de luzes... agora as moças da loja de roupas em frente chegam para pausa do café. já me conhecem. me tratam bem. preciso manter o foco. tente não entrar em dez assuntos ao mesmo tempo, Rojas... não

fale da infância, não vai pegar bem. e as veias que irrigam meu cérebro, onde talvez esteja alojado um câncer... que paranoia é essa? esses exames nem saíram ainda. ou saíram? já não sei dizer, preciso verificar com a Leleca. velho gagá. a menina em minha frente me lembra a Lady Gaga. sou gagá, mas antenado (é esta a palavra, né). a Colônia onde nasci foi tomada por condomínios de luxo com campos de golfe, sabe? jovens publicitários se divertem ora jogando, ora armando tenda de mil metros quadrados para celebrar com festas. festas rave?, pergunta Gaga recolhendo as xícaras das mesas ao lado. sorrio por dentro. me sinto capaz ainda de mentir o suficiente para levar uma guria dessa para cama. velho porco... sedutor, apesar de tudo. este broche aqui ó ganhei de uma avó de pernas roxinchadas lá dá Colônia... o broche era para dar sorte, ela disse, uso todo santo dia. respiro fundo, adoro o ar-condicionado do shopping. recuso o café que o homem engravatado oferece: obrigado, mas sou hipertenso, tenho que me cuidar. tenho que me cuidar, que me cuidar, essa é boa. Leleca deve ter deixado sopa de verduras para o jantar. detesto sopa de verduras batida no liquidificador. bom para saúde, ruim para engolir. preciso beber alguma coisa. chope? melhor não, ontem passei mal, vomitei sangue até. mas em poucos minutos já estou: amigo, me dá mais um. mais um pouco e: vocês vendem uísque aqui no café? dane-se a hipertensão. ah, agora você vai como o Diabo gosta. o senhor está saidinho hoje, diz Gaga. sorrio. ela é uma gata miau trazendo a terceira dose. as tardes são dos amantes. digo a ela: amo em você tudo o que dói. ela fica envergonhada, mas sorri. por pena? educação? será você um macróbio que ainda vale alguma coisa? a frase não é minha. devo tê-la vistouvido em algum filme. no passado fui o rei de frases colhidas em filmes e livros. troquei-as pelo shopping, ele hoje praticamente minha única aventura da sessão da tarde. que encrenca você causaria com o honrado Guevara, amigão. uma vida dedicada à filosofia para chegar a isso. hoje, para mim, filosofia é viver entre bula de remédio genérico para pressão, CPI, FMI, discursos mentirosos no ca-

nal do Senado, coberturas de protestos pelo Fantástico e passeios pelo Soho Batel. a menor saudade do tempo em que fui parte de equipes que especulavam vulcões financeiros mais violentos que o de Krakatoa. essa corja, mania que tinham de surfar em dólar como ele fosse onda Tsunami. puta merda, você era tão forte... quantos o tinham em alta conta. para outros, não passava da verdadeira praga a ensinar o marxismo aos alunos. o grande ateu, todos esses anos a lecionar numa universidade católica. o celular. o celular toca. dona Leleca. sempre ela. alô... alô... alô... nada. alô... quem fala? Edmundo Rojas, quem gostaria? desculpe, foi engano. o engano desliga do outro lado da linha. Leleca, sempre ela. quatro doses depois, pago com o limite do cartão de crédito. saio do shopping, círculos de suor na camisa embaixo das axilas, embaixo da japona. hoje as coisas vão mudar, você está de volta, chega de passeios em shopping. uma, duas, seis, sete quadras, ando até a Panter's Hause. sem mais delongas, peço uma dose de uísque. bebo. é falsificado, diluído com água. bebo. suo. como escolhesse um polpudo e úmido livro na prateleira, que se lê com as mãos, com a língua, escolho uma menina. completo o copo com nova dose. ela pega a toalha e a camisinha. subimos para o quarto. nos despimos e ao trabalho. uso o que ainda tenho de hábil: mão, boca. no mais, Rojas o meia-bomba, camisinha desperdiçada. como sempre, sou carinhoso. obrigada, ela agradece. imagina, gosto de mulheres com conteúdo. ela ri um risinho nervoso e: obrigada. não tem de quê. e ela: obrigada. agora chega, querida, pare de agradecer, não me agradeça mais, não quero você me agradecendo o tempo todo, chega de agradecimentos por hoje, quando eu quiser que você me agradeça, eu peço. estou com saudade de mim criança, na Colônia, no interior esdrúxulo do país, o norte vermelho do estado, ruas das quais saíam fogo por entre as rachaduras. terminamos o estudo. nos vestimos e me arrepio ao vestir a camisa molhada, suor gelado nas axilas. descemos. e o barman: mais uma dose, senhor? não, chega por hoje. está bem, só mais uma. bebo. começo a me sentir oprimido pelo

lugar, então bebo rápido. pago, também no cartão de crédito. dou tchau, beijinhos na minha menina, tchau, tchau e vou. uma, duas, três, quatro quadras de caminhada até o centro do centro. entro no caixa eletrônico do Itaú feito para mim, da Boca Maldita. saco uma boa quantia do meu limite. e subo na direção da Saldanha Marinho. então entro no predinho. eles me deixam cheirar rápido aqui mesmo no mocó. abrem exceção, porque sou, segundo dizem, um coroa da pesada. há quanto tempo não fazia isso?, pergunta um. oito, nove anos? mais? considero abusivo o preço do produto, mas sem reclamar, pago. desço novamente a rua e chego no calçadão da XV. suo. sento num banco, da Boca, nenhum Conselheiro por perto. suo. no céu do fim da tarde, nuvens cheias de moedas douradas, o salpicado ouro do sol indo embora. olho com desprezo qualquer um que passa. tenho mais raiva dos com cara de executivo, eles têm a saúde do ferro, comem business e presunto no café da manhã. mas não adianta ter ódio, ninguém está nem aí para você. eles são os trabalhadores. você? animal abatido. cambada. corram se cercar por blindex e cartões de identificação da empresa. vocês não me enganam, trapezistas. garanto que trazem na pasta a recomendação expressa do Ilustríssimo Al-gumacoisa. dona Leleca não para de ligar para o celular. é engano, é engano. na vida todos têm de encontrar a pomada certa para aliviar o rabo. preciso arranjar uma estagiária para dona Leleca, ele já não aguenta mais. volto para Saldanha Marinho, paralelepípedos molhados, escorregadios. suor gelado. entro no mocó: gostou da farinha, vovô? dou todo o dinheiro que resta na carteira. e saio do mocó. avanço alguns metros e estou no Dentadas Pub. entro no meu velho conhecido bar, as paredes já empapuçadas dos tristes versos dos boleros. há quanto tempo... o garçom é um rapazote, como se o Carequinha tivesse voltado no tempo, rejuvenescido. peço uma dose de 12 anos e digo que vou usar o banheiro. me tranco, arrio as calças e cago. suo, suo, suo. volta para o meu nariz, o limão no gelo misturado ao cheiro das minhas entranhas. depois de fazer força, desembrulho o papelote,

despejo o pó na palma da mão e sento a venta. a narigona nunca esteve tão ávida, a mucosa quer mais e mais. o braço formiga. o peito arde, três, quatro pontadas insuportáveis. abro a camisa encharcada. massageio a gigantesca cicatriz que divide meu tórax em dois. estou deitado na lajota mijada. a dor provoca um tipo de dança no meu corpo caído. é você mesmo? sim, digo. e ela, docemente: não é meu pai, mãe, não é nada meu e... você é meu outro coração, sem som, sem anestesia. então não escuto mais nada. puxo o ar, ele não vem. não sinto mais pernas, mãos... meus olhos estão abertos, esbugalhados.

Luiz Felipe Leprevost (Curitiba, 1979) é formado em Artes Cênicas pela Casa de Artes de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Publicou a novela *E se contorce igual um dragãozinho ferido* (2011), os livros de contos *Manual de putz sem pesares* (2011), *Barras antipânico e barrinha de cereal* (2009), *Inverno dentro dos tímpanos* (2008) e os poemas de *Ode mundana* (2006). Como dramaturgo, teve encenadas as peças *Hieronymus nas masmorras*, *O botão do Mick Jagger*, *Na verdade não era* e *Pecinhas para uma tecnologia do afeto*.

Grande Hotel Rosebud

MANOEL CARLOS KARAM

De uma vez por todas

Como se eu não tivesse mais nada para fazer, fiquei pensando se deveria beber a xícara de café num único movimento ou o gesto de depositar a xícara no pires sobre o balcão entre goles era o mais adequado para a cena. O que eu realmente deveria decidir era como agir caso Alquenama entrasse no café. Não que eu não acreditasse na chegada dele, e por isso me distraía com o café, eu acreditava que Alquenama subitamente entraria e eu, naquele segundo da visão dele chegando, decidiria os meus movimentos para pegá-lo de uma vez por todas.

Talvez fosse necessária uma descrição de Alquenama, seus traços faciais, a altura, a maneira de andar, falar das origens de Alquenama, de onde veio e, por isso, faz o que faz, se fosse possível creditar ao lugar de nascimento de Alquenama alguma influência nas atividades de Alquenama. Fica isto de descrição de Alquenama. Não é necessário mais do que isto, necessário é pegá-lo de uma vez por todas.

De uma vez por todas

O café não estava adequadamente quente, sobre isto eu poderia iniciar uma conversa com o homem atrás do balcão, considerar a deficiên-

cia um problema comercial, transformar um café morno em teoria econômica, conversa fiada. Mas não era uma boa ideia porque Alquenama poderia entrar no café durante a conversação, quando eu estaria distraído, sem o controle total da situação. Bebi o café morno, em silêncio.

As paredes do café estavam cobertas por cartazes, olhei para todos eles, mas não registrei qualquer informação. Os meus olhos fixados nos cartazes eram cegos, eles estavam prontos para mudar de direção e ver claramente assim que o meu cérebro informasse que Alquenama havia entrado no café. Enquanto isto, enquanto Alquenama não chegasse, eu poderia fingir a leitura dos cartazes, beber mais um café. A ideia de um cartaz com a fotografia de Alquenama e a oferta de um prêmio para quem o pegasse de uma vez por todas me passou pela cabeça, mas decidi que o melhor para mim era pedir mais um café, com o cuidado de solicitar que daquela vez ele viesse quente.

Depois do café morno

O café chegou fumegante, era o que eu mais desejava fazer, descrever um café fumegante. Sorvi, não existiu ali verbo melhor do que sorver para o café fumegante que foi depositado sobre o balcão e para o qual eu olhava com um olho, pois o outro ia na direção da porta do café. Eu havia escolhido me acomodar junto ao balcão porque dali a minha visão era ampla, eu poderia, por exemplo, girar o olhar, mas mesmo assim o rabo do olho estaria na porta do café. A chegada de Alquenama não escaparia ao meu olhar, mesmo no instante em que a minha principal atividade era sorver o café fumegante.

Depois do café fumegante

Começou com um arrepio. Havia gente nas mesas e no balcão do

café, bebendo café, água, chá, mordendo biscoitos doces e salgados, comendo sanduíches, lendo jornais, conversando, olhando pela janela, para o teto, para os cartazes da parede, olhando para os outros, começou como um arrepio. E se Alquenama já estivesse no café?

Não, Alquenama não estava no café, bastou girar a cabeça para ver todo o espaço do café, Alquenama não estava, Alquenama não era nenhum deles, Alquenama era muito mais do que qualquer um deles.

O homem de óculos, gravata, lenço no bolso externo do paletó, com o cacoete de coçar a sobrelanceira direita enquanto erguia a xícara de café com a mão esquerda, um homem assim nunca seria Alquenama. O outro, revezando a colher, ora mexendo o café, ora cutucando o ouvido direito com o cabo da colher, demorando como se nunca fosse beber aquele café, haveria pensamentos tomando a atenção do homem que o revezamento da colher tornou-se automático, um homem assim nunca seria Alquenama. Aquele de boina, escrevendo no caderno enquanto falava ao telefone, quando a mão chegava ao fim da linha tocava no copo com água, o copo era movido, mas sem o risco de tombar, aquele de boina desligou o telefone, fechou o caderno, guardou a caneta e bebeu a água de uma vez, um homem assim nunca seria Alquenama. Um de pé no balcão olhando fixamente para a xícara de café, a cabeça levemente tombada para a frente para que ele enxergasse a xícara de cima, demoradamente olhando para a xícara, até que o homem atrás do balcão chegou com um bule e colocou café na xícara, o homem de pé no balcão estivera olhando fixamente para a xícara vazia, só desviou o olhar depois da chegada do café, um homem assim nunca seria Alquenama. O que comia uma fatia de torta e bebia um líquido verde, ele tinha uma coreografia para as pernas cruzadas, um pedaço de torta, a perna direita cruzada sobre a esquerda, um gole do líquido verde, a perna esquerda cruzada sobre a perna direita, foi dessa maneira até o fim da torta e o último gole de líquido verde, um homem assim nunca seria Alquenama.

Um homem assim nunca

O homem na mesa ao lado da janela seria Alquenama, mas com algumas alterações na maneira de estar sentado na mesa ao lado da janela.

Com os dois olhos na porta eu estava preparando para a chegada de Alquenama, mas que não se pense que os meus sentidos não estivessem prontos também para constatar a entrada dele pelos fundos, por uma janela ou aparecendo de uma escada num canto.

Não, disfarçado, não, nunca pensei que ele poderia usar um disfarce, barba, bigode, cabelo, calvície, costeletas, cavanhaque, chapéu, óculos escuros, máscaras teatrais, não, disfarçado, não. Se nunca cogitei, porém, nunca deixei de pensar na possibilidade e sempre estive atento a máscaras, sem chegar a acreditar que ele usaria, mas acreditando que poderia. Era feita de reflexões estranhas a caça a Alquenama, estava sendo assim desde o início, iria assim até o fim quando, de uma vez por todas, eu pegaria Alquenama, sem sofrer por causa de alguma máscara.

O homem na mesa ao lado da janela seria Alquenama, mas com algumas alterações na maneira de estar sentado na mesa ao lado da janela.

Roupas feitas

A próxima hipótese era continuar a busca numa rua paralela onde havia uma loja de roupas feitas, uma delas talvez a roupa adequada para o papel de máscara de Alquenama.

Roupas feitas

Enquanto eu pagava os meus dois cafés, já percorria o cenário da loja de roupas feitas que ficava numa rua paralela, e quando cheguei parte

do trabalho eu já havia feito. Além das três vendedoras, meia dúzia de fregueses indecisos entre calças, camisas, paletós, calções de banho, capotes.

Reparei nos homens, mas nunca ignorando que Alquenama poderia usar um disfarce feminino para escapar de mim. Foi este o retorno das reflexões que eu já havia feito no café. Eu sempre acreditei que Alquenama nunca usaria máscara, ao mesmo tempo em que eu sempre acreditei que deveria fixar atento à possibilidade de Alquenama usar máscara.

Uma vendedora se aproximou de mim, tive que improvisar alguma coisa para que ela não percebesse que eu não estava ali para comprar roupas, que a minha presença na loja fazia parte de uma operação de busca. Perguntei para a moça se a loja vendia fantasias de carnaval. Ela me respondeu com uma frase muito longa, foi o que eu entendi, foi somente isto o que eu entendi, que ela me respondeu com uma frase muito longa. Eu não prestei atenção na frase muito longa da moça porque era mais importante dar atenção às pessoas que saíam da loja, que desastre seria se eu deixasse Alquenama escapar porque dei atenção à vendedora que me respondia sobre fantasias de carnaval. Eu começava a deixar de acreditar na presença de Alquenama na loja de roupas feitas quando me ocorreu uma pergunta. Alquenama usaria a fantasia de vendedora numa loja de roupas feitas?

Roupas feitas

Passou a ser necessário manter o diálogo com a vendedora. Depois da resposta com uma frase longa sobre fantasias de carnaval, falei de uniformes escolares. Ela me respondeu também com uma frase longa, muito mais longa que a anterior.

Observei a moça com atenção, ela não apresentou coisa alguma que pudesse pertencer ao desenho de Alquenama. Após a frase muito

longa sobre uniformes escolares, agradei e me retirei da loja de roupas feitas pensando que Alquenama poderia ter escapado quando eu dei atenção à vendedora.

Uma frase muito longa

Na porta da loja de roupas feitas, de frente para a rua, decidi entre três caminhos qual seria o tomado por Alquenama se ele tivesse escapado da loja enquanto eu ouvia a frase muito longa da vendedora. Atravessando a rua para entrar na farmácia, indo para a esquerda na direção de uma loja de louças, uma oficina de máquinas de costura, uma casa lotérica e uma agência dos correios, ou tomando o rumo da direita para chegar a um escritório de seguros, uma agência de viagens e um prédio de apartamentos. Atravessei a rua e entrei na farmácia. Era uma loja pequena, um rapaz atendendo sozinho, nenhum freguês, não havia um grupo de pessoas para que eu procurasse Alquenama, o rapaz da farmácia não era Alquenama. Algumas vezes eu me sentia melhor quando não tinha o que fazer. Perguntei para o rapaz se havia uma cadeira onde eu pudesse sentar por alguns minutos para descansar.

Intervalo

Havia um banco, portanto ausência de espaldar.

Farmácia, ônibus etc.

Banco desconfortável, mas serviu para um rápido cochilo, que me fez despertar com um entusiasmo tão grande que não duvidei, eu pega-

ria Alquenama de uma vez por todas. Levantei do banco e fui na direção da porta, me virei para agradecer ao rapaz da farmácia, ele não estava lá, não havia qualquer pessoa na farmácia além de mim. Olhei para a rua, o rapaz da farmácia estava entrando num táxi. Ouvei uma voz atrás de mim dentro da farmácia, me virei, era uma moça que vinha dos fundos, me cumprimentou e perguntou o que eu queria.

Me virei para a rua, o ônibus dobrou a esquina, eu corri, dava tempo de chegar ao ponto de parada, deu tempo. Me sentei no fundo do ônibus para observar os passageiros. Eu não sabia o que estava fazendo no ônibus, eu sabia que estava no ônibus procurando Alquenama, eu não conseguia me concentrar nos passageiros do ônibus, se Alquenama percebesse o que estava acontecendo comigo aproveitaria para sumir de uma vez por todas.

Sentado no fundo do ônibus, cabeça abaixada pela derrota, *fim*, a palavra surgiu sobre a imagem, o letreiro *fim de uma vez por todas* sobre a imagem.

Teria perdido Alquenama se não fosse eu quem eu era, se não fosse ele quem ele era. Recuperei a concentração, me levantei, caminhei pelo corredor do ônibus como o único homem do mundo que poderia encontrar Alquenama, pegá-lo e aí sim sobre a imagem *fim de uma vez por todas*.

Fui pelo corredor do fundo à frente do ônibus, depois retornei encarando os passageiros, um a um, no olhar a pergunta *você é Alquenama?*, um a um, todos. Me senti melhor quando terminei a caminhada novamente no fundo do ônibus. Alquenama não estava ali, então eu me sentei com calma, joguei a cabeça para trás, olhei para o teto do ônibus, fechei os olhos, mas não vi necessidade de um descanso, o esforço que eu havia feito no ônibus não justificava um descanso. Me levantei, o ônibus chegou a um ponto de parada, saltei exatamente na frente de uma loja de roupas feitas.

Roupas feitas

Entrei na loja com firmeza, eu ouvia nitidamente os meus passos, eu estava tentando me disfarçar, pela primeira vez pensei nisso, me disfarçar para pegar Alquenama. Comecei disfarçando a minha maneira de andar, de pisar, eu ouvia nitidamente os meus passos.

Passos com máscara

Um bom disfarce começa pelas pernas, um andar forjado para entrar na loja especializada em forjar, roupas feitas são fantasias que a caça encontra prontas para vestir e melhor fugir, ou fantasias para o caçador usar e melhor caçar, fantasias para ambos, e ainda a possibilidade de um encontro da caça e do caçador na loja de roupas feitas. Me imaginei entrando no provador da loja para experimentar um paletó diante do espelho, e o espelho revelar um resto de imagem de um homem provando uma camisa, um resto da imagem de Alquenama.

Não consegui evitar um sorriso quando pensei na cena em que eu, após pegar Alquenama de uma vez por todas, contaria a ele que a captura foi possível graças à denúncia de um espelho, não consegui evitar um sorriso.

Fui experimentar o paletó sabendo que não poderia contar com a ajuda daquele espelho. O paletó era muito grande para mim, estava tirando o paletó quando cogitei o disfarce, vesti novamente o paletó e reconheci que eu estava disfarçado, que eu estava pronto.

Duelo na loja de roupas feitas

O paletó era muito grande para mim, isto fez dele um disfarce, mas dificultava os meus movimentos. Arregacei o que sobrava das man-

gas, abotoei inteiro, enfiei a parte da frente das fraldas do paletó para dentro da calça. Os braços continuavam a se movimentar com lerdeza, as mangas arregaçadas não ajudavam muito, mas as pernas estavam livres, eu podia realizar o disfarce do caminhar.

Dei alguns passos forçados, eu pisava como se houvesse uma pedra no sapato do pé direito, e premeditei confundir Alquenama alternando com pedra no sapato do pé esquerdo, eu já estava pronto para enfrentá-lo. No momento em que ele pisasse na loja de roupas feitas estaria tudo terminado, de uma vez por todas, tudo terminado.

Foi tudo muito rápido, numa fração de segundo eu entendi que Alquenama não buscava disfarce num lugar especializado em disfarces, ele nunca faria isto numa loja de roupas feitas porque sabia que eu estaria pronto, e tudo o que Alquenama gostaria de evitar era um duelo comigo na loja de roupas feitas.

Não perdi tempo, enquanto me despia do disfarce fui caminhando para a porta de saída da loja, deixei de pegada um paletó que era muito grande para mim. A sensação de que havia realmente uma pedra no sapato era fortíssima, o meu disfarce havia sido perfeito.

Credo

Creio que corri, creio que não caminhei como qualquer um caminha na rua, creio que corri, creio que não foram apenas passos largos, creio que foi mesmo uma corrida de velocidade, creio que um maratonista teria reconhecido em mim um deles, creio que foi um esforço muito grande, creio que percorri o espaço entre a loja de roupas feitas e o zoológico num tempo de atleta, creio que quando cheguei ao zoológico eu estava muito cansado, creio que não parei para descansar, creio que continuei correndo pelo zoológico, creio que nenhum dos visitantes escapou do meu olhar, creio que Alquenama não estava no zoológico, creio que tudo foi tão rápido que era difícil descrever com

precisão o que aconteceu, creio que Alquenama não estava no zoológico, creio.

Não creio

Foi só descartar a possibilidade de Alquenama estar no zoológico para ser atormentado pela hipótese de que aquilo era apenas a indicação de que eu deveria considerar que Alquenama poderia estar no zoológico.

Aconteceu uma carrada de vezes na minha vida. Uma certeza ser a causa de uma dúvida. Eu tinha certeza de que Alquenama não estava no zoológico, e isto provocou a dúvida, que me levou a considerar que Alquenama estava no zoológico. Aconteceu uma carrada de vezes na minha vida. Uma certeza ser a causa de uma dúvida. Aconteceu uma carrada de vezes na minha vida. Inclusive na época em que eu estava caçando Manaquela, o sujeito que mais trabalho me deu.

De uma vez por todas

A corrida até o zoológico, em vez de me tirar o fôlego, me forneceu mais combustível e reiniciei outra correria, fui pelas alamedas do zoológico em velocidade, mas olhando nos olhos de todos os visitantes. Mesmo o transtorno de passar entre as pessoas e as jaulas, interrompendo a visão de quem observava os animais, não foi obstáculo para que eu realizasse um voo rasante para bater com os olhos nos olhos de Alquenama e acabar com aquilo de uma vez por todas.

Zoológico

Terminada a ronda, nenhum vestígio dos olhos de Alquenama, mas

veio a ideia de verificar a presença dele nas jaulas. A imagem de gente olhando para as jaulas, em algum momento da ronda, sugeriu que estivessem observando Alquenama, mas o mestre dos disfarces era eu, não ele. Por isso, também em algum momento da ronda, foi sugerida por algum olhar a ideia de entrar numa jaula à espera de Alquenama entre os visitantes.

Eu precisava analisar as hipóteses para continuar agindo no zoológico, o fato de não ter encontrado Alquenama não significava que ele não estivesse ali, pelo contrário, a ausência dele dava certeza da presença.

Zoológico

Uma ideia. Caminhar lentamente pelas alamedas do zoológico. Olhar as pessoas, uma a uma, saber de uma vez por todas se alguma delas era Alquenama. Olhar as jaulas, uma a uma, saber de uma vez por todas se Alquenama havia se transformado também num mestre dos disfarces.

Gastei o resto do dia na operação, quando passei pelos rinocerontes já estava escuro, um funcionário do zoológico avisou que os portões seriam fechados, eu tinha que decidir rapidamente se sairia do zoológico ou usaria a noite para uma emboscada entre as jaulas.

Repentinamente, como um filme que passa muito rápido, a minha memória percorreu todas as páginas do relatório de informações para caçar Alquenama, e parou num tópico cuja importância acabava de me derrubar. Estava bem claro no relatório, era um dos itens sublinhados em vermelho, a cidade tinha dois zoológicos.

Eu estava no zoológico errado, esta frase explodiu na minha cabeça, eu estava no zoológico errado, esta frase bateu na minha cabeça no mesmo momento em que ouvi o ruído de portões sendo fechados. Eu usaria a noite para emboscar ninguém.

Passar a noite preso no zoológico pode transformar completamente a vida de um homem se ele não estiver preparado para passar a noite preso no zoológico.

Zoológico(s)

Amanheceu rapidamente, não deu tempo de dormir. Não estranhei, aquilo acontecia comigo mesmo passando a noite em casa. Amanhecer rapidamente, não ter tempo de dormir, era a minha vida em qualquer lugar, em casa, no hotel, no avião, no zoológico.

O portão do zoológico foi aberto cedo, melhor, eu tinha o dia inteiro para trabalhar no outro zoológico. Planejei pegar Alquenama ainda de manhã, eu precisava descansar, a tarde seria boa para isto. Entrei no outro zoológico depois de verificar que nas proximidades havia um hotel. Eu passaria a tarde nele, não esperaria a noite, que na minha vida costuma amanhecer muito rapidamente, sem tempo para dormir.

Percorri o zoológico com olhos de quem tem pressa, mas não olhos apressados. Eu sentia a presença muito próxima de Alquenama, mas não havia contato visual. Percorri o zoológico várias vezes, repeti a ronda pacientemente, gastei a manhã, e me senti ainda mais cansado. O projeto de descansar à tarde tinha que ser abandonado.

A caça a Alquenama já estava durando muito tempo, eu precisava me apressar, acabar com aquilo de uma vez por todas.

Saí do zoológico, entrei no hotel que ficava quase em frente, perguntei na portaria se havia um hóspede chamado Alquenama. Não me lembro exatamente da resposta, a minha memória diz que o funcionário do hotel informou que *a pessoa com este nome não se hospeda aqui há muitos anos* ou *a pessoa com este nome deixou o hotel há dois dias* ou *a pessoa com este nome fez reserva para depois de amanhã* ou

nunca tivemos entre os nossos hóspedes uma pessoa com este nome. Foi o que disse o porteiro do Grande Hotel Rosebud.

Voltei para a rua, um cachorro parou ao meu lado, cheirou a perna direita da minha calça, continuou o caminho dele e, sem abanar o rabo, sumiu na esquina, parecia um fim de conto.

Corda

Não peguei Alquenama, mas faltava muito pouco, eu estava muito perto quando tive a notícia da morte dele. Alquenama ia pela rua, uns homens erguiam um piano pelo lado de fora do edifício, uma corda arrebitou.

Manoel Carlos Karam (Rio do Sul, SC, 1947 — 2007) viveu em Curitiba desde 1966. Escritor, dramaturgo e jornalista, publicou *Fontes murmurantes* (1985), *O impostor no baile de máscaras* (1992), *Cebola* (1997), *Comendo bolacha maria no dia de são nunca* (1999), *Pescoço ladeado por parafusos* (2001), *Encrenca* (2002), *Sujeito oculto* (2004) e *Jornal da guerra contra os taedos* (póstumo, 2008).

Zé Ruela

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Tenho músculos nas pernas, mas meus braços são finos, muito finos, é isso. Ontem antes de dormir planejei contar meus passos e hoje até umas onze e quarenta da manhã eu havia somado mais de quantos, setecentos e trinta? Só isso? Mas, sabe, é que eu não paro pra contar. Na verdade eu não paro pra nada. Eu sigo.

Na ciclovía, em alguns trechos, ando em cima da grama. É pra economizar a sola. Tenho três pares, dois sapatos e um tênis. De onde moro até o centro, faço em menos de uma hora. Até com chuva eu vou. Mas prefiro os dias de sol. Não tem poça. Não fico com a roupa molhada. Se bem que sou bastante, mas isso não me atrapalha e não incomoda ninguém.

Tenho uma rotina. Que é andar. Todos os dias. Faço o mesmo trajeto e até consigo passar na frente de uma loja e ouvir um locutor de uma rádio dizer o horário, oito e quinze. Às vezes, quando já estou no centro, um ônibus de uma linha, Jardim Paraíso, chega no ponto quando eu estou passando. Nos dias de chuva tudo se modifica. Mas nem tanto. Vejo os mesmos vendedores de guarda-chuva.

Muita gente deve me achar louco. Louquinho é uma expressão que já foi repetida pra se referir à minha pessoa. Mas não ligo. O que importa é o que penso a meu respeito. O que os outros pensam, podem pensar, na verdade, poucos pensam, e quem pensa não perde tempo pensando que sou louco ou louquinho. Gosto de caminhar, sabe, até porque caminhando eu não penso, apenas vejo.

Reparo que tem muita garrafa de cerveja vazia jogada nas ruas, nas calçadas, nos parques. Sou fraco pra bebida. Se bebo, um copo

que seja, falo alto, grito, quero brigar, mas geralmente apanho. Pra evitar problemas, não bebo. Mas sinto muita vontade. Vejo as garrafas vazias e saio correndo.

Corro porque preciso, ando porque não tenho outra alternativa. Se eu ficar parado, enlouqueço. Não, não sou louco. Nem louquinho. Mas preciso caminhar. Meu corpo pede movimento. Eu poderia ser funcionário do correio, entregador de pizza, um mensageiro. Sim, gostaria de ser um mensageiro apenas de notícias boas, pra dizer que alguém nasceu, e que foi com saúde, ou que o sujeito recebeu um prêmio, essas coisas.

Enquanto ando, e durante as corridas, esqueço quem sou, me anulo. É melhor. Porque assim não serei o louco que dizem que sou. Mas não sou louco, nem louquinho, eu sou eu. Da mesma maneira que você é você, eu sou eu, e você é você. É assim mesmo, e assim por diante, não é?

Bom é quando venta. O vento passa por mim, deve vir de algum lugar, de repente, passou por alguma mulher, uma bem bonita, dessas que nunca terei; e então o vento traz o cheiro dessa mulher, o vento passou por ela, de repente, ela estava suada, bem suada, e o vento a secou; é por isso que gosto de andar quando tem vento, o vento vem, chega até onde estou, e o vento também vai, passou por mim, um homem interessante, sozinho mas interessante, e pode ser que o vento que passou por mim vá até alguma mulher que está longe, que nem sonha nem sabe ou imagina que existo, mas vai receber o meu perfume, o meu cheiro, o que há de suor em mim, que é o resultado do que faço, e o que mais faço é andar.

Nos dias de chuva me molho, e não ligo nem reclamo quando é apenas a chuva que me molha. O que me irrita e dá vontade de cometer um crime é se um carro passa e me molha com água acumulada no asfalto. Anoto a placa, tenho boa memória e quando encontro o carro, risco toda a lataria com a chave de casa. Foda-se. Fodam-se esses idiotas desses motoristas filhos de vagabundas. Fodam-se. Ris-

co toda lataria. Estão pensando o quê? O que o carro significa? Uma porra de uma lata que se movimenta? Nessa cidade até parece que quem apenas anda como eu não tem vez. Mas, sabe de uma coisa, eu me vingo. Foda-se.

Não posso ser tão idiota e burro e mesmo louco como todos querem que eu pense que sou. Consigo elaborar essas frases, essas que não conto pra ninguém. Há quem pense que sou mudo, mas consigo elaborar, enuncio, internamente, só pra mim, mas enuncio; se eu falasse pros outros, talvez parassem de achar que sou mudo e louco. Tem uma vida dentro de mim, que só eu sei, e parece que essa vida é melhor que tudo, mas quando chega alguém perto e fala alguma coisa, fica ruim, e estraga.

Chove, estou com sobretudo, escorre água pelas minhas costas, meus cabelos estão molhados, e vejo que tem mais gente que também anda na rua, não apenas eu. Mas por que só olham com tanta atenção pra mim? Muita gente repara quando passo. Será que é porque sabem que não trabalho? Está escrito na minha testa? Tem uma placa? Como percebem? Pelo meu olhar, pelo meu jeito, por que ando pela cidade todos os dias, com chuva ou sol?

Quando estou deitado lembro como foi o meu dia, lembro de todos os meus passos, as pessoas, os olhares que me acompanharam, lembro de tudo. Conheço a cidade. Sei de cada rua, cada esquina, cada casa.

Essa cidade é minha.

É minha porque caminho por ela com facilidade, nunca me perdi. Já passei de um bairro pro outro, pro outro e pro outro, mas gosto mesmo é do centro, onde tem muita gente, por onde caminho, em círculos, durante horas, e não me canso.

Zé Ruela. Muitos me chamam de Zé Ruela. Gasta Sola é outro apelido. O que Carpe o Pé. Serelepe. O Louquinho da Rua. O Sem

Pausa. Já ouvi muito, variações disso. Tem outros apelidos, mas daí é baixaria, não vou contar. O meu nome é Joaquim. Assim que me batizaram lá na década de 1960. Exatamente no dia 2 de abril de 1964. Vi o Zico jogar. O Romário também. Pensei que eu seria jogador. Mas não deu. Nunca me dei bem com a bola. Nem com o futebol. Mas me tornei um homem que anda e isso está mais do que bom.

Já tive de apressar o passo, seguir em velocidade mais rápida do que costume andar, porque tem ladrão, bandido e gente ruim, gente braba nas ruas. Já fui chamado de vadio, disseram que eu poderia ser preso por vadiagem, que vou do nada pro lugar nenhum, e que meu lugar era sim em uma baía, trabalhando das oito as dezoito, de segunda à sexta, mas não.

Meu negócio é outro.

E sabe de outra coisa?

Também não consigo roubar, furtar, acho que nem matar. Não, matar todo mundo mata, até por descuido, como se mata uma formiga. Mas sou uma espécie de louco manso, isso mesmo, não passo de um louco manso.

Caminho, não me canso tanto, mas faço cara de quem está sofrendo, ou cara de incomodado, cara de louco, como muitos dizem. Mas não sou louco não. Sei que não sou. Sou apenas um sujeito que precisa andar. Comecei uma hora todo dia, e hoje passo horas caminhando. Só uma chuva forte pra me parar, mas eu ando na chuva, já falei isso, não falei? Os olhos ficam embaçados, cheguei a ficar com dor na vista em chuva forte, mas é bom; quando chove eu ando, é o evento do dia.

Acho que já contei, ou não?, mas, se já disse, vou repetir que tentei aliar esse meu talento, que é andar, com algum trabalho. Minha mãe conversou com o dono de uma loja do centro e fui contratado pra distribuir papéis com ofertas. O dinheiro nem lembro quanto era — não durei um dia. Ninguém pegava papel na minha mão. Um homem e

outra mulher que pegaram, jogaram fora. Daí xinguei. Depois, não conseguia entregar e comecei a ficar cansado daquilo e joguei tudo num lixo. Alguém viu e, azar, contou pro dono da loja, que me chamou e me despediu, me xingou e não quero lembrar disso porque, sorte, naquele dia quase cometi um crime.

Tive um tio que sonhava ser motorista de caminhão, mas se tornou dono de loja. Um primo dizia vou ser piloto de avião, e trabalha no banco. Assim as coisas são, como pode? Eu queria ser office-boy. Sim. Boy. Um boy. Mas me tornei um homem que anda. Quando eu era mais novo pensava como seria envelhecer sendo office-boy, porque a única coisa que eu queria ser era office-boy e, por medo de envelhecer sendo office-boy, nem me tornei boy, evitei começar a profissão pra não ter de desistir pelo caminho, porque, sabe, gosto de fazer as coisas do começo ao fim, sem interrupção. Quando tenho de parar é problema.

Sofro quando tenho de mudar uma rota que bolei dentro da minha cabeça. Não gosto de mudar os planos. Se planejei caminhar daqui, de onde estou agora, perto do parque das árvores, para a praça central, gosto de seguir pelo mesmo caminho, passando pela beira do rio, desviando a estação de água, contornando a prefeitura até chegar lá. Mas às vezes tenho de mudar, por algum motivo, um motivo qualquer, e isso me perturba, mas não sou perturbado, acho que falei isso, não sou não, só me chamam de louquinho, mas isso é mentira.

Digam o que quiserem, falem, podem até latir, mas enquanto ninguém me morder, caminho por aí a desviar de balas, fugindo de flechas, escapando de gente que anda com faca e martelo e foice, e reparo como as minhas pernas são musculosas, e não digo isso por vaidade, apenas constatação. Os meus braços é que são fininhos, eu sou tão magro, até torto de tão magro, e corcunda; mas as minhas pernas são fortes, o que tenho de melhor e mais sedutor são as minhas pernas, pena que eu nunca mostre a ninguém.

Se pudesse voltar?

Eu não faria tudo igual, seria diferente. Mas isso não tem volta, já foi, não é? Não sei até quando vou caminhar, até quando a cidade vai permitir que eu ande por aí. Nem olho na capa dos jornais, tanta tragédia, é melhor nem saber, e só caminhar, mesmo que em círculos, mesmo que de onde eu moro até a igreja, e volta, e vai; nunca saí dessa cidade, só gastei solas, o que mais gastei na vida foram solas de sapato e tênis, e isso é bom, mesmo, mas vai chegar a hora de parar, e parece que estou cansado, muito, muito cansado e vou descansar, sim, vou sentar naquele banco, mas algo me diz, mesmo sem me dizer que, se eu me sentar, não levanto, e será aquele o meu ponto final?

Marcio Renato dos Santos (Curitiba, 1974) é jornalista e mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contista, estreou na ficção com *Minda-Au* (2010). Em 2011, publicou *Você tem à disposição todas as cores, mas pode escolher o azul*. Em 2012, lançou pela Tulipas Negras Editora (selo que coordena e que publica e distribui gratuitamente contos) o livro-conto *934*. Em 2013, publicou *Golegolegolegah!*, de onde saiu o conto desta antologia.

O livro de geografia

MARCO CRESMASCO

Teo resolveu escrever um livro de Geografia. Teria desde o Big Bang até a descrição das ruas de sua cidade natal e de sua gente. *Geografia Universal*, a obra a ser batizada. Sentiu forte dor de cabeça no instante em que pensou iniciar o livro. Dor semelhante à que Zeus experimentou ao parir Atena. Uma luz seguiu a sensação do desconforto. Do seio da luz, uma silhueta cinza tomou forma na mente de Teo e perguntou: Geografia Universal? Por acaso você viajou adiante da velocidade da luz? No lugar onde não é lugar, mas um ponto atemporal longe da noção do espaço-tempo? O que sabe da influência do tempo de Planck na distorção dos gases primordiais que geraram e continuam parindo constelações?

— Constelações!, exclamou Teo.

— Quem visitaria além do berço de Oor?, indagou a sombra acinzentada.

— Não perderei gotas de suor para descrever nebulosas, respondeu Teo.

— Haverá alguém que percorrerá toda a Via Láctea?, contrapôs a silhueta, para continuar inquirindo-o: o tempo será o suficiente para descobrir-se em alguma vida depois de o Sol explodir e devorar a Terra?

— Creio que eu deva tratar o tema como *Geografia do Sistema Solar*, interpôs Teo, afinal de contas temos alguns segundos antes de a nossa estrela se pôr na eternidade.

— É um bom começo, suspirou a silhueta antes de desvanecer.

Um carontiano, filho do satélite de Plutão, saltou das páginas de uma revista de astronomia e fulminou o pensamento de Teo: esteve e conhece qualquer planeta do Sistema Solar? Quantas luas se rendem a Urano? Onde fica o décimo quinto planeta? Quantas crateras abrigam a face oculta da Lua? Lua, planetas... Não seria possível descrevê-los sem que eu decifre os cometas que nos cometem a cada ano, ponderou Teo.

Se Geografia Universal ser-me-ia pretensiosa, Geografia do Sistema Solar fica-me impossível. Não me candidatei a astronauta em Alcântara ou fiquei por horas no Observatório de Capricórnio para mais bem apreciar o céu recheado de segredos. Você tem razão, resignou-se Teo, melhor tratar de pôr os pés no solo. *Geografia da Terra* é mais apropriado. Nem bem o carontiano diluía-se nos poros do geógrafo, um japonês caiu de paraquedas através de uma pequena fresta no teto em que aquele estava, para cutucá-lo em dores frontais: conhece a face do Fuji, contemplado da baía de Suruga? Mergulhou no rio Nikko e brincou com os macacos mágicos que tapam a visão para não enxergar o mal, a boca para não falar o mal e as orelhas para não escutar o mal? O que você, Teo, afinal, aprendeu com Mizaru, Iawzaru e Kika-zaru? Além disso, continuou o oriental, quantas pessoas substituem o robô na fábrica da saudade, em Tóquio? Antes que Teo esboçasse reação, outro asiático despertou da ponta incandescente do cigarro do geógrafo. Raa, Haa, Baa, Thaa. O quê?, sobressaltou Teo com a dor que acentuara em sua cabeça. Faafu, Daalu, Laamu, Vaamu, Gaafu-Daalu, Gaafu-Alipu, Meemu. Não entendo línguas primitivas.

— Línguas? Não me causa surpresa!, o asiático disse, as Maldivas, perdidas no Índico, não são capazes de lhe indicar o caminho ao conhecimento. A propósito, quantas ilhas separam as Maldivas das Coreias? Quantos dialetos são falados na Malásia? Esteve na Indonésia? Bebeu do rio Mekong junto ao templo de Angkor-Thom, no Camboja? Bailou em Bali com os aldeões de Plaitan? E o mar de

Celebes, no Timor? Navegou o rio May, afluente do Sepik, na Papua-Nova Guiné? Mar dos Corais, na Tasmânia? Quantos sobrevivem ao deserto da Austrália?

Teo permaneceu em silêncio, enquanto um monge budista surgiu de um quadro que estampava Annapurna, no Himalaia nepalês. O sábio quis saber quantos grãos de sofrimento foram necessários para construir a Grande Muralha da China. Apesar das facetas da Índia, da pele azul de Vishna, das ondas do Havaí, dos prados da Mongólia. Apesar de o coração relutar, Teo admitiu que era, tão somente, um curioso. Confessou que não conhecia os lugares que os estranhos visitantes até então mencionaram. De forma lógica, segundo a sua lógica, assumiu que a descrição da Geografia da Terra não seria possível.

Com aceno contido de despedida aos asiáticos prometeu-lhes *Geografia Ocidental*.

— Da África, da Europa ou da América?, perguntou um angolano que estava escondido na sobrelanceira direita do escritor.

— Desses continentes, bem dito, retrucou Teo.

— Teve a fome de Baidoa, na Somália?, interrompeu o africano para continuar provocando-o: o que é África? Não a Terra-Mãe da qual nascemos, mas aquela descaracterizada por revoluções e incontáveis invasões. Esteve nas campinas verdejantes do paraíso dos rinocerontes? Cantou junto com a tribo KnwaNdebeleda, na África do Sul? Desceu na cratera de Ngorongo, na Tanzânia, para repousar nas garras dos leões ou subiu nos montes Virunga, em Ruanda, para apanhar folhas tenras com os gorilas? Banhou-se no Nilo e colheu os juncos que não se dobram sequer ao vento mais afoito, ensinando-nos a sabedoria da paciência e da tolerância? Teve o prazer de não reconhecer o que está nos hieróglifos perdidos nas pirâmides do Egito? O desconhecido? O indecifrável?

— Não conheço a África, explicou Teo.

— Não só a África, emendou um europeu recém-saído de uma taça de vinho português que bebia o geógrafo enquanto divagava.

Conhece a vegetação da Floresta Negra, o rio Volga, as montanhas da Escócia, as vinhas da Espanha? Sabe onde fica o túmulo de Beethoven? Visitou Finnmarksvidá, na Noruega, acariciou a face no lago Mariefred, na Suécia, ou descansou em alguma das saunas da Finlândia? A Grécia, Santo Deus, você conhece a Grécia? Não tem sentido não conhecer a pátria do pensamento ocidental sem antes ter se debruçado sobre os monumentos caídos de Atenas. Leu as inscrições taurinas em Creta? Passeou por Paris ou lançou moedas na Fontana di Trevi, em Roma, na busca do primeiro amor? Deliciou-se com a visão do lago Interlaken, visto do Alpes suíços, ou contemplou a catedral, na Münsterplatz, em Berna, em cujo teto do pórtico se veem o Céu e o Inferno, com o Miguel Arcanjo lutando contra o Mal? Plantou-se em um dos degraus da escada rolante sem fim da estação Musk, em Praga, levando-nos à profundidade do ser humano? Conheceu a rudeza do antigo regime tcheco, que conseguiu secar a delicadeza, a polidez e a flexibilidade do povo? Sentiu a prisão desse povo a um passado enjaulado no mofo do seu castelo mais famoso? Não, por certo não compartilhou a dor que salta da rotina daquela gente que, por enquanto, não aprendeu a hipocrisia do Ocidente.

Teo, apreensivo, argumentou: estive em alguns desses países; mas tanto você quanto o angolano estão certos. Devo me ater à perfeição, aos lugares que conheço. Escreverei sobre o outro lado do Atlântico: *Geografia das Américas*.

Nem bem o africano e o europeu sumiram nas goteiras que aumentavam no teto da sala em que estava, Teo foi tomado por outra voz, incomodando-lhe os tímpanos: quantos cubos de gelo são necessários para o iglu?, gritou um esquimó, aflito, do interior da geladeira que boiava, esquecida, no canto da sala. Conhece o estreito de Bering? Ralo espaço entre os dedos de Deus e do Homem, como se tirado da Capela Sistina para ser rememorado no topo da Terra, separando as Américas da Ásia. Alasca. Terra imensa do Canadá que abriga Sainte-Anne e toca a gélida Groenlândia, pela qual se percorre o olhar pelo

fiorde de Inglefield. Quantos lagos formam os Grandes Lagos?, completou um pequeno polegar de Nova York que se deliciava brincando de esconder-se entre os dedos da mão de Teo.

— Conheço os brinquedos em Orlando!, assegurou o geógrafo.

O norte-americano escalou o dorso de Teo até atingir a orelha deste querendo saber: percorreu as avenidas de Denver? 16th, Sheridan, e descobriu que no cruzamento da Hampden com a Yosemite mora um sorriso que se lançado ao oeste encontra, nas montanhas coloridas do Colorado, o brilho tímido de Keystone? Conheceu a Flórida e descobriu o estreito que separa americanos de cubanos no mar de Marathon? Lá a paz existe no azul que nos anula e nos torna pedaços do mar. Azul sem definição; a não ser a cor, oferecendo-nos a impressão confusa de que tudo é céu e não há inimigos na face deste planeta... recheado de feijões mexicanos saltitantes... em voz revoltada, completou Teo nem percebendo que o americano se dissipara na tragada do cigarro. Com sorriso calmo, um bruxo panamenho saltou do olho esquerdo de Teo: é o suficiente conhecer feijões? Muito bem, arrematou o geógrafo, a minha alma não confessa o que os meus sentidos não experimentam! Será Geografia da América do Sul.

— Fala espanhol?

Teo, de imediato, voltou-se para baixo e deparou-se com uma índia peruana que lhe roçava as pernas, enquanto o panamenho desaparecera ao contemplar a beleza daquela mulher. Viu nela traços que lembraram os asiáticos. Atordoado e com o tema para o livro de Geografia desgastado por tanta insegurança, não teve tempo para pensar.

— Qual a cor do condor? Onde fica o Equador: linha imaginária; terra querida que guarda na sua geografia as ilhas Galápagos? Teo, você entrou embaixo das lágrimas pulverizadas da catarata de Angel, na Venezuela? De qual mina brota o Amazonas? Qual é o nome desse rio no meu país? Já chorou, irmão, ante a beleza andina? Atravessou a ponte metálica sobre o rio enigmático, recortado de ilhotas, e deparou-se com a ira divina que desaba em águas nas rochas da Garganta

do Diabo nas cataratas del Iguazú?, sussurrou uma portenha de La Ventana perdida entre os cabelos de Teo. Sentiu o aroma dos crisântemos amarelos que atapetam os pés dos Andes, em Portillo, no Chile? Contemplou o Pacífico por Neruda, posto em seu túmulo, junto com a sua amada também ali enterrada, em Isla Negra?, arrematou uma chilena oculta nas narinas de Teo.

As sul-americanas foram absorvidas por uma gota de suor do geógrafo, misturando-se ao chuveiro a tomar conta da sala. Respirou, cofiou a barba para, em chiste de ira, gritar: basta!, *Geografia do Brasil* é o que me resta. Solimões, rio Negro, Araguaia; a ilha de Marajó é um país, afirmou um paraense, refugiado no sofá descorado por tanta água. Você precisa conhecer e descansar no pôr do sol refletido nas rochas negras, encravadas nas praias do rio Maguá, que banha Belém do Pará. Experimentou a vida dos seus irmãos do interior do Piauí ou do Maranhão, onde a dignidade suplanta a miséria? Visitou as dunas móveis de Genipabu para sentir o vento eterno e quente de Natal?

— Ah! Repouse o espírito naquele mar que não é mar, mas água batismal para todos os pecados, exclamou o nortista, que pegou carona na primeira brisa que assolou a sala úmida em que Teo trabalhava.

Essa mesma brisa trouxe uma jovem de Garanhuns que o aconselhou: mergulhe nas piscinas naturais do Porto de Galinhas, em Recife, ou nos corais de Maceió, para sentir que as dores da vida colorem a existência de todos nós. A jovem sorriu e derreteu-se na brisa a qual se abundou em chuva torrencial.

— Vá ao Pelourinho, na Bahia, cantou um baiano, nascido do ritmo da chuva que imitava as batidas do Olodum. Compartilhe a seca na caatinga do Canto do Rio Verde e, caso a dor e o desespero o abatam, lembre-se e descanse no açude de Cocorobó ou conheça o Pantanal para tomar a água do rio Bonito. Aquilo não é bonito; chama-se assim por não haver modo para descrever onde a Criação ocorreu, confidenciou um pantaneiro do Mato Grosso do Sul que emergiu do lago da altura da mesa em que Teo estava.

— Ouro Preto! Ouro Velho! Paralelepípedos talhados pelo tempo. Você deve conhecer, falou um mineiro sobre um maço de cigarros amassado que boiava no lago em que Teo quase se afogava. As pedras, moço, lapidadas, as grutas mágicas de São Tomé das Letras.

— Não conheço, resmungou o pretense escritor. Fui uma vez para Aracaju; duas vezes a Uberlândia; outra a Uberaba para ver o Chico Xavier; mas nada sei dos detalhes. Talvez deva abordar e dar título ao livro: *Geografia do Sul do Brasil*.

O silêncio tomou conta de Teo à medida que aqueles brasileiros se esvaíram nos postais pregados e aos poucos descolando das paredes da sala que vestia o geógrafo. Nisto, um casal, ele gaúcho de São Miguel das Missões, ela catarinense de Caçador, apareceu em um pequeno raio de sol que insinuava desafiar aquele dilúvio de dúvidas.

— Você notou, Teo, que os anjos barrocos dos 7 Povos da Missões têm o olhar meigo dos guaranis? Esteve, por acaso, em Santa Catarina, e percorreu o caminho estreito de Piritiba para sentir o aroma das hortênsias azuis que comovem as águas do rio Uruguai?

— Para, para, implorou Teo. Estive uma vez em Florianópolis e não levantei a sua geografia. Está nos planos a visita ao sul do Brasil. Conheço bem o meu estado de origem. Pode ser que tenha exagerado na intenção de escrever tudo sobre geografia com tão pouco em mãos. O meu livro será *Geografia do Paraná* e pronto.

Um paranaense de Bentópolis, que insistia verter de canudinho a inundação que a chuva se tornara, meteu-se na conversa, enquanto o casal sulino partiu para junto das sul-americanas.

— Qual cidade é a mais antiga: Curitiba ou Paranaguá? O rio Paranapanema banha quantas cidades no norte velho do Paraná? Conhece as formações rochosas de Vila Velha? A taça, o camelo: obras-primas que o tempo, usando o vento, cunhou no coraça o da Terra.

— Estive duas vezes em Vila Velha, afirmou convicto Teo e continuou, refresquei-me no Panema, mas peço por não saber quais cidades banha. Precisaria pesquisar. Pesquisar também sobre tantas coisas...

Pelo que sinto, não tenho muito.

— Sinto muito, exclamou o paranaense de Bentópolis para buscar refúgio junto ao bruxo panamenho.

— O que tenho, quem sabe, possa ser útil para escrever a *Geografia do Norte do Paraná*.

— Qual o reflexo da geada de 1975 na economia norte paranaense?, questionou um professor de Santa Fé, que ajudou a secar o teto da sala com um sopro e teve tempo para consertar a geladeira para liberar o esquimó, enviando-o a um cubo de gelo que derreteria para, logo após, evaporar e servir de respiração a Teo. Onde nasce o Tibagi? Onde desembocam o Ivaí e o Piquiri? O rio Pirapó separa Iguaraçu de qual município? As terras roxas e vermelhas atapetam quais cidades do norte do Paraná? Por que Jaguapitã se chamava São José dos Bandeirantes? Por que as ruas de Arapongas têm nomes de pássaros? A guerra de Porecatu foi uma questão agrária que influenciou Nova Esperança; por que e em que época?

O professor de Santa Fé observou o geógrafo até ser chamado pelo norte-americano para lhe fazer companhia. Teo rastejou e procurou significado para o seu livro de Geografia. Nada, ou pouco do que os visitantes trouxeram, ele sabia ou dominava.

Estivera em alguns lugares. Conhecera algumas pessoas. Nada era o suficiente porque ele era insuficiente. A deficiência do conhecimento e a frivolidade do saber. Falar do Alasca sem conhecer o Alasca tem sentido? O que tem sentido? Mas a vontade de escrever era enorme, nem que fosse sobre a sua cidade natal de pouco mais de cinco mil habitantes: *Geografia de Guaraci*.

— Sabia que foi construído um novo bairro em Guaraci, afirmou um menino dessa cidade, de doze anos, que Teo não lembrara conhecer, pois mudara de lá havia cinquenta e tantos anos.

— Verdade?, disse Teo, com a voz rouca e embargada pela nulidade. Onde você está, desconhecido? Em que canto da sala, do meu corpo ou dessa água que me invade eu posso encontrá-lo?

— Importa?, advertiu a criança. Importa saber quantas casas tem um bairro novo que brota em cada cidade que não consta nos mapas do Mundo? Afinal, Teo, em que cidade, vila ou aldeia o Sol nasce ou adormece ou sonha? Em que lugar estão os entes que se foram ou não quiseram nascer? Em que lugar mora o desejo de ser feliz? Em que lugar a capital do país é uma caixa de papelão e as estrelas são os reflexos da primeira paixão? Em que lugar mora a esperança, construída por tijolos feitos de raio do luar? Você sabe em que lugar foi levantado o novo bairro em Guaraci?

— Não sei.

— Rancho Verde, o sítio em que você nasceu, revelou o menino que, no relance, lhe lembrara todos os seus amigos de criança e tantos outros que construíram o sorriso da sua infância. O menino, a chuva, a inundação, todos os fantasmas desapareceram.

Teo parou por um instante em si mesmo. Nunca percorrera as dunas de Zalaf, deserto líbio que separa Sebha de Brak, no Wadi Al-shati. Nunca fizera piquenique em Ovejuyo, rio *abajo* de La Paz, na Bolívia, ou compras na Ciudad del Este, no Paraguai. Jamais sentira a imponência dos edifícios de Chicago. Construções que explodem do chão, causando estupor ao turista siberiano. A magnificência da Sears Tower com seus chifres desafiando o céu, rememorando a torre de Babel neste início de milênio, sendo abençoada pelo Cristo Redentor, em dia nublado no Rio de Janeiro. Nunca tingira as mãos com areias coloridas daquela rua que fica naquela cidade daquele país. O nunca não traria a oportunidade: as dunas de Zalaf, o gramado de Ovejuyo, os edifícios, os picos andinos, alpinos, himalaios mostrando que entre o homem e o nada está o sonho. O buracão de cor de Paranaíba, no Paraná, esquecido no passado e hoje encoberto por um estádio de futebol, é aquele lugar, sem nome, perdido na memória de um marroquino exilado em Londres ou de um nordestino em São Paulo.

A geografia, pensou Teo, não está delimitada por mapas, rios e monumentos. A geografia descreve o contorno do espírito de cada

nação e não existe nação para a alma. O Fórum Romano revelado em blocos de pedras no chão deve ser construído, primeiro, no coração antes de ser ofertado às lentes famintas dos curiosos. Aprende-se geografia ao se conhecer o povo que a habita. Eu, que não me conheço, como posso me atrever a escrever um livro de Geografia? Não contemplei os olhos de Deus revelados na Aurora Boreal e não dancei nas ocas amazônicas em louvor a Tupã. Não conheci nenhum *sherpa* que me ajudasse a vencer os meus limites na escalada do monte Everest ou na descida, por uma das ranhuras, do Grand Canyon ou das Cataratas do Iguaçu. Caso haja dois milhões de habitantes nesta ou naquela cidade, haverá dois milhões de livros de Geografia. Todos e outros lugares deixaram de existir e não deram tempo para ser registrados nos anais e atlas de qualquer geografia.

Em um milésimo de segundo, quando menos esperava, alguém passou às pressas por suas retinas. Era a sua filha que, antes engendrada no desejo, estava grávida. Outra mulher lhe passara, era a filha da filha, também grávida. A sua mulher, já idosa, lhe mostrara toda a casa reformada: cozinha aumentada, banheiro recém-azulejado... A geografia da sua vida mudara e ele nem se dera conta. Desesperado, olhou para as mãos, vendo-as envelhecidas com dobras cartográficas que mudaram a sua geografia. Mirou-se no espelho e viu que o tempo lhe causara sulcos, pelos quais lágrimas escoavam feito os rios que nunca navegara. Esse mesmo tempo, que foi consumido na busca perfeita da perfeita geografia, trouxera o vazio de nada ter feito: nem o livro de Geografia nem a si próprio. No seu último suspiro pôs-se a escrever:

No início era o Caos...

Marco Cremasco (Guaraci, 1962) é Professor Titular na Faculdade de Engenharia Química da Unicamp e possui três livros técnicos publicados. Foi um dos fundadores e coeditores da Babel, Revista de Poesia, Tradução e Crítica. Publicou os livros de poemas *Vampisales* (1984), *Viola caipira* (1995), *A criação* (1997) e *fromIndiana* (2000). Escreveu ainda o romance *Santo Reis da Luz Divina* (2004), Prêmio Sesc de Literatura e finalista do Prêmio Jabuti de 2005, e o livro de contos *Histórias prováveis* (2007). Em 2010 foi contemplado com a Bolsa Funarte de Criação Literária para a escrita do romance *Evangelho do Guayrá*.

Restos

MÁRIO ARAÚJO

Andamos, eu e o zelador, pelas aleias floridas, até a quadra 23. Ele começou a escavar a parede. Cresci ouvindo dizer “que a terra há de comer”, mas agora não havia mais terra nem nada. Era habitação vertical até para quem já morreu. Perguntei-lhe o nome. Ele disse que se chamava Marcílio e eu fiquei perturbado com a coincidência. Marcílio era o nome do meu avô.

O Marcílio diante de mim mantinha o cigarro no canto da boca enquanto lutava para remover os tijolos.

— Esse cigarro não faz aumentar o cansaço? — perguntei, puxando conversa.

Após alguns segundos em silêncio atrás da fumaça que subia, ele resmungou:

— Faz é descansar mais rápido.

Embora nervoso, eu sorri, e em seguida acrescentei som ao meu riso, torcendo para que o fio da comunicação não se rompesse.

— No ano passado, no meio de uma caminhada, eu estive aqui e por curiosidade tentei encontrar essa quadra, mas não consegui — continuei.

Marcílio não respondeu, limitou-se a retirar mais do material que constituía a tampa da gaveta funerária.

— A grande ironia é que justo meu pai tinha tentado me explicar a localização, mas eu não devo ter entendido direito — eu disse, um tanto constrangido por ter enveredado a conversa por esse caminho.

Não obtive resposta. O homem trabalhava rápido apesar do sol já estar forte. Tive a impressão de que, por ele, cumpriria sua tarefa as-sobiando, mas não o fazia por respeito. Os tijolos iam sendo retirados e postos de lado sobre o chão calçado com paralelepípedos.

De repente, numa pausa para enxugar o suor da testa, e com o toco sem filtro entre os dentes, pronunciou:

— Tem muita gente que nunca vem ver os parentes, não entra aqui de jeito nenhum.

— Eu até entro, mas só pra caminhar. Gosto da calma daqui. Mas não visito ninguém, pois sempre achei que não adianta.

— É — ele respondeu —, mas não tive certeza se concordava comigo.

Para realizar o sepultamento do meu pai, era necessário remanejar os restos mortais que ocupavam os cinco nichos do jazigo da família. Depois de exumados, os cadáveres seriam transferidos ao ossário do cemitério, num procedimento considerado de rotina.

Aberta a primeira das gavetas, Marcílio trouxe à luz, com um puxão forte, uma parte do caixão da minha avó. Querendo ganhar tempo, perguntei se ele se aborrecia com aquele serviço. Enquanto se recuperava do esforço inicial, disse que fazia isso há doze anos e que já estava acostumado. Percebi que poderia ter trinta anos de idade, como eu, embora aparentasse bem mais.

— E o senhor o que faz? — indagou-me, sem ter ainda chegado ao final do descanso.

Respondi vagamente que trabalhava com seguros. Depois me senti duplamente envergonhado, pela profissão dele e também pela minha.

Ele retomou a faina e examinou o caixão a fim de verificar o seu grau de deterioração. Minha avó fora a penúltima a morrer, havia pouco mais de três anos, e era possível que os seus restos mortais não estivessem ainda em condições de serem transportados para o ossário. O zelador procedeu ao exame sem me deixar ver em que consistia de fato. Curvou-se sobre o que restara da urna, buscando impedir

minha visão com seu físico precário, enquanto eu próprio, e de forma até mais eficiente, tratei de não ver nada dirigindo o olhar para longe.

Nossa localização, numa parte elevada do terreno, me permitia ter uma visão ampla do cemitério, e passei a acompanhar um grupo de pessoas que acabara de cruzar os portões e se movia lentamente pelas alamedas. Havia choros, gritos e um pequeno féretro. Os choros e os gritos se apequenavam no espaço amplo e chegavam até mim sem maior impacto do que os miados dos gatos que vagavam pelo local.

Marcílio avisou que teríamos que tentar outra. Passamos então para o tio Néelson, depois de descartar a prima Verônica, inquilina por demais recente naquela morada.

— Pra sair daqui têm que estar somente os ossos — Marcílio explicou.

— E quanto tempo leva?

— Nesse caso, com caixão de madeira, pode levar até três anos pra sumir tudo e os ossos ficarem limpinhos.

A espera pela abertura da gaveta com os despojos do tio Néelson me pareceu mais breve. Marcílio me ofereceu então, para meu assombro, a visão do que restara nove anos após sua morte. Do esquite, nem uma migalha de madeira podre; somente as alças, as dobradiças e um Jesus Cristo de braços abertos, tudo em metal dourado. Do corpo, um arranjo de ossos soltos sobre a superfície, misturado a um punhado de pétalas secas. Aos poucos fui me dando conta da presença de outros elementos, como uma fivela, provavelmente do cinto que ele usava, e até mesmo um pedaço da gravata. Mas o que mais me chamou a atenção foram os sapatos. Ambos muito conservados. Lembrei-me bem daqueles sapatos. Eram os melhores que ele tinha e com eles foi ao meu baile de formatura. Deixava-os pelo caminho quando invariavelmente se dirigia para a cama após o almoço de domingo lá em casa.

Marcílio abriu um saco comum de lixo e começou a guardar as peças. Fêmur, carpo, úmero, falanges. Havia um pino de metal incrustado no osso do cotovelo, o que de imediato trouxe à minha mente o dia em que Néelson, gordo e bêbado, levou um tombo e se esta-

telou no chão. Era estranho ser apresentado agora, depois de tudo acabado, àquele invasor prematuro do corpo de meu tio. O zelador então introduziu a mão plastificada naquele mundo secreto e escuro e de lá fez surgir um crânio sorridente.

Foi nesse momento que um homem, cujos passos eu teria notado não fosse a dedicação total dos meus sentidos ao que acontecia diante de mim, aproximou-se de nós.

— Bom dia, ele disse.

Respondi com naturalidade, enquanto Marcílio apenas se virou. O homem prosseguiu:

— Marcílio, você vai ter que interromper. O Zico tá precisando da tua ajuda lá. Ele tá sozinho pra fazer o sepultamento.

Saíram ambos. Antes, porém, o esqueleto do meu tio foi acomodado no saco.

Fiquei ali parado, sozinho. Pensava no sapato e no sorriso. Busquei alívio na amplidão do espaço e vi, na direção oposta à do enterro, a cruz das almas. Algumas pessoas ali reunidas rezavam e queimavam suas velas. Pensei por alguns instantes no sorriso sem expressão das caveiras, privadas das sutilezas da carne. Então, voltei a pensar no sapato, o que me fez sentir uma tristeza extemporânea que eu não conseguia compreender. Os sapatos davam uma identidade aos ossos, mostravam que eles eram alguém. Ou haviam sido. Alguém que eu conhecera. Meu tio Néelson. Os sapatos me diziam que existia alguém naquele buraco, um ser totalmente diverso daquele que habitava minha memória.

Sim, a cena presenciada tivera o poder de substituir as imagens suaves da nossa convivência, que tanto tempo tinham levado para prevalecer na minha memória, pela realidade escarpada da morte, trazendo de volta a dolorosa comparação entre a vida recém-extinta e a presença irrefutável do corpo.

O zelador retornou. Tinha um cigarro novo em folha entre os lábios e parecia mais cansado. Ao vê-lo contra o sol percebi o quanto

sua figura era desprovida de carnes, o que o aproximava das criaturas com quem era obrigado a coexistir por dever de profissão.

— Vamos pro próximo — ele disse, atacando o concreto com a picareta.

O próximo era meu avô, Marcílio Pereira Körbel, falecido havia catorze anos.

Talvez ele imaginasse que eu tivesse aproveitado o tempo sozinho para me acostumar à ideia da morte e, quem sabe, até mesmo tivesse arriscado dar uma espiada dentro do saco de lixo. O fato é que perdeu por completo a cerimônia e, após labutar com uma disposição que contradizia sua aparência exausta, brandiu osso por osso do meu avô diante de mim, fazendo observações sobre a resistência do material à passagem dos anos.

— Sim, é a primeira vez que eles estão expostos à luz do sol — eu disse. — Setenta e três anos debaixo da carne, mais catorze aí dentro.

Mas Marcílio, que chegara a tingir-se de um certo entusiasmo minutos antes, logo recobrou sua aparência esmaecida, seu ar de desalento e fadiga.

Ao contrário do outro Marcílio — o Pereira Körbel —, homem cheio de viço e coragem. E também severo, às vezes inflexível, sobretudo no tocante à família, atento e exigente na criação dos filhos, alcançando até os bisnetos com seus braços protetores, de ferro. E vaidoso da sua vitalidade, mal se conformando com a calvície, quanto mais com a flacidez, o alquebramento e as doenças, transformações tão definitivas quanto a própria morte.

— Esse era teimoso — eu disse, e sorri meio sem graça. — Não queria ir de jeito nenhum. Queria ficar pra manter todo mundo na linha.

— É, eu sei como é — disse ele, como que por obrigação. Pelo menos foi o que me pareceu.

Pensei em lhe perguntar o que era pior, se enterrar ou desenterrar, mas tive medo que ele respondesse que enterrar era melhor porque, pelo menos, não tinha que ficar ali ouvindo histórias. Eu es-

tava mesmo me sentindo desconfortável. Talvez porque já estivesse passando a anestesia, o entorpecimento causado pela necessidade de tomar providências.

Foi então que o Marcílio esquelético apanhou o crânio do Marcílio forte e vigoroso para enfiá-lo dentro de outro saco, e eu percebi, olhando a fileira de dentes, que um deles se destacava enormemente. Era um pré-molar, mais comprido que todos os demais, projetando-se sobre o seu par da arcada inferior. Como pude me esquecer daquele dente? Ele era a razão do ruído que meu avô produzira durante anos, em intermináveis sessões de café da manhã, almoço e jantar. Quanto ódio sentimos dele por isso, e quanta culpa depois. É claro que sabíamos que o barulho provinha de um dente, mas mesmo assim era assombroso vê-lo agora, incrustado num crânio impessoal, ele que fora responsável por um ruído tão familiar, que nos exasperou e, ao mesmo tempo, acalentou por tantos anos durante as refeições.

— Só um minutinho — pedi, e levei a mão. Mas não toquei. Não tive coragem. Examinei de perto, mas com os olhos somente, e em profundo silêncio. — Ok, obrigado — eu disse, sem nada esclarecer.

Pedi então que não abrisse a gaveta onde estava minha mãe. Os ossos já retirados bastavam ao meu propósito. Não queria arriscar ver seus cabelos, quem sabe, ou seus brincos, que certamente teriam sobrado ao lado das alças de metal. Senti também um estranho pudor em relação ao seu corpo feminino. O zelador pareceu compreender minhas razões não reveladas. E saímos andando pelas aleias.

Ele carregava com dificuldade os dois sacos, que davam a impressão de muito pesados. Avistei novamente a cruz das almas e, sob o sol de quase meio-dia, tudo ali parecia derreter. Senti uma necessidade tola de me justificar perante aquele homem que jamais exigiria nada de mim.

— O senhor sabe que nem quando ela estava morrendo, nas últimas, eu pedi a ela que lutasse? Não achava justo pedir o que seria pior para ela.

Marcílio apenas resfolegava. Andava miudinho, mas depressa, querendo chegar logo.

Passamos por esculturas de anjos, cordeiros, pombas, palmas, lírios, tochas e ampulhetas, túmulos de mármore e granito, fontes e vasos carregados de flores frescas. Famílias inteiras aniquiladas pelas atrocidades do tempo. Vimos também mausoléus, com oratórios e capelas, e até mesmo alguns brasões, embora naquele cemitério predominasse a gente remediada. Os ricos ficavam acomodados bem longe dali, no Parque da Paz, onde as lápides exibiam praticamente os mesmos nomes das placas das ruas.

— E que coragem ela teve... — eu falei. — Que coragem — disse-me internamente —, trocar por um mundo inteiramente desconhecido as boas e velhas sensações: a maravilha de ver o número 9 em tamanho gigante, sensação que nunca deixou de visitá-la ao longo de cinquenta e seis anos; e a visão frequente daquela casa quase escondida entre duas outras mais salientes, que avançavam sobre a calçada; e a lembrança intermitente do cheiro do estojo escolar; e os ciganos, com suas roupas coloridas, acampados no terreno baldio; e o amor raro, inexplicável, pela cor azul, em todas as suas tonalidades.

Comecei a sentir vontade de urinar.

— Tem banheiro do lado de fora do ossário — consolou-me Marcílio.

Eu continuava pensando na minha mãe, repassando na memória os seus últimos instantes: eu parado diante da cama, a observar suas formas modestas sob o lençol, os seios murchos, o ventre inchado. Olhos fixos naquele corpo à deriva, do qual sua própria dona já começava a se distrair.

O zelador parou para reacomodar as sacolas nas mãos, exaurido pelo peso dos ossos de dois homens. A interrupção da caminhada fez com que minha vontade de urinar aumentasse. Tornou-se insuportável quando retomamos o passo e acabou por esgarçar a teia de lembranças na minha mente.

— Precisa pedir a chave? — perguntei.

— Não. Fica sempre aberto — ele disse, tão aflito quanto eu para que tudo terminasse.

Não assisti aos ossos serem guardados. Ao sair do banheiro, encostei-me numa parede e esperei, olhando as nuvens se deslocarem no céu. Precisava que me dessem um papel, a autorização para o sepultamento do meu pai.

Parti então rumo à igreja do bairro onde ele morava, e em cuja capela mortuária seu corpo seria velado. Quando entrei, o corpo já tinha chegado e havia mesmo alguns parentes ao seu redor. Nós, que até há pouco lhe havíamos dedicado todos os cuidados, agora precisávamos nos livrar dele imediatamente. Meu pai, sem que sua aparência tivesse se alterado de forma dramática, tornara-se um intruso no mundo dos vivos. E me parecia mais irônico ainda pensar que, mesmo sendo lixo da pior espécie, tão nocivo quanto o lixo atômico e tão repulsivo quanto comida estragada, aquele corpo, se preciso fosse, teria incitado os maiores sacrifícios para ser resgatado, a fim de que se pudessem realizar os ritos que ora se iniciavam.

Como não havia muito a fazer, afastei-me. Saí do recinto e fiquei encostado na porta, observando o movimento da rua. Ao lado, a mesma velha igreja na qual fizera a primeira comunhão, e onde muito antes se casara meu tio, e onde antes ainda se haviam casado meus próprios pais. Em frente, um pequeno estádio de futebol e carros estacionados desordenadamente sobre a calçada. Não demorou para que eu visse uma bola extrapolar os limites do muro e rodopiar contra o fundo amarelado do céu. Ouvia os gritos dos homens que aproveitavam o feriado para um ensaio do que apresentariam, no domingo, a uma plateia em sua maioria de amigos, vizinhos, filhos. Tudo como há mais de vinte anos.

E ali estava eu, parado na porta da capela. Ainda ali, sempre ali, como se todas as minhas caminhadas pela cidade, e por outras cidades, tivessem sido inúteis.

No entanto, apesar de tudo permanecer tão igual, eu me sentia

como um personagem de filme que, na cena seguinte, surge transformado em velho, grisalho e curvado, às vezes até mesmo interpretado por outro ator. Sentindo-me assim, andei até um dos carros parados sobre o meio-fio. Abaixei-me e vi, no espelho, que meu rosto era agora uma síntese de elementos que não existiam mais.

Mário Araújo (Curitiba, 1963) publicou os livros de contos *A hora extrema* (Prêmio Jabuti em 2006) e *Restos* (2008), de onde saiu este conto. Participou de antologias editadas na Espanha e México e tem publicado contos em jornais, revistas e *blogs* de literatura, no Brasil e no exterior.

O tamanho do mundo

MIGUEL SANCHES NETO

Vivia esperando que alguma coisa me salvasse da escola. Quando a professora me chamou, na hora do recreio, dizendo que alguém viera me buscar, imaginei um feriado em plena terça-feira.

Nossa escola era um prédio de madeira erguido no pátio da única caixa-d'água da cidade. Lugar pobre, com uma sala para as quatro turmas, cada série em uma fileira de carteiras duplas. Eu dividia a carteira com minha irmã Felícia. Era um ano mais velha, mas entramos juntos na escola. Além da sala de aula, havia um pequeno gabinete onde ficavam os materiais da professora que nos enchia de corretivos toda vez que não acertávamos algo. Como sempre estávamos errando, não lhe faltava o que fazer. O castigo não variava em nada: tínhamos que ficar em pé na parte da frente da sala, de costas para a turma e com os braços abertos. Ela nos crucificava assim para que tivéssemos mais cuidado com os estudos.

Quando me chamou, estávamos brincando no poço de vazão da caixa-d'água. Tinha uns dois metros de fundura por um metro e meio de largura. Era todo cimentado na lateral e cheio de cascalho no fundo. Quando a caixa enchesse, a água viria por um tubo até ali, para depois ser despejada na rua de terra. Eu nunca vira isso, mas os meninos juravam que poderia acontecer a qualquer hora. Quando, durante a aula, ouvíamos barulho de água, ficávamos em silêncio, apreensivos com a pequena enchente que aconteceria a poucos metros de nós.

Na hora do recreio, corríamos para o poço com nossos lanches, uma fatia dupla de pão caseiro com ovo frito, desenrolávamos o papel de embrulho engordurado e fincávamos os dentes no pão macio, olhando o buraco onde poderia acontecer uma enchente naquele exato instante.

Por várias noites sonhei que a escola toda fora inundada. Depois passei a sonhar que a cidade desaparecera sob as águas que jorravam pelo poço. Eu tinha ouvido o padre, no sermão, falar em dilúvio, e ameaçar o mundo com uma nova purificação pela enchente, como ele disse. Quando acordava no meio da noite, assustado com o fim do mundo, eu ficava pensando o que faria se viesse um novo dilúvio, e acabava me imaginando dentro da caixa d'água, agora vazia, que se desprenderia da terra e seria minha arca de Noé. E listava quem eu levaria comigo: meus pais, Felícia, os passarinhos que criávamos nas gaiolas, e Letícia. Não queria um casal de cada espécie. E a arca ficaria muitos anos boiando sobre as águas barrentas de um mundo destruído.

Os meninos com mais dinheiro traziam brinquedos sem muito valor, mas cobiçados por todos, e jogavam no poço. Quem tivesse coragem de resgatar o prêmio ficaria com ele. Os destemidos desciam se esfregando nas paredes sujas e depois passavam vários minutos tentando subir sem a ajuda de ninguém, esfolando os braços e arranhando os sapatos no cimento. Do lado de fora, formava-se um círculo de zombaria. Gritavam que a caixa estava transbordando. Alguns jogavam canecas de água no poço. Outros apenas cuspiam. Eu permanecia um pouco longe, torcendo para que o outro escapasse, e mastigava com força a massa mole do pão que minha mãe mandara para o lanche. Só quando batia o sino, alguém ajudava o menino a sair, dando-lhe a mão. E ele aparecia sujo e assustado, não sei se pelo medo da água ou pela posse do brinquedo. Eu passava o resto da aula olhando quem tinha convivido tão de perto com o dilúvio.

Mesmo quando ninguém descia ao poço, ficávamos em torno dele, uns atirando pedras e ameaçando jogar os demais lá dentro; ou-

tros, como eu, temerosos quanto ao que poderia acontecer. Mas em torno dele, atraídos por algo desconhecido, passávamos o recreio.

Por isso senti um alívio quando a professora me chamou, dizendo que alguém viera me buscar, que chamasse minha irmã.

As meninas preferiam ficar no fundo da escola, longe do poço. Eu encontrei Felícia pulando amarelinha e disse devemos ir para casa.

No gabinete da professora, um homem com cara de roceiro se apresentou.

Sou o tio Zeca.

— Abençã, tio, disse Felícia.

Eu só dei a mão; estava parando de pedir bença aos mais velhos. Só para o pai, que fazia questão dessas coisas.

Vamos para casa, ele disse, colocando o chapéu, que tinha ficado em suas mãos imensas.

Tio Zeca morava na cidade vizinha e era dono de uma fazenda com, diziam, um açude tão grande que a gente não via o fim. Muitas pessoas iam pescar lá, menos nós. Era irmão de minha mãe, mas meu pai não se dava com ele por causa da divisão das terras. O pai achava que a mãe tinha direito a uma herança, como os irmãos dela. Mas o tio Zeca, que administrava os bens do avô, morto anos antes sem ter feito a partilha, alegou que era desejo do finado que apenas os filhos homens recebessem os bens, as filhas mulheres, minha mãe e uma irmã que deixara a cidade, tinham marido para sustentar a família. A mãe aceitou a proposta do irmão, ele sempre cuidara das terras e do avô doente. O pai achou desaforo e nunca mais conversaram. Por isso não conhecíamos esse tio.

Então o que ele estaria fazendo ali? Era o que me perguntava enquanto ele nos conduzia a pé pela cidade. Todos diziam que possuía uma camionete vermelha, muito bonita. Por que não veio buscar a gente de camionete? Seria uma vingança contra os meninos ricos. Eu até poderia gostar dele se desse uma volta de camionete com a gente. Sempre quis andar de carro pelas ruas, passar em frente da casa de Letícia.

Tio Zeca parou no armazém de seu Gabriel, onde a gente comprava mantimentos. O pai andava devendo um pouco em cada canto. Eu sabia porque era eu quem fazia as compras para a mãe quando ele estava viajando, e as pessoas reclamavam, olha, diga a seu pai que está passando da hora de acertar os fiados. Conteí isso para o pai quando ele voltou de uma viagem, e ele ficou muito bravo, os filhos da puta falam isso para criança, quero ver se têm coragem de falar na minha fuça. E me levou ao armazém, fez uma compra imensa, até doce comprou para mim, e mandou pôr na conta e o dono não abriu a boca. Senti então orgulho do pai, mesmo sem dinheiro era respeitado.

Agora tio Zeca estava olhando demoradamente um caderno que seu Gabriel apresentou a ele. Depois mexeu no bolso, tirou várias notas da carteira e deu ao outro, que fez uma cara triste, embora seus olhos estivessem brilhando de alegria.

— Será que o tio Zeca fez as pazes com o pai?, perguntei para Felícia.

Ela apenas sorriu.

— Acho que hoje vamos ter uma surpresa, completei.

— O que será?

— Uma festa. O tio está comprando coisas para uma grande festa.

— É aniversário da mãe?

— Não, não é festa de aniversário. Talvez só para unir a família.

— Será que vai ter bexiga colorida?

Já tínhamos ido ao aniversário de uma amiga em que a mãe dela encheu a sala de bexigas. Tudo tão alegre e colorido. Nossa casa era de madeira, nem pintura tinha, os móveis muito velhos. E a gente desejava tanto um pouco de cor. Comecei a imaginar que, sim, seria uma festa com muitas bexigas, bolo, gente rindo.

Tio Zeca se aproximou e deu voz de comando.

— Vamos.

Nós seguíamos a uns passos dele, o coração batendo ligeiro por causa da festa que estavam preparando em casa. Depois contaríamos

na escola, que nosso tio rico tinha vindo para fazer uma surpresa. Quem sabe ele nos levasse de camionete para a escola?

O tio não seguia em linha reta. Parou no açougue onde comprávamos e pediu para que ficássemos esperando na calçada. Já foi cumprimentado pelo dono, que estendeu a mão suja de sangue e pó de carne. Estava cortando bisteca na máquina de serrar. Falaram uns minutos, tio Zeca de novo entregou dinheiro e se despediram.

— Será que vai ter quibe?, Felícia perguntou.

— Acho que vai ser churrasco, respondi.

— Mas por que ele não está levando carne?

— Sua boba, é muita carne para ele levar na mão. Vão entregar em casa.

E, felizes, seguimos nosso tio, por quem já tínhamos algum amor. Amor é coisa muito fácil de pegar, eu pensava. Bastava não judiar da pessoa, dar atenção, e ela já estava amando alguém que até então era odiado. Fiquei com vontade de abraçar tio Zeca.

Ele mudou de novo o rumo e logo estávamos num armarinho com vitrines imensas, com muitas coisas para vender. Eu vi um revólver de espoleta que parecia de verdade. Felícia observava as bonecas de vários tamanhos. Não prestamos atenção no que aconteceu no balcão entre o tio e a mulher. Não vi se ele pagou algo, se apenas conversou. Estávamos fascinados pela quantidade de brinquedos. Imaginava as crianças com tudo aquilo. Seria um mundo muito feliz, muito feliz mesmo. Nunca tínhamos ido ao armarinho, a mãe vinha comprar aviamentos para as costuras dela, mas não deixava a gente entrar, e agora eu sabia a razão, para que não descobríssemos todos aqueles brinquedos. Pensando nisso e em outras coisas, nem vimos o tio se aproximar.

— Tire essas mãos sujas daí, ele gritou.

Eu nem tinha percebido que estava grudado na vitrine. Dei um pulo para trás e só vi o tio ganhando a rua. Felícia e eu saímos apressados. Agora, o tio parecia irritado. Talvez porque tivéssemos feito ele

passar vergonha, ficando assim tão abobados pelos brinquedos, como se nunca tivéssemos visto nada igual. Mas logo nosso susto passou e Felícia me perguntou, já sorrindo.

— Será que ele comprou brinquedos para nós?

— O que mais teria ido fazer ali?, eu disse.

— O que você queria ganhar?

— Qualquer coisa.

— Não, fale a verdade.

— O revólver de espoleta, sussurrei, quase com vergonha de ter este desejo.

— Eu, uma boneca de cabelos loiros, ela falou com a voz decidida.

O tio não entrou em mais nenhum lugar, e logo estávamos em casa. Ao abrir o portão, esperávamos ser surpreendidos pela casa toda enfeitada, pelo cheiro de comida. Estávamos atentos a tudo que acontecia ao nosso redor. Na cozinha, assim que nos viu, a mãe falou.

— O pai de vocês morreu, meus filhos.

E a gente ainda manteve o sorriso, esperando a festa que nunca existiu.

Talvez por isso não tenhamos chorado em todo o velório. Ficamos em um canto, os olhos sonhadores, lembrando de tudo que nós nos prometemos durante a volta da escola. De certa forma aquilo já nos pertencia. Os brinquedos, as bexigas, a festa.

As pessoas se aproximavam e diziam:

— Coitadinhos dos órfãos.

E a gente não sabia o que era ser órfão, mas devia ser uma coisa muito triste, pois algumas pessoas tinham os olhos molhados. Nós, não. Continuávamos sonhando com a festa. Uma mulher bem vestida, acho que era professora em outra escola, falou.

— Estão em estado de choque.

Eu já tinha levado choque ao mexer com a televisão no bar da rodoviária, e sabia como era isso. Mas em mim agora nada doía. Estava apenas vendo o movimento, muitas pessoas entrando e saindo.

— Parece uma festa, Felícia disse.

— Falta felicidade, eu disse.

— Mas deve existir também festa sem felicidade.

E ficamos até bem de noite na sala, depois alguém nos levou para o quarto da mãe, e nos colocou na cama de casal, e eu senti o cheiro de suor do pai no lençol. Mas dormi rapidamente.

No outro dia, todos fomos ao cemitério levar o caixão do pai. Eu não tinha prestado atenção nele. Era como se fosse uma outra pessoa, tão diferente estava. O que eu mais gostava do pai era a sua maneira de fazer tudo com disposição, e aquele que estava no caixão nem se mexia; então não podia ser o pai. Por que aquela faixa na cabeça?

Na hora de sair o enterro, tio Zeca disse vocês vêm comigo. Entramos, a mãe, Felícia e eu, na camionete dele, que nem era vermelha, como diziam, e sim cinza e suja. Fomos atrás do carro da funerária. As pessoas abaixavam a porta das lojas e ficavam na rua. Era um passeio triste, mas era um passeio. Eu queria acenar para os conhecidos, mas quando olhei para a mãe vi que ela sabia de minhas intenções e me repreendia com um olhar duro. Numa esquina, avistei Letícia de mão dada com o filho do dono do mercado. Diziam que estavam namorando, mas eu não queria acreditar. Agora tinha certeza. Logo passamos pelo armazém do seu Gabriel, ele e os empregados estavam na calçada, esperando o enterro.

— Já paguei todas as dívidas de vocês, tio Zeca disse, dirigindo lentamente a camionete.

— Não precisava, a mãe disse.

— Não queria que ficassem com o nome sujo, o tio explicou.

— Não íamos ficar, a mãe quase gritou.

— Não deixou nada para vocês, o tio disse, olhando para frente.

Resolvi também olhar para frente e não ver mais as pessoas na calçada.

No cemitério, o caixão foi colocado em dois cavaletes, ao lado da cova. Era mais rasa e mais comprida do que o poço da escola, mas

todos pararam em torno dele. Senti medo. Será que meu pai conseguiria sair dali sozinho? Quem poderia ajudar? E se viessem as águas, ele se afogaria? Fiquei pensando nisso e nem vi que eles abriram o caixão. Então senti os dedos de meu tio me segurando o braço.

— Vá se despedir de seu pai.

Eu me aproximei do caixão, toquei na mão fria e amarela daquele que diziam ser meu pai. E falei, bem baixinho para ninguém ouvir.

— Abençá, pai.

Ele não respondeu, eu me afastei e fiquei olhando o buraco. Ouvi o choro da mãe, ela só falava meus filhos, coitados dos meus filhos, quem vai cuidar deles agora? Eu não entendia por que ela dizia isso. O pai não tinha voltado da viagem, mas logo voltaria. Até ele chegar, a mãe poderia cuidar da gente, eu iria ao armazém e compraria fiado, agora que não estávamos devendo nada. Quando o pai voltasse, pagaria as dívidas e o tio Zeca.

Quando vi, estavam descendo o caixão. As pessoas pegavam punhados grandes de terra e jogavam sobre a tampa, produzindo um barulho de bumbo. Eu também peguei um punhado e joguei. Depois outro e outro. Foi a primeira alegria que senti. Poder despertar aquele som oco. Mas logo ficou encoberto e meus punhadinhos de terra não faziam mais barulho nenhum.

Ficamos um longo tempo ali, em torno da cova. A mãe chorava, tio Zeca abraçado a ela. As pessoas iam embora, limpando os sapatos na saída do cemitério, como se fosse pecado sair com aquele barro nas solas.

— Agora vamos, disse tio Zeca.

E seguimos lentamente para a camionete. Ele não foi direto para casa, deu uma volta na cidade.

Em casa, tudo era tristeza. Ninguém arrumou a bagunça do velório. Ficamos apenas nós quatro, e minha irmã e eu dormimos de novo na cama de casal, só que agora com a mãe no meio. Ela chorou muito antes de pegar no sono, repetindo meus filhos meus filhos.

De manhã, tio Zeca ordenou.

— Arrumem todas as coisas que volto no sábado.

— Antes vamos rezar a missa de sétimo dia, falou a mãe.

O tio disse está bem, volto depois da missa. Mas arrumem tudo antes. E saiu de casa. Ouvi o barulho do motor da camionete. E depois foi só silêncio.

Naquele mesmo dia a mãe começou a encaixotar a mudança. Primeiro as tralhas de cozinha.

— Não vamos mais comer?, perguntou Felícia.

A mãe riu com tristeza. E não falou nada. Eu disse para Felícia que durante o luto a gente não devia fazer perguntas.

— Igual quando as pessoas recebem hóstia na missa?, ela quis saber.

— É, a gente tem que ficar sério.

Na hora do almoço, quando já estávamos nos preparando para uma semana sem comer, assim devia ser o luto, chegou uma vizinha com dois pratos de comida cobertos por um guardanapo.

A mãe deu os dois para nós.

— E o da senhora?, perguntou Felícia.

Ela não respondeu.

Eu comi quase tudo, deixei apenas um pouquinho num canto, sem mexer, achei que devia fazer isso porque estávamos guardando luto. Felícia comeu a metade e abandonou o prato.

— Jogue no quintal, falou a mãe.

Quando fui jogar os restos, vi que as gaiolas dos passarinhos não estavam mais penduradas na varanda. Queria perguntar quem tinha levado, mas não tive coragem.

No final da tarde, apareceram umas mulheres e ficaram conversando com a mãe, que costurava umas roupas de tecido preto para nós e para ela.

Eu saí na rua e vi um pôr do sol muito bonito. As nuvens vermelhas. Faixas roxas. Outras azuladas. O mundo acabava logo ali, no horizonte. Senti uma tristeza enorme. O mundo era pequeno e o fim

dele ficava lá para os lados da Venda Branca, onde o pai costumava jogar futebol. Veio um aperto no coração, não queria um mundo tão pequeno.

Quando voltei para casa, as mulheres ajudavam na tarefa de guardar coisas. Felícia estava olhando o retrato do casamento da mãe. E as duas choravam.

— Ele não vai voltar nunca mais?

— Não, minha filha, mas faça de conta que nunca foi embora.

— Vai voltar, sim, gritei e saí correndo para meu quarto.

Deitei debaixo da cama e, quando acordei, na manhã seguinte, estava no meu colchão.

Foram iguais os dias de luto. Os pratos de comida — agora eram três, a mãe também estava se alimentando — e as visitas, para quem ela repetia: ele tinha parado num bar nesta viagem que prometia tanto e estava tomando cerveja, daí alguém começou a discutir numa mesa ao lado, houve um disparo, que acertou na cabeça dele; nem viu morrer.

Entendi por que ele estava com a cabeça enfaixada. Mas para mim tudo era mentira. A mãe contava isso só para explicar a demora do pai. Eu ficava no quintal no fim da tarde, esperando que ele voltasse com sua mala marrom e me perguntasse se eu tinha cuidado bem dos canarinhos. Ia contar que alguém levava as gaiolas, provavelmente o tio Zeca. E ele iria atrás dos nossos passarinhos, explicando que dessa vez tinha ganhado muito dinheiro com a venda de terras.

Ele não voltou nos sete dias de luto. Nossa casa estava toda desmontada. Só restavam as camas e a mesa. Na noite da missa, vestimos nossas roupas pretas e fomos para a igreja. Na entrada, vi os alunos da escola sentados nos primeiros bancos, a professora no meio deles. Todos olharam para mim e para Felícia. Não prestei atenção em mais nada, apenas me lembro do padre falando que era a missa de sétimo dia de José Martins, e eu senti um estremeamento, porque me chamo José Martins Filho, e é estranho ouvir o nome da gente mencionado pelo padre. Quando ele disse o nome do meu pai, quase todos os meus colegas de escola olharam para mim.

Na saída, eles ficaram ao meu lado, mas quase não conversaram. Não sei se por causa da igreja ou de minhas roupas pretas. Apenas disseram adeus. Uns me abraçaram. Eu não entendi, pois logo voltaria à escola.

No outro dia, a mãe explicou.

O tio Zeca chegaria para carregar a mudança. Iríamos para a fazenda dele, uma mulher viúva não pode morar sozinha na cidade, ficaria falada, e ela não conseguiria ganhar honestamente o sustento. Devíamos tratar o tio Zeca como nosso pai.

— Não vou pedir bença a ele, falei.

— Mas vai ter que obedecer, ela foi firme.

Fiquei sem coragem de dizer qualquer outra coisa, nem quando ela falou que lá na fazenda não tinha escola, que teríamos então umas férias muito longas e boas. Felícia deixou escapar um sorriso, eu emburrei.

Enquanto o tio não chegava, resolvi me despedir da escola. Fui lá depois do horário do recreio, quando todos estavam em aula, podia ouvir a professora lendo a lição. Não entraria na sala para me despedir. Apenas me aproximei do buraco no chão e fiquei olhando a umidade lá no fundo. Depois, me virei para a caixa d'água e olhei para o alto. Nunca tinha tido coragem de subir até lá, só os meninos mais ousados faziam isso.

Cheguei bem perto da escada, coloquei o pé direito no primeiro degrau, depois coloquei o esquerdo no segundo e já não tive medo. Fui subindo. O vento ficou mais forte. Nada mais me seguraria, eu estava quase alegre naquela escalada. Não temia ser derrubado pelo vento. Subi ao ponto mais alto e de lá olhei a escola pequena, como um desenho daqueles que eu fazia em meus cadernos. Depois avistei o horizonte e sua promessa de infinito. Fechei os olhos e deixei que o vento me abraçasse.

Miguel Sanches Neto (Bela Vista do Paraíso, 1965) mudou-se em 1969 para Peabiru, onde passou a infância. Doutor em Letras pela Unicamp e professor associado da Universidade Estadual de Ponta Grossa, é autor dos romances *Chove sobre minha infância*, *Um amor anarquista*, *A primeira mulher*, *Chá das cinco com o vampiro* e *A máquina de madeira* e das coletâneas de contos *Hóspede secreto*, *Primeiros contos* e *Então você quer ser escritor?*, de onde foi tirado este conto. Recebeu o Prêmio Cruz e Sousa (2002) e Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina (2005). Mora em Ponta Grossa (PR).

O sapo

NESTOR VICTOR

À noite, porém, como ele andasse meio febril e nervoso, com ligeiras manifestações de alcoolismo, o Bruce teve uma espécie de pesadelo, um sonho estrambótico e incômodo.

Apresentou-se-lhe o pai, pequenino, com uma estatura inferior à que tinha em vida, e vinha todo risonho, todo malicioso, pisca-piscando os olhos sem cílios. Bateu-lhe de leve num ombro, encarou-o um instante, e disse-lhe, em tom de camaradagem jovial:

— Então? Passaste-me a perna, canalha? Não quiseste cair no laço? Pois olha, eu gastei uma vida inteira para armá-lo... Não sabes como eu te invejo de lá de cima, ladrão, esta bela vidinha que conseguiste seguir! É o que devia ter feito e não fiz, por simples poltro-neria. Passei sem incomodar-me com coisa alguma deste mundo, no mais profundo egoísmo, isso é verdade, mas, afinal, um modo de gozar muito aborrecido e monótono. Continua!... E adeus! Paz e bichas, meu velhaco!

Nisto o Bruce viu o velho disparar para cima, numa gargalhada estridente, infernal.

Daí por diante, quase todas as noites, foi aquele tormento.

Mas, ora a aparição se apresentava sob este aspecto, ora sob formas diferentes.

De uma vez ele viu somente isto: o velho passou-lhe pelos olhos tal qual o Bruce sempre o conhecera, ansioso, calado, com aquela preocupação de quem se anda preparando para uma longa viagem. Lançou-lhe, porém, um olhar indizível, de desprezo e de lástima. Daí

a pouco voltou, nessa mesma atitude, inalterável. Foi. Tornou a voltar instantes depois. Andou assim, nesse passe e repasse, vagaroso, intermitente, dez vezes. E vinha iluminado como por um clarão duradouro de relâmpago.

A pior dessas visões, porém, teve-a o Bruce numa noite em que o velho se lhe apresentou quase tal e qual tinha vindo da primeira. Apenas estava minúsculo, vinha olhando para o filho como para uma torre perdida nos ares. Trazia o mesmo sorriso, mas agora mais lisonjeiro, servil. Principiou a falar-lhe, a captar-lhe a confiança, untuoso. Embrenharam-se por conversas escabrosas, de bandidos alegres, os dois. O Bruce abriu-se francamente, a dar esclarecimentos minuciosos, que o pai, cheio de curiosidade, pedia, contando-lhe processos de vida que adotara, audazes, criminosos, infames.

Nesse tempo, entretanto, um mês depois que aqueles pesadelos tinham começado a visitá-lo, ele já modificara seus costumes, impressionando-se progressivamente com aquilo, de modo a ter atingido a um verdadeiro terror.

Fora ficando silencioso, arredio. Continuara a frequentar algumas rodas, porque literalmente estava dependente delas, precisava de pão. Demais, não conseguira livrar-se do álcool. Pelo contrário, de cada vez bebia mais, preferindo com paixão a aguardente e o conhaque.

Como tinha uma resistência rara, porém, lhe era muito difícil embriagar-se de modo a ficar numa inconsciência completa e salvadora.

Pelo contrário, quase sempre, dormitava entre uma meia lucidez e uma meia alucinação, diabólica e cáustica.

Tinham-lhe voltado suas preocupações morais. Ele se encontrara de novo consigo mesmo, mas ficara assombrado da ruína trágica que representava agora, vendo-se cheio de crimes e de lama. Rompera-se aquela antiga conciliação entre o seu orgulho e a sua individualidade própria.

Então o infeliz se tornara o algoz de si mesmo, achava-se asqueroso, comparava-se como noutros tempos comparava os outros, a um sapo.

— Sapo! Sapo! Sapo! — gritava ele para dentro de si, pondo-se num inferno, por seu motu próprio.

Nessa noite recolhera-se com o estômago varado de fome, sem quase o sentir, porque havia três dias não procurava alimento.

Acabara por passar assim, isolado de todos, sem comer, principalmente sem dormir, aterrorizado de seus sonhos, assustado do mundo, como quem vai entrar numa completa alucinação.

Corriam por esse tempo os últimos dias mais rigorosos do estio.

Achava-se incompatível de viver, indigno de ter por amigos até os cães. Queria morte, mas depois de uma penitência sem exemplo, que ainda lhe pudesse trazer a salvação.

Passara a crer novamente, mas com uma crença de réprobo, assaltada de um medo furioso, indomável.

E talvez porque seu espírito se houvesse embrenhado por esses tenebrosos caminhos, aquele sonho que ora o surpreendera, quando ele estava debruçado sobre a mesa, foi tomando um desenvolvimento singular.

Aos poucos, capcioso, o pai, depois de lhe ter arrancado aquelas confissões absolutas, assumiu uns ares irônicos, que se foram fazendo amargos, e começou a ridicularizar-lhe as opiniões perversas, a aborrecê-las, a enojar-se delas, a evidenciar-lhes a infâmia e a baixaza. E enquanto isto ia insensivelmente crescendo.

— É assim, filho, é assim, acabou por tropejar, essas ideias são mais repugnantes do que o vômito de um gato leproso! E tu és o defensor confesso, o praticador confesso de tudo isso, não és?!

Agora ele estava gigante, media-se face a face com o Bruce.

— É desse modo então que ouviste as minhas derradeiras palavras?! — continuou. — É assim que perpetuas a minha tradição sobre a terra?! É sujo, da cabeça aos pés, como estás, que aspiras ao caminho da Resplandecência e da Pureza?! Filho, eu ainda te chamo assim para ter o direito de amaldiçoar, como te amaldiçoou para sempre!! Tremes?! Ele ironizou pungente, como visse o infeliz numas convul-

sões de epilético, tremes?! Que fizeste de teu incomparável orgulho, então?! Ah! É que te sentes podre, já meio oco, como um olho que de tanta sânie vazou! Tinhas orgulho por quê? Hoje, vê tu, és pior do que todos quantos desprezavas! Hoje, Bruce, hoje tu és sapo!!

Mas, enquanto falava, a visão sinistra fora crescendo sempre, e agora, de tão grande, já estava longe das proporções humanas.

A vítima miseranda daquela alucinação, pelo contrário, sentia-se cair, cair sobre si mesma, fazendo-se meio rotunda, meio informe.

Quando aquela última frase retiniu-lhe aos ouvidos, pareceu-lhe que por todos os lados o fantasma se multiplicava, e que, de toda parte, em coro, aqueles múltiplos fantasmas saídos de um só repetiam em estribilho implacável:

— Sapo! Sapo! Sapo!

E aí o Bruce se sentiu sapo, fisicamente, em verdade.

Ele viu malhas amarelas e verde-escuras cobrirem-lhe o corpo, os olhos saltaram-lhe, rubros, das órbitas, veio-lhe uma ânsia enorme de desabafar aquela angústia, mas, ao mesmo tempo, ele sentiu uma força invencível impeli-lo para o solo, onde caiu com as duas mãos, que já lhe pareceram encurtar-se como forma de patas. Então, saltando, saltando, quadrúmano, ele começou a arrancar da alma umas notas de fazer chorar pedras, mas sob a forma horrível de um coaxar perfeito, com que despertou toda a casa, assombrada.

O Bruce estava para sempre louco.

Agora ele vive em hospital de alienados, ordinariamente modorrento durante o dia, de rastros no chão. Tem-se por um grande batráquio solitário, encurralado numa espécie de aquário lamacento e triste. Passa as horas apanhando insetos, de boca entreaberta, ou a catar do solo coisas malsãs, negando-se a receber outros quaisquer alimentos.

Quando o dia vai declinando, ele começa a despertar, a olhar para o céu, através das grades da cela. Batem-lhe os últimos raios de sol, mortiços e suaves, sobre as costas, o ocidente todo tocando de

mágoas, como um campo onde saudades de várias cores, lírio, *vieux roses*, roxas e brancas florescem. E ele se sente todo voluptuoso, todo vibrante, com a epiderme assim mornamente aquecida.

Começa então a coaxar. São notas tão tristes essas de seu estranho canto monótono, que às vezes a casa inteira fica suspensa daquela boca condenada, os outros loucos, próprios, como que recuperando momentaneamente a razão.

Nos dias em que a lua, sedutora fatal, o atrai e o convulsiona, deixando-o como uma tempestade encarcerada, aquela visão sinistra que lhe quebrou o último fio de razão vem atormentá-lo frequentemente, sob formas diversas, mas sempre impiedosas e malditas.

Passada essa fase, porém, alucinações cheias de misericórdia o protegem. Por horas e horas lhe faz companhia o velho pai, mas com a estatura que tinha em vida, pequenina e trêmula, meigo como o Bruce nunca o tinha conhecido, abraçado com ele, chorando ambos o velho lastimando-se da indiferença com que passou pela terra, e por isso participando agora daquela imensa desgraça, voluntariamente, como de um castigo que para ser justo deve ser comum. E então no pobre louco às vezes ressurge sua esperança morta, ele entrevê o Céu de novo, mais claro, e maravilhoso como nunca, ouve daqui de longe as fanfarras dos anjos, músicas cheias de clemência e de serenidade, que só lhe falam de Amor e de Perdão.

Nestor Victor (Paranaguá, 1868 — 1932). Jornalista, escritor e professor, foi membro da Academia Paranaense de Letras. Publicou as obras de contos *Signos* (1897), *Cruz e Sousa* (1899), *Amigos* (1900) e *A hora* (1901); de versos, as obras *Transfigurações* (1902), *Paris* (1911), *A terra do futuro* (1913) e *O elogio da Criança* (1915); e a novela *Parasita* (1928), entre outros.

Quinze minutos

NEWTON SAMPAIO

Para falar verdade, a ruazinha é bem insignificante. Mas é simpática. Simpática, comprida, estreitíssima. É comprida e vai terminar nos fundos de uma igreja muito velha. O que, aliás, não tem importância, porque, desgraçadamente, eu não sei mais entrar em igrejas. Não sei entrar nas igrejas nem pela porta grandiosa, nem pela porta dos fundos. Por isso, eu entro mas é no estabelecimento Élite, muito embora o meu sangue seja bem ordinário e provenha de um cabo da polícia pernambucana que se casou de supetão com a filha de uma quitandeira baiana muito gorda. O estabelecimento Élite, é campeão no gênero, põe saltinhos em cinco minutos e meias-solas garantidas num simples quarto de hora. O freguês entra, esconde só as pernas no cubículo, dá o sapato pra o italiano proprietário, o qual distribui o serviço pra os brasileiros sapateiros. Eu agora estou preso em um dos cubículos, e fico espiando o movimento, desde que não tenho um só jornal vespertino cheio de grandes títulos onde possa conhecer a mais recente cena de sangue de qualquer subúrbio abandonado. A meu lado, um homem de imensos bigodes pitorescos recebe o sapatão de cano alto, acha que o serviço não prestou, paga só quatro mil e quinhentos, vai embora pisando duro. Estamos em março (quer dizer que, até fins de junho, não precisarei voltar aqui), pergunto que horas são, me respondem que são duas horas e quinze.

Os sapateiros brasileiros suam sem parar, o ambiente continua abafado, cheirando a couro, a suor, a tinta. Todos os três cheiros são fortes e nenhum deles me é agradável.

Presto atenção e concluo que o dono do estabelecimento usa camisa

preta. Sinto ganas de dar um viva à Absínia (só para anarquizar a geografia) mas tenho medo de ser posto na rua descalço e de meia furada.

Entra uma radiosa mocinha, que põe o embrulho em cima do balcão e dá instruções ao homem. Um dos artífices conhece a mocinha e diz: — “Como vai, sérrgipana?”, (abre o e e carrega no r). Ela sorri, olha pra mim não sei por que, me acha simpático. Eu lhe pergunto: — “Conhece o Tobias Barreto?” A mocinha fala:

— Em que time joga esse bicho?

Dou uma bruta gargalhada, fico sério de uma hora pra outra, todos pensam que eu sou louco, mas eu não sou louco não. O que eu sou é um homem triste, desesperado, desesperadíssimo, porque minha mulher geme com pneumonia, meu garoto sofre com sarampo, meu sapato está cheio de buracos. Eu sou um homem desesperado, desesperadíssimo, que quer sair do cubículo, que está doente de amor pela mulher pneumônica, pelo filho sarampento, que não aguenta mais o calor, nem o estabelecimento Élite, nem a rua comprida e estreitíssima.

A sergipana foi embora, não sei nada do que se passou, todos estão agora me olhando, o italiano proprietário até me vem ajudar, mas eu não aceito o favor e enfio sozinho a botina concertada. Não digo até logo, piso a rua comprida.

A rua é comprida, vai dar no fundo de uma igreja muito velha, mas isso não tem importância porque eu não sei mais entrar nas igrejas. Nem pela porta gloriosa, nem pela porta dos fundos...

Newton Sampaio (Tomazina, 1913 — 1938) veio para Curitiba aos 13 anos para estudar no Internato do Ginásio Paranaense. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 1932, seguindo dois anos depois para a Faculdade de Medicina de Niterói, no Rio de Janeiro. Não chegou a exercer a profissão de médico, vindo a falecer quatro meses depois de diplomado, vítima de tuberculose. O autor não publicou nenhum livro em vida, mas ganhou, postumamente, um prêmio da Academia Brasileira de Letras pela coletânea de contos *Irmãdade*. Sua produção literária nunca foi editada comercialmente e seus trabalhos póstumos foram todos “achados” em periódicos do Paraná e do Rio de Janeiro.

Espanhol

NILSON MONTEIRO

Juro ter ouvido, entre suspiros fundos e lágrimas fundas, sons de castanholas envolvidos em brumas de sangue. Impressão ou sentimento engolido por aquelas fotografias sépias de lembranças guardadas nos primeiros anos de vida.

O que havia em seu pequeno quarto de mundo, avesso às tristezas de final de vida? Ninguém descobrira, talvez, porque tão trancado, se, agora há pouco, plantara seu mundo tão distante do chão empedrado onde brotara, para dançar, sobre uma mesa, um bailado espanhol ensopado de alegria. Nem descobririam filhos, netos, sobrinhos, parentes, amigos, desconhecidos, os porquês das tramelas no coração perto do fim.

Nesses dias de antes, lembravam, ninguém tinha sua destreza ao descarnar um animal, açougueiro de alma. Ninguém!, espalhavam a todos os ventos com a força do exagero. Ou sua extrema sutileza, quase um bisturi, ao manipular um canivete amolado em direção aos bagos de um cavalo ou outro que estivesse a ser capado. Esporas tingidas, limpava o suor no próprio sangue e invocava deuses. Parecia imolar com pena, parecia sentir a dor, mas sem dó. Nesses dias de antes, lembravam ainda mais, ninguém desafiava o trabalho como um mouro, descendente de mouro, vindo de onde vieram os mouros, mouro enfim, raízes fincadas em um chão arenoso. Além das orações do trabalho, cultivava a religião dos céus, longe dos templos e dos seus administradores. Rezava como crente, para dentro, cultivando o terreno do peito, os músculos e as carnes. E o silêncio. Também

comemorava os resultados do trabalho, taças borradas de vinho e de paixão, os olhos atizados na fogueira do futuro.

Por que, então, o lento fechar de janelas ao mundo, sentimentos recolhidos, ouvidos moucos ao vento que sopra manhoso na areia fina de uma terra quente, onde, agora há pouco, ele estourara balas de revólver, cacos de garrafas, estilhaços de silêncios, pedaços do céu?

Poucos tentaram e ninguém soube me explicar por que de embaixador da alegria, carteiro de felicidade, ele mudou, assumindo fantasmas a mim nunca apresentados, distribuindo a poucos, quase nenhuns, segredos, mistérios, pequenos acordos ou fuxicos de vida. De festivo passou a ser motivo da festa. Alvo da sanha. Inclusive de pequenos infames, que nada ou quase nada sabiam de sua vida, algozes que vieram depois cobrar a felicidade que ele havia proporcionado a seus avós, pais ou a ele mesmo, aos seus, a desconhecidos. Berravam apelidos, as maritacas pintadas de anuns. E ele arrastava o resto de vida pelas ruas, fechado em seu quarto de mundo, à espera da volta, quem sabe, aos braços da mulher, com cheiro das videiras e das oliveiras em seu colo, camomilas esparramadas em algodão das batas.

Enchia os bolsos de bitucas, cigarros murchos, para, talvez, tragar o resto da brisa que soprava no mar que o trouxe de outras costas, bruto sonhador de aventuras. Se ainda pudesse, além de queimar os lábios com as brasas, queimá-los com o vinho da amada, casa de saciar a fome de outras labaredas, expurgar as dores e benzer a vida de esperanças... Seus cabelos renascentistas, impróprios para um analfabeto de letras enterradas em sua origem no século XV, cresceram em tufos, espalhados pelas sobranceiras, ouvidos, cabeça, braços, colhidos pelo tempo como animal no matadouro.

Nada de terno. Animal, esfaqueavam em desprezo as maritacas. O viver, espalhado em dezenas, como os fios de seu cabelo, virava cinzas nesses dias de antes, nos muros, nos bares, nas calçadas, no abandono, no cheiro acre de urina no quarto apertado de solidão, sem explicações.

Juro ter ouvido sons roucos de tourada, bois chifrando o toureiro e ele se esquivando, olé, um bailado no tablado de uma mesa ou na sujeira de um chão nu, copos partidos ao meio, cheiro de pólvora, olé, saliva pastosa no canto da boca, um poema despetalado, flores amarelas e vermelhas e janelas se fechando, para sempre, no pedaço rubro da tarde.

Nilson Monteiro (Presidente Bernardes, SP, 1951) é jornalista há 42 anos. Morou em Londrina entre 1964 e 1986 e em Curitiba a partir de então. Autor de *Simple* (poesia), *Curitiba vista por um pé vermelho* e *Pequena casa de jornal* (crônicas), *Itaipu, a luz* e *Ferroeste, um novo rumo para o Paraná* (reportagem), *Madeira de lei* (biografia) e *Pedaços de muita vida* (história). Lançou em 2013 seu primeiro romance, *Mugido de trem*.

Menino na árvore

OSCAR NAKASATO

Num domingo — era bem cedinho —, o menino subiu na mangueira e não quis descer mais. Era dia de missa, e a obrigação era vestir a melhor roupa — o que se traduzia em calça azul-marinho com pregas e camisa branca de mangas compridas e com botões até o pescoço — e ir à igreja cantar e ouvir o padre Lourenço. O menino cumpria a obrigação em parte, já que quase não prestava atenção às palavras do padre, tão interessado estava sempre nas meninas, que também vestiam as suas melhores roupas.

Um pouco antes das sete horas, a avó viu o menino passar pela cozinha e ir para o quintal sem dizer nada, mas não deu importância. Após preparar a mesa para o café da manhã, chamou o menino e o pai do menino — seu filho —, que estava no quarto vestindo também a sua melhor roupa. O pai respondeu que esperasse só mais um minutinho. O menino não respondeu.

— Onde se meteu esse menino?

Quando o pai foi à cozinha, a avó já estava nervosa.

— O menino desapareceu.

— Como desapareceu?

— Eu já procurei pela casa inteira e não o encontrei.

O pai sabia que o menino detestava ir à missa. Mas era assim: não tinha querer ou não querer. Então a avó viu aquela expressão de ódio, ultimamente tão frequente, embrutecer e enfear o rosto do pai.

— Esse menino precisa é de uma boa surra.

E foi o pai procurar pelo menino, gritando ameaças. Deu uma volta ao redor da casa, procurou nos quartos, olhou até debaixo das camas. Por fim, desistiu.

A avó já estava quase chorando:

— O que aconteceu ao menino?

— Tá na rua. Fugiu pra não ir à missa. Mas ele que me espere!

E foram os dois à igreja.

Era assim: a mãe era bonita e meiga e morreu de câncer após meses de sofrimento. O pai chorou como uma criança, envelheceu e foi morar com a avó porque precisava de alguém que tomasse conta do menino. A culpa, então, era sempre da avó, que precisava tomar conta da criança e não tomava.

No caminho de volta da igreja, ela, resignada, ouviu o que sabia que iria ouvir:

— A culpa é da senhora, mamãe. Não sabe dar bronca, não sabe bater. Em mim a senhora batia.

É claro que batia! Era mãe! E ele que não pensasse que mãe e avó são a mesma coisa. Jamais! Mas ele, que se equilibrava no papel de pai da própria mãe, o que tornava irmãos a avó e o neto, não poderia compreender. Por isso ela se calava, ainda que soubesse que consentia ao ficar quieta.

O pai esperava, ao voltar da missa, encontrar o menino em casa lendo uma revista do Super-homem ou assistindo à televisão. Não o encontrou. De uma volta pelas ruas do bairro, foi até o campinho de futebol, procurou nas casas dos amigos do menino. Nada. Quando retornou à casa, agora mais preocupado que bravo, encontrou a avó sorrindo.

— Imagina que o menino estava todo o tempo lá em cima, na mangueira.

Que o menino gostava de subir na mangueira, todos sabiam. Mas em tempo de manga madura, não agora, no meio de agosto, o tempo

ainda assim, meio frio. Quem iria imaginar?

— Desce já daí!

O menino estava com os pés apoiados no tronco e encostado em um galho grosso, meio deitado. Nas mãos, uma revista do herói que voa. O pai, embaixo, segurando uma cinta, ameaçava com palavras e gestos. Mas os olhos do menino não eram medrosos. Por que, então, não descia?

A avó não compreendia.

— Você, com essa cara e esse cinto, você acha que o menino vai descer?

— A senhora fique quieta, mãe! Ele é quem sabe. Tá ouvindo? É ele quem sabe! Quanto mais demorar mais vai apanhar!

Se pudesse, se não fosse o problema na coluna, subiria e desceria com o menino à força. Mas não podia. Então continuou gritando:

— Ah, quando eu te pegar!

Mas desistiu. Confiou que o menino logo ficaria com fome e desceria. Então acertaria as contas com o filho.

Quando ficou sozinha embaixo da árvore, a avó, a voz mais mansa que a de costume, perguntou:

— O que você fez de errado? Quebrou alguma coisa do seu pai?

— Eu não fiz nada, vovó.

— Então por que não desce daí?

— Eu gosto de ficar aqui.

Mais cinco minutos de conversa, e a avó também desistiu.

Na hora do almoço, o menino desceu. O pai o esperou na porta da cozinha, com a cinta na mão. O menino não correu. A avó se fechou no quarto para não ver o menino apanhar. E como apanhou! Mas aguentou firme, sem reclamar, sem chorar. Depois foi consolado pela avó, almoçou e voltou à mangueira.

Quando o pai soube, teve um ataque de nervos e quase não conseguiu falar. Não podia entender por que o menino o estava afrontando. Foi até a mangueira e novamente gritou insultos e ameaças.

— Ele que fique por lá — disse, enfim.

No final da tarde, apareceu um amigo, que chamou o menino para jogar bola no campinho.

— Não tô com vontade.

— Mas todo mundo vai.

— Hoje não tô com vontade de jogar bola. Eu vou outro dia.

O amigo não insistiu.

No dia seguinte, após ter passado a noite em sua cama, o menino voltou à árvore e não quis ir à escola.

E se passaram dias. O menino descia para comer, ir ao banheiro e dormir. Às vezes, tomava banho. O pai, um dia, trancou o menino no quarto. Que não fosse à escola, mas também não subiria na árvore. O menino ficou o dia inteiro trancado, sem dizer nada, sem pedir à avó que o libertasse. E ele sabia que se pedisse com jeitinho a avó desobedeceria ao filho e abriria a porta. À noite, quando retornou, o pai perguntou ao menino se iria à escola no dia seguinte, e ele respondeu que não. Assim o menino ficou uma semana trancado no quarto.

Numa segunda-feira, o pai desistiu e deixou a porta do quarto aberta. O menino disparou para o quintal e subiu na mangueira.

Os vizinhos ficaram sabendo e foram ver o que estava acontecendo, uns por solidariedade, para ajudar, outros por curiosidade, nunca tinham visto algo assim. Vieram os tios, os primos. Começaram a falar em macumba, em inveja de algum conhecido. Por isso chamaram o padre Lourenço, que ficou dez minutos tentando conversar com o menino. Foi embora prometendo que rezaria muito por ele. Depois, sem que o pai soubesse — Deus me livre se ele ficasse sabendo —, chamaram um curandeiro, que pedia como pagamento da visita o que a família quisesse dar. Não adiantou. Falaram em loucura e chamaram um psiquiatra. Nada. Vieram os amigos da escola, a professora. Até que o pai decidiu:

— Vou cortar essa maldita árvore!

Alguns aprovaram, outros foram contra. A avó consultou o psiquiatra, que achou absurda a ideia. Mas estava decidido. Um dia, ao

tomar o café da manhã e correr para o quintal, o menino não encontrou a árvore. Ele ficou dez minutos parado, olhando o vazio que restara no lugar da velha mangueira.

Depois nunca mais se soube do menino. Um inquérito policial foi instaurado, e o pai disse que no dia do corte da árvore foi trabalhar e, ao voltar para ao almoço, não encontrou mais o filho. A avó, com os olhos perdidos em algum ponto da parede da delegacia, afirmou que o neto desaparecera enquanto estava no banheiro. O inquérito foi arquivado.

O pai e a avó não falam mais sobre o assunto. Uns dizem que o menino enlouqueceu de vez e foi internado pelo pai num sanatório, na capital. Outros dizem tê-lo visto com uma mochila na rodoviária, tomando um ônibus. Há aqueles que acreditam que quando a nova mangueira — plantada pelo pai no lugar da outra — crescer, o menino voltará.

Oscar Nakasato (Maringá, 1963) atualmente reside em Apucarana (PR). Doutor em Literatura Brasileira, é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ganhou o III Festival Universitário de Literatura Xerox — Livro Aberto em 1999, o Concurso Nacional de Contos Newton Sampaio, Categoria Especial Paraná, em 2003, o Prêmio Benvirá de Literatura, em 2011, e o Prêmio Jabuti na categoria romance em 2012, com *Nihonjin*.

Chuva

OTÁVIO DUARTE

Esta rua Martim Afonso é movimentada. Nunca um carro deixa de passar, nunca os motores de rugir. Quem pode ouvir outra pessoa dizer uma palavra, uma frase? As calçadas são de lajotas de pedra, cortadas irregularmente, a cobrir a terra. Duras, diversas, difíceis para um carrinho de bebê cruzá-las. Imagine para os joelhos do homem velho que curva a cabeça frente à imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, protegida pelas grades, no parapeito posterior do pátio da igreja. A bulha não o perturba. A garoa a deixar escorridos os parcos cabelos nevados também não e, se uma tempestade houvesse, ele não se daria conta. Absorvido em si próprio, submerge na oração, em sua comunicação com Aquele que a tudo prove. Se levasse uma facada, se fosse atropelado, nem notaria.

Ricardo Pereyra, chama-se, e o melhor sobrenome, não o do registro, talvez seja Sem Deus. Sem Deus e sem nada.

Romancistas procuram momentos perfeitos, distintos e definitivos, nas vidas de suas personagens atormentadas. Será que eles existem? Certamente, isso não acontecia quando Ricardo Pereyra bateu à porta da família Schwartz.

Chovia.

Vês aquela capela pequena, com espaço para cinquenta pessoas, sentadas ou ajoelhadas? A capela Schwartz. Uma comunhão de família e amigos muito próximos. A água caía quando ele esmurrou as portas dela, no fechar da tarde de uma quinta-feira.

Levado para a casa grande, Ricardo viu-se num mundo particular.

A tarde finda, a luz esmaece. O grande jardim dos Schwartz escurece. As luzes da casa se acendem. O jantar está pronto.

— Senhor Ricardo Pereyra, é uma honra e uma alegria que possamos compartilhar da sua presença nesta casa. Esta refeição simples, que a graça de Deus nos permite desfrutar, a todos eleva os sentimentos de boa vontade e hospitalidade. O que seríamos, se não pudéssemos esperar que de outros seres humanos, de outros cristãos, tivéssemos a ventura do enriquecimento, pelo saber das suas aventuras, de suas dúvidas, certezas e incertezas? Não se faz assim o mundo? O que seríamos, se os nossos braços encurtassem e as mãos abertas não ficassem ao alcance do desconhecido que bate à nossa porta, no meio da noite gelada? É para nós uma alegria tê-lo em nossa mesa e as nossas esperanças são de que a mesma disposição ocorra em seu íntimo, e de que, ao nos esclarecer os rumos de seu pensamento, a aliança dos bons propósitos muito mais do que clara fique.

Anne-Sophie e Heinrich Schwartz tinham duas filhas: Anne-Louise e Laurie.

O bem das moças costuma ser, acima de tudo, o controle e a sobriedade. A beleza, a alegria, a bondade, a simpatia, o conhecimento das artes e da música a todos enlevam, mas espera-se um grau superior, que as diferencie.

Não que as bem cuidadas filhas pudessem se entusiasmar com um viajante, um aventureiro, um rocker, um cantor de jazz, um bailarino, um pintor boêmio, um guitarrista, ou, Deus as livre, um escritor. Não. Anne-Louise sempre se interessou pela Suécia. Pensava viver bem numa terra regrada pelos costumes, pela lei e pela observância respeitosa dos ditames de um Deus que a tudo via e não se intrometia. Laurie, ousado dizer, tinha inclinação um pouco excessiva, talvez, pela cultura e pelas artes do homem, mais do que pela observância da lei e dos costumes religiosos. Ainda assim, fora educada a confrontar a vontade pura dos anseios com as exigências da contenção e dos atos deliberados pela instrução e pela boa inteligência.

Anne-Louise ostentava ar angelical, com seus olhos claros e cabelos curtos, quase uma acoçada por Godard. Laurie, ora cortava as madeixas, ora as deixava crescer. Ora vestia branco, ora preto, ora vermelho.

A mãe, Anne-Sophie, muito bem se aventurava no piano e no canto das lieder, principalmente as de Mahler, o judeu boêmio, talentoso e encantador.

— Anne-Louise, dizia Ricardo Pereyra, a arte cristã e universalista de Bergman está longe de ser isolada e não pode, de maneira alguma, ser separada das suas raízes suecas.

— Laurie, falava Ricardo, a modernidade consiste da vitória da cultura clássica e também da contestação e da síntese que as renovam. Tradição e ruptura.

A vida transcorria assim na família Schwartz. E o bom costume não é o de que todos colaborem para a manutenção e o progresso das casas onde vivem e das quais se nutrem? Das mulheres objeto de encômios, Ricardo foi chamado por Heinrich a esclarecer suas intenções e, se acaso pudesse e quisesse, da possibilidade de participar de um negócio. Antes, deveria explicar de onde e a que vinha.

Ricardo era grato pela acolhida e pela confiança dadas a um filho da noite. O que podia advogar em seu favor? De tristeza e sofrimento era o seu passado. Muitas dores causara, sem querer. Por uma soma de tragédias, aqui tinha chegado.

Longe de Curitiba, em Barcelona, Ricardo trabalhava como operador no mercado de valores. Lá nascera e crescera, orgulhoso das tradições catalãs. Um pecúlio interessante reuniu em pouco tempo, pois sabia antecipar a alta e a queda dos movimentos.

Uma moça atraíu-lhe a atenção. Luísa Paredes, gentilíssima jovem, esguia, de cabelos curtos, morena, usufruía com regularidade dos tapas da lanchonete do Palau de la Música Catalana.

Na Barceloneta andavam, a mirar o mar. Ah, I Wanna Hold Your Hand cantava a inocência, pois coisa melhor não há. Nas noites, viam

o jazz que os amantes descobrem nas canções, nos filmes e nos gestos de afeto.

Chove, faz frio, calor, venta, tudo muda e a vida também.

Amar Ricardo alterava a vida de Luísa. Filha tardia, crescera sob a vigilância e os cuidados ciumentos da mãe viúva, pois o pai se fora antes que o pudesse conhecer. A ausência de irmãos ou de outros parentes a deixava como a única mantenedora da velhice materna. A vida a esvair-se lentamente, cada vez mais necessitada de atenções, dobrava os encargos que pesavam no destino da jovem. Amar Ricardo era amar menos a mãe, dona Alba, pois lhe tirava, progressivamente, o precioso tempo da filha.

Há uma força que move o mundo e renova a espécie. Jovem alguma, se for sadia, deixa de outro jovem procurar, mesmo que não o saiba. E não consegue não se apaixonar, não estabelecer relações, não sonhar.

— Você precisa viver — dizia dona Alba, com a recriminação, entretanto, fixada na mágoa da idosa, que se achava em vias de abandono. E piorava a velha nos achaques quando a moça tardava ou, raro, pela madrugada apenas voltava à casa. Era uma ordem que mudava, sob protestos e recalitrâncias.

Bem cedo tinha Luísa Paredes de iniciar o trabalho na El Corte Ingles. A chefia do setor de vestuário da procurada loja a ocupava o dia todo e o fim da tarde era um alívio. O happy hour, a saidinha rápida com os colegas, um desafoço. Depois, a casa, as novelas e dona Alba. Agora, outra rotina se instaurava. Leve de início, complicada logo. Afeições, amores e tempo não se ajustavam. O que Ricardo precisava era dela inteira só para ele. O que a mãe queria era a ordem antiga, que a mantinha e garantia. E do que Luisa necessitava, talvez ela não quisesse se dar conta.

Dominado pela paixão, Ricardo não suportava mais a ausência, o segundo plano em que se encontrava. Sem maneiras de vencer, ele pressionava mais Luísa. Queria que ela fosse morar com ele. Casa-

riam, publicariam a notícia em edital público e tudo seria formalizado. Precisava disso. Não podia mais ficar dessa maneira e exigiu uma decisão. Aceitava ou não.

A mãe horrorizou-se com a perspectiva. Então, definharia em absoluta solidão? Em plena ingratidão da filha adulada? Dela, por quem tudo fizera? O mundo não conhecia, embora muito o desejasse, porque tudo o que tivera investira na formação da filha. Não era assim? Que reservas poupara para o pagamento de enfermeiras e damas de companhia na velhice? Se em tudo a filha querida tivera prioridade? E disso não se arrependia. Se algo de bom fizera, foi isso, de providenciar para que Luísa uma vida boa tivesse. Mas sempre a pensara juntas. Como ficaria sozinha e desvalida?

Ricardo ligava, dona Alba falava, os clientes da El Corte Inglês multiplicavam-se e não ficavam contentes com o atendimento. Luísa experimentou a vergonha da reprimenda oficial e da visão de portas se fechando. E isso, se era importante para o que imaginava ser seu futuro, era apenas parte das questões com as quais vivia e das quais teria que tomar decisões. Ela postergava, não decidia, e as pressões aumentavam.

Luísa fizera-se forte para dar conta das fraquezas da mãe, que se abandonava. Assim se tornara pela necessidade e não por naturalidade. Não tinha amigas próximas, namorado ou amante, antes de Ricardo. Para a mãe se dedicara, pelo trabalho pensava conviver com o mundo. Com Ricardo, a paixão conhecera. A angústia suprema reinou então, sobre os caminhos que não se abriam, sobre as opções de ganho e de perda. O mundo em que tinha vivido se fragmentava. Ela só achou uma saída.

Da ponta de uma corda muitas fugas acontecem. Dona Alba não suportou o suicídio da filha e logo feneceu. Ricardo sentiu que o mundo lhe faltava e encharcou-se de vergonha e dor. Viu-se como o único responsável pela tragédia, pois Luísa muito bem vivera até então, sem o seu amor obsessivo. Em nada mais pensava. A habilidade que tinha

de descortinar o rumo do lucro na compra ou na venda se evaporou e as perdas logo o deixaram no chão. E ele não queria se levantar, culpado que se sabia.

Ricardo fugiu, sem rumo certo, por países, aeroportos, cidades. E aqui afinal chegou, numa noite chuvosa, sem saber direito como. Não seria o destino, o perdão divino, a graça de Deus, a abrir a porta da esperança? Não tinha revivido?

Heinrich Schwartz acreditava nos desígnios divinos. Não vivia bem? Não garantia o Senhor o bem-estar de Anne-Sophie e das filhas, não lhe dava a oportunidade do trabalho redentor? Dar a mão ao homem que se reergue pareceu-lhe a única possibilidade de um cristão. Pois, ainda que se multipliquem sobre a Terra, os fiéis são os mesmos poucos que se abrigavam nas catacumbas. E só pela fraternidade sobreviveram e prosperaram.

Heinrich guardou a aceitação para si. A mulher e as filhas não sabiam de suas dúvidas, pois obstáculos prévios não colocara. Ricardo Pereyra foi contratado como representante dos negócios da família. Da venda dos produtos dos vinhedos deveria se ocupar e assim fez.

A nova linha de tintos apresentou com eficiência e brilho aos jornalistas e *connoisseurs* de São Paulo. Os comentários foram receptivos e as encomendas dispararam. A marca Schwartz foi o sucesso da temporada, exigência em todos os restaurantes de público antenado. A cepa europeia adquiria brilho próprio na terra nova. Ganhava força no terroir distinto. Sabores específicos, gostos particulares... elegância, acima de tudo.

Se as coisas dão certo, tudo está bem.

— Anne-Louise, dizia Ricardo, a cristandade despida de ornamentos é a recuperação da mensagem. Muitos em um.

— Laurie, falava ele, a diversidade da arte é o espelho que concentra e multiplica as possibilidades de abstração e expressão do ser humano. Um são muitos.

Ricardo Pereyra saiu-se muito bem também em Lisboa.

A nossa bossa da leveza brasileira reverteu a navegação das garrafas, como as variações do batuque e a influência do jazz tinham feito na música. Navegar é preciso, em Goa, Luanda, Florianópolis ou no Porto. A linha Schwartz era, então, o melhor blend. A mensagem original, partida da Europa quinhentista, voltava no cálice da aceitação dos povos, enriquecida, amadurecida e plural.

Se o olor do vinho assim fluía, se os negócios avançavam, tudo o que bem estava não acabaria bem?

Heinrich Schwartz pensou numa grande comemoração.

Dos ardores luteranos, Anne-Louise se deixara tomar de interesse pelo estrangeiro católico. Os dias curtos do inverno sueco, propícios ao recolhimento e à reflexão, não lhe pareciam mais atraentes que a luminosidade do verão curitibano. Os planos do novo assentamento tiveram de aguardar. Uma abertura teológica se prenunciava.

Laurie, se os humores alterava, não deixava demonstrar nos modos. Nada parecia importar nas atitudes independentes, que sempre tomara. A atenção ao estrangeiro não a ocupava mais que o tempo devido da educação e da boa formação. Espaço maior tinha que dedicar à leitura dos novos poetas e performers, pelos quais se encantava e dos quais se esquecia, assim que a maré recuava e a vanguarda a retomava.

E foi por ela que Ricardo Pereyra não conseguiu deixar de se apaixonar.

O baile brilha. A música da orquestra a ninguém deixa sossegar. A bebida estimula os desinibidos e libera os tímidos. A dança é o ritual alegre da tribo, que a todos envolve. A valsa estonteia nos rodopios.

Heinrich Schwartz aguarda os visitantes na porta da casa. Ele procura: onde se encontra Anne-Sophie, que ainda não veio?

No mezanino a dominar a vasta sala, Ricardo Pereyra aprecia a festa. Anne-Louise ou Laurie lhe darão a honra imensa do acompanhamento?

Um toque suave no ombro o faz transformar-se. Ele vira-se, ansioso: não é nenhuma delas.

Assustado, Ricardo Pereyra inclina a cabeça ante sua patroa, Anne-Sophie. E o que ele vê é o olhar desesperado: o largo colo resplandece, uma corrente de ouro e o crucifixo sobre a pele, contrastando com o vestido de veludo verde. Anne-Sophie dirige-se para Ricardo, plena de intenções, perdida totalmente nas vontades. Ela o cerca, impede a fuga, o olhar fixo em seus olhos, as mãos seguram-lhe os ombros, a boca abre-se para tomar o gosto da dele.

— Mãe! grita Laurie, e corre em direção aos dois. Os saltos altos dos sapatos a atrapalham e ela perde o equilíbrio. Tropeça, bate na murada do mezanino, vira e tomba. Cai e o barulho do corpo a bater no piso de mármore é o fim de muitas vidas.

Veja agora esse homem envelhecido, que se ajoelha nas lajotas duras da calçada, sob a chuva. Causou a morte de quem amou e levou a tragédia para dentro da casa que o abrigou da tormenta. Os que dele se aproximaram receberam o pior dos destinos. Por isso, só conseguiu passar a vida em solidão, apartado do convívio que ameniza o sofrimento. Pois ele só traz dor. Pensa carregar uma maldição, uma doença peçonhenta que envenena a vida daqueles que a sorte traz ao seu redor. Tudo lhe foi negado. Todos os castigos experimentou, de todas as pessoas se afastou. Não tem razão de sofrer, rezar e pedir perdão?

Otávio Duarte (Campo Mourão, 1953) é jornalista e escritor, morou e trabalhou nas cidades de Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, até voltar a residir em Curitiba, onde vive atualmente. Publicou os livros de contos e poemas *Alice e Fanfarra infante*, o livro de poemas *Clepsidra* — em parceria com o pintor Rones Dumke —, o volume de contos *Seis romances e uma pintura* e os romances *Noticiário dos heróis* e *Amor*.

O último nefelibata

OTTO LEOPOLDO WINCK

Todo mundo é meio nefelibata em Curitiba. Meio pitagórico, meio vampiro, meio cachorro louco. Eu também. De dia durmo, rumino, medito. De noite saio, tomo uns tragos, frequento becos, bocas, contemplo a lua — quando ela dá as caras, é claro. Já fui professor de cursinho, redator publicitário, corretor de seguros, vendedor de móveis usados. Já vendi plano de saúde, assinatura de tevê a cabo, filtro d'água de barro. Até apontador de jogo de bicho já fui. Como não tenho mais idade para fazer malabares e ainda me sobrou um pouco de vergonha na cara para pedir esmola, estou aí, arrolado nas estatísticas dos sem ocupação. Mas não pensem que eu sou um desocupado. Trabalho duro. Teimo, limo, sofro, suo. Passo os dias — é preciso acentuar — compilando meus poemas. Trinta anos de produção. Não é fácil, meu amigo. Trinta anos alinhavando palavras, catando rimas, escandindo sílabas, marcando cesuras. São páginas e páginas de papel almaço, cadernos escangalhados, folhas datilografadas ou digitadas e impressas nas lan houses mais ordinárias da cidade. A maioria não presta. Sei disso. Depois de muito esforço, quem sabe eu consiga o suficiente para um opúsculo. (Opúsculo, gosto dessa palavra.) Falam de morte, de bruma, de brisa, de lua. E de mãe. É, e de mãe. Freud explica. Ou o diabo. Ah, esqueci de contar: moro com a minha mãe, num apartamento encardido do Alto da Quinze. Ela é aposentada do estado. Com o que ganha, pagamos aluguel, condomínio, luz. O tele-

fone está cortado. Meu celular não sabe o que é crédito há uma cara. Como a aposentadoria dela é uma merreca e eu, como você viu, estou sem renda, é visível que para comer está difícil. Espremendo daqui e dali, fazendo mágica e reza brava, dá para um comer. É claro, sem luxo, pieroguis, estrogonofe, torta alemã, como antigamente. Para dois, ah, isso não dá. Por isso ela vinha dizendo, a velha: ou é tu ou sou eu. Não dá para os dois. Como tu não bota nada dentro de casa há muito tempo, tu cata as tuas coisas e cai fora. Eu dizia: peraí, mãe, pega leve. Não é fácil falar essas coisas, meu irmão. Mãe é sempre mãe. Pode ser velha, pode ter sido puta, mas é mãe. Deixa eu tomar mais um gole, está muito frio, essas noites de Curitiba são o diabo. Como eu tenho essa grana? Olha, meu amigo, a gente pode passar fome, necessidade, mas sem os vícios a gente não passa. Às vezes rola um bico, um trampo, um trambique. Às vezes, no maior desespero, passo a mão em alguns livros lá da estante e vendo num sebo. Já tive uma senhora biblioteca, prateleiras e prateleiras de lombadas com títulos em francês, inglês, italiano, além dos brasileiros e portugueses de minha estimação: Antônio Nobre, Cesário Verde, Cruz e Souza e o pobre Alphonsus. Agora, não passam de algumas dezenas. Mas quando, assim mesmo, estou sem um puto, ah, aí eu apelo. Na bolsa da velha confisco um trocado. Fico sem remédio, sem comida – um pastel dá para o gasto – mas não fico sem o meu trago. Pobre velha, hã de chorar por ela não digo os cinamomos mas pelo menos os chorões carpideiros da Fernando Moreira. É, meu chapa, estou decadente. Je suis l'empire à la fin de la décadence, saca? Na verdade, sou decadente: estrela caída, albatroz sem asa, flor do absinto. Sempre fui. Décadence avec élégance. Foi-se a élégance — já fui dândi, echarpes longuíssimas, cabelos à Oscar Wilde —, ficou a décadence. Mas eu não contei tudo. Deixa beber mais. In vino veritas, não é assim? Agora, com o conhaque, a verdade é mais letal. Bom, como eu ia falando, esta noite, ao sair de casa, fui me despedir da velha e não escutei o seu natural grunhido. Recuei, chamei-a novamente. Nada. Silêncio abso-

luto. Entrei no quarto (eu durmo na sala) e mais uma vez nenhum sinal. Ela teria saído para comprar um cigarro, ir à igreja, ao supermercado, sem que eu percebesse? Não, já era tarde e ela não costuma sair de noite por medo do sereno, da friagem, dos craqueiros. Entrei então no banheiro, pé ante pé, temendo o pior, sabe-se lá, a velha é louca. E vi. Atrás do box quebrado, lá estava ela, pendurada do cano do chuveiro (chuveiro elétrico; detalhe: queimado). Não aguentei. O baque foi grande. Saí para espairar, dar umas voltas, bater perna, enquanto o corpo esfria. Com o frio que está fazendo, meu irmão, esfria logo, logo. Aliás, o corpo dela nunca foi muito quente. Calor ali só no ódio votado ao filho. Então é isto: saí para relaxar. Gola erguida, chapéu enfiado nos olhos, o rosto contraído contra o vento gélido, sigo pelas ruas, ruelas, vielas, as mais escuras, as mais desertas. Medo de algum maluco, algum drogado? Absolutamente: na mão crispada dentro do capote, a faca. Um dia um piá veio se meter a besta e ficou estirado na calçada, sangrando. Já disse, sou meio louco, vampiro, degenerado. Minha vida é assim. Entro num boteco, peço uma dose, engulo alguns rollmops quase apodrecidos, pago, pego as moedas sobre o balcão, saio de novo. O vento me corta o rosto e, somado ao álcool que começa a circular nas veias, me dá um estranho prazer. A mão no bolso, apalpo o cabo da faca. Logo encontro outro cabo, maior, latejante, aflito por uma bainha sorrateira. Mas não há nenhuma polaca na rua capaz de me satisfazer por vinte pratas. Amigo, a vida é dura para quem nasceu poeta e sem vocação alguma para ganhar dinheiro. Prossigo meu caminho, que é caminho nenhum, transeunte sem rota, sem norte, sem aura, às avessas. O passo veloz, corto as ruas, as esquinas, os canteiros. Alcanço o Largo da Ordem, a essa hora hora ainda povoado pela burguesia adiposa de Curitiba. Atravesso a Praça Tiradentes, escura, um casal bolinando num banco, um mendigo dormindo no outro. Desço pela Rua das Flores, cruzo por punks, ratazanas atravessam o calçadão quase deserto, salvo dois ou três notívagos. Passo pela Boca Maldita, agora calada, seus aposenta-

dos dormindo e sonhando com outra Curitiba que os anos não trazem mais. Atinjo a Praça Osório e saúdo — salve, salve, meu príncipe — o busto de Emiliano Pernetta na herma entre os pederastas. Todo mundo é meio taciturno em Curitiba, meio poeta, meio louco, meio simbolista. Deve ser o fog londrino que por descuido de São Pedro veio parar também aqui — ou então é o espectro do Dario Veloso ou do Rocha Pombo que não nos deixa em paz. Quanto a mim, sou inteiramente sombrio, hipocondríaco, merencório, como se dizia antigamente. (Merencório, gosto dessa palavra.) Nasci sob o signo de Saturno, odeio sol, odeio luz, odeio sorriso de criança. Jardins, triciclos, balões coloridos? Estou fora. Chás em academias, ciclos de leitura, cafés com viados metidos a intelectuais? Também estou fora, camarada. Dou a volta, subo pela Visconde de Guarapuava, chego à Fernando Moreira, observo os supracitados chorões sobre o córrego que não vê peixe há muitas décadas e me recordo da enforcada. Meu velho, eu me preveni. Do último trampo me sobrou uma grana, com a qual eu fiz um seguro para ela. Com o cobre edito o opúsculo. O título? O último nefelibata. É isso aí, cara, eu sou o último nefelibata, o último autêntico dessa capital provinciana que já teve dias melhores e que por um mero acaso, já disse, um puro capricho dos deuses, veio parar nesse país entre os tristes trópicos. Subo agora pela Cândido Lopes, ali a Biblioteca Pública, museu dos paranistas. Mais uma dose. Pelo menos eu vou ficar com o seguro. Menos mal. Para ela eu acendo uma vela, afinal era minha mãe, doidivanas, decrépita, mas minha mãe, uma vela bem grande, do tamanho dela, preta, que é para ela não sair do inferno. Uma estadia no inferno? Não, a eternidade. Ela disse: com a titica que eu ganho só dá para um, entendeu? Só dá para um. Como tu não serve para nada, nem para consertar a bosta de um chuveiro, tu cai fora. É duro ouvir isso da mãe da gente. Bom, a conversa está boa mas eu vou andando, tenho que dar parte na delegacia. Seu delegado, que horror, a minha mãe se matou, se dependurou do cano do chuveiro em seu último cachecol. É conveniente chorar um pouco.

Mas bem pouco. Ninguém chora muito por uma velha louca. A noite, a brisa, a bruma, o álcool me dão uma estranha sensação, como eu disse. À mente me vem versos, árias, imagens. Quero morrer assim: uma garrafa de conhaque de um lado, um livro do Edgar Allan Poe do outro. Tedium vitae, spleen, nevroses, como se falava. (Nevrose, gosto dessa palavra.) Já disse: sou meio louco, vampiro, cão danado. Já fui pitagórico, rosacruz, bati ponto no Templo das Musas, já bebi sangue de galinha no cemitério. Agora estou mais cool, o meu divertimento é tomar um conhaque e andar a esmo pelas ruas de Curitiba, saudando os mendigos, as prostitutas, os invertidos. Sou poeta e portanto inadaptado à vida. Sem um trago, meu velho, não dá. Não dá para aguentar o frio, não dá para aguentar a vida, não dá para aguentar a velha me dizendo todo santo dia, como se eu tivesse dezessete anos, que se eu não arranjar mufunfa alguma ela me enxota de casa. Que Deus a tenha. No inferno não vai precisar de chuveiro elétrico. Nau sem rumo, barco embriagado, estou de volta ao São Francisco. Me apraz contemplar as fachadas desses casarões centenários na névoa das três e quarenta da matina. Pouca gente na rua agora, um guarda noturno, um cachorro sarnento, um velho fedido dormindo na rua. Mas devo seguir, despentalar até o fim a última flor do mal. Me desvio de um crioulo bêbado, atravesso a avenida, os faróis do carro são duas grandes nebulosas. Chego a este bar, quatro mesas, três fregueses e encontro você — que me fez a gentileza de ouvir esta história. Foi muito boa a conversa, meu chapa. Deu para espairecer. Mas devo seguir viagem. Cumprir meu destino. O corpo já deve estar frio, gelado, ficando azul, os olhinhos saltados. Muito prazer. Deixa que esta eu pago. Faço questão. Não está lembrado? Eu tenho uma chelpa para receber. Com licença, preciso ir à delegacia. Que maçada essas coisas, velório, enterro, apertos de mão. Parente velho só serve mesmo para morrer. Eu nunca fui muito prático. Fazer o quê? É a vida. As pessoas nascem, as pessoas morrem. Entre uma coisa e outra elas pagam contas, tomam remédios, suportam filas e se desesperam. Algu-

mas, as mais sensíveis e delicadas, fazem versos, como eu. Versos inúteis que não publicam. Ah, mas dá na mesma, foder ou ser fodido, escrever ou ser escrito, poeta ou salafrário. Agora eu vou. Encaro o delegado e conto que a velha se matou. Afinal, foi ela que disse: ou é tu ou sou eu. Não dá para os dois. Ou danço eu ou dança ela, meu irmão. Como eu sou mais esperto, dançou ela. Todo mundo é meio psicótico em Curitiba. Menos eu.

Otto Leopoldo Winck nasceu no Rio de Janeiro, capital, em 1967. Depois de uma passagem por Porto Alegre, radicou-se em Curitiba, em 1982. Em 2006 foi vencedor do prêmio da Academia de Letras da Bahia, com o romance *Jaboc*, publicado no ano seguinte pela Editora Garamond. É doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná, com uma pesquisa sobre a construção da identidade na literatura galega. Em 2008 foi contemplado com uma Bolsa para Obras em Fase de Conclusão da Biblioteca Nacional e em 2010 recebeu a Bolsa Funarte de Criação Literária, com as quais, respectivamente, produziu um romance e uma novela, ainda inéditos.

Nano

PAULO SANDRINI

Para Gianluca Sandrini

Sobre a unha do meu polegar. Quase invisível a olho nu.

O nome dele é Nano, está me dizendo o Doutor Hilário Concepción.

Nano é o menor robô do mundo segundo seus inventores. Foi concebido para percorrer o corpo humano desobstruindo artérias e atacando células cancerígenas.

Sobre o nome da tal invenção, discorre ainda o doutor: *nano* é um prefixo do grego antigo que significa anão.

Altos níveis de homocisteína em meu sangue foram responsáveis por entupirem minhas artérias e conseqüentemente por dois infartos. Dê graças, diz o Doutor Hilário, de você não estar sofrendo de uma aterosclerose, pois a homocisteína, essa porcaria de aminoácido produzido após a digestão de carnes ou laticínios, além de deixar as artérias suscetíveis à formação de coágulos, contribui ainda para a formação de depósitos de gordura nas paredes dos vasos, aumentando sua rigidez, e aí, pimba: aterosclerose.

Durante os últimos meses venho ingerindo suplementos de complexo B (vitaminas B6, B12), mais ácido fólico, para baixar os níveis desse aminoácido não essencial que já vem sendo chamado de *o colesterol do século XXI*. Foi o Doutor Hilário também quem me disse isso, ao mesmo tempo em que seus olhos ganhavam um brilho singular.

Os níveis de homocisteína em meu organismo, hoje, estão aceitáveis, mas os estragos causados pelo seu excesso anterior podem ser

ainda encontrados em mim sob a forma de outras placas a entupirem as coronárias. O que, com certeza, me acarretará um terceiro infarto se nada for feito.

A tarefa de Nano é me livrar disso.

Daqui umas três horas, começarei a sentir os efeitos da viagem insólita do meu pequeno amigo.

Um rasgo na virilha e pronto: Nano estará dentro de mim.

Tenho a sensação de que sentirei constantes cócegas quando Nano começar a percorrer minhas vias sanguíneas.

Não, me diz o Doutor Hilário, você nada sentirá; Nano, como todo bom funcionário, trabalhará em silêncio e quando você mal tiver percebido o serviço estará feito.

Doutor Hilário recolhe Nano do meu polegar. O minúsculo produto de nanotecnologia passará por uma assepsia completa. Depois disso, seremos indissociáveis por horas. Tudo o que disser respeito a Nano, dirá respeito a mim, a minha situação.

Enquanto Nano vai para o banho, eu vou sendo encaminhado para o CION, Centro de Inserção do Objeto de Nanotecnologia, que é como chamam o que seria o centro cirúrgico deste hospital experimental.

Serei o segundo território que Nano vai explorar. O primeiro foi um senhor de uns sessenta anos. A Operação Nano, como denominaram por aqui o trabalho do quase invisível robô junto ao aparato e à equipe que o monitora, foi um sucesso: uma artéria totalmente desobstruída em um tempo relativamente curto e uma minúscula aglomeração de células cancerígenas detonada. Meu caso, certamente, é mais demorado. Uma coronária parcialmente bloqueada em três pontos e outra, em dois; e quem sabe algumas células cancerígenas no meio do caminho. Se a experiência der certo comigo, Nano estará pronto para desbravar o mercado internacional de artérias entupidas e futuros cânceres, pois passará a ser produzido em série para hospitais do mundo todo ou pelo menos do mundo que possa pagar por ele. Por enquanto, a Operação Nano é caríssima e eu sou um privilegiado, apesar de cobaia.

Me fazem tomar uma substância líquida — amarela, cítrica e amarga, muito rala, que dizem auxiliará a viagem de Nano — e já vou sendo conduzido pelos corredores do hospital até o CION. Tudo é muito limpo e organizado, como deve ser uma empresa privada do setor de saúde. Nas paredes, os cartazes dos produtos de nanotecnologia vão vendendo a ideia de que chegamos a uma nova era para a saúde humana, seja em consequência dos remédios que atuam com exclusividade sobre a região do organismo afetada pela doença ou em consequência dos cremes com partículas microscópicas de vitamina E para retardar o envelhecimento, entre outras coisas. E entre essas e as demais imagens e mensagens, um pôster de Nano, numa foto ampliada (mas para demonstrar seu real tamanho, no canto inferior direito da peça publicitária há uma foto da pequena invenção sobre a unha de um dedo polegar) em que se pode ver bem sua forma: Nano se parece com um capacete de trabalhador, daí o slogan: Nano, um operário da nanotecnologia a serviço de sua saúde.

Uma garota vestida com camiseta e boné com ilustrações de Nano me aguarda em frente a uma espécie de display montado logo à entrada do CION. Ela me dá um fôlder para que eu me informe sobre como será todo o procedimento durante a operação à qual irei me submeter. Em seguida, coloca em minhas mãos um bonequinho de Nano para que eu o guarde como lembrança e fale bem dele mundo afora. Ela me dá ainda mais um líquido para ingerir, agora viscoso, de um verde fluorescente que, segundo leio no fôlder, auxiliará na localização de Nano dentro do meu corpo.

Aqui as enfermeiras foram substituídas por garotas muito saudáveis que são chamadas de promotoras de saúde ou simplesmente promoters. Vivem com um esgar ininterrupto na cara, simulando um sorriso. Isso tudo me lembra uma feira de produtos de saúde ou de outros produtos quaisquer (me ocorre que nunca estive numa feira de produtos de saúde) e me faz esquecer de que estou num hospital.

Ouvi a prometer dizer que todo esse ambiente aqui é bom para que o paciente sinta confiança durante a experiência à qual vai se submeter. Esquecer de que se está num hospital tem grande importância para se obter sucesso com a Operação, ela garante.

Enfim, a saúde também é um negócio e todo negócio tem de garantir bons serviços aos clientes, apesar de alguns clientes desse nicho (a saúde) não poderem voltar para reclamar depois de se submeterem a determinados serviços.

Imagina isso aqui com aquela cara de matadouro que possuem os hospitais públicos, por exemplo? — desfere a prometer, certa de estar inoculando em mim uma dose a mais de confiança.

Sinto uma pressão na virilha. Parece que estou recebendo um tiro. O projétil me é introduzido e sua parada principal é meu coração. Nano está em mim. Durante horas vai me desobstruir as artérias e vasculhará, com minúcia, meu corpo em busca de possíveis células cancerígenas. Dois trabalhos em um.

O preço para se ter Nano no organismo é alto (apesar de eu já ter dito que sou cobaia), por isso ele trabalha dobrado em cada operação. Talvez esse robozinho seja tão caro porque constitua uma novidade, e toda a novidade tem de ser cara até virar carne de vaca. Ou há mesmo uma supervalorização do produto e do serviço como há em qualquer outro tipo de negócio; não seria de se esperar que com Nano fosse diferente. Enfim, os membros da equipe do Doutor Hilário Concepción me afirmam que sou um abençoado, que Nano é muito, muito caro e ainda não é para qualquer um, e por isso tenho cá com meus botões: a partir de hoje já não sou mais “qualquer um”.

No universo eletrônico, quanto menor, mais caro, brinca o Doutor Hilário, e se Nano é quase invisível, o dinheiro pago por ele seria inversamente proporcional, rá rá rá!

Acho que sairei daqui devendo a alma, pois se hoje em dia não nos pedem dinheiro é porque é a nossa alma que vão cobrar. Certeza. Só não sabemos como e quando. No entanto, com Nano dentro de mim,

sei que estarei em breve com as veias livres para que o sangue me irrigue por completo o músculo essencial da vida. E se houver algum princípio de tumor nos recônditos do meu corpo, esse logo será bombardeado pelo pequenino ser robótico. Isso, não posso negar, me faz sentir um profundo bem-estar.

Sigo atento, acompanhando a trajetória de Nano por meio de um painel eletrônico com um pequeno ponto luminoso a se mover (esse ponto luminoso, claro, é Nano) em direção ao coração do desenho de um corpo humano a simular a estrutura física do paciente, neste caso o meu. Mais ao lado, um assistente acompanha num monitor de setenta e duas polegadas as imagens incrivelmente geradas pela nanocâmara que o robozinho milionário carrega consigo para registrar em vídeo todo o seu trabalho, que por enquanto vai bem, segundo Doutor Hilário, e por isso posso ficar tranquilo. Digo que estou bem. Sinto apenas uma leve sonolência. O doutor me diz que é normal e que eu posso dormir à vontade, afinal serão horas com Nano dentro de mim a trabalhar à exaustão para vasculhar em detalhes todo o meu organismo depois de me desentupir as coronárias.

Após quatro horas, e depois de ter ficado muito sonolento — mas não ter dormido, me mantendo absorto na luz fria fluorescente no teto —, volto a acompanhar pelo painel eletrônico a viagem do meu salvador. Agora ele está parado, no meu pescoço. Acabo de saber que o serviço em minhas coronárias já foi realizado com sucesso, o sangue flui normalmente por elas e meu coração fatigado agradece. A partir de agora Nano continuará seu périplo pelo meu corpo, lá nos mais profundos recônditos, para ver se encontra as tão temidas células da doença maldita.

Nano caminha um pouco e para. Mais um pouco. E para. Assim segue seu agora tedioso trabalho de algoz do câncer. Observá-lo, desse modo, em seu trabalho paulatino, me causa mais sonolência. Mas, apesar de um pouco exausto, insisto em não dormir. Tenho pavor de sofrer qualquer tipo de complicação dormindo quando fazem esses

tratamentos enfiando coisas no nosso corpo. Se algo de ruim tiver de me acontecer, que aconteça quando eu estiver acordado.

Então puxo assunto com os únicos dois médicos assistentes que restam acompanhando a operação. Quero saber por onde Nano deixará meu corpo quando terminar sua vistoria. Já sei a resposta, mas pergunto só para quebrar o silêncio e a calma que se abatem sobre o CION em consequência do sucesso, até aqui, da Operação. Nenhuma urgência. Nenhum percalço para o pequenino.

Um dos assistentes pergunta se quero mesmo saber por onde Nano deixará meu corpo, aí dá uma risada. O outro assistente também ri. Eu rio. Todos rimos por saber que se a Operação tem uma parte cômica, essa parte é a da saída de Nano.

O ponto de luz continua a se mover no painel. As imagens no monitor não acusam nada sério com minhas células, segundo o assistente. Não há algo com que se preocupar além das artérias que já foram desobstruídas. Canso de olhar para o painel eletrônico e para o monitor de vídeo. Me ponho a pensar em outras coisas, como numa boa refeição ao sair daqui: aquela carne assada com gordurinha derretendo nas bordas. Olha aí mais trabalho para Nano, no futuro.

Um murro no painel eletrônico e retorno do mundo dos pratos suculentos. Um dos assistentes está furioso. O outro, um pouco menos. Mas ambos estão a xingar o pequeno robô, que aparece e desaparece no painel, pisca por um tempo depois para de piscar. Sua nanocâmera gera, às vezes, algumas imagens, mas quando os assistentes estão quase conseguindo localizar em que parte do meu corpo está Nano as imagens são interrompidas. Nano, diz um dos assistentes, parece estar brincando de esconde-esconde. Maldito, diz um deles, essa droga custou milhões em pesquisa para desaparecer no meio do expediente. E a brincadeira de Nano se prolonga. Apesar dos sumiços dele dentro de mim não sinto nada de anormal. Mas os assistentes, sim. Tanto que agora os dois estão a desferir palavras do mais baixo calão contra o pequeno operário da saúde. Nano prossegue brincan-

do: pisca, some, pisca, pisca, some; gera imagens pela nanocâmera, dá um fade to black, gera imagens, e mais um longo fade to black. Não aguento a situação, que é hilária, então rio, baixinho, para que ninguém perceba. Estou prestes a levar para casa, dentro de mim, milhões de dólares em pesquisa. Ficamos um bom tempo nesse some-aparece-some-aparece de Nano. Até que por fim ele some de vez.

Começo a rir mais alto. Mais alto. Alto. Mas não por achar a situação engraçada. Sim, porque estou sentindo arrepios, formigamentos e cócegas pelo corpo. Não sei ao certo em que ponto. Parece no abdômen. Parece no cotovelo. Parece na virilha. Parece na cabeça. Parece. Não sei. Só quero rir, porque não aguento. Nano, maldito Nano!, dá mais uma piscadinha no painel eletrônico. Então, uma imagem no monitor. Poucos segundos de apresentação e o show de Nano vai de novo para o intervalo. Eu sigo rindo. Rindo. Rindo e rindo. Gargalhando. Os médicos não conseguem me fazer parar. E também não têm a menor ideia de onde está Nano, que apareceu da última vez na região do baço. Querem me aplicar um tranquilizante. Antes chamam, aflitos, pelo Doutor Hilário Concepción. Que vem bufando.

O homem coça a cabeça, o queixo. Cofia o bigodinho. Bufa. Anda de um lado para outro. Olha para o painel eletrônico. Olha para mim. Desfere improperios para todos os lados. Aciona pelo celular os construtores de Nano. Eles não têm uma resposta na ponta da língua. O robô, segundo eles, estaria programado para ter deixado o meu corpo assim que completasse seu giro. Mas isso não aconteceu, grita Doutor Hilário Concepción. Uma reunião urgente é convocada. Sigo com minhas gargalhadas. Eu e Nano agora formamos uma dupla bem-humorada. Mal-humorados só os membros da equipe médica, que vêm chegando um a um, cabisbaixos, escutando os esporros do Doutor Hilário. Que diz que a primeira coisa a ser feita é cortar minhas gargalhadas que ecoam pelo CION. (Nano também deve estar gargalhando, eletronicamente, à sua maneira). Me socam uma enorme agulha na veia.

Visão turva. Os sentidos lentos. Mesmo assim solto pequenas gargalhadas de vez em quando pois as cócegas não cessam. Um projeto de milhões desaparecendo assim, se irrita o Doutor Onagro, diretor geral do Hospital, agora também aqui presente. Sim, um projeto de milhões, lamenta Doutor Hilário Concepción. Tratem de encontrar esse maldito robô, seus ineptos, grita o Doutor Onagro. Ouviram — reforça a ordem Doutor Hilário, num grito mais alto ainda —, encontrem o maldito robô, vivo ou morto. Os homens de branco começam a se agitar. Uma agitação típica de uma situação de emergência num centro cirúrgico. Apesar de estar lento dos sentidos e querer continuar gargalhando por causa das cócegas, posso perceber o olhar disseccador com que o Doutor Onagro e seus asseclas me fulminam.

Nano, seu merdinha!

Paulo Sandrini (Vera Cruz, 1971) viveu em Bauru até 1994, quando se mudou para Curitiba. Designer, Mestre e Doutor em Estudos Literários, é também editor da Kafka Edições. Publicou os livros de contos *O estranho hábito de dormir em pé* e *Código d'incríveis objetos & histórias de lebensraum*, de onde saiu este conto, além das novelas *Osculum obscenum* e *O rei era assim*.

O visitante

PAULO VENTURELLI

Ao fechar a porta da garagem, Júlio Borges percebe que a noite desceu. Ele entra em casa. Os móveis estão cobertos com lençóis ou grandes sacos plásticos. Retira os envoltórios. Apesar do abandono de quase dois anos, a casa está em ordem. Dona Lídia foi uma vizinha atenciosa.

Júlio descarrega o carro. Enche a geladeira, os armários. O café deve ser bem forte. Então escorre como óleo. Espesso. Corpo de cavalo na tempestade. O pão com manteiga tine entre os dentes. A geleia de fruta arde na garganta. E o cigarro inunda a sala com a paz azulada. Júlio deixou apenas um abajur de canto aceso. Traga. Os olhos na tranquilidade passeiam pelos móveis.

De repente, ouve o mar. Tormentoso, selvagem como sabe ser o mar, na tentativa de conseguir milímetros a mais de avanço na areia. Júlio abre a porta da varanda. Não faz frio, apesar do vento. Um sal diluído paira no ar e vergasta os olhos, a pele desprotegida dos lábios. Com as mãos agarra a balaustrada. Ele segue o movimento das águas.

Sob o luar, as ondas parecem pesadas, insinuando profundidade. Nenhuma face conhecida. O mar estende-se até o nada. Júlio deixa a fumaça do cigarro dar tênues chicotadas no vento. O vento consome o cigarro com rapidez. E as ondas debatem-se entre cabeleiras e garras, querendo marcar presença ou apontar para a alucinação de alguém estar ali àquela hora. Algo habita as trevas e murmura, e dança na transparência do luar um fogo invisível que deixa o homem ainda mais pacificado.

Ele tranca a porta devagar. Sobe a escada consciente de cada degrau. No escritório, Júlio esparrama as luzes. As estantes cheias de

livros, a mesa, as poltronas formando um L diante do janelão que vigia o oceano e abre para a sacada. Ali está a espreguiçadeira, os vasos de folhagens verdes. Ele senta-se diante da escrivaninha. Ambas as mãos estão firmes sobre o risca e rabisca. As anotações são de dois anos atrás. Números de telefone, endereços ilegíveis, pequenos desenhos que preenchem o vazio de longos telefonemas. Em cada sinal, um toque em busca de expressão que ele agora desconhece.

Abre a gaveta. Cheia de papel disperso. Acende a luminária da mesa. E inspira fundo. O mar chega até ali, ele permite a invasão. Mas não é intruso e sim complemento da cor das paredes, do vácuo impreciso, da impulsão para lançar-se além daqui. Dentre os livros, há espaços. Júlio retirou algumas obras indispensáveis na cidade, onde durante dois anos deu de si até a última gota e, de repente, empacou. Suspira e absorve dos lábios a poeira salgada. Levanta-se e desce às pressas a escada. Atravessa a cozinha, chega à garagem, sentando-se no carro, como quem foge. Apanha a pasta azul. Depois, a de couro, melhor conservada.

De novo no escritório, retira o maço de papel da pasta azul. Por alguns segundos, acompanha as estrias esbranquiçadas que cobrem o papelão da capa em múltiplas direções. Júlio relê as últimas páginas escritas.

Valeriano sobe com dificuldade a serra, empurrando a bicicleta e seguindo a mulher desvairada que só faz dizer, é ali, é logo ali, e nunca chegam a lugar algum. O suor escorre quase cegando o homem que sente no coração uma espécie de desfalecimento pelo esforço de subir e subir.

O romance está bom. Pulsa com corrosão em cada gesto daqueles dois que se engalfinham na noite úmida, uma espécie de loucura que consome a energia do operário.

Foi tudo muito rápido e sem sentido. Ao abrir a porta, ele dá de cara com a mulher encharcada pela chuva, pedindo ajuda. Valeriano não vacila. Toma a bicicleta e leva a mulher em busca da casa. Ela afirmara que estava atrás de um médico, depois veio a tempestade e

ela não tem como enfrentar sozinha a escuridão. A única janela acesa que ela encontrou foi a do senhor, por isso bati, me perdoe, mas não tenho mais a quem recorrer, antes que seja tarde, eu tenho que chegar em casa, tenho que chegar o mais rápido possível. E a maldita casa nunca é localizada, não se aproxima. Subida, lama, chuva, cansaço e fastio misturam-se na caminhada. Ele pensa em empurrar a mulher na direção daqueles precipícios e se livrar da jornada sem fim, do pesadelo, do frio que queima o estômago.

Esta era a questão. Esta é a questão. Para resolvê-la, Júlio está ali. Isolou-se e agora no mundo só há mar e vento e as luzes que lhe dão aconchego. Abre o janelão. Júlio rabisca palavras a esmo, encarcera-as em quadriláteros, em círculos ovoides. O cigarro vaza o ruído do mar e do vento com a brasa intermitente. Júlio volta a atenção para os esquemas temperados durante os últimos meses e não sabe que direção tomar. O prazo para entregar o original termina na próxima semana. O adiantamento já foi torrado. E ele jamais deixou de cumprir cláusulas dos contratos.

Livre do trabalho pelo feriadão que iria emendar o final de semana, Valeriano cuidou do que mais gostava: suas galinhas. Arrumou o cercado, refez os canteiros de verduras. A terra amolecida com a chuva dos últimos dias agarrava-se às botas e insistia em trazer ao ar um cheiro que mistura matéria podre e merda. Valeriano assobia. Os filhos lambuzaram a bola de barro. A mulher, na sala pequena, dá conta das costuras que alargam o salário para possuírem esta casa, este quintal, as três crianças. Depois do banho, um desejo de cama. Valeriano só pensava em ficar em casa, com a mulher mais os filhos. Pipoca e a novela que tava danada de boa. Justo nesta hora, batem à porta. Para não incomodar a esposa, ele atende. E se vê diante de uma loira tinindo de beleza, mesmo encharcada ou justo por isso. Ela dizia coisas sem sentido, atropelava as palavras, os olhos arregalados da desesperada. Ele só entendeu que ela precisava de ajuda. Avisou à mulher que teria de sair para ajudar a coitada e voltava logo. Angelina,

os olhos perpassando fios e flores de pano, riu entre o chocho e o simples hábito e pespegou-lhe sem qualquer malícia, larga esta mania de samaritano, home. E lá se foi ele. Serra acima. A mulher loira na guampa da bicicleta. Pedalou o que deu. Quando o morro empinou, arriou a magrela, dizendo: daí em diante o caminho seria a pé. A mulher só grunhia, é logo ali, é logo ali. A noite escura. A mulher parou sem que Valeriano percebesse. Muda, estática, deixou que ele esbarrasse nela. Ele sentiu no peito a carne atingida dos seios e não pestanejou. Deitou a dona sobre o capim e comeu as frutas do mundo. A puta murmurava, e ele já farto de tudo, querendo mais era voltar para casa.

Júlio Borges suga o cigarro com vagar. As possibilidades de desfecho escancaram certezas e dúvidas. Em dois anos, escreveu mais de cento e cinquenta páginas em torno do operário, da louca e da subida. Que fim dar àquele enredo, o que fazer para manter a coerência do homem que estava se sentindo um lixo? Onde ficara sua bondade? Como descrever sua volta para casa e o reencontro com a esposa? A culpa. A certeza de haver abusado de uma desamparada. Passou a odiar a vagabunda que certamente não tinha pouso em lugar algum e vivia de expedientes para levar os trouxas no bico. Júlio aprofunda os olhos no cinzeiro: tocos de cigarro materializam as curvas do tempo: o tempo que se esvai.

É quando alguém bate à porta. O escritor primeiro imaginou que fosse algum golpe do vento. Manteve a mão no ar, na direção do cinzeiro, enquanto o lábio inferior empurrava em linha reta a fumaça para as luzes do escritório. Apurou o ouvido. Novas batidas. O mar invadia a casa, desordenava o esqueleto das horas. Mas, sem dúvida, alguém estava batendo. Ele precisa descer, abrir, incomodar-se com algum pescador pedindo ajuda. Já via o moleque de pé cortado, de cara amarela, de barriga inchada. O homem encarquilhado, de chapéu na mão, enrolando qualquer coisa em sua humildade, no apelo a voismicê que não sabe quanto vai deixar este filho de Deus agradecido.

Ele abre a porta. Tem diante de si um jovem de cabelos ondu-

lados, olhar aceso, pele clara e, no conjunto, um ar de desamparo e expectativa. O rapaz, como se impulsionado por descontração incongruente com a expressão facial, diz:

— Preciso falar com o senhor...

Júlio, com as duas mãos no bolso, faz com os ombros um movimento de quem os encaixa no lugar e, ao mesmo tempo, não vê outra saída senão atender à vontade da visita inesperada:

— Muito bem! Vamos entrando.

O jovem veste comprida jaqueta de veludo, puída nos punhos, na gola, nos cotovelos. Curvado, os braços estendidos sobre as coxas, depois de sentar-se, ele fica a contemplar o piso, enquanto fuma com atenção, como se fosse a última coisa importante na Terra.

Júlio permanece de pé e espera. A cabeça vazia de razões e perguntas. Os ouvidos misturando o som do mar e o resfolegar de Valeriano. O coração amplamente aéreo. Ele sentia-se num parêntese aberto entre os nadas sartrianos. E olhava. Olhava o mancebo que traga de modo contínuo e cada vez que leva o cigarro aos lábios, concentra-se na brasa, quem sabe o último sinal de vida que era capaz de entender. Ao apagar o cigarro num vaso de violeta, ele repete:

— Preciso falar com o senhor...

— Sim — responde Júlio, sem sal, sem coragem de antever o que seja.

O moço ergue-se. Concentrou-se agora nas mãos que alisava, passando-as e repassando-as na jaqueta. Deu alguns passos pela sala e, sem mais, nem menos, encarou o escritor. Não se podia negar que aqueles eram olhos intensos, numa aura estranha de alguém acostumado a geografias diferentes das nossas. Um personagem ao vivo. Posso aproveitá-lo no romance. Será? A pose do rapaz revelava inquietude, como um gato com as patas feridas no muro cravado de cacos de vidro. Ao mesmo tempo que parecia à vontade, estava travado nos gestos, tentando reinventar a voz, com dificuldade de articular o pensamento. Já sei, deve estar chumbado. Veio com a turma, fumou todos e agora não tem a mínima ideia de onde está. Sacudindo a ca-

beça, os anéis dos cabelos fartos dançando com lentidão, ele falou:

— Pois é... Tive sorte de encontrar o senhor hoje aqui. É que, sabe, sou muito intuitivo. É isso. Eu segui minha intuição. Alguma energia muito forte no ar, em torno de mim, me dizia que eu devia vir e eu vim. Estou aqui. Dei sorte. Não é um barato?

— Você mora aqui, no litoral...?

A jaqueta de veludo parecia agora demasiado grande para o corpo que vestia. As mãos magras e alongadas poderiam querer arrancá-la. Se o mar avança dois milímetros por ano rumo à orla, as unhas do guri enterravam-se no tecido alguns centímetros e, em breve, ele estaria vestido de trapos.

— Não, não, quer dizer... Que importa, né? Onde eu moro, sabe? Não, isso não importa mesmo. Tipo assim, minha mente é que manda. E ela me mandou aqui e eu tô aqui, sacou? De que adianta o senhor saber onde eu moro?

Júlio pediu licença e subiu ao escritório para buscar um cigarro. Do topo da escada, olhou para o visitante que agora se deitara no sofá, tomando cuidado para projetar os pés além do móvel. Um braço estendia-se da boca até a mesa, porque ele fumava novamente e usava como cinzeiro um bibelô feito de conchas, nem sempre acertando o lugar onde pretendia depositar as cinzas. Mantinha os olhos fechados.

O escritor voltou e sentou-se noutra poltrona. Não esboçou intenção de falar, não se atreveu a nenhuma investigação. Deixou que Valeriano subisse um pouco mais a serra, suasse mais. A mulher ferida, esperma escorrendo pelas coxas, gorgolejava palavras aos pedaços, garantindo que logo chegariam.

De repente, um passo em falso sobre uma pedra levou a perna do operário com muita violência contra o pedal da bicicleta, abrindo um corte fundo. Valeriano amaldiçoou a ardência. Sem lanterna ou isqueiro, não tinha como verificar o estrago. Sentia as mordidas latejantes e a substância espessa a deslizar até o tornozelo, embolando-se entre a planta do pé e o chinelo. Acho melhor a gente voltar. Amanhã, dia

claro, trago a senhora até em casa. Vai ser menos trabalhoso.

— ... aí eu cheguei aqui, porque eu tinha certeza de que o senhor viria hoje. Minha intuição, sabe como é? Uma certeza funda dentro de mim. E tô superfeliz, porque eu nunca me engano com as minhas sacações.

Ele abriu a jaqueta. Talvez estivesse úmida pela salinidade noturna. Talvez o luar a tivesse emplastrado com dúzias de sombras. Talvez a cor do mar, noturna e baça, tivesse desarranjado o tecido e as costuras. E ao abrir a jaqueta, ele deixou entrever, no bolso interno, um volume de papel com folhas mal dobradas. Estavam cheias de rugas, uma maçaroca quase sem salvação.

Júlio tentou dar rumo ao momento:

— Você gostaria de um café? Acabei de passar. Topa?

— Ah, legal, pode ser. Puxa, vai ser um barato tomar café feito pelo senhor. Muita honra mesmo, pode ter certeza. Vou confirmar que minhas sacações são ainda mais profundas do que eu esperava...

Café bebido, Júlio cruza os braços, estica as pernas, como quem se prepara para dormir. Viu passar, lá fora, Valeriano meio reclinado sobre a bicicleta. Mas a loira, nada de aparecer. E sem pensar, solta entre o balido das ondas:

— Bom, em que eu poderia ajudá-lo?

O garoto da jaqueta puída dá uma risada fina, ar em demasia saindo pelos lábios, e parece desmontar a beleza do rosto, porque tenta esconder a timidez:

— Não tô precisando de ajuda, não. Só precisava falar com o senhor. De verdade. Precisava e muito. Agora que tô aqui, nem acredito, é um tremendo barato, disse o senhor pode ter certeza.

O relógio bate meia-noite. O mar parece recuar. Tudo tão profundo que se tem a impressão de não haver ninguém na sala. Na varanda, os ramos das folhagens dão longo adeus, sem nunca esgotar o repertório de movimentos.

— Olha, eu não quero ser grosseiro. Mas quando você chegou, eu estava trabalhando. Escrevendo, sabe como é? Quer dizer, venho

tentando retomar um romance que está empacado e vim pra cá pra me isolar e...

— E o senhor pensa que eu não sei? Claro que sei! Por que tô aqui?! Ora, é preciso dizer? Eu sei que o senhor é escritor. Ora, se não sei. Por que o senhor acha que vim até aqui, hem? Nem pense que eu não sei.

— Então...

— Ah, então nada... é..., eu só queria... Ah, deixa pra lá.

Antevendo o maço de papel brotando dos fundos daquele bolso, Júlio pressentiu que ele logo seria conduzido para suas mãos. A montanha de poemas desconexos, sem nada dizer, os encadeamentos fônicos espalhados pelo aluvião branco do papel, os versos curtos, quebrados, a ausência de pontuação, os arranjos verbais sem nenhuma marca pessoal. Nenhuma vértebra. Pios de lusco-fusco. Erupções de escrotos saturados. Words, words, words. Dunas mutáveis. Ramas secas. Caveiras à beira do lago.

Não disse? O rapaz chegou a levar a mão até o interior do casaco. Porém, a mão buscou um bolso mais fundo e trouxe de lá um cachimbo carcomido e um pacote de fumo.

Como a dor está forte demais, Valeriano resolveu sentar-se sobre uma pedra que mal divisava no compacto da chuva. Rasgou um pedaço da camisa e enfaixou o local ferido. Buscou no bolso da calça um cigarro e o maço estava um pirão de papel e fumo. Filho da puta, nem uma pitada posso dar agora. A mulher se aproximou. Quer fumar? Tenho cigarro na bolsa. Ele deixou as mãos em concha, enquanto a mulher riscava o fósforo para acender o cigarro. Pediu que ela levasse a pequena chama até o ferimento. Apagou-se. Depois de duas ou três tentativas, ela conseguiu manter o fogo. Valeriano retirou o pano. Viu que a ferida não era grande coisa. Já passei por algo pior. A mulher também sentou-se. Colocou uma das mãos sobre o sexo dele e passou a morder sua orelha. Vai dizer que não tá bom. Que tal a gente dar mais uma antes de chegar... Mas chegar aonde, Santo Cristo? Quantas horas faz que a gente tá na estrada? Ah, não importa. É logo ali, já tô ouvindo o

barulho da cachoeira. Fica logo depois. Que cachoeira porra nenhuma. Não vê que é a chuva no mato?

— Nos momentos importantes da minha vida, eu gosto de fumar cachimbo, sabe... Isso dá sorte. Uma vez, fui ver um show do Chico Buarque e fui no camarim pedir um autógrafo num disco. Enquanto ele rabiscava, pequei o cachimbo. O senhor acredita se eu disser que ele deu umas baforadas comigo? Ainda disse: o cachimbo da paz. Não é um gênio? Eu acho. Fumar cachimbo faz mais coisas boas acontecerem na minha vida.

Sem descruzar os braços, Jotabê sentia o corte feito pelo pedal na própria perna. Talvez eu mude para uma queda. Os dois rolando pelo barranco, até um rio lá embaixo. Aí, mais sexo. Mas por que estes dois trepam tanto... Isso é coerente com a estrutura psíquica de um homem rude, mas bom? O que tem a ver bondade com luxúria? Animal é animal, independente do coração.

— E por que este momento é importante?

— Então o senhor não sabe? Hoje é meu aniversário. Eu sabia que o senhor ia estar aqui. E eu queria me dar este presente. E estou me dando. E sabe do que mais? Estou fazendo justo hoje 21 anos!!! Tem barato maior? 21 anos e com o senhor comigo pra comemorar...

Valeriano arqueja com aquela louca à sua frente. Pensa no conforto da casa, num lugar do mundo que ele não tem mais como localizar. O calor e o carinho da mulher. Mais as crianças. Pensa no toddy que faz toda noite para a piazzada, antes de dormir. No susto que dá em Angelina quando apaga a luz da sala de costuras, obriga-a a sair dali e a carrega nos braços. Se as crianças já deitaram, amassa o corpo da mulher, no sofá, resfolegam, caem sobre os brinquedos, e só a luz da tevê ilumina aquela pouca-vergonha deliciosa. As pequenas certezas dentro de casa. E este mundaréu aberto no escuro e na chuva. A puta que sabe dar como ninguém. Parece que ela descasca a carne com dentes afiados. E sobe mais alguns metros. É realmente uma cachoeira o que pode ouvir ao longe. Muito longe? Uma cachoeira e depois uma casa?

Ou será só a água? Ou a casa antes? É difícil pensar morro acima.

— Então é mais do que justo que eu fume o meu cachimbo hoje. É um ritual, sabe como é? E não faço isso todo dia, não. Só nos momentos especiais, pra marcar bem e ficar pra sempre na minha memória. Eu sou um cara que valoriza isso: coisas importantes pra depois ter o que contar. Talvez pros filhos, pros netos ou só pros amigos, sei lá. Sabe como é, né?

— Eu sei, sei sei. Só nos momentos importantes.

— É isso aí. E hoje é um dia superimportante. O senhor não concorda comigo? Fazer 21 anos é um barato, né. Essa coisa de não ser mais criança, nem marmanjo ainda. Agora ninguém mais manda em mim. Sou dono inteiro do meu nariz. Não tem mais essa de dar satisfação. Por exemplo: tô *aqui* por que *eu* decidi e ninguém tem nada a ver. E tô aqui e pronto. Dane-se o mundo.

Abrindo um pote com amendoim, Júlio oferece-o à visita. Talvez, empanturrando seu estômago, o intruso resolva dizer a que veio, tapa os buracos, sossega o leão e me deixa voltar ao trabalho.

— Quer um?

— Não, obrigado. Tô com dois dentes cariados. Um de cada lado da boca. Se eu comer doce, é um horror de fisgada. O senhor não reparou que tomei café sem açúcar? E bebi só pelo centro da boca...

— Desculpe, eu não queria lhe causar incômodo.

— Legal, legal. Nada de se desculpar, imagine. Eu é que não queria estorvar. Só vim aqui pra ver o senhor, sabe. É um presente de verdade que eu tinha de dar pra mim hoje. Seria muito chato fazer 21 anos e ficar vagando por aí, com essa vontade queimando em mim de conhecer o senhor. Agora não queima mais nada. Cumpri o que prometi pra mim mesmo.

Num repente de quem acha que a noite está perdida mesmo, Júlio resolve abrir espaço para a conversa:

— Sabe, o meu último livro fala de...

— Eu sei!!! É de um operário. O cara come aquela dona amaluca-

da no meio da chuva...

— Sim..., mas... — Júlio não sabe bem onde está seu estômago. O coração disparou e parece ter descido uns centímetros.

— Não se assuste! É minha intuição. Não falei que sacou as coisas? É só me concentrar, é só botar o olho bem fundo em alguém que enxergo tim-tim por tim-tim...

— Pois bem. Então é isso. Já que você sabe do que se trata, não tem sentido eu querer lhe contar a história — e o incômodo vai rastejando agora por entre as vértebras. E se a intuição deste fedelho me ajudar?

— Nada disso. Se o senhor quiser contar, fique à vontade. Eu só saco o grosso, por assim dizer. Exagerei quando disse que vejo os detalhes. É só por cima, no geral, sabe como é? Vai ser uma honra eu contar pra turma que o senhor me contou seu novo romance.

O cachimbo estava esquecido na mão esquerda. Na direita de Júlio, alguns grãos luzidios pareciam começar a derreter-se. O mar afastara-se e talvez abandonasse o mundo dentro de minutos. As folhagens da varanda estavam quase imóveis. Um pássaro noturno soltou um berro oco que foi até as nuvens e voltou aos pedaços sobre a areia da praia.

Fazendo de conta que estava na companhia de um confidente, Júlio foi soltando:

— Pois é assim. Valeriano e a tresloucada. Estou meio perdido. Não sei bem como levar a história adiante. Quer dizer, não sei que fim dar a esse imbróglio. O “x” do problema é: como chegar num desfecho que não desmonte o personagem em suas linhas mais humanas. Como não deixar que ele se perca numa névoa de indeterminação. Ele é um operário. Um homem simples, dedicado à família etc. Como explicar o envolvimento com aquela visitante noturna e tudo o mais? De que forma faço ele voltar para casa inteiro? Ele precisa continuar sua vida. Porém, é possível depois que a loira aparece?

O rosto alvissareiro do rapaz foi tomado por luz de transparência e pacificação. Ele parecia o peregrino que chegou ao local sagrado.

Perdeu um pouco da vivacidade ou do estouvamento e falou com a paciência de um adulto que alfabetiza um ancião:

— Claro. E por isso o senhor veio para cá. Pode ficar tranquilo que vai achar o final. Tô certo que sim. A tortura da angústia é sempre um modo de vitória. Mesmo que as coisas acabem numa espécie de fumaça nevoenta, isso é uma forma de terminar, o senhor não sabe? Deixa o operário e a loira entrarem num mundo que não é o nosso. É isso que vale. Se é pra ser tudo igual ao que temos aqui, que graça tem escrever? De verdade, não esquite. Eu até já posso ver qual é o final...

Júlio, o escritor encurrulado, levantou-se de inopino. Deixou cair grãos de amendoim sobre o tapete. Longos meses de agonia. Chegara à borda da solução? Encarou a face pálida do rapaz. Parecia estar ainda mais bonito do que quando chegara. Satisfeito, dava a impressão de ter encontrado o rumo da vida. Procurando evitar um excesso de ansiedade na voz, perguntou, meio por acaso:

— O que você quer dizer com “posso ver qual é o final”...

O moço também levantou-se. Limpou da jaqueta restos de fuligem. Depositou o cachimbo sobre a mesa. Com dois passos, estava em frente do escritor. Suas mãos acasalaram-se sobre a nuca de Júlio. Depois, cruzaram os ombros do homem, os braços, e despencaram rumo aos dedos. Massageou-os um a um, improvisando-se em enfermeiro ou vivendo um passe de bruxo que anseia por transmitir ao mortal alguma chave-mestra.

Em seguida, pousando as mãos sobre as coxas vacilantes, procurou a parte interna delas e concentrou-se nos joelhos. As esguias mãos do rapaz que Júlio não sabia de onde vinha detiveram-se ali por segundos. Então rumaram para os pés. Sobre os chinelos de pano, dedilharam um teclado invisível. Júlio percebeu, em meio à estranheza, que o outro estava agora ajoelhado. Meio em transe. Olhos fechados. As mãos boiaram no ar e ele ergueu o tronco. Sem nenhum aviso, sentou-se na posição de Buda.

Nada de abrir os olhos. Murmurava alguma coisa que Júlio não

entendia. E Valeriano chegara a entender os grunhidos da loira? Passou a acreditar que estava diante de um fanático místico ou coisa que o valha, esses que transformam o mundo num insuportável campo de truques e infantilismos. Estaria o rapaz congestionado por espumas de gnomos e bruxas? A vontade era dar um chute no escroto da criatura, jogá-lo no fundo do mar e voltar para o escritório, onde Valeriano exigia continuidade ou fim. Foi quando ouviu:

— Eu sei que o senhor está ansioso. Fazer o quê, né? Mas eu não vou poder dizer qual é o final do livro. Se eu falar, o senhor vai se atormentar pro resto da vida, não sabendo dizer nunca se o final é meu ou do senhor mesmo. E este é o tipo de dúvida que mata uma vida. O senhor, que me deu um presente de aniversário tão fantástico, não merece que eu retribua este momento importante com uma coisa dessas, né? Se eu contar o que Valeriano vai fazer, toda vez que o senhor vier a esta casa e olhar pela janela, nunca vai ter certeza do que está vendo. Prefiro deixar as coisas do jeito que estão. Use a cuca, o sangue, os nervos. Lembre o que o seu xará, o Borges, dizia: a solução pode ser encontrada sempre numa biblioteca.

Deixando o tempo fluir, Júlio foi dizendo, mais para si mesmo do que para o interlocutor:

— Não há motivo algum para acontecer esse tipo de dúvida ou de tormento. Mesmo por que, um texto nunca é só da gente. É meu e de todo mundo que li. E, se você pode sacar qual será o final, isso quer dizer que estará lendo *agora*, o que *eu* vou escrever *depois*. Sendo assim, não tem problema se você abrir o jogo sobre o que está vendo... Sua contribuição poderá ser uma ponte para nossa amizade.

— Não tente me comprar. O que eu tinha pra fazer e dizer está feito e dito. Vim aqui comemorar meus 21 anos com o senhor. Nada mais.

Num pulo, o jovem pôs-se de pé. Arrebatou o cachimbo e guardou-o no bolso. Sentando outra vez no sofá, o visitante começou a coçar com insistência irritante o lóbulo da orelha esquerda.

Antes que o relógio batesse as duas horas, jogando vácuos no ar,

Júlio quase ordenou:

— Bom, já é tarde. Preciso descansar.

— Claro, claro — falou alegremente o outro, como se não esperasse outra coisa. — Tô indo. Mas pense bem na serra. A solução tá ali, quem sabe. Não tem outra saída. Pense na cachoeira. Só que isso não importa mais. Meus 21 anos completos e com o senhor! Nada melhor! Um momento importante, sem dúvida.

E saiu de repente, sem gesto de despedida, sem os tartamudeios de sua ventura estranha. Era como se não lhe importasse delicadeza ou educação. O fragor do presente dos vinte e um anos também não retumbava mais no peito magro. E Júlio viu que ele desapareceu na névoa que coagulava o luar.

Voltou ao escritório, deixando a porta da varanda aberta. Ele há de voltar. Ou, pelo menos, o mar pode mandar aqui pra dentro os haustos da maresia que anulem o adocicado do fumo que paira no ar... Antes de sentar-se na poltrona, fechou o janelão, em busca de recolhimento.

Jotabê empilhou e reempilhou as folhas de papel, nas quais a épi- ca úmida do operário levava-o pela noite afora. O escritor parou os movimentos, mantendo algumas páginas na mão. Centrou os olhos num ponto perdido da biblioteca. Posso fazê-lo empurrar a mulher para uma daquelas grotas... Ele volta para casa, encontra a esposa dormindo diante da tevê, leva-a para a cama. Não. Algo está irremediavelmente perdido. Vou deixar o romance no pé em que está.

Mas..., e as folhas amarrotadas no bolso da jaqueta dele? Ele também escreve? Terá vindo aqui para que eu lesse suas baboseiras? Por que não me mostrou o que faz? Qual a razão de sua saída intempestiva? Tenho certeza que havia algo mais...

E se Valeriano empurrar mesmo a mulher por um daqueles abismos?

Ele olhou pela janela. Entre a casa e o mar, a figura do rapaz parecia desmaterializar-se em areia e vento. De algum lugar, ele desencavara um cachecol branco que flutuava em torno do pescoço,

esparrramando-se na bruma. Um perfil intermitente em meio à névoa. Seria mesmo um cachecol? Ou asas? O moço voltou-se para a janela iluminada. Os focos do jardim deixavam um halo ao redor do espectro a levitar. Jotabê aproximou-se da vidraça. Em poucos segundos, o hálito embaçou o vidro, diluindo os traços visíveis na paisagem. O visitante perdeu-se na noite, fundido com o escuro.

E o escritor viu o corpo rolando ribanceira abaixo. O grito não foi tão tétrico, nem chegou a paralisar as ondas. O luar, agora espalhando a névoa, não deixava o mundo sumir. E o mundo estava ali, agindo, exigindo, pedindo complementação.

Júlio percebeu movimentos para os lados da vila. Os pescadores rompiam as águas, indo ao trabalho. Jotabê escreveu sem ideia da passagem das horas. Tempos depois, notou a volta dos homens do mar. Eles enchiam o ar de imprecações.

O escritor desceu. Afundou os pés na areia, no rumo dos pescadores aglomerados em torno de uma canoa. O sol despontava sobre os rostos marcados de limo e sal que queriam disfarçar a inquietude. Algo chamava seus olhos para a areia. E Júlio Borges também viu. E o que viu era trivial de tão óbvio. Ele foi tomado pela certeza de que nem aquele fato poderia alterar o destino vazio das coisas.

Paulo Venturelli (Brusque, SC, 1950) é filho de operários e, com bolsa de estudo, cursou o ginásio num internato de padres. Mudou-se para Curitiba em 1974 para cursar Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde também fez seu mestrado. Tornou-se doutor pela USP. Atualmente, leciona literatura brasileira na UFPR. Tem vários livros publicados, como *Fantasma de caligem* (contos, de onde saiu o desta antologia), *Meu pai* (romance) e *Histórias sem fôlego* (contos). Para o público juvenil escreveu *Admirável ovo novo*, *O anjo rouco*, *A casa do dilúvio* e *Visita à baleia*, premiado pela FNLIJ como melhor texto de 2012 e melhor ilustração, de Nelson Cruz.

Os minúsculos rapazes do Palace Bar

REGINA BENITEZ

Sou baixinha. Baixinha, mesmo! Um corpo de boneca. A cabeça normal, cabelos lindos e um rosto de beleza incomum. Quando penteio meus cabelos que parecem do mais puro ouro, segurando o pente com mãos tão brancas e pequenas como cinco pétalas de jasmim, sou obrigada a chorar. Ao contrário de mim, as lágrimas são enormes. Meus sonhos também.

Tenho uma amiga imensa, grandona. Na ponta dos pés, chego apenas aos joelhos dela. Tão boa, sempre me anima. Foi ela quem me contou do Palace Bar.

— Por lá é tanto pessoal diferente que você ia se aceitar do jeito lindo que é, e ia se amar — afirma, com um sorriso cheio de compaixão. A mesma compaixão que despertaria qualquer boneca de carne e dor. Combinamos de um dia ir até lá, no tal lugar esquisito.

Adiamos e adiamos até que o dia chegou e lá fomos nós. Eu, com o melhor vestido, tudo muito cor-de-rosa, joias de verdade e mais: minhas mãozinhas de jasmim carregavam um pequeno bilhete onde contava de minha admiração e oferecia o meu endereço para alguém que parecesse especial.

Porque por ali tudo era muito original, diferente e excitante, voltamos e voltamos. Vimos de tudo. A mulher enorme, segurando um espelho e admirando a barba e os bigodes de longos fios.

— Fiz luzes em todo o contorno — contava pra amiga da bilhete-

ria e indagava: Não ficou lindo?

Algumas mulheres, entre cochichos, mexericavam que a barba e os bigodes, dos quais tanto a outra se envaidecia, eram posições.

— Essa gente é muito da mentirosa — murmuravam.

O mesmo diziam da mulher que exibia oito dedos em cada uma das mãos:

— Tudo posição. Pois não dá até pra notar as emendas?

Mesmo o macaco com juba de leão não escapava do falatório e das maldades:

— Por aqui é tudo de mentira. Puro ilusionismo. Coisas de mágico muito do mequetrefe. — Às vezes, éramos até obrigadas a concordar.

Mas existia um espaço que para nós era puro deslumbramento. Um palco desenhado, redondo, onde se apresentavam os minúsculos rapazes. Lindíssimos, enfiavam botinas enormes nas mãos, colocavam mãozinhas falsas em braços posições e arrastavam pelo chão os corpos enormes. Sempre disfarçados. O corpo às vezes era recoberto em formas de caudas de animais; em outros casos, existiam capas e mantos, coisas que disfarçavam a pessoa para que ela parecesse pequena e baixinha, tal como eu sou. Os rapazes eram muito dos sem-vergonhas, e nem ao menos disfarçavam. Terminada a performance, saíam com a maior cara de pau, catando namoradas entre as moças mais bonitas e mostrando o corpo, principalmente o tórax, espremido em regatas justíssimas ou em camisetas estranhas, com desenhos de esqueletos e monstros.

Era entre estas apresentações que minha amiga arrumava trilhões de namorados. E todos eram homens longos, enormes.

— Acho que vou desistir — falei. — Só vejo simulações, só encontro mentiras. Não quero mais.

Semana seguinte, a amiga me convenceu a ir uma última vez.

— Só mais uma — insistia. — Agora é por mim, anjinho — e explicava: — O homem-jacaré, aquele que finge que dança tangos, me tocou. Acho que estou terrivelmente apaixonada.

E lá fomos nós ao Palace Bar.

— Só por você é que faço isso. E é mesmo pela última vez — eu repetia e repetia.

Não encontramos o homem que se vestia de jacaré. Já era outro o que se expunha. E, céus! Se eu ousasse imaginar o rosto de Deus, seria aquele. Cheio de serenidade, oscilava entre a tristeza e a beleza. Os olhos se assemelhavam a diamantes lapidados e parecia que iam chorar, que haviam de chover. E com olhos que pulsavam diamantes, ele se apresentava como um rei. Coroa de brilhos na cabeça e o manto de veludo vermelho que arrastava por mais de dois metros. O rosto de Deus, ali. Coroado. As pequenas mãos, ao contrário de todas as mãos de todos os outros, se agitavam. Eram ágeis com os minúsculos malabares e executavam milhões de proezas.

Minha amiga nem notou a beleza do rei, nem suas pequenas e agitadas mãos.

— O jacaré se foi e nem ao menos disse um adeus — choramingava, e mesmo na maior tristeza, toda bondade, ainda incentivou: — Vai, miudinha, vai lá entregar o bilhete. Você nunca o ofereceu a ninguém e, afinal, é mesmo a última vez que pisamos aqui. — Meio que falava, meio que chorava, lembrando-se do homem-jacaré, aquele ingrato.

Tentei relutar:

— Bobagem! — Falei. — Todos são enormes, nem combinam comigo e, pelo tamanho da capa que disfarça o corpo deste pequeno rei, ele deve ser o maior de todos.

— Ah, mas não custa nada — a amiga insistiu. — Afinal, você fez o bilhete com tanta esperança...

Pensei que isso era mesmo verdade. Também queria saber por qual arte ou mistério as pequenas mãos, diferentes de todas as dos outros, eram tão espertas. Seriam fios? Seria uma projeção? Numa época de tantas tecnologias, podia se esperar de tudo.

Cheia de coragem, me acerquei dele e estendi o bilhete que dizia de minha admiração e de meu endereço. As pequenas mãos recolheram espertas o papel. Sei que as luzes que corriam pelo rosto dele não

permitiam que me visse com exatidão, e era até melhor assim.

Dia seguinte, na janela, esperava pelo rapaz. Sabia que eu apenas ia ver alguém enorme. Pois não eram todos tão imensos? Tão sem-vergonhas? Mas seria fácil falar um pouquinho, afirmar o quanto ele era bom em sua atuação, o quanto era diferente dos demais. E perguntar como que fazia para ter mãos tão exímias. E até dizer de minha amiga, contar do homem-jacaré, perguntar dele, que conquistara a minha amiga grandona.

Então, na esquina da rua, apareceu o moço. Olhos de diamantes, terno azul-marinho, gravata arrastando pelo chão e, nas minúsculas mãos, o ramalhete de flores. Seriam mandrágoras? Diante de minha janela, sorriu e me estendeu o buquê. Afinal, alguém como eu esperava fazia anos.

Belo e bom como um Deus, prometeu trazer de volta o homem-jacaré para minha amiga. Até animou: — Ele disse que viu uma mulher linda. Deve ser ela. Era ela.

Claro, claro, óbvio, um dia, muito em breve, o homem-jacaré há de voltar. Minha amiga grandona é tão boa... Ela merece tanto ser feliz. Esforçada, aprendeu a dançar tango e fez uma roupa de jacaré para ela. Passa horas, enquanto espera o homem-jacaré, bordando com vidrilhos verdes a cauda de cetim.

Eu e meu miudinho também, em breve, haveremos de participar juntos do show. Afinal, para isso estou ficando tão boa nos malabares, não é?

Regina Benitez (Curitiba, 1934 - 2006) colaborou desde muito jovem com os principais jornais de Curitiba. Em 1962 diplomou-se em Jornalismo, pela PUC-PR. Em 1965, publicou o livro de contos *A moça do corpo indiferente*. Fez parte das antologias *Erkundungen*, editada na Alemanha Oriental, *Assim escrevem os paranaenses* e *Confabulário*. Como jornalista, desenvolveu ainda seus trabalhos como chefe da Assessoria de Editoração da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.

A casa das mulheres amotinadas

REINOLDO ATEM

Uma noite, Ramiro deixara a mulher em casa, assistindo televisão, depois de uma briga doméstica.

Ele saía, ela sentava-se ao vídeo e comia bolachas, o colo sujo das migalhas, satisfeita em tê-lo expulso dali. Mulher forte de corpo e espírito, que o dominava sempre nas contendas irritadas de todo dia.

— Te fecha, baixinho.

Depois descansava sem a cara medrosa dele por perto.

As filhas eram três grandes meninas, que tomavam o partido da mãe, enfiando as mãos nos sacos de bolacha.

Após os insultos, Ramiro saía.

Vestia o paletó acinzentado, contava os centavos e ia beber uma pinga no bar, onde encontrava os conhecidos.

Calculava sua vingança: ela estaria no quarto, querendo saber dele, ciumenta, invejosa.

Clara permanecia no sofá da sala, comentando com as filhas a beleza dos artistas inatingíveis.

Na mesa molhada do bar, o homem ultrajado compensava a sorte num gole de aguardente.

As prostitutas passeavam na calçada, enfiavam um olhar pelos beberões da noitinha e seguiam adiante. Alguns jovens algazarream na mesa ao lado. Ele imaginava a grandona, rodeada pelas moças insolentes, esquecidas dele, o peito ardendo de raiva.

A alegria artificial do ambiente transformava-o num homem sozinho, a quem as pessoas marginalizavam, indiferentes. Quem se importará com um homem vazio?

Depois, os braços papudos atordoavam sua embriaguez, querendo amassá-lo. A antevisão das cochas avolumadas parecia espantar os fantasmas noturnos e Ramiro virava-se na pequena cama de solteiro, no estreito quarto de tábuas, admirando a fotografia da mulher nua no calendário de propaganda, no meio da noite.

A gorda ria-se dele, a vingar-se do homem desajeitado.

O chefe, no escritório, só o mantinha pelos modos respeitosos do pequeno vendedor, exemplo para os colegas no serviço.

Deixando a firma, toda tarde, suado no terno, Ramiro dirigia-se para casa. O desdém da companheira. Enxurrada de rancores reprimidos.

— Sustentar uma casa.

Ele fugia, sob pretexto de que devia encontrar-se com uns colegas.

Clara, de olho na televisão, rindo, chorando, fazendo daquele mundo movimentado seu último e maior divertimento.

As meninas faziam-lhe companhia nessas horas e desenvolviam suas preferências românticas.

Mais tarde o homem chegava, bêbado algumas vezes, passava por elas resmungando:

— Te fecha, baixinho.

Trancava-se no quarto. Ela arrumava-se ali mesmo, no sofá da sala, para não ocorrer de encostar-se à noite no corpo do marido.

De dia, as meninas frequentavam a escola.

A família reunia-se à tardinha, com algumas tentativas de reconciliação.

Tais reuniões não conseguiam prolongar-se mais que o suficiente para encerrar o pequeno jantar, preparado às pressas por ela.

Ele saía para ir ver os conhecidos e sentava-se à mesa de um bar qualquer, bebendo pausadamente e observando as prostitutas que passavam, provisoriamente esquecido das dívidas e das gordas.

Quando o dinheiro acabava, tentava extrair do copo as últimas gotas do líquido estonteante. Nenhuma vontade de voltar para casa no peito distraído.

Almoçava em meio às andanças pela cidade, a pasta preta repousando no balcão, ao lado do prato-feito, traço de cansaço no canto dos lábios engordurados. Dez dias para receber o ordenado.

No banheiro, em casa, Clara apalpava o enchimento das pernas brancas e suspirava, aguardando sonhos.

Rebolando nos lençóis, lamentava grunhidos repetidos, os olhos fechados nas cabeças entrecocadas. Limpava-se das impurezas do marido. Vestia-se, tomava um copo de água e prostrava-se em frente ao vídeo, tonta ainda da aventura rápida no quarto. Ouvia o ronco do chuveiro em cima da barba preta que lhe coçara o pescoço.

Nos dias seguintes, acalmava-se a pequena casa, a conversa durante o jantar era a mesma.

— Me passa o arroz.

As meninas comentavam o capítulo da novela preferida.

Ele levantava-se e ia ver o noticiário na televisão.

Ela tirava a mesa e sentava-se na outra ponta do sofá.

As crianças logo vinham multiplicar os olhares atentos, hipnotizados.

Rodeado de gorduras retumbantes, Ramiro, pouco à vontade, acabava por levantar-se e dar uma desculpa qualquer para sair.

Todos os domingos, as quatro arrumavam-se para uma festa maior e dirigiam-se à porta do auditório, esperando na longa fila para ver os artistas da moda que conheciam através do vídeo distanciador.

Ramiro ia para o bar vizinho, onde os conhecidos comentavam, na manhã despreocupada, os acontecimentos do futebol, entre um gole e outro de cerveja.

Sonhava um dia poder demonstrar às mulheres, em casa, sua capacidade de subir na vida, jogando-lhes na cara os sacos de dinheiro gordo, com que compraria sua submissão.

Sentava-se, comentando um assunto e outro, e ali ficava o dia inteiro, bebericando, e ali ficaria ainda a vida inteira, os gestos lentos de preguiça, incapaz de outra coisa e sem nenhuma vontade de levantar e retornar ao emprego, na segunda-feira, ou ao lar das mulheres amotinadas, que bebiam filmes e novelas intermináveis.

Reinoldo Atem (Teresina, PI, 1950) mora no Paraná desde os quatro anos de idade. Em Curitiba, formou-se em Letras pela Universidade Tuiuti, fez mestrado em Literatura Brasileira na UFPR e participou de movimentos literários, publicou revistas e jornais culturais e crônicas em jornais diários. Lançou os livros *Eterna primavera* (contos), 1971 (novela) e *Urge urge, O sopro de tudo, O aprendizado da vida, Dia de trabalho, Sob o céu do país* (poesia). Mantém o blog literário *Poeta na cidade*.

A pedra fundamental

RENATO BITTENCOURT GOMES

*Naquela mesa ele sentava sempre
e me dizia sempre o que é viver melhor,
naquela mesa ele contava histórias
que hoje na memória eu guardo e sei de cor.*

Sérgio Bittencourt

Junto de meus irmãos e primos, colegas de escola, companheiros de destino, vivi a obscura infância dos remotos rincões deste país, onde se reproduz uma insuspeitada tribo cujo nome é nação. Sem holofotes, fomos nos criando. Em nossa casa, os manos e eu tocamos em frente sob os relampejos de uma enorme gota de sangue cristalizada no dedo de nosso pai, uivo surdo e faiscante, anelão de rubi que ele usou durante muito tempo. Nas minhas recordações mais antigas, sua mão direita ostenta aquele gigantesco ponto vermelho. Na esquerda, o solitário aro de ouro que depois voltou para junto de outra aliança, em outra mão, assinalando que a velha senhora é viúva. Passa o tempo, surgem novas modas querendo nos soterrar e eu nunca me esqueço daquele cidadão nos dias de inverno — a dura estação fria do Sul — com um sobretudo acinzentado que fora de seu pai, lenço no pescoço e boné. Um lorde caboclo, um *gentleman* feito a facão. Vaidoso, até a morte manteve o bigode preto-acastanhado — e por fim descolorido pelos anos e a nicotina —, as calças pregueadas, os sapatos

sociais lustrosos. Era encargo nosso, dos filhos varões, o cuidado com os calçados. Enquanto calendários despencam em avalanche, cada vez mais apressados, carrego esse zelo comigo, vida afora.

Observando os modos do lobo velho, fui me abeberando na busca de sobriedade e distinção nos trajés. Absorvendo seus hábitos e destrezas, lentamente fui me inteirando do conveniente uso das cores, dos tecidos, dos modelos. Se não logrei sua desenvoltura social, ao menos superei a juvenília, o destempero visual, a agressividade da indumentária. Isso ficou naqueles dias mais moços. Houve um tempo, havia uma necessidade de afirmação, um desespero de afirmar a mim mesmo negando o mundo. Para tanto, movimetei-me ao largo da rebeldia conformista dos *playboys* e, longe da *performance* consentida, conheci meu trecho de maldição. Penso que, ao cabo, efetuei a travessia, conquistei esse dote do gosto pelas roupas, essa herança que muito aprecio, até porque é uma das poucas afinidades com meu mano do meio, pessoa que escolheu caminhos muito diversos dos meus. Ou, a bem da verdade, preciso reconhecer que sou eu o divergente, sou aquele que *walks in the wild side*. Também devo a nosso pai um pouco dessa mania de ser o extravagante da família. Mas a culpa não é toda sua, ou nada sua, porque fiz e faço muita bobagem por minha própria conta e risco. Não posso atribuir a ele os meus erros e desvios, não posso invocar algum conceito de psicanálise para que as faltas sejam suas e os alívios, meus. Com ele aprendi a andar, e então busquei carreiros, bati cabeça, segui adiante, sobrevivi. Lobo solitário, continuo a marcha, fiel na fé de que existe a senda e de que ela é uma só.

E se da figura paterna recebi o ritmo dos passos, também é seu legado esse frenesi da leitura, esse desejo de ilustração, esse cultivo do conhecimento de almanaque que muito tem contribuído para minha manutenção, já que abracei um incerto ofício das palavras. Vivo de apascentar textos para seus donos. Ser pastor de alheio gado não é ocupação de quem queira enriquecer, mas também do pai vem essa

negação do arrivismo, da pistolagem, do mercenarismo. Somos da contramão sim. Um dos seus bordões era “Eu não roubo. Se roubasse, estava rico.” Também não roubo, também sou um pobre lobo aos olhos dos contemporâneos. Não possuir tesouros terrenos — que são voláteis como o perfume da bela que nos nega a alma no preciso momento da entrega do corpo — é o meu patrimônio, e nas brumas mantenho meu palácio de palavras e memória, onde recebo princesas que faço coroar e vivo segundo os ensinamentos que recebi. Dirão os bem-pensantes que é apenas um apartamento alugado, com pouco conforto e muitos livros — versão ampliada da cela monástica. Um tipo de covil. Dirão que vivo em desnecessária modéstia. Eu digo que sei de mim. Só sei deste jeito, pois com o pai passei a perceber o que realmente importa. Nos seus alfarrábios e na sua conversa, fui pegando a manha desse lento acumular de coisas aparentemente banais que muitas vezes fazem a diferença. Ingrato, durante muito me revoltava o fato de o autor dos meus dias não ter me ensinado uma arte de sobrevivência. Ora, não percebia eu que ele tinha profissão definida. Como poderia querer que me legasse o que não era sua posse? Hoje, penso entender melhor as coisas.

O inegável é que houve mesmo muito chão para que um filhote criado em uma rua de terra no interior do Paraná chegasse até uma ladeira carioca. Quando, lobo formado, vejo que esse filhote paga seu aluguel e seus charutos trabalhando com livros em uma terra de tantos analfabetos — os de fato e os de direito —, vejo que caminhei bastante. Assim, agradeço e prezo. Guardo no fundo do peito — e daqui ninguém tira, da mesma forma que o velho anel de rubi do meu falecido pai está bem guardado com sua viúva, minha mãe. Não temos joias de família e sim umas tantas relíquias, objetos antes de estima que de valor comercial. Não gostamos de jogar nada fora, eu não gosto de jogar nada fora, não aprecio me desfazer de coisas, lembranças, comparsas. E também tenho minha vaidade, também carreguei meus parâmetros para esta liturgia do viver. Uso anéis de prata, símbolos e

ornatos que alcançarão pouco preço na loja do joalheiro. Não obstante, ou justo por isso, tenho muito apego. Estão sempre aqui, são marcas que ostento neste universo de indiferença em que hoje vivemos. Um desses atavios tem o formato de uma pequena cobra enrolada em meu dedo mínimo. Seus olhos são duas pedrinhas de vidro. Sinal dos tempos. Porque tudo está em extinção. Pedras, madeira, couro, água, conhecimento. Tudo que é verdadeiro está acabando. Mas, contra vento e maré, sigo em frente, não deixando meu defunto pai terminar em mim, para que continue a existir a tribo dos lobos.

Renato Bittencourt Gomes (Telêmaco Borba, 1967) vive em Curitiba desde 1981, mas houve um intervalo carioca (1998—2004). Publicou *Mecânica dos fluidos*, *Inventário e descobrimentos* e *Liturgia do sangue*, de onde saiu este conto. Tem trabalhado com revisão de textos e funções ligadas à educação, além de ter escrito muita crítica de literatura.

O destino do Almirante Nolasco

ROBERTO GOMES

Após quinze dias de agonia — talvez fossem anos, séculos, perdera a noção de tempo desde que se entreviera naquela cama — e de delírios infundáveis, ocupados em viagens a universos distantes e a escuridões as mais tenebrosas, mergulhado em devaneios diversos, sonhos catastróficos, solfejando cantorias e murmurando frases quilométricas a respeito das barbaridades que praticara ao longo da vida e das patifarias que vira acontecer diante de seus olhos cansados, o Almirante Nolasco abriu por fim as pálpebras que mantivera serradas com a determinação de quem sabe o que quer e o que não quer ver, varrendo com algum desprezo o velório armado a sua volta com um olhar galhofeiro e disparando o que pensou ser um riso de mofa, mas que aos presentes pareceu um último esgar de moribundo. Conferiu o susto estampado nos rostos que o cercavam — filhos, noras, netos, vizinhos, duas amantes recentes, uma ex-amante que ele odiava e que não entendeu por que estava ali, o fornecedor de vinhos que o acompanhava há mais de trinta e cinco anos, o prefeito de São José das Águas com seu beijo esticado e frouxo, as sobrancelhas robustas expressando surpresa com tamanha resistência diante da morte mostrada pelo financiador de suas campanhas políticas e seu eleitor mais ilustre. Ao pé da cama, o padre Perquet com seu ridículo nariz interrogativo e o insuportável fedor de santidade. Diante de tais autoridades constituídas e criaturas familiares suspeitas, Nolasco declarou que estava

cansado de ficar naquela cama, morrer era coisa muito mais difícil e artilosa do que jamais imaginara, *puta que o pariu, se afastem que vou me sentar*, disse com voz roufenha.

Temerosos como se estivessem diante de um defunto que salta da tumba, todos se afastaram, menos a filha mais nova, que estendeu a mão para que o Almirante nela se apoiasse. Num primeiro momento, ele hesitou, tentando recusar a oferta, mas, ao se dar conta de que era Felícia quem lhe estendia a mão, sorriu, engasgou, gemeu, tossiu, e aceitou a ajuda, sentando-se com muita dificuldade depois de soltar vários puns e disparar rudes palavrões, curvado sobre seus ossos, que pareciam desconjuntados por debaixo da pele transparente.

Fernando, um de seus sobrinhos — mais um daqueles, como Nolasco dizia sempre, que viviam às suas custas — saiu correndo do quarto e foi buscar dona Ercília, há dois dias refugiada numa edícula aos fundos do terreno, não mais suportando ver o marido perdido naquele sofrimento inominável, naquela exposição vergonhosa. Na verdade, ela se desesperava com as façanhas indecentes que ele contava, alardeando as maldades que cometera em vida e fazendo relato das trapaças que testemunhara com seus olhos miúdos. Ela quase caiu de costas quando ele narrou com minúcias de ourives as roubalheiras do prefeito e amigo, Tenório Fraga, que estava ali a seu lado, boquiaberto, beíçola solta. O danado do seu marido riu ao dizer que o amigo prefeito, vindo da miséria, juntara mais dinheiro nos últimos dez anos do que ele próprio pudera amearhar no curso de sua longa vida. Não bastasse, Ercília teve que engolir em seco quando o Almirante seu marido murmurou para o travesseiro, com voz calculada de radialista de fim de madrugada, todas as bandalheiras que disse aos ouvidos de suas amantes, sem se esquecer de declinar seus nomes, grossuras de coxas e maciez de pele, mesmo os cheiros mais íntimos, a cor e a consistência dos pentelhos, detalhes que ele fora capaz de guardar em sua robusta memória. A respeito de duas amantes, dona Ercília tinha conhecimento há muitos anos, uma por inconfidência de uma vizinha

e, outra, quando o escândalo estourou em toda a cidade e não houve quem, mesmo surdo e cego, não soubesse o que se passara entre o Almirante e a “tremeluzente Roxana”, como ele repetia aos ouvidos do travesseiro. Mas o que fez com que Ercília se recolhesse à edícula foi a citação de outras amantes das quais jamais desconfiara, numa enfiada de nomes e datas e detalhes escabrosos a respeito das mais variadas possibilidades sexuais. Da lista que ouviu, Ercília guardou o nome de uma prima, vesga e gorda, que o Almirante brindou com um adjetivo que ela para sempre se recusaria a repetir, motivo pelo qual não é registrado aqui. Logo depois, ele teve um acesso de tosse que parecia fadado a levá-lo direto para o outro mundo — situado na mais profunda volta do inferno, ela calculou — mas foi apenas mais um susto. Pronto se recuperou e seguiu com a nomeação celerada de suas bandalheiras e só lá pelas seis da manhã voltou a falar de política, de trambiques, de gente covarde que sugara seu dinheiro, de patifes que se diziam amigos, mas que não passavam de uns “mentirosos torpes”, a mesma gente que o traíra quando da última eleição da qual participara como candidato a deputado, quando acabou rejeitado feito um cão leproso.

Os que estavam a sua volta se olhavam suarentos e pensavam que era uma sorte que a voz dele fosse falha e os beijos não lhe obedecessem direito na tarefa de dizer as palavras, motivo pelo qual muito do que dizia não se conseguia entender. Ainda bem, pensavam. Mesmo assim, todos — o filho mais velho, que num momento de fúria o Almirante chamou de sanguessuga, dona Ercília, e sobretudo o prefeito, com sua bota larga e dura — passaram a arrastar os pés no chão, a tossir, a mexer na cama do enfermo, a falar alto e a dar risadas fora de hora, tentando impedir que os relatos escabrosos do Almirante chegassem por inteiro aos ouvidos a seu redor. Mesmo assim, lá pelas tantas, seu Mirante Bastos, o vizinho, pegou dona Martinha, sua mulher, pelo braço e a arrastou porta afora, quando o Almirante começou a contar, entre risotas, a respeito de um estudante que por uns tempos parara na casa dos vizinhos para fazer o vestibular e que, numa noite de chuva

em que Mirante Bastos ficara ilhado na fazenda, aceitara o convite de dona Martinha, vestida de camisola transparente, para tomar um chazinho, coisa que a cidade inteira sabia, não havia motivo para se ofender, e foi quando... O resto não se ouviu e nem podemos narrar aqui, já que não se guardou registro, pois neste momento dona Ercília deu um grito que calou o moribundo e foi se refugiar na edícula.

Agora, trazida pelo genro, dona Ercília estacionou ao lado do marido e não acreditou no que via. O marido, sentado na cama, embora murcho e amassado feito um lençol usado, fumava um cigarro que pedira ao prefeito.

— Vai te fazer mal, advertiu docemente dona Ercília.

— Que mal pode me fazer um cigarro? perguntou ele, piscando um olho, o esquerdo, sobre o qual ainda lhe restava algum controle e maestria.

E Nolasco, soltando uma baforada, que fez dona Ercília lagrimejar, pediu então ao amigo prefeito para tomar nota de algumas coisas que queria declarar antes de esticar as canelas. A referência ao iminente esticar das canelas do Almirante provocou soluços na filha Felícia e em dona Ercília, enquanto a determinação do moribundo em fazer declarações a respeito do que deveria ser feito depois de sua morte, fez com que parentes e amigos se juntassem para mais perto da cama, ouvidos atentos, momento solene em que até mesmo as botas duras e rudes do prefeito passaram a se mover com grande maciez contra o chão de tábuas largas, martirizadas pelo tempo e o uso descabido.

Começou enumerando suas propriedades, aquelas que tinha e as que um dia haviam sido suas ou pretendia que o fossem mas que, por isto ou por aquilo, não chegara a adquirir por culpa de alguns filhos da puta — insistiu: *anote, Bastos, anote que são filhos da puta* — que lhe estropiaram os caminhos dos negócios. Concluída a lista, que seria completada por outra devidamente guardada no sótão, dentro de uma lata de biscoitos, na qual relacionara os bens que um dia vendera a preço vil devido a perseguições políticas, ele disse que

de nada adiantava a um cristão ter todas aquelas riquezas se não era mais capaz nem mesmo de governar o próprio rabo, motivo pelo qual ali estava soltando puns na cara de todos. Portanto, queria que suas propriedades materiais e espirituais, sobretudo as que jamais adquirira e que estavam incluídas em declarações que jamais fizera, fossem doadas para o hospital da cidade, embora *aqueles putos daqueles médicos — anota direito, Bastos!* — não tivessem conseguido lhe dar pelo menos mais uns dez anos de vida, o que ele bem que merecia.

Depois falou dos filhos, repreendeu mais uma vez a cada um, embora misturando suas idades, características e importâncias. Colocou cabelos crespos em Jeruza, olhos macios e verdes em Antônio, insistiu que Manoela, sendo a mais velha — quando era a do meio — deveria cuidar dos negócios e que Túlio, sendo o mais jovem — quando era o mais velho — deveria sair de casa de uma vez, pois não estudava, não trabalhava, não produzia nada, além de ser um boquirroto miserável, sempre pronto a destratar tanto o pai quanto a mãe, além de já ter comido a filha do prefeito.

Foi quando se desencadeou um estrondoso pisotear de chinelos e sapatos, um frenesi de empurrar cadeiras, ataques de tosse, as botas duras e rombudas do prefeito raspando o madeirame com fúria singular. O Almirante deu uma última tragada no cigarro, disse *puta que merda que eu estou cansado pra caralho*, e estendeu a xepa ao prefeito, que a pinçou com dois dedos cautelosos.

Então, apoiado nos braços da filha Felícia, Nolasco se abandonou ao leito, com seu esqueleto miúdo exibindo uma quantidade assustadora de ossos por debaixo de suas peles espetadas por tanta magreza. Passou um olhar definitivo a sua volta e disse, com voz de quem se afasta ao longo de um corredor muito estreito e muito escuro, *me perdoem, mas eu já estou cansado de tanto morrer, há mais de mês que eu não faço outra coisa senão morrer, puta que o pariu, não há quem aguente uma coisa dessas*.

Foi quando, fechando os olhos, morreu para sempre.

Roberto Gomes (Blumenau, SC, 1944) reside em Curitiba. É autor de romances, contos, crônicas, livros infantis e de filosofia. Foi professor universitário, aposentado em 1998 pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), e editor da Editora da UFPR e da Criar Edições. Escreve crônicas a cada quinze dias no jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba.

A Teoria do Iceberg

ROBERTO MUGGIATI

Meu protetor de tela é um iceberg, passo o dia diante dele. Nenhuma paixão especial por icebergs. Os tons azul-cobalto da foto lembram o céu de Curitiba ao entardecer. Essa imagem do iceberg veio pela internet: uma namorada queria que eu não esquecesse a cor do céu que nos protegia. A namorada passou, a imagem continuou na tela em homenagem à Teoria do Iceberg, do velho Hemingway: *“Se escrever apenas a verdade, um escritor pode omitir muitas coisas. O leitor sentirá essas coisas que foram ocultadas com tanta força como se o escritor as houvesse explicitado. A dignidade de um iceberg existe porque apenas um oitavo dele está acima da água.”* O autor da imagem do iceberg também tinha sua teoria. Fez uma montagem de várias fotos para ilustrar o conceito de que “nem tudo o que se vê é necessariamente real.”

O céu de Curitiba me leva a outro episódio — a outro céu noturno, e outra namorada, de um tempo bem mais distante. Éramos crianças, parentes remotos, estranhos um ao outro, e de repente nos descobrimos. Numa festa de família, na janela do vigésimo andar de um dos primeiros arranha-céus da cidade, espetado solitário na paisagem. Loucos para viver e falar, nos enlaçamos, ávidos por conhecer um ao outro. (O que conversam os amantes? Eles nunca sabem, eles nunca lembram.) E então, no descampado do aeroporto, vimos as luzes de um avião que piscavam, cortando o horizonte como no-

tas numa pauta musical. O avião, de destino insondável, tateava com suas lanternas vermelhas o grande mistério do futuro. Comungamos em silêncio a mesma emoção. A esperança de partir para o mundo, quem sabe juntos? Foi nossa epifania — perdoem o clichê. Um biólogo definiria todo aquele cataclismo entre nós como uma mera erupção de feromônios e testosterona. Não importa, a atração era real, como nunca havíamos sentido antes.

Meia-noite com ela e as estrelas — e então a noite acabou. A nossa história seria uma crônica de amantes malsinados, atravessando décadas. Uma estória entrecortada, desencontrada, que me arrastaria por tristes oceanos de lágrimas... Desculpem esse crime de lesa-TI. Sim, a Teoria do Iceberg merece uma sigla, pertence à ciência, é um teorema, a equação que fornece *le mot juste*. A emoção tem de estar sempre ali, mas é a maior inimiga do bom texto.

Passamos um ano e meio longe um do outro. Fui morar em Paris, quando voltei ela estava casada. Mal casada, já quase descasada. Numa escapada furtiva à Livraria Ghignone, marcamos um encontro em Guaratuba. Cheguei lá, ela não. Sumiu, desapareceu do meu mapa. Para sempre? Aprendi que nada é para sempre. Em 1968 — o mundo em chamas — eu casado, em São Paulo, dou de cara com ela na Rua Augusta, numa manhã de inverno solar e vento cortante.

— Que coisa incrível! Você por aqui?

— Trabalho na *Veja*. E você, como vai sua vida?

— Não vai acreditar! Sou aviadora, com brevê e tudo! Vou buscar jatinhos nos Estados Unidos. Outra noite, em Nova York, ouvindo o Gato Barbieri, pensei muito em você...

(Ela conhecia minha paixão pelo jazz. Uma vez, nos tempos inocentes de Curitiba — ela de camisola eu de porre — eu fiz serenata para ela com o saxofone tenor.)

No vento frio da Augusta, minha mulher, ciumenta, cortou o clima. Nem pudemos trocar telefones. E fiquei outros vinte anos sem saber de — não, não vou dizer seu nome... Afinal, isso não se faz num *conte à clef*.

Aos poucos senti toda a extensão de sua doce vingança. Eu não soube defender aquela absurda epifania adolescente, que era tudo para nós. Ela, sim, foi à luta, aprendeu a pilotar, sequestrou o nosso avião e levantou voo com suas luzes vermelhas sumindo na cerração da velha noite curitibana. Eu a via cortando a imensidão dos espaços infinitos. Pensando em mim, quem sabe?

Um amigo me ensinou um dia: não se esforce muito para lembrar as coisas boas, elas podem se desgastar e se perder. Mas, naquele meu triste fim de casamento, eu não pensava em outra coisa — na minha doce e cômica Valentina. Como doía a sua ausência nas noites suicidas do inverno paulistano.

O coração é um músculo flexível. O casamento acabou, outro casamento começou, dois filhos, até cachorros. O matrimônio que nunca sonhei ter. Eterno enquanto durou. Uma noite, livre de novo, num shopping de Curitiba, lançando um livro, ela entra de novo na minha vida, na fila de autógrafos.

— Ainda se lembra de mim?

Desta vez trocamos telefones. Não pilotava mais, estava também livre, totalmente. Marcamos um encontro no Rio. Fui esperá-la no aeroporto do Galeão. Subimos a Serra para o meu chalé em Itaipava. Jantamos no velho Farfarello, era dia 29, pedimos Gnocchi della Fortuna, *al cricco* e *al pesto*, com direito a uma nota de *un dollaro* debaixo de cada prato. Loucos para viver e falar, bebemos duas garrafas de vinho. Em uma hora traçamos os planos de uma vida inteira. Não lembro como dirigi o carro até o chalé. Antes de desmaiarmos na cama, ela ainda perguntou:

— Agora vamos ser felizes?

Acordou-me no meio da madrugada. Queria porque queria descer a Serra ali na hora, fazer logo nossa mudança definitiva para Itaipava. Bêbado e cansado, não resisti. Foi nossa perdição. No meio da descida, despenquei pelo despenhadeiro. Dormi na direção e acordei no fundo do socavão, preso às ferragens. Sobrevivi, com pequenos ar-

ranhões. Ela pagou a fatura. Foi jogada para fora do carro e quebrou a coluna em vários pontos. Na queda, tive a impressão de ouvi-la gritar: “Estou voando!”

O acidente aconteceu logo depois do viaduto sobre o rio Rolador. Lembrei da *Serra do Rola-Moça* do Mário de Andrade, que descreve um casal em fuga. “*Como eles riam! E os risos também casavam com as risadas dos cascalhos.*” Subitamente, “*dão noiva e cavalo um salto, precipitados no abismo.*” Poesia numa hora dessas?

Por minha culpa, ela iria passar o resto da vida presa a uma cadeira de rodas. Não fomos finalmente felizes. Eu conseguia suportar a dor até o escurecer, depois a coisa ficava terrível por volta da meia-noite, e às três da manhã era o grande mergulho na noite escura da alma. Pensei em suicídio: lasanha com chumbinho, como aquela atriz da TV. Ou caipivodca de lichia com carrapaticida (uma variante mais sofisticada do antigo Guaraná com formicida.) Ou um salto espetacular de um vigésimo andar: no bilhete de suicida, inverteria a frase de Eliot: “*This is the way the world ends — not with a whimper, but a bang.*” Mas todas as coisas devem passar e o mundo continua. Você recupera a maior parte de sua vida, como bens salvados de um incêndio. Eu iria continuar por mais tempo, muito tempo talvez — até a hora de cinzelarem na minha lápide o epitáfio, a definição de vida que tomei emprestada de Cole Porter: “*It was great fun, but it was just one of those things.*”

Ainda fui vê-la uma última vez. Era como falar com uma estátua. Seu olhar parado não dizia nada. Saí para o dia ofuscante, os olhos cegados por uma cortina de lágrimas e sal. O sol, sem alternativa, brilhava sobre o nada novo. E a história acaba aqui. O mundo mata indistintamente os belos, os bons e os bravos. Ela morreu, você vai morrer e eu vou morrer. É tudo o que posso prometer.

Roberto Muggiati (Curitiba, 1938) começou a carreira na redação da *Gazeta do Povo* — completou 60 anos de carreira em março de 2014. Estudou no Centre de Formation des Journalistes, em Paris, trabalhou na BBC de Londres, colaborou no SDJB e na revista *Senhor*, além de editor de *Manchete*, *Veja e Fatos e Fotos*. Há 45 anos escreve sobre música e política — e a relação entre as duas: de *Mao e a China* (1968) a *Improvisando soluções* (2008), passando por *Rock/O grito e o mito* (1973) e pelo romance *A contorcionista mongol* (2000) — e mais a caminho.

Sarica

ROCHA POMBO

Afinal, parece que era preciso compreender que a vida é aquilo mesmo...

Queixam-se todos, mais ou menos, da sorte; mas, lá um dia, a Providência como que nos surpreende com a sua misericórdia infinita.

Viviam, há tantos anos, naquela tristeza: ele, o pobre Luiz, paralítico e cego, uma alma simples e fina, atada aquele castigo de uma existência dolorosa, na imobilidade e na escuridão; ela, a mísera Josepha, ainda mais delicada e sensível, sempre espantada em presença da desgraça; procurando, resignada e sublime de ternura, talvez inconsciente da sua grandeza tão humilde, provar ao mundo que, ainda no meio das vicissitudes mais duras e amargas, pode um peito fiel e amoroso levar alguma coisa que zomba impassível do tempo e das amarguras.

Viviam há tanto naquela miséria; ele, ruminando mistérios, como um deus vencido e desolado; ela, a desentranhar-se em ternuras por aqueles entes tão inditosos que o destino lhe confiara.

Queixavam-se continuamente de Deus e dos homens... No entanto, só agora é que ela, a boa Josepha, está compreendendo como não tinham razão para acusar a vida. O Julio já presta algum serviço; e a coitadinha da Sarica... já sabe pedir... De certo que era horrível esmolar! Mas que direito haverá, mais do que este, sagrado para o mundo, quando se tem fome?

A primeira vez que lhe passou pelo espírito esta ideia de fazer a filhinha esmolar, a Josepha chorou tanto que o Luiz, lá da sua noite, chegara a perceber e afligir-se. Expor aquela criaturinha tão hedionda aos olhares curiosos de todos... era horrível!

Mas a miséria vence as naturezas mais resistentes...

Demais, pior, mil vezes pior, do que este recurso a caridade do seu semelhante, havia no mundo tanta coisa!



A princípio, Josepha seguia de longe a aleijadinha acompanhada do Julio. Levava o coração agitado ao ver a filha arrastando-se pelas ruas e praças a estender as mãos aos passantes.

Depois, tudo se foi normalizando; ficou tudo muito natural: a mãe, desafogada, lidava na casa; a Sarica e o irmãozinho exerciam fora a sua profissão.

As duas crianças, logo cedo, arranjaram-se e partiram, para só voltar à tarde, muito fatigadas, com a colheita do dia. Quando tinham sido felizes e traziam uma boa fêria, o Julio entrava muito contente; mas a Sarica, morta de cansaço quase sempre, pedia logo o seu repouso numa enxerga, junto ao catre do pai. Mal tinha ela forças para afagar o cego, e dar-lhe alguma boa notícia: quando a mãe dava por ela, a Sarica dormia, atirada ao chão, como um embrulho, sem forma humana...



Uma vez, demorava ela em preparar-se, e já se fazia tarde. O Julio, muito aflito, diz-lhe que outros mendigos já deviam ter-lhe tomado os melhores pontos da praça. Josepha mesmo entendeu que era tempo de apressar a filha, ao vê-la muito cuidadosa, a compor-se melhor, a esconder bem as pobres pernas atrofiadas e torcidas. Tinha muita vergonha quando lhe viam as pernas... Da corcunda já não fazia mais caso; mas deixar aparecer o horror das pernas...

— Ah! — fez-lhe sentir a mãe sem cuidar — Tranquiliza-te... Quem haverá, minha filha, que te queira ver essas perninhas tão secas e tortas...

E o Julio disse mais:

— Será melhor até que todos vejam toda a tua tristeza...

A menina calou-se, mas revelando no gesto compungindo a infinita desconsolação de todo aquele infortúnio.



Saíram os dois. A Sarica tinha a frontezinha sumida, como imersa naquela mistura de ossos: bela frontezinha, o único sinal de majestade humana que havia naquele corpo monstruoso. Dir-se-ia uma cabeça, um semblante de anjo metido na fealdade, na hediondez de uma rã, a olhar vagamente para cima, lá do chão onde rasteja.

Horas e horas, abraçadas às vezes por um sol de Janeiro, a um canto da praça, ela passava pedindo. Quando as esmolas lhe caíam lá de cima, ela sorria e se alvoroçava, e tinha vontade de erguer-se...

Mas, às vezes, as esmolas não vinham... Ela pedia inutilmente; e o Julio chegava a dizer-lhe, com maus modos, que ela não tinha jeito para o ofício; que não sabe fazer voz comovente, e que não revira para o alto os olhos meio nublados... Ela se esforçava na sua função, falando como os moribundos, e fazia, trêmula e exausta, por imitar os mais hábeis dos pedintes que enchem a praça...

Muitos daqueles eram mais felizes do que ela. Chamavam sempre a atenção do público, e sempre com fruto copioso. E, no entanto, nenhum deles tinha, como ela, o direito de pedir. Ela devia ser ali a primeira; mas a piedade dos homens não compreendia isso. Os próprios cegos não estão no seu caso. Os cegos têm ao menos o seu aspecto humano, e não sabem o que é a dor de ser... monstro. E aquele público passa às vezes por ela sem vê-la... Era horrível!

E quase sempre ia pensando assim, até chorar.



Quando, porém, as esmolas caíam, tudo se acabava; esquecia as queixas; e até o seu semblante readquiria a serenidade das auroras. Sentia-se boa e meiga, capaz de uma simpatia incondicional por todos os entes, mesmo os mais ditosos da vida. Já era alguma coisa aquela justiça, que lhe faziam, de reconhecer quanto ela é digna de compaixão.

À tarde, um dia, entrou ela, de volta das ruas, naquele triste lar. A receita fora das boas. A mãe recebeu-a, como de costume, com todos os carinhos; e o cego, lá no seu escuro, teve um farto beijo aquele dia.

Ah! a vida era aquilo mesmo... Estavam estão amparados todos pela desgraça daquela criatura...

Coração de mãe, por mais vencido que ande, às vezes como que se deixa galvanizar pela própria miséria. É por isso que, ainda familiarizado com a dor, vem de repente lá do seio materno um protesto que parece espantar o próprio destino. Josepha dissera aquilo, e teve logo ímpetos de esmagar de carícias a filhinha: aquelas palavras como que despertaram naquela alma de mãe a consciência de tanta desgraça... de que os pais se aproveitam. O cego, que tem toda a sua vida concentrada na filhinha, e que, se não vê com os olhos, tem a luz interior que devassa as profundezas do ser, estremeceu numa convulsão de pranto ouvindo aquelas palavras.

O Julio, a um lado, desconfiava de tudo aquilo. Ele sentiu que todas as demonstrações eram para a Sarica. A ele não lhe reconheciam coisa alguma. Entretanto, sem os esforços dele, a irmãzinha nada faria. Muitas vezes a Sarica chegava até a querer cantar e sorrir, a ele é que evitava tais imprudências...

— É certo — explicou a menina — eu, às vezes, tinha mesmo vontade de cantar. Eu estava triste, vendo que não me davam coisa alguma... e sem que eu soubesse como... um grupo de moços passava... e tantos níqueis eu recebia num instante, que meu coração parece que saltava... Era em tais momentos que sentia umas ânsias de cantar para o céu um hino com que uma vez sonhei, cantado pelos anjos... E não

hei de morrer sem compor uma oração que exprima tudo que sinto pela bondade da minha santa... Eu sei que é santa Cecília quem me protege. Por mim mesmo, que poderia eu merecer de Deus? Se ele me fez nascer assim, não seria porventura para avisar-me que não devo esperar coisa alguma do céu neste mundo? Não, Julio, tem paciência: hei de cantar a minha oração...

— Pois se tu cantares nas ruas — disse o Julio gravemente — desde já te asseguro que não traremos um vintém. Tu bem viste hoje: foi bastante que te alvoroçasse um pouco para que ninguém mais te desse. Não há quem goste de mendigos alegres, ou de mendigos que cantem...

E suspirando muito intencionalmente:

— Não fosse eu... e havíamos de ver... Eu é que te ando a ensinar a fazer cara de miséria e ares de fome. Tu estás sempre a querer ocultar as pernas e os braços... Não fosse eu...

E concluiu amuado:

— Entretanto, nada mereço... Tu é que fazes tudo... Este mundo é mesmo assim... Não sei por que também não me fez Deus aleijado...

Rocha Pombo (Morretes, 1857 — 1933) foi professor, político, jornalista e historiador. Pertenceu à Academia Paranaense de Letras. Entre suas obras publicadas estão os romances *A honra do barão* (1881), *Dadá ou a boa filha* (1882) e *Petrucello* (1888); como historiador publicou *História da América* (1899), *O Paraná no cinquentenário* (1900) e *História do Brasil — 10 volumes* (1922).

Sangrada Família

SÉRGIO RUBENS SOSSÉLLA

Para Uilcon Pereira,
minhas homenagens.

*“Le parece a uno terrible la muerte,
pero cuando uno se acuerda de la vida y piensa en ella,
lo que aterroriza es la vida agonizante.”*

León Chestov, *“Las revelaciones de la muerte”*
(SUR, Buenos Aires, 1938), p. 127.

um

Pai e mãe nossos que estão no céu, santificados sejam os vossos nomes. Santificados sejam os vossos nomes no céu e na terra. Principalmente na terra, pai e mãe nossos que estão sob a terra. Sejam santificados.

dois

Eu bem sabia: a felicidade é rara. Um instante em nossas vidas. Talvez um irrepetível relâmpago iluminando o céu chumbado numa tarde de verão.

três

Há trinta e dois anos, logo após o jantar e enquanto a chuva trazia um agradável cheiro de terra, jurei conservar intacto o meu melhor presente: aquela minha família simples e querida não poderia perder-se esquecida no passado. A timidez e a gagueira não me deixaram pedir que fôssemos os quatro de mãos dadas até o quintal, cantar e dançar para a lua o meu contentamento. Cairíamos exaustos; ajoelhados, agradeceríamos o estarmos assim, para que assim mesmo continuássemos.

quatro

Se a imagem desse conjunto encontraria naturalmente um fim inexorável, cedo eu teria que me apropriar daquele momento e prosseguir vivendo com ele e com ele convivendo quando não mais existisse. Então, de pé, num dos ângulos da cozinha, olhei em torno e aspirei profundamente, agarrando com os olhos tudo o que alcançassem: lentamente a irmã começa a lavar a louça que a mãe enxuga, ágil nos movimentos do pano de prato; o pai ouve o noticiário esportivo no rádio e folheia o jornal. Música de Gershwin ao fundo. Dentro de mim.

cinco

Os dias passaram dolorosos sobre aquela noite adorada. Dias, meses e anos seguintes. Persistia a lembrança do quadro geral, mas um tanto desfocada no centro da imagem e esmaecida nas laterais. Alterou-se a homogeneidade do movimento dos figurantes. Bafos recentes, riscos e sinais de dedos mancharam a superfície da película. Com a imaginação, que também acrescenta, costurei uns remendos caprichados,

quase imperceptíveis. Mas o choro pastosos de um deles me fez estremecer. Ignoro quem seja. Sei, atualmente, como estavam.

seis

Nos regressos iniciais, por intermédio de sonhos, não obtive qualquer êxito: a casa aureolava-se numa floresta de símbolos agarrados em vestígios de palavras flutuantes. Quando eu conseguia decodificar e remover corujas de gesso vermelho, atendia canalhas ligações telefônicas, ovos de minhocas pinguepongueando, o filme rebobinado, várias pernas amputadas, bombeava água apodrecida para a caixa insaciável, trens engavetados, saltaram milhares de lápis pretos Johann Faber nº 2 do chão, a ferrugem comendo a bicicleta Pilot, velas teimosas em arder, verbos irregulares nos cadernos escolares, úlceras estomacais estouradas, acordava aqui, no outro lado da vida.

sete

No transporte da auto-hipnose, a distância mais próxima foi a de cinco quarteirões do local. Naquela noite perdi meus sapatos novos na lama preta da rua Augusto Stresser, a roupa encharcada, correndo, feliz. Rezei: que o cão York me reconhecesse. Abri o portão e o avistei: as costelas perfuravam o seu couro. Focinho no meio das patas, ele rolava, rolava. Os uivos, tão espessos e fortes, bloquearam a minha entrada.

oito

Trances mediúnicos me refizeram a vontade. Depois de inúmeras tentativas malogradas, de intermináveis lutas com seres medonhos,

de cursos desviados ao infinito, de paragens em regiões habitadas por vertebrados e invertebrados invisíveis, de orações que se multiplicavam no espaço e de chantagens e peripécias com os elementais, a cozinha: em câmara-lentíssima a irmã lava a louça, os dedos gastos a se despregarem das mãos, louça trincada que a mãe enxuga com o pano de prato desfiado, a mãe enxuga, a irmã lava, trincadas e gastas, a mãe e a irmã lavam e enxugam a louça gasta e trincada; o pai ouve no rádio as estações fora de sintonia e admira suas mãos, o jornal reduzido a poeira em cima da mesa. Irresgatáveis.

nove

Num dos compartimentos do guarda-roupa, no dormitório dos pais, rebrilha um revólver calibre 38. Contra todas as dificuldades e contra todas as tristezas impõe-se a minha volta. Temo cruzar com o menino nesse caminho.

Sérgio Rubens Sossélla (Curitiba, 1942 — 2003), filho de operários, fez seus estudos preliminares em Curitiba e se formou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atuou como juiz substituto em Jacarezinho, sendo removido por merecimento, respectivamente para as cidades de Pitanga, Ribeirão Claro e Assis Chateaubriand, aposentando-se a pedido, em 1986. Depois da aposentadoria, dedicou-se exclusivamente à literatura, vivendo de maneira excêntrica, entre livros, papéis e pensamentos em sua biblioteca particular, com aproximadamente 15 mil livros catalogados. Morreu em 2003, em Paranavaí. Deixou mais de 400 obras publicadas e vários livros inéditos.

Susan Sontag

SUSAN BLUM

Chuva forte lá fora, os raios e os trovões acendem ecos do passado. Aproveito para ficar enrodilhada no sono leve, tão leve que não resiste às palavras de meu amigo que mora comigo. Ele tem o hábito de ler em voz alta. Frase por frase são lidas, depois relidas apenas mexendo os lábios e, por fim, ele fica repetindo a frase em sua cabeça, com o livro entreaberto no colo, os olhos mirando o teto. Depois vem outra frase, e assim por diante.

Acompanho sua leitura, algumas vezes também olho para o teto, em outras me encosto em seu corpo morno e ele, tão concentrado, apenas passa a mão em minha cabeça. Hoje está um dia para meditar: a chuva é fértil para os que sabem aproveitá-la. Já que não dá para sair, o jeito é pensar!

Mas pensar me dá sono e logo volto a me enrodilhar e dormir. Quando acordo me vem uma das frases, lidas ontem, na cabeça: “penso, logo, existo”. Eu penso, logo existo? Será? Será que meu amigo realmente pensa? Será que ele existe? Mas... se a cadeira e o sofá não pensam... não existem? Ou será que os criei porque penso? Será que eu realmente penso ou será que eu imagino o tempo todo? E qual é a diferença entre eles? Pensar não é imaginar? O que é real? O que é ilusão?

O que é um simulacro? Sou um simulacro? Um lacre simulado fechando uma torrente de coisas que eu sou? Tantas máscaras impostas

desde a infância que fica difícil saber quem realmente sou. Procuo os rótulos dados pelos outros e insisto em me encaixar em um ou outro (geralmente os mais aceitos pelas pessoas).

Todos esses pensamentos me foram esmagados pela realidade, pois meu amigo deixou o livro de Baudrillard de lado, me chamou “venha Susi Sontag”, seguido de um *pst, pst* e colocou leite em minha tigela.

Susan Blum (Curitiba, 1963) é professora na Universidade Positivo, ministra curso de criação literária no CELIN (UFPR) desde 2008. É autora do livro *Novelos nada exemplares* (contos, 2010) e também participou da coletânea de contos *Então, é isso?* (escritores paranaenses, 2012). Formada em Psicologia (PUCPR) e Letras (UFPR), é Mestre em Literatura (UFPR). Publicou diversos artigos acadêmicos em revistas da área, além de contos em seu *blog*.

Assim é a vida

THIAGO TIZZOT

Chovia. Não aquela chuva firme, mas aquela outra. A chata. Que não passa. Ele gostava de chamar de “molha-bôbo”. E, como sempre, achou que não precisava e saiu sem o guarda-chuva. O resultado é que entrava na maternidade molhado. Cabelo pingando e tênis encharcado.

Sempre ficava admirado quando se dava conta que uma nova vida tinha começado. Naquele exato momento alguém nasceu. Assim, sem mais nem menos. De um segundo para outro. Para as outras milhões de vidas do planeta nada incomum tinha acontecido naquele instante. Claro que para os pais era tudo novidade. Desde a manchete do dia até os pequenos detalhes da rotina, como a primeira coisa que aconteceu depois do nascimento do rebento. Um dia para ser lembrado.

Para os outros era apenas um dia normal de chuva chata.

A enfermeira segurava um pequeno pacote cor-de-rosa, se fosse um menino seria azul. Ele olhou para o pequeno rosto e tentou encontrar alguma coisa para dizer. Mas era um nenê como os outros. Virou para os pais com um sorriso largo, quase chegando as orelhas, e sabia que precisava dizer qualquer coisa. Pensou em dizer que a menininha era linda, porém não saberia explicar exatamente o porquê. Um silêncio incômodo se instalou. A enfermeira deixou a criança com a mãe e saiu do quarto.

No corredor ela reparou que o chão estava repleto de pequenas poças de água. A chuva deveria estar forte lá fora. A enfermeira es-

tava nos milhões que acreditavam que aquele era um dia como qualquer outro. Todo o dia testemunhava o nascimento de pelo menos meia dúzia de crianças e acreditava que tudo durava apenas um segundo. O importante mesmo era o longo período que vinha depois e terminava na morte. Outro segundo.

A novidade para ela naquele dia era o convite de casamento que recebeu. Retirou o convite do bolso de seu jaleco. Letras prateadas e caricaturas. Sorriu. Festa durante o dia e ao ar livre. Enquanto passava pela correria de grávidas, médicos e bebês, ela tentava imaginar qual roupa poderia usar. Tinha que marcar salão, ver o sapato e pensar na bolsa. Lembrou-se da chuva.

Realmente tem gente otimista neste mundo. Fazer uma festa de casamento ao ar livre em Curitiba, pisou em uma poça, só com muito otimismo mesmo.

Ela esbarrou em um senhor que andava impaciente pelo corredor. Derrubou o convite. Ele fez questão de se abaixar para pegar o convite. Sentiu as costas doerem. Maldição. Será que aquilo nunca iria parar? Estendeu o convite para a moça e tentou sorrir. A enfermeira sorriu novamente. Percebeu que não era apenas por educação, como o dele, mas genuíno.

Ficou pensando como alguém poderia sorrir em um hospital. Porém este pensamento foi afastado quando outra enfermeira surgiu no balcão e chamou seu nome. Ele se aproximou e entregou a senha. Recebeu em troca um grande envelope branco acompanhado de um sorriso, este por educação.

Ele sentiu vontade de perguntar para a enfermeira gorda por que o sorriso? Aquele envelope poderia determinar se ele morreria logo ou teria outra chance. Mas não o fez. De que adiantaria? Abriu o envelope e seus olhos passaram por um monte de palavras complicadas e números. Não compreendeu muita coisa e não foi necessário. Bastou uma palavra.

Maligno.

Enfiou o papel no bolso e seguiu para a rua. Não sabia o que pensar. Tinha se preparado para este momento. Não queria se desesperar. Claro que tinha medo, mas era comum, não o preocupava. Só não queria desmoronar. Não ali.

Entretanto o que sentia era um vazio. Um enorme vazio. Buscou por alguma emoção, mas nada. Preferia ter chorado. Achou que sua vida não merecia aquela indiferença por sua parte. A primeira coisa que pensou é que tinha tido uma vida boa. Aproveitou cada momento.

Vamos! Reaja! Tudo que conseguiu foi atravessar o estacionamento e fazer sinal para um táxi.

O carro alaranjado parou e o motorista ficou esperando que ele abrisse a porta. Lá de dentro gritou que o senhor teria que sentar atrás. Pela janela ele viu que o banco da frente estava ocupado por um grande arranjo de flores.

Assim que escutou o barulho da porta fechar o taxista arrancou, tinha parado em fila dupla e ligado o pisca-alerta. Como se as luzes piscando lhe desse a liberdade para violar qualquer lei do trânsito. Escutou o endereço que o velho murmurou, mecanicamente fez o trajeto em sua cabeça e acelerou. Estava com sorte, o endereço não era fora de mão. Queria deixar o arranjo antes do almoço em sua casa para sua filha. Tinha meia hora. Sorriu.

Conseguiria.

Pelo espelho viu que o velho olhava pela janela desanimado. A chuva persistia. Diacho de chuva. Essa não vai parar, pensou. Mas nada poderia estragar o seu dia. Lembrou da primeira vez que sua filha veio pedir ajuda com as lições. Desde aqueles tempos ele soube que ela iria longe. Puxou a mãe.

Sem perceber estava conversando. Fazia com frequência apesar de muitos passageiros preferirem o silêncio. O velho não era diferente, respondia apenas com uma palavra e mantinha os olhos na cidade que passava rápido. Não se importou, estava orgulhoso e precisava contar.

Contou que hoje era o dia da formatura de sua filha. Em Direito. Seria doutora. A primeira da família que conseguiu ir até o fim, como ele costumava dizer. Tinha comprado as flores para ela e queria fazer uma surpresa no almoço. Ela seria a oradora da turma. Era um honra. Ele chegou na cidade sem nada, como uma mão na frente e outra atrás. A muito custo juntou dinheiro para comprar aquele carro e trabalhar de taxista e hoje era pai de uma doutora. Como a vida é imprevisível.

Somente quando disse esta frase o velho olhou para ele através do espelho. Mas logo perdeu o interesse.

O sinal fechou, mas ele pensou que conseguiria passar. A chuva talvez atrapalhasse seu horário. Uma freada brusca. O som alto da buzina e um choque leve no capô. Ele olhou assustado para o rapaz. Estava bem. Não foi nada.

O rapaz bateu com força no capô. Estava completamente molhado. Xingava a plenos pulmões enquanto pegava sua mochila no asfalto. Sentia uma dor na perna, mas conseguiu sair andando. Olhou uma última vez para o taxista e seguiu seu caminho pela rua. Abri-gou-se em uma das marquises espalhadas pela Sete de Setembro.

Levantou a calça e viu a pele vermelha e inchada. Pensou que poderia ter sido pior e a euforia da entrevista ainda não tinha passado. Logo esqueceu o acidente e estava caminhando sorridente para casa. Ainda não acreditava que tinha conseguido. Depois de dezesse- te entrevistas, finalmente tinha conseguido emprego. Tudo bem que era um estágio e tudo bem que não podia chamar aquela mixaria de remuneração, mas era um começo.

E um maldito barbeiro quase acaba com tudo.

Seu coração ainda estava acelerado, pelo acidente também, ainda não acreditava que tinha conseguido o estágio. Lembrou de seu currículo, uma página que resumiu sua vida e não passava de dez linhas. O portfólio também não ajudava muito, trabalhos da faculdade que ele não teve tempo para arrumar. Mas nada disso importava, ninguém podia chamá-lo de vagabundo. Tinha seus próprios recursos agora.

Caminhava puxando a perna machucada, passou por uma garota na frente de um salão de cabeleireiros, protegia-se da chuva na marquise. Pensou em dizer que não adiantava ela esperar a chuva passar. Aquilo continuaria o dia inteiro assim, mas no último segundo ficou com vergonha e desistiu.

A garota achou que o rapaz ia dizer alguma coisa, talvez oferecesse um guarda-chuva. Nada aconteceu e ela ficou olhando para os pingos que caíam com uma regularidade impressionante. Por várias vezes pensou que poderia sair, mas ela sabia que acabaria molhando todo o cabelo. Perderia todo o tempo, e dinheiro, passado no salão. Apesar do céu cinza seu rosto estava radiante. Hoje ela completava um ano de namoro. O primeiro que tinha chegado tão longe, era um momento para se guardar para sempre. Tinha levantado cedo para conseguir vencer tudo que precisava fazer. Comprou o presente e foi para o salão. Mão, pé e escova. Queria estar perfeita.

Na euforia esqueceu o guarda-chuva e agora estava presa ali. Há mais de quarenta minutos que esperava por uma folga dos pingos. O restaurante era perto, em cinco minutos estaria lá. Mas era uma chuva chata. Daquelas que seguem o dia todo. 12:20. Estava atrasada. Teria que arriscar.

Colocou a sacola do presente na cabeça e protegeu o pacote dentro do seu casaco e foi. Passos apressados, desviando de poças e dos carros que espirravam água. Caminhou por quatro quadras e entrou. Retirou a sacola e para sua felicidade nada tinha acontecido. Tudo estava perfeito. Encontrou seu namorado sentado na mesa esperando. Beijaram-se.

Pediram os pratos e sem mais demoras estavam comendo. O namorado tinha pressa, precisava voltar para o trabalho logo. Foi um almoço silencioso e rápido. Assim que os pratos vazios foram colocados de lado ela sorriu e colocou o presente na frente dele. Seus olhos brilhavam. Ele abriu o pacote olhou por um segundo, agradeceu e colocou o presente em uma cadeira vazia.

Levantou-se e disse que precisava ir. Ela ficou sozinha na mesa. Não compreendia o que tinha acontecido. Tantos detalhes, tantos planos e nada. Um momento tão importante e terminou assim. Como apenas mais um almoço. Quis chorar, mas decidiu que não o faria. A vida era feita de detalhes, dos bem pequenos, aqueles que dão um sabor especial à coisa. E ela não queria acrescentar o choro naquele momento.

Na mesa do lado um celular tocou. Um toque escandaloso que fez o restaurante inteiro olhar para a mulher que atendeu com firmeza. As outras pessoas da mesa fizeram silêncio, todos muito bem trajados. Executivos em um almoço de negócios. Na verdade, a mulher estava recebendo uma almejada promoção. Um dia que ela tinha esperado por toda a sua vida.

Porém a voz chorosa de sua irmã ao telefone anunciava que seu cunhado acabara de falecer. Anotou o endereço em um guardanapo e desligou. Ela murmurou algumas palavras, ainda chocada com a notícia, e desculpou-se, mas precisava sair.

Entrou em seu carro e fechou a porta. Olhava para a água que escorria pelo vidro. Não entendia. Tinha estado na casa de sua irmã ontem. Jantaram e conversaram. Não acreditava que agora um deles estava morto. O celular desviou seu olhar. Era sua mãe perguntando quando ela ia chegar. Venha rápido.

Ligou o motor e saiu do estacionamento. Mas com aquela chuva o trânsito estava horrível. Filas intermináveis de carros se estendiam até os olhos perderem de vista. Seguia o caminho truncado, acelera, freia, acelera, freia. Falou com ele ontem. Um carro não tinha respeitado o semáforo de pedestres. Ele correndo para fugir da chuva não teve o menor tempo para reagir. Foi o que sua irmã contou no celular entre soluços e silêncios de choro. Talvez se não estivesse chovendo. Talvez ele estivesse vivo. Mas que bobagem. Não adianta pensar assim. Aconteceu. Agora é enfrentar.

Acelera, freia, acelera, freia. Chegou ao cemitério. Passou por uma capela cheia, pessoas de guarda-chuvas pretos ouviam o padre

dizer algumas palavras. Mas não era a de seu cunhado.

Ela não reparou que enquanto subia o lance de degraus, um senhor olhava para suas pernas. Ele usava o uniforme de uma das funerárias próximas. O padre tinha acabado de começar, teria que esperar até ser o momento de trabalhar. Precisava matar um pouco de tempo. Sorriu ao pensar na expressão. Provavelmente não fosse a melhor ocasião para usá-la.

Ele passou a mão por seu cabelo grisalho, algumas gotas escorreram pela face enrugada. Talvez pegasse uma gripe. Desviou seus olhos para as pessoas. Algumas choravam, outras olhavam seriamente para o caixão. Para aquelas pessoas seria um dia para se lembrar. Muitas voltariam exatamente naquele dia no ano seguinte. O número iria diminuir até que ninguém mais viria. Sempre era assim.

Para ele era apenas mais um dia de trabalho. Como todos os outros. Hoje mesmo já tinha transportado dois caixões. No começo ficou incomodado, sentia simpatia pelas pessoas que vinham. Mas agora não mais, o tempo tinha cuidado para que isso acabasse. Sentia seu corpo cansado e sabia que não demoraria a ser ele em uma das capelas. Mas estava preparado. Só esperava que no dia não tivesse aquela chuva chata.

O padre terminou e ele foi chamado. Passou pelas pessoas que seguiam para o local do sepultamento. Ele olhou uma última vez para os olhos vazios e sentiu-se aliviado por ele não ter que dizer nenhuma palavra. Achava que não existia nenhuma frase boa para se dizer naquele momento. Pelo menos nunca tinha ouvido uma. Antes de fechar o caixão disse a única coisa que veio na sua cabeça. Amigo, você acabou de perder um belo par de pernas.

Thiago Tizzot (Curitiba, 1980) é autor dos livros *O Segredo da guerra e Ira dos Dragões e outros contos*. Seus textos também já apareceram em jornais e revistas literárias. É editor da revista *Arte e Letra: Estórias* e dono de uma editora e uma livraria.

A passagem

WILSON BUENO

O homenzinho acho agora não me persegue mais.

Visitei-lhe a vida terrestre e tímida, andei com ele todas as montanhas da Rússia, chorei ao seu ombro o meu lamento de homem posto na humanidade para sofrer dela a agrura. Fui, a um tempo, caça e caçador; pedi de mim, no mais secreto da noite, o selo dúbio e fatal. Eu não me imaginava assim tão alta e trôpega e infeliz. Uma lágrima descendo, inadvertida, sobre o meu rosto de velha. De quase velha.

Hoje cedo remendei as minhas calças lilases, entrei nas botas e saí por aí andando a cidade, feito um louco, uma louca que dançasse com seus cabelos de ráfia pelas ruas úmidas da madrugada em Curitiba. Debaixo da estátua equestre, tarde da noite, tirei uma fotografia com o flash instamatic de um turista bêbado, imaginem um turista bêbado nas ruas de Curitiba. Devo ter saído assim tão rouge e tão coquete, com meu foulard cor-de-ametista e os meus broches de diamand. Ah que louca e fresca me posso ser assim semelhantemente ambígua, chorando os soldados do Vigésimo Batalhão Montado e trajando velhos jeans, bútis tremendos, um rasgo na bunda revelando a rósea calcinha.

Durantes muitos e muitos anos, o homenzinho perseguiu-me assim como a um duende sinistro, a asa de um pássaro paleontológico, a recurva cola do escorpião, assim como uma coisa que quanto mais diminuta mais intensifique, condensado, o veneno, e sendo exemplarmente microscópico — pelos padrões de um homem — será sempre esta dúvida guardada no fundo do coração. Ou aquele poema, de opala e nácar, fruto frutuoso de um perdido amor em Goiás.

Corri a rua, borrada, a primeira vez que descobri, a um canto de meu quarto em casa de Mamãe, ali onde o espelho fazia esquina com o chão, borrada, a primeira vez que o vi, um cisco, um lapso, um milésimo de segundo, a vertigem infinitesimal de seus dois centímetros e meio, se tanto, de face triste e minúsculos olhos azuis. Pensei uma barata, atenta, heia!, nem os meus quase dois metros e estas bombachas de cetim para livrar-me do pânico a estes insetos monstruosos, anteriores a nós como a garoupa e a centopeia, o caranguejo e a orquídea. Como insistisse em subir e baixar, escorregando sempre e tornando a cair, atenta, heia!, vislumbrei que havia um ritmo ali, um compasso que nenhum inseto em toda face da Terra conseguiria repetir. Ignorei o raciocínio, atenta, heia!, e agora mais calmo ao pensar que aquilo ali onde o espelho fazia esquina com o chão nada mais era que um movimento — graciosos como são todos os movimentos, sobretudo os das libélulas e os das lantejoulas.

Nem dei por mim, ouvindo Janis Joplin rascante desesperata gritando baby, cry baby, dolorosa e escracha, escarrante e acerba, a voz de Joplin feito um martírio arrancado vivo do chão, ah que de estrelas geladas no céu daquele outono em Connecticut, a guitarra enleando-se num uivo, a um tempo suicidada e assassina, rente o corte da carne de teu braço, baby, a minha mordida, teus aromas-de-estio, o caminho das veias andando a pele de teu braço, cry baby, cry, a Joplin quase-nua, guardando-nos em seu ventre de menina, a mim e a você, baby, sob nossos botões luzentes meus mamilos que você tocava como quem toca um seio ou certas cítaras da Índia, o teu tórax de pelos como gramas, um postal de Katmandu, baby. Baby, cry.

A segunda vez foi num hotelzinho próximo de Marselha. Viajar é sempre um exercício de bravura e de desprendimento, e por não alcançar a grandeza implícita do movimento que me desloca de mim para mim, feito a tremeluzente acomodação geológica de certas camadas da Terra, invariavelmente imprevisíveis e indetectáveis, o que é mais arrepiante, gritava eu, nua da cintura para cima, estendendo

roupas no camping onde amontoavam-se turistas alemães, brancos feito lagartas e grandes mulheres ossudas andando de um lado a outro sobre indefectíveis sabots, chamava eu pelo filho que nunca tive: Alain, Alain, já são horas, Alain. E quanto mais alto o chamava e melhor me esparramava pelos varais do camping nos fundos do hotelzinho em Marselha, mais os varais pareciam continuar e mais aumentavam lençóis e cortinas, estampados e retalhos, colchas e lonas-de-caminhão, e eu ali, Alain, Alain, escurece, mon petit Alain, cinco prendedores de roupa delicadamente presos ao lábio, porque eu me esqueço deles, eu quase sempre me esqueço deles e então eu preciso senti-los, que estão ali, ainda que doam, ainda que doam muito, às vezes.

E aí nem pareceu a segunda vez: o homenzinho saiu célere de uma barraca em direção a um pires com água, acho que deixado para os gatos que por ali andavam e sem muito esforço pulou para dentro dele. Parei, três calças do Júnior estendidas provisoriamente no braço esquerdo enquanto procurava, entre os varais, um pequeno espaço que fosse, para fazê-las secar ao sol do Mediterrâneo. Parei, estátua. Nada: só eu e ele na tarde tumultuada de turistas alemães e grandes cestos de frutas, como nos contos de fada, uma profusão de morangos escondendo no fundo das cestas inocentes, estiletos, tesouras, armas pontudas. De costas, o homenzinho não percebeu que eu o via naquela tarde do escaldante verão de Marselha. E levantando a mínima perninha, terrível semelhança com os membros propulsores de um gafanhoto, para me desviar do horror de compará-la às pernas das baratas, firmes e rugosas, milenares, muito antes de nós, aqui, com suas antenas pendentes de gérmens, bactérias, fungos cavilosos, levantando a mínima perninha, vê-lo (ou melhor escutá-lo) que desforado, e certamente neste dia muito feliz, vê-lo que solta um sonoro pum, mas tão alto, tão rangente e de tamanha abrangência e tão desproporcional à sua modesta estatura que a pequena porém convicta família germânica, acho que de Düsseldorf, sai da barraca mais

próxima, onde esconde-se do sol para não fritar viva, perguntando-se naquela língua cava e muito gutural, o que terá acontecido, que barrulho aquele, serria uma torrorró, um bomba, uma colosso arrábe, uma atentada terrorista? Pior foi o cheiro que exalou e eu insisto em chamar de cheiro àquele grande pequeno fedor do homenzinho que eu via, acreditem, uma segunda vez que nem segunda vez parecia ser, de tão debalde, tão sem eira nem beira, tão circense e falha.

Ah, voltamos para o Brasil. Agora estamos morando aqui em Curitiba, eu, Eliane e a mulher da Eliane que trabalha no transporte urbano, a Magda. Ah, a Magda é mais tchan que um artista espanhol: penteia os bigodes com seu pente Flamengo, só usa jaqueta de couro dos The Robbers, da Pensilvânia, e não ia me esquecer nunca — segura o enorme volante do ônibus expresso reluzindo no anular não um anel de ouro e rubi escalavrado, norma entre os motoristas dos expressos de Curitiba, mas um puta, um tremendous soco-inglês. Tem, em pura prata, a forma de uma caveira cheia de agulhas saindo de onde, um dia, numa caveira, foram as bochechas. Ah, a Magda, nem te digo. Me apaixonei perdidamente por ela, mas não deu outra — eu era homem demais para a Magda que, apesar dos modos e das extravagâncias, sempre foi um ser recatado, quase tímido, de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Aos domingos, só aos domingos, a Magda exagerava — coordenava um salão de bingo para os velhinhos da paróquia de São João Batista e não poucas vezes foi flagrada, sem almoço, a tarde avançada, brincando de pintar de esmalte vermelho as unhas das mulheres do bairro. Quando não havia fila, até eu me candidatava.

Agora eu não tenho mais medo quando a noite cai. Ando, de novo, pela casa; acendo as luzes de todas as peças, de todos os quartos, até do porão eu acendo as luzes, para que não se perca no escuro o voo da mariposa dourada, o riso brincante do cachorro Sultão, a gota de mel, supremo acinte!, grudando-vos os dedos da mão, para que a lua também entre, pode entrar, Dona Lua, por todas as janelas,

intensa e imemorial, a lua de desde sempre, entre, e ande a sala com sua luz branca e toda própria, luz sobre luz, a lua é só uma ausência de luz, então que é preciso devotar a ela, à lua de desde o começo, a furiosa luz do mundo e suas lâmpadas incandescentes. De quarto em quarto, a profissão de fé: sentir saudades dele, do homenzinho, como só ele me indicasse que ainda estou viva e devo me casar em janeiro do ano que vem. O rapaz é sério e acaba de passar no concurso para cabo da Aeronáutica, um dia a gente vai ser feliz, ele piloto de guerra e eu vendendo salgadinhos no quartel, os mais crocantes, os mais saborosos que podem engendrar as mãos de uma mulher. Não devo viciar-me nos risoles, dizem que engorda. Nem sei se aguento chegar janeiro do ano que vem.

Aí ele me possuiu no muro, as alianças de noivado nos bolsos do paletó uma que outra vez tilintavam, e o que eu senti não foi bem um orgasmo, senão, que o desejo dele, incontrolável, era o de me sentir por dentro, ver assim do jeito que dentro eu era, e embora o seu grande pinto, sentia apenas que dentro de mim ele perguntava. Nunca foi irresponsável, o Aroldo, nunca. Passou para cabo, com louvor, sem xaveco nem apadrinhamento, ali no duro, no concurso público. Noivo, sentia aquela curiosidade, o Aroldo, mais o pinto do Aroldo que o Aroldo propriamente dito. Nosso amor era bem maior que tudo isso.

Sempre fui o primogênito, desde que me conheço por gente: para papai eu deveria preencher, assim como quem preenche uma nota fiscal, um recibo, um formulário, a minha vida — estudar e formar-me em medicina, o quanto antes, antes que todos aqui em casa morrêssemos. Papai tinha uma urgência excessiva com tudo e com todas as coisas. Se era para ser médico, isto era para já, onde já se viu um homem que não é médico e nem sabe operar no ventre aberto de suas vítimas. Suturar uma veia aorta ou eclipsar vinte centímetros de intestino isto deveria ser tarefa para homens fadados ao desassombro de existir. Devo confessar que não consegui formar-me em medicina, apesar de papai e de todos os nossos tios costurados pelos melhores

cirurgiões da cidade. Ah, não, agradeço a Deus ter escolhido a vida que escolhi: casar com o Aroldo, nem que eu mesma tenha que costurar-lhe o vestido de noiva; casar com o Aroldo, de salto-alto, em janeiro do ano que vem.

Teve a terceira vez, mas teve ainda a última. Era no tempo da Segunda Guerra Mundial. Eu havia sido escolhido sentinela de nosso pequeno grupo estacionado na fronteira com Madagascar. Quase não nos enxergávamos, tamanha a tempestade de neve e a surda ameaça do desmoronamento das geleiras. Andávamos, ou melhor, afundávamos naquele inferno branco, carregando os trinta quilos de mochila mais os fuzis e as granadas de mão, e os cantis, e as morfins e a dose única de cianureto hermeticamente lacrada dentro de uma espécie de coração de alumínio que trazíamos atado ao pescoço por uma corrente, feito uma medalhinha.

O tenente Brighton, da Terceira Artilharia Ligeira norte-americana, integrava-nos a patrulha e tinha se tornado, nos últimos meses, meu amante, embora a sífilis de que era portador, o que aumentava as minhas chances de morrer, claro, além da guerra, dos obuses dos japoneses, das minas que nos estilhaçavam as pernas quando não nos mutilavam os braços que pendentes ficavam precariamente atados ao corpo ou eram abandonados pelo caminho. Batidos pelo cansaço, lembro que tombamos ao sopé de uma geleira, assim que a tempestade cessou, e voltou a brilhar, intenso, um sol de alto mar mais do que de cordilheira. Fácil imaginar o céu que fez: safira e líquido um céu de Giotto ou Fra Angelico, um céu como se fosse a primeira vez. Deitei de bruços porque já esperava que sobre mim deitassem todos os despojos do tenente Brighton, meu amante fraterno, meu irmão. Mas não foi isto que aconteceu: Brighton abraçou-se ao inglês Patrick e me parece que lhe beijava o lóbulo da orelha, engolindo-o como se engole uma glândula, tarefa intrigante, quando vi, nítido e perfeito: o homenzinho escalava um montículo de neve e vestia um gorro tão intensamente vermelho que era impossível não distingui-lo da neve

que quase nos cegava com sua alvura de cão. E, supremo requinte, alpinista, era enorme a mochila, muitas vezes superior ao seu peso, que feito a formiga cortadeira, levava montículo acima como quem escala o Everest, o seu ínfimo porte gaulês, o homenzinho desafiando a natureza com uma obstinação digna de enlevo e carícia, digna de toda uma noite do mais entranhado amor, uma noite de sexo, quem sabe, uma noite de orgia, com mulheres daqui e do Ceilão.

Dada à minha enorme proximidade, com toda certeza não me via e senti, pela primeira vez, o desejo de traí-lo, pegando-o por trás, pelas costas, aos seus dois centímetros e meio, do igual modo como, silentes e sorrateiros, podemos surpreender um louva-Deus, um grilo ou até mesmo, se não tivermos nojo, uma barata, pegando-a de ambos os lados do corpo, com cuidado para não esmagá-la entre o polegar e o indicador. Mas consegui conter o ímpeto e logo vi que no céu, o mesmo e líquido céu que nos protegia, já se insinuava nova tempestade de neve, enquanto o tenente Brighton era agora beijado na boca pelo inglês. Tive um medo profundo, tive mais uma vez um medo absurdo de morrer, mas logo tudo tornou uma só atmosfera de negro cinza aterrador e cobrindo os olhos com as mãos já era absolutamente impossível distinguir João de Maria, Tereza de Avelar, a um palmo que fosse de nossos congelados narizes.

Durante muitos anos supus que o homenzinho tivesse morrido naquele trecho difícil do inverno de 1943, na fronteira com Madagascar, as tropas aliadas, — que de derrotas frementes a vitória de toda aquela guerra, senhor, que de vitória! — e, houve até uma vez, nos anos sessenta, em Arembepe, que me pus, um anoitecer, a chorar frente ao vasto verde mar da Bahia, pensando no homenzinho só como uma saudade à toa, dessas que a gente cultiva para lembrar e verter lágrimas de vaga lembrança, o jeitinho dele assim tão fino, as roupas sempre próprias, e até o pum do camping em Marselha, nessas horas a gente perdoa, a gente nem consegue se ofender mais. Nas viagens lisérgicas, uma atrás da outra, aquele tempo, nem a som-

bra de seu recorte exato, o do homenzinho que parecia guardar em si uma intensidade que ia além de toda a medida, era assim como se ele concentrasse a essência última de um gigante, a menor escala do humano, não feito uma descida no abismo mas como um alquimista peneira o ouro e obtém, a cada vez mais preciosos, a quintessência, o brilho, o fulgor, coisas assim.

Mas foi agora, ontem à tarde, que aconteceu a última vez.

Distraído a brincar com o calidoscópio que as filhas da Elisa com a Magda trouxeram de Istambul, percebi, num desenho muito árabe e extravagante, ainda que como em todo calidoscópio, os desenhos não se mantenham nem se repitam, combinando-se em infinitas variações, neste equilíbrio fugaz em que, por exemplo, sem a menor distração ou tremor dos braços, conseguimos sustentar, um de cada vez, a paisagem desgarrada de um sol em Guadalquivir, o canto do muezim na tarde opala de um rio em Tânger, a água dos oásis das Mil e Uma Noites, os vitrais de uma catedral em Budapeste. Tenso e desperto, dois dias sem dormir, insone, percebi que bem no fundo do olho (branco) de todo calidoscópio, ponto sempre em fuga, capaz de engendrar a surpresa dos desenhos e reverberá-los, ali no minúsculo olho do furacão, sem o qual o calidoscópio deixa de existir, vi que o homenzinho brincava, agora microscópico, pulando, como se num trapézio, de um lado a outro, arriscando de vez em vez um salto mortal. Temi e tremi quando, parece, percebeu-me o olho colado e muito fixo no visor do cilindro: ele também não cessara nunca e estava ali, hosanas, a sua vida que eu precisava dela, para casar em janeiro ou morrer na linha de tiro em Madagascar.

Então eu fiquei olhando, olhando o seu show e balé, a sua dança minúscula, em movimentos tão rápidos que chegavam a desaparecer do campo de visão, olhando, olhando, até que do outro lado não houvesse mais que a lembrança dele e uma que espécie de vento, ou rumor, com que a paisagem se dissolvia — leve, brincante, quase uma brisa.

Neste exato círculo aéreo, o centro ótico do calidoscópio, aí foi que percebi com absoluta segurança que era a última vez: refletido no fundo do imaginoso cilindro, o meu olho direito, o mesmo que olhava pelo visor, castanho e com a diminuta pinta — vermelha — de nascença, apareceu-me em close, no lugar que sempre foi dele, do homenzinho, a minha íris, suave sobre a própria íris, olho no olho, como num filme irlandês.

Wilson Bueno (Jaguapitã, 1949 — 2010). Foi jornalista, escritor e poeta. É autor de inúmeros títulos, entre os quais se destacam *Mar Paraguayo*, *Amar-te a ti nem sei se com carícias* e *Meu tio Roseno, a cavalo*. É autor da celebrada zôo-trilogia *Manual de zoofilia*, *Jardim zoológico* e *Cachorros do céu*, além dos livros *Bolero's Bar* e *Mano, a noite está velha*. Foi editor do *Nicolau*, premiadíssimo jornal cultural do Estado do Paraná e colaborador em diversos jornais importantes do Brasil. Sua obra está publicada em diversos países.

O tesouro da Nica, a sonhenta

WILSON RIO APA

Mais do que lenda, vício milenar da ambição: toda ilha tem o seu tesouro. E o mais interessante, é que há sempre fatos, narrações, argumentos decisivos e quando não, um mapa para comprovar.

Contam os velhos habitantes das velhas cidades litorâneas que, nos amarelados anais da Capitania de Paranaguá, pode-se ler, numa letra muito caprichada, escrita com tinta negra, o documento da estória, sobre um grande tesouro, que foi enterrado numa das duas ilhas dos Gererês. O resumo dessa ata seria o seguinte: os bandeirantes durante muitos anos extraíram das regiões circunvizinhas à baía ouro em grande quantidade. E como não queriam pagar os pesados tributos impostos pelo Rei de Portugal, iniciaram o contrabando com os corsários Holandeses, que vieram ancorar um galeão ao Norte das Ilhas dos Gererês. Ali, num poço onde passa o canal, foi o barco pirata posto a pique por uma fragata portuguesa, cuja missão era exatamente, essa: impedir o comércio fraudulento à coroa.

Ainda hoje, dizem os pescadores, a galera está lá no fundão, guardada por duas famosas tintureiras. E provam contando os espanhóis, as redes que se perderam, embaraçadas na velha carcaça. Não sei se o barco pirata está lá ou não, mas, o fato é que gerações e gerações de pescadores, principalmente da colônia da Frazina, vêm sonhando com o tesouro que os piratas, contam eles, tiveram tempo de tirar do barco que afundava e enterrar numa das duas ilhas dos Gererês. E

estes sonhos, tão característicos da miséria ou da ambição, são muito mais sonhados pelas mulheres destas pobres colônias, porque são elas que mais padecem a penúria. E é seguindo o roteiro desses sonhos que os maridos da Frazina, do amparo, aportam aqui na ilha, em geral de noite. De madrugada — muitas vezes eu vi — retornam às suas taperas na costa, estufados de tanto cavar, furiosos com as respectivas mulheres ou consigo próprios.

Nota: eu não poderia, gratuitamente, tentar fazer graça com esse sofrimento, essa frustração. Assim, o conto a seguir, embora escrito com a intenção de divertir, tem para mim o objetivo fundamental de revelar aquele estado psicológico, e mesmo patológico, consequentemente das condições socioeconômicas de uma civilização doentia, anti-humana, que corrompe tanto o homem do interior como da cidade. Essa enfermidade traduz-se no sonhar principalmente acordado, com a possibilidade de ficar rico de um momento para outro, seja encontrado o “panelão de ouro” do nosso pescador, seja no acertar a boa bolada no jogo do bicho do nosso proletário, ou ainda na loteria, no grande negócio e negociata dos nossos burgueses: tudo dá na mesma. Pudessem todos conscientizar essa frustração inexistente, que empobrece, enferma e mais subverte a realização do indivíduo.

Nica tremeu, mirou-se na esteira. Seu rosto que nem dormindo se aquietava, desta vez imobilizou-se numa máscara de avidez. Estendeu as mãos para pegar o cabo torcido, parecido com o de colher, no panelão de barro cheio de prata. Espichou mais os dedos na ânsia de alcançar o cabo e, olhos ainda fechados, resmungou:

— ... Ajuda Filico! Meu braço é curto. Tá metido no fundo...

Pegou-o: acordou.

— Tá seguro! Gritou erguendo-se na esteira num tranco, mão vazia, mais apertando o cabo. — Tamo... riico...

O “rico” saiu num assopro de barriga de baiacu furando, mas Nica, empolgada com a “visão”, sacolejou o marido que dormia todo

encolhido ao seu lado.

— Acorda, Filico! Vi direitinho! O tesouro tá lá na toca! Acorda peste!

— Oi? Oi?... o que é que tá lá?

— O tesouro, Filico!

— Outra vez, Nica. Não dá mais pra...

— Com todo aquele mundão de prata enterrado lá e você ai deitado, aguentando fome? Levanta homem e busca o panelão! Tô vendo ainda,

— Tá vendo mesmo, Nica?

— Se tô! É o mesmo panelão rachado nas berbas e com aquele cabo engraçado de colher torcida. Tá recheado de prata!

— ... De prata?

— Então? De que haverá?

— De ouro. Todo mundo da colônia diz que é de ouro. E tu mesmo falou que era no outro sonho.

— ... É que o outro sonho era escuro. Essa gente não sabe de nada! Não vê que nem eu o panelão quase toda lua!

— ... É... quase toda lua — repetiu Filico, balançando a cabeça desconsolado. — E eu me arrebrandando no remo e cavando lá na ilha que nem tatu. Não senti nem cheiro do panelão.

— Agora acha, Filico! Acha e aí a gente compra aquela casa de material na cidade! A inveja da comadre! E compra também...

— Para aí, mulher! Não começa. Depois fica aí emburrada que nem a comadre e o compadre. O burro do compadre cava que nem burro na ilha pequena. Vê só, se a piratage com tanta toca boa na ilha grande...

— A sonhação da comadre não vale nada! A minha sim. O sonho de agorinha, tinha até um raio de sol entrando na toca... a prata era que nem ouro!

— Ouro ou prata, mulher? Resolve!

— Prata, Filico! Já disse que é prata... só que parecia ouro. Deixa de conversa e vai logo. De repente a comadre sabe do meu sonho.

— É de noite, Nica! A maré vai de vazante e de manhã vai de quinhão na rede do Lotério. Não aguento a pescaria se me largo agora pra ilha. Daí tu reclama que não tem nada de comida.

— Tô cheia de bagre com farinha! Quero comida boa, casa de gente. Vai Filico, vai e vê se o compadre não se larga no teu rastro. Depois ele diz que metade do panelão é dele.

— É aí que ele se estrepa! Acabo com ele!

— Então vai, que a lua já vem saindo.

— Vou...

Não foi fácil Filico erguer-se da esteira.

— Tô podre de cansado.

Estremunhou.

— Se acho mesmo o panelão... Oooo... Tu viu mesmo, Nica?

— Tô vendo ainda: rachado nas herbas e o cabo torcido, assim.

Filico ficou olhando desconfiado para a ginástica que o dedo indicador da mulher fazia e perguntou:

— E o caminho pra toca? Viu?

— Tá querendo muito?

— Lá na ilha tem uma porção de toca, Nica!

— A do tesouro é diferente das outras. É uma toda que fica bem debaixo de um pedrão redondo, grande assim...

E Nica abrangeu todo o único quarto da tapera com o gesto dos braços. Continuou num jeito de quem está passando para outro mundo:

— ... Fechadinha de cipó grosso... Um jerivá que nasceu pra baixo...

— Tá doida, mulher?

— ... E no chão se vergou pra cima... um fiozinho de água escorrendo bem em cima da boca da toca...

— Lá na ilha não tem nenhuma bica, Nica!

— Hein...? Acho que é de chuva.

— Não chove faz tempo, Nica!

— Chuviscou de noite.

— Tá bom, vou. Levanta que eu quero um café.

Enquanto Nica passava o café, Filico encostou-se numa porta: um vagalume veio riscando a escuridão...volteou e lá se foi.

— Nica! Se acho o panelão, compro o canoão do João Modesto com motor “catarina” e tudo! Aí me largo na frente do João Guima e dos “gaivotas”. Vou comprando tudo quanto é peixe. Depois, vendo no mercado que dá mais dinheiro.

— Se tu acha o panelão, pra que trabalho? Pra que peixe, Filico?

— ... Vida sem trabalho e sem peixe, Nica? Então dá...?

— Ué, já viu rico trabalhando, Filico?

— Que gozado? Não me acostumo, Nica!

— Ainda mais quem tá dizendo que não se acostuma com a moleza. Toma teu café e vai logo, Filico.

Tomou, passou a mão no remo e dirigiu-se a canoa, escutando até o motor “catarina” do Modesto, estourando.

— Nem precisa de remo, de maré. Nem precisa de peixe. O dia inteirinho por conta, lá na cidade. Cachaça da boa, mulher bonita... até uma voadeira, compro. Será que dá? Então! É assim que o rico vive, à custa da miséria da gente. Sou homem que nem ele, ué!? — afirmou o Filico e no impulso da afirmação, arrastou a canoa, sem rolo mesmo, para a água.

Embarcou, puxou o remo e lá se foi, tentando imaginar a vida sem trabalho de rede, de espinhel, de feiticeira de fome.

— Que gozado!?

Remou quase duas horas, vazante urrando de través.

— Maré desgraçada! Com o “catarina”...

E, finalmente, alcançou as duas ilhas situadas no centro da baía. Ansioso embicou a embarcação na praia encascalhada e saltou. Aí lembrou que esquecera de trazer a enxada.

— De volta é que não vou. A Nica disse que viu o cabo torcido no meio da casqueira de ostra. Então, nem precisa de enxada.

Com essa esperança o pescador avançou ilha adentro, procurando a toca do pedrão, entrada coberta de cipó grosso...

— Jerivá que nasceu pra baixo, fiozinho de água escorrendo...

Filico repetia palavras da Nica, enquanto se embrenhava por entre as pedras, iluminadas pelo luar.

Foi encontrando umas tocazinhas.

— Nesta aqui já cavei.

Nenhuma com o jerivá envergado, e o fiozinho de água por cima, grosso, tapando a entrada... sem o fio de água, mas com um belíssimo jerivá que germinara em cima da pedra e, naturalmente, derrubado pelo vento, recurvara-se toda para tomar o caminho do sol.

— É aqui!

Havia até umas cascas de ostras!

— Não tem fio d'água que não choveu nada! Filico exaltado atirou-se ao chão da grutazinha: começou como um tatu doido a escavar com as mãos.

Embora o solo afogado pelo depósito húmus, foi duro, muito cavado à noite. Dava pena de ver os cortes, esfoladuras que no paroxismo da ambição, Filico ia fazendo nas mãos. Desenterrou centenas de cascas de ostras...ossos milenares...pedaços de cerâmica, coisas que o animavam mais: não sabia que descobrira um sambaqui. E nem lhe interessava saber: continuou até estafar-se, metido dentro de um buraco de mais de um metro.

— Ah! Nica! Sonhenta dos inferno!

Clareava o dia.

Filico voltou, remou duro contra a maré, dedos machucados, doídos.

— Sonhenta dos inferno, vá tê sonho com tesouro nos quinto! Hoje tua comida é baiacu! Que não vou pra pesca, nem que o peixe me chama!

Acostou na praia da colônia, quando os outros pescadores estavam de saída.

— Ó compadre Filico! De onde tu vem?

Filico, cara de pampeiro, não respondeu.

— Quem não sabe que vem vindo da cavação do tesouro. Tá rico já?

E o compadre riu, os outros pescadores riram também.

— Não me provoque que tô de lua, bom..

— A comadre Nica é que anda de lua. Não para mais de tanta sonhação!

— Tua mulher também é sonhenta!

— Não vou atrás de tudo que é sonho que nem você!

— Bem te vi voltando outro dia.

— Bem-te-vi é passarinho.

As gargalhadas derrotaram Filico.

— Não quero briga, agora. Me procura depois, falou e o arranco que deu, arrastando a canoa outra vez sem rolo, praia a cima, provocou mais risadas. Ia afastando-se quando ouviu o último comentário do compadre.

— A Nica só sonha na lua cheia e só dá besteirada. No crescente que o sonho é direito. Um dia minha mulher acerta... e me encho de ouro.

— De ouro o que, seu burro! De prata que é! — berrou Filico da porta da sua casa.

— Achou, Filico? Achou o panelão?

Nica veio gritando lá de dentro.

— Sai pra lá, sonhenta dos quinto!

— Não deu com a riqueza?

— Achei é casqueira de ostra! Olha só minha mão!

Nica olhou a mão machucada: encolheu-se e o murro desferido pelo marido passou raspando a sua cabeça. Vingou-se:

— Você nunca acha nada. Não sabe...

— Se ainda tem coragem pra reclamação eu te escamo, mulher!

— A toca tinha o jerivá que cresceu pra baixo? Tinha do fiozinho d'água?

— O jerivá tinha, mas o fio d'água não.

— Então, não é! A toca do panelão tem uma biquinha correndo. Até tô vendo agora, escutando o barulhinho...

E Nica já ficou de olhos vidrados, daquele jeito de quem está vendo assombração e que tanto impressionava o marido.

— Não fica com essa cara, Nica, que acabo não dormindo mais do teu lado. E depois, sonho não faz barulho!

— Hein? O meu de tão direito, até se escuta.

— Tá inventando, mulher!

— Se não acredita o compadre acredita. Conto pra ele!

— Pois conte! Que ele fica com duas sonhentas em cima dele e se acaba de tanta cavação na ilha. Eu que não vou mais! É uma vergonha! O povo fica rindo de mim! Não me respeita mais e a culpada é você com essa sonhação dos quinto! Não vou mais.

Filico estava enganado: deu pra sonhar também, mas com o canoão a motor do João Modesto; com a vida sem dureza do cabo de arrastão... bagrinho... farinha. Enfim, tornou-se um desajustado.

Na lua seguinte...

— Tô vendo, Filico! O tesouro!

Acabou voltando à ilha outra vez. E novamente. E mais uma vez. Sua vida era só sonho. Que sonho!? Pesadelo: remo contra a maré, enxada cavando buracos sempre mais fundos.

Pescar já não dava. Resultado: com a fome, até durante o dia a Nica deu pra sonhar. Bastava encostar a cabeça na esteira e... a toca... o cabo torcido... o fio...

— Acorda, Filico!

— Vá pros quintos que não levanto! Só volto lá de novo se no sonho o caminho da toca e tudo o mais aparece direitinho! Rosnou o marido de acordo com a resolução que tomara na última cavação frustrada. Dá um jeito, Nica, que não sou tatu.

E Nica começou a fazer de fato, muita força: vivia concentrada e no primeiro bocejo que ela interpretava como sinal, fechava os olhos e já se esticava querendo dormir. E o melhor é que dormia mesmo

— Acaba com essa dormição nessa casa, mulher! Não faz outra coisa! Nem comida! Até água da bica velha sou eu que busco!

A “dormição” não acabou e tanto sonho deu, que o dia de Nica e Filico chegou com um delírio completo do rotineiro: a trilha marcada na pedra seguindo pelo mato. Curva à direita, curva à esquerda, sobe, desce entre maraujazeiro. O jerivá que nasceu pra baixo, casqueira: a toca sob a pedra redonda! O fiozinho escorrendo... a colher torcida do cabo: Nica agarrou-a e acordou berrando:

— Tô vendo o caminho tudinho! Tô vendo a toca, Filico!

O pescador despertou sobressaltado com a gritaria.

— Que é? Sombração?

— O caminho! A casqueira! O panelão! Tô pisando direitinho na marca de pé que tem na pedra!

— Que pedra, Nica? Tem muita...

— A grande, a escorrida da ponta da ilha!

— Ué, lá tem mesmo marca de pé, que meu avô contou que era de índio.

— O caminho vai entrando pelo mato... curva pras direita.

— Que mais, mulher?

Em transe, Nica balbuciava seguindo o roteiro do tesouro.

— Fala diacho! Não vai se...

— Curva pras esquerda... subindo!

— Anda, Nica! Nica!

— ... Descendo... se enfiando por dentro do maracujazeiro que queima que nem urtiga...

— Maracujá não queima, Nica!

— A palmeira de jerivá que nasceu pra baixo. A casqueira! A toca com a biquinha e tudo! Olha o panelão com cabo de colher torcida!

— Onde, Nica! Onde!

— A prata! esganiçou-se Nica abrindo os olhos.

— Então é de prata! O canoão já é meu! Levanta mulher, que tu vai comigo. Assim a gente vai direitinho no caminho. E pra cavação também! Que se a gente não acha nada, garanto que nunca mais tu sonha! Garanto!

— Vou, Filico! Acho o panelão de berba rachada!
Foram.
Era madrugada.
Maré contra.
— Pega no remo, Nica! E não morcegueia!
— Puxa, Filico! Mais depressa — falava a mulher, olhos vidrados.
Chegaram.
— A pedra direitinho!
Saltaram na água rasa; atolaram-se no fundo de bacucu cortante.
— A pisada de índio!
Subiram por degraus milenares escavados na rocha e viram uma trilha.
— Vai entrando no mato.
Entraram.
Olha a curva pras direita!
— E vai lá pras esquerda! Tá dando certo o sonho, Nica! Ai, meu canoão!
Fizeram a curva, subiram um pouco.
— Olha a descida!
Desceram.
— Onde é que tem maracujazeiros?
Eram maricás: espinharam-se.
— Taí o jerivá, já cavei nessa toca, Nica.
— A casqueira...
Passaram o sambaqui e toparam a toca!
— Tá aqui, Filico!
Até o fiozinho de água caindo por cima, tinha!
— O canoão é meu!
— A casa de material!
— Vida sem trabalho, não me acostumo, Nica!
— Cava, Filico!
— Cava, Nica!

Cavaram...

... e cavaram mais...

E mais...

Acabaram dando (ooh! O desespero de Nica e Filico!) com uma enorme laje, intransponível.

Deixaram-se cair exaustos e ficaram olhando ofegantes, apáticos dentro da buraqueira de mais de dois metros.

Nem forças pra lastimar tinham

Arrastaram-se de volta. Sequer sentiram os espinhos.

E, no remo para a colônia, se amargaram.

De longe já escutavam as risadas do pessoal, esperando-os na praia para a grande gozação que o compadre e a comadre haviam preparado.

— Achou o panelão, Filico? É de prata, Nica?

— Tá rico, compadre?

— Me empresta mil?

— Ai, sonhenta!

Filico sacudia os punhos sem forças. Xingava. Atracou, foi direto à venda do Jorge, empenhou a canoa, também a tarrafa em troca de cachaça. Voltou, espichou-se no chão, emborcando a garrafa ao lado de Nica que já roncava. Aí, a cabeça já clareou um pouco. Virou o rosto (sofria o pobre Filico!) e sem querer, fixou umas marcas de pisada no caminho sobre as pedras, que passava nos fundos da casa. Ficou olhando, cabeceando de sono e seguindo a trilha marcada na rocha... entrando pelo mato...

— ...oi?! Ooooi?!

Saltou, correu!

...curva para a direita, curva para a esquerda! Filico corria para a velha biquinha da colônia que de vez em quando secava.

Desceu.

Queimou-se nas urtigas.

Não viu o jerivá, mas encontrou um depósito de cascas e perplexo:

— Uuééé... A toca? Tá aqui — gritou Filico diante de uma pedra grande e arredondada, coberta de cipó grosso... e com um fiozinho de água escorrendo por cima.

— Tá aqui! A Nica sonha errado que é na ilha: é aqui!

Atirou-se e meteu as unhas, os dedos, cavando como se fosse um cachorro danada à procura de um osso enterrado.

...e cavou, cavou, revolvendo toda a terra da toca, em torno da antiga toca, em torno da antiga bica. E, por fim, encontrou! Seus dedos apertaram um objeto liso, torcido. Tateou mais:

— A colher torcida do cabo!! — berrou, pálido, trêmulo.

Puxou num tranco, certo de ver o panelão cheio de prata, mas o que viu, estupefocado, foi uma colher torta, velha...que, de fato, era de prata.

E ai, então, é que Filico compreendeu tudo:

— Nica, sonhenta dos infernos!

Numa corrida louca, furiosa, tropeçando-se, queimando-se nas urtigas, voltou direto ao casebre e foi espiar de baixo do rústico assoalho: deparou com um velho panelão de barro rachado nas bordas, que há muito Nica deixara de usar, porque vazava e que ele sabia estar ali.

— Tá aqui o panelão... o panelão...! — chorava Filico, esmurrando a própria cabeça. — Sonhenta...

Pegou o utensílio. Entrou em casa. Levantou-se bem alto...e espantifou-o na cabeça da mulher.

— Tá aqui teu tesouro, sonhenta! Tá aqui teu panelão! — berrava Filico agitava nas fuças espantadas da Nica a colher torcida... de prata.

— Tá aqui ela! A colher que teu padrinho deu de presente no dia da desgraça do nosso casamento!

— ...Uéé...? E é mesmo...! Onde tu achou, que mais de três anos vinha procurando por tudo?

— Na toca...

— Do tesouro?

— Da biquinha velha da colônia, sarnenta! E tá o caminho na pedra! E taí o panelão rachado nas berbas. E tá lá o jerivá na ilha, que alguém te contou que tinha. E tô aqui queimando de urtiga, que sei bem que tu gosta de refresco de maracujá! E aí tá tu, com essa cara de assombração sonhenta dos inferno!!

Nica, encolhida de medo, ante a fúria de Filico, só pode murmurar apontando a colher:

— ... falei... que era de prata... tô certa, então.

Wilson Rio Apa (São Paulo, SP, 1925) formou-se em Direito pela Universidade Federal do Paraná, porém nunca exerceu a profissão. Depois de formado, passou dois anos seguindo rotas do oriente e do ocidente a bordo de um navio. Em 1957 publicou o seu primeiro livro: *Um menino contemplava o rio*. Na sequência, mudou para Antonina, onde se tornou líder, tanto de uma cooperativa de pescadores e agricultores, como de uma comunidade artística. No final dos anos 60, passou a se dedicar exclusivamente ao teatro, liderando o grupo de amadores Capela de formação popular, em Antonina. Nesse período, começou a escrever o livro de contos *No mar das vítimas*, de onde saiu este conto, e o primeiro volume de *Os vivos e os mortos*, uma tetralogia ficcional. Em 1986, mudou-se para a praia da Pinheira, batizada de Vale da Utopia, em Santa Catarina, onde vive atualmente.

Este livro foi composto em tipos Dapifer e Abril Fatface e
impresso pela Imprensa Oficial sobre papel Pólen Soft 80g/m²
em maio de 2014 para a Biblioteca Pública do Paraná.

“

Eu sou um leitor que me fiz por antologias. Creio que as coletâneas, quando norteadas por princípios estéticos, temáticos e/ou históricos claros, cumprem bastante bem o papel de aproximar do leitor comum as várias tendências de dada literatura. Portanto, para além de oferecermos, neste livro, um conjunto de contos que têm em comum o fato de os autores terem nascido no Paraná ou para o Paraná terem migrado, colocamos à disposição, na verdade, uma gama de escritores, 48 no total, que, cada um à sua maneira, ajudam a construir o imaginário brasileiro dos últimos cento e poucos anos. Cabe ao leitor escolher, entre tantos, aqueles que melhor dialogam com suas próprias experiências.

”

Luiz Ruffato



Imprensa Oficial



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Cultura

ISBN 978-85-66382-10-5



9 788566 382105 >